

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

T R A V E S S I A S

A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS ALAGADOS:

**TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESTRUTURAS DE
OPORTUNIDADE EM
UM CONTEXTO DE RISCO PSICOSSOCIAL**

SALVADOR

MAIO, 2004

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

TRAVESSIAS

**A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS ALAGADOS:
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADE
EM UM CONTEXTO DE RISCO PSICOSSOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia
da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Infância e Contextos Culturais.

Orientação: Professora Dra Ana Cecília de Sousa Bastos

Salvador

2004

Biblioteca Central – UFBA

S237 Santos, José Eduardo Ferreira.

Travessias : a adolescência em Novos Alagados : trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial / José Eduardo Ferreira Santos. – 2004.

175 f. : il.

Anexos.

Orientadora : Prof^a. Dr^a Ana Cecília de Sousa Bastos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

1. Adolescentes – Estudo de casos – Novos Alagados (Salvador, BA).
2. Adolescentes e violência
3. Adolescentes (Meninos) – Psicologia – Estudo de casos.
4. Adolescentes (Meninos) - Condições sociais.
5. Adolescentes – Conduta.
6. Psicologia do adolescente.
7. Psicologia do desenvolvimento I. Bastos, Ana Cecília de Sousa. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU – 316.053.6

CDD – 302.5

TRAVESSIAS
A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS ALAGADOS:
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADE
EM UM CONTEXTO DE RISCO PSICOSSOCIAL

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ana Maria Almeida Carvalho
(nome e assinatura)

Professor Doutor Antonio Marcos Chaves
(nome e assinatura)

Professora Doutora Ana Cecília de Sousa Bastos
(nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em ____ / ____ / ____

*Aos meus pais, José Silva Santos e Maria Helena Ferreira Santos.
A João Carlos Petrini, padre, pai, no sentido mais amplo da palavra.
Aos adolescentes e jovens brasileiros, que, como eu, sedentos de encontros,
estão por aí a transformar o mundo com suas vidas.
Aos moradores de Novos Alagados, que me acolheram
e acolhem até hoje com afeto e respeito.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer presenças fundamentais no meu caminho, feito de encontros, cada qual a seu modo, sempre uma parte importante de mim.

A você, Petrini, ofereço este dia, essa vitória. A você, começo de tudo, desde aquela manhã de agosto de 1991, quando nos encontramos pela primeira vez em frente à igreja da Sagrada Família, nas Dorotéias; eu ali, contemplando vitrais, comovido. Você, atento, prestou atenção: amigos até hoje e para a eternidade.

Aos meus irmãos Luís Cláudio, Ana Cláudia e Luciana, com sua filha Kailane, minha sobrinha, que nasceu no período deste mestrado: por tudo, pela atenciosa e discreta presença a acompanhar e sustentar este caminho.

Aos meus tantos e inesquecíveis alunos e alunas com os quais aprendi um pouco de tudo o que sei e muito de mim mesmo; por me fazerem acreditar em mudanças e que continuem este caminho com suas vidas. Aos alunos falecidos, meu respeito, minha voz e meus escritos, mantendo acesa a vida de todos vocês.

Ao *Movimento de Comunhão e Libertação*, comunidade de Salvador e do Brasil;

Aos amigos de sempre: Fabrizio Pellicelli, Pina Gallicchio, Júlio César Benício, Luciano e Lene, Miriam, Gigio, Giancarlo Baccalini, Marquinho, Luisa Cogo, Mariângela Medina, Antonio Candido, José Ramos Tinhorão, Narcimária e Marco Aurélio Luz, Dom Lucas Moreira Neves e Pe. Virgílio Resi (*in memoriam*); Cesare, Valter Bonfim, Lúcia, Carla Maria Leal, Tia Conceição e meus primos, professora Nilda, Jocélia e Jaime, Pina Carapella, Ana Cristina e Marivaldo, Raulene e João Vitor, Marina Massimi, Simei, D. Bigo, Eliana e família, Miguel Mahfoud, Feizi Milani, Mirela, Nayara, prof. José Newton, Cristina Goulart, Dra. Isabel Sampaio, Ezileusa e Adelmo, Bethânia e Mário, Mineia Marques, Benny, Fátima Cardoso, Silvana, Marcele, Lilian e Heli.

Aos alunos, colegas de trabalho e funcionários dos locais onde exercei a minha profissão de educador e pedagogo: *Cluberê de Novos Alagados*, da Sociedade 1º de Maio; *Reforço Escolar*, da Associação Humano Progresso; *Centro Educativo João Paulo II*, da AVSI/CDM, neste último com a possibilidade de sistematização da experiência num trabalho cotidiano que me ajudou a dar largos passos na vida, no trabalho e na possibilidade de estudar e intervir sobre o real com metodologia e seriedade.

Aos *Memores Domini* do Brasil e do mundo; à minha casa soteropolitana, lugar onde minha vida está no lugar. A Dom Giussani, pela beleza da vida e dos encontros. A *Nossa Senhora dos Mares e das Lagoas; da Escada; Aparecida; da Alegria; da Pena*, dos que escrevem, lêem e pensam; *das Candeias*, pela luz no caminho, e *das Maravilhas*, pela inteligência.

Aos professores da UFBA, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e da Psicologia, Antonio Marcos Chaves, Ilka Dias Bichara, Marcos Emanuel Pereira, Virgílio Bastos, Sônia Gondim, Sônia Sampaio, Gey Espinheira, Iracema Brandão e Eduardo Paes Machado, pelas valiosas lições. Em especial à Eulina da Rocha Lordelo pelas duas leituras e encontros inesquecíveis: em sua disciplina e no 2º Seminário de Qualificação, pelo respeito profissional diante da minha formação; pelo afeto e encanto que me fizeram redescobrir a grandeza de ser professor e pesquisador, com respeito à liberdade e ao crescimento dos alunos. Agradeço pelas indicações e sugestões - todas acolhidas, seguidas e aceitas - para a conclusão e a melhoria deste trabalho.

Aos colegas (em especial, Roberta, Alexandra, Letícia, Rita, Andréa e Anderson) da primeira turma do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, pela companhia e pelas descobertas. Tão diversos e complementares como um mosaico, agradeço a acolhida.

Às psicólogas de outros estados presentes neste meu caminho, que conheci através de minha orientadora, Ana Cecília: Maria Lúcia Seidl de Moura (RJ), Sílvia Helena Koller (RS), Elaine Pedreira Rabinovich (SP). Saí muito melhor (cientista, pesquisador, aprendiz) do que antes. Cresci com as indicações e a compartilha de momentos, perguntas e descobertas. Ana Maria Almeida Carvalho (SP), pela correspondência, pelas indicações, encontro, questões aprofundadas e reciprocidade na admiração.

Ao apoio da bolsa CAPES, sem a qual muito do que pude realizar não teria sido possível.

A *Novos Alagados*: lugares, instituições e pessoas. Aos adolescentes, pelas horas de entrevistas, perguntas, conversas, músicas e descobertas e companhia nos momentos de registro fotográfico e escrito pelas ruas do bairro. Aos meus 25 afilhados, compadres e comadres pela confiança e companhia no crescimento diante da difícil tarefa de contribuir para a educação de seus filhos. A Vera e Lázaro, pela primeira dissertação, livros, discos e a datilografia.

À minha orientadora, profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bastos, alma que não cabe em si diante do mundo e que cria (*poiesis*) com a simplicidade e a força dos grandes que ainda há no mundo. Mestra, herdeira do professor José Newton e dona Ruth, bebeu o magistério no lar e hoje ensina com uma dignidade e paciência que foram para mim uma descoberta e um espanto; eu que fui jogado numa sala de aula aos 13 anos, pelas mãos de Margarida, numa substituição de algumas horas que me marcaram profundamente. Pelo seu zelo por meu caminho e pelos encontros que fizemos, agradeço. Pela paciência em receber tantas páginas de um orientando inquieto e exasperado, marcado por um gigantismo epistolar. Pelas correções e pela liberdade que me fizeram descobrir tanto de mim, que as páginas e as conversas podem rememorar. Pela seriedade, respeito intelectual e humano, obrigado por tudo.

A Cristo, sentido de tudo.

SUMÁRIO

Resumo.....	xi
Abstract	xii
Apresentação.....	01
Capítulo 1 – <i>A Adolescência Brasileira: Entre o Risco e o Desconhecimento</i>.....	07
Capítulo 2 – <i>A Metodologia</i>.....	29
Capítulo 3 – <i>Os Cenários de Risco e Proteção por Onde Transitam os Adolescentes em Novos Alagados</i>.....	45
Capítulo 4 – <i>As Travessias – Os Casos</i>	83
Capítulo 5 – <i>Considerações Finais</i>.....	150
Referências Bibliográficas.....	168

Anexos

- Anexo I- Termo de Consentimento Informado
- Anexo II - Roteiro Temático da Entrevista Narrativa
- Anexo III - Letras das canções que nomeiam os quatro casos

Apêndice A

OS GRAFITES

Capa

Cada um dos cinco capítulos dessa dissertação é apresentado por um grafite, expressão artística da adolescência em Novos Alagados e do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Todos foram fotografados por mim, entre dezembro de 2003 e março de 2004. O grafite da capa mostra um adolescente de braços abertos, meio que ganhando o mundo, meio que perdido entre a favela do desenho e a favela real (atrás), no meio de uma pista, pedindo ou perguntando, crucificado ou sem lugar?, fica aí a incógnita; o adolescente pode estar fazendo uma manobra no skate. O grafite representa um pouco desse não-lugar do adolescente, que vive entre o risco e o desconhecimento, numa travessia, título desse trabalho.

Capítulo 1

O grafite desse capítulo foi encontrado no Conjunto Nova Primavera, em Novos Alagados. Ele representa dois jovens incomunicáveis, de braços cruzados, e uma frase aterradora: “*só os crânio (sic) viverão*”, querendo indicar uma denúncia e uma situação de vitimização que acomete a população dessa faixa etária, mas também uma luta pela sobrevivência, onde os mais fortes parecem sobrepor-se aos mais fracos. Foi dedicado a muitos jovens. Dia 09 de maio deixou de ser visto, pois construíram uma parede onde ficava.

Capítulo 2

Este grafite foi encontrado no Boiadeiro, em Novos Alagados, e apresenta uma indicação que serve de alerta aos procedimentos e as regras de cada ambiente. Na favela, essa indicação é dada pela frase: “*em qualquer favela tem seguir as ordem (sic) para não virar finado*”. É uma alusão, ou uma metáfora, que indica, como propõe este capítulo, a metodologia que norteou este trabalho.

Capítulo 3

Painéis de mosaico confeccionados por jovens de um curso profissionalizante com azulejos em um projeto social da área de Novos Alagados. Os mosaicos representam as duas etapas do contexto social de Novos Alagados: com as antigas palafitas e as novas moradias em terra firme.

Capítulo 4

Grafite localizado no bairro do Uruguai. Aparentemente, um desenho belíssimo, caracterizado pelo grande sorriso do adolescente que aponta como que uma favela de sonhos, iluminada. Olhando mais detalhadamente podemos perceber que há uma ambivalência nesse sorriso, que pode significar uma mordaça; o adolescente está todo machucado, com um braço e um pé enfaixado, mostrando que, no meio de tanta beleza idealizada por ele (no caso, a explosão da vida) encontra a violência. Ele pode estar vendendo flores, ou acompanhando um caixão. Pela contradição da expectativa adolescente ao encontrar a realidade, ele abre o capítulo dos casos.

Capítulo 5

Grafite encontrado no Boiadeiro, em Novos Alagados. Representa um grito, um berro, de horror. Aqui se mostra uma dor que pode ser caracterizada pela violência e pelo “desterro”, que tem vitimado tantos adolescentes na área de Novos Alagados. Esse olhar, esse grito, querem dizer que há algo acontecendo na adolescência da favela. A sua expressão atemorizada me causou impacto muitas vezes, nas tantas fotografias que fiz. É um anúncio, uma denúncia de que algo não está bem com a adolescência aqui estudada. A frase de Caetano revela o grafite: “*berro pelo aterro, pelo desterro*”.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Expectativas, crenças, percepções e sentimentos.....	153
Quadro 2 – Experiências.....	154
Quadro 3 - Eventos críticos(fatores de risco).....	155
Quadro 4 - Repertório/talentos.....	156
Quadro 5 - Fatores de proteção.....	156

RESUMO

Santos, José Eduardo Ferreira. *Travessias – A Adolescência em Novos Alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial*. Salvador, 2004. 175p. Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia.

O presente estudo buscou identificar e descrever as experiências ligadas à adolescência em um contexto de risco psicossocial, em Novos Alagados, favela de Salvador, Bahia. Orientado pela abordagem ecológica do desenvolvimento humano e numa perspectiva interdisciplinar, o estudo assume a adolescência como um construto psicossocial. Adotou-se uma metodologia qualitativa, baseada na observação participante e no estudo de casos, lançando mão de múltiplos recursos: entrevistas narrativas, observações, diários e cadernos de campo e fotografias. O extenso material qualitativo reunido (parte dele longitudinalmente) foi organizado em dois níveis de análise: 1) descrição do contexto: espaços, cenários, atividades e práticas dos adolescentes; 2) estudo de quatro casos tomados como exemplares do que significa ser adolescente em Novos Alagados. A análise dos casos permitiu configurar a trajetória de desenvolvimento de quatro adolescentes do sexo masculino, focalizada em dois momentos (1994 e 2003). Foram caracterizados os domínios nos quais transita o adolescente em situação de risco psicossocial; os fatores de risco e proteção – tomados enquanto estruturas de oportunidade no que se refere à ação do adolescente – disponíveis no contexto caracterizado pela pobreza urbana; sua inserção ou não nestes domínios e como os adolescentes percebem as transições por que passam, ao descrever as dimensões pessoais e contextuais que organizam suas vivências ao longo dessas transições. Aparece, ao longo do estudo, uma variada disposição de domínios, caracterizados como fatores de risco e proteção (estruturas de oportunidade) no contexto de desenvolvimento dos adolescentes. Destacam-se, dentre eles, o papel dos projetos sociais, da música e da cultura como formas de socialização e inserção; a atuação suportiva da família, das relações proximais; o impacto da violência, aqui denominada de “desterro”, a vitimização.

Palavras-chave: 1. Adolescência; 2. Fatores de risco e proteção; 3. Violência; 4. Novos Alagados; 5. Desenvolvimento em contextos culturais.

ABSTRACT

Santos, José Eduardo Ferreira. *Crossings: Adolescence in Novos Alagados: individual pathways and opportunity structures in a context of psychosocial risk*. Salvador, 2004. 175p. Master's Degree Dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia.

The present study aimed to identify and to describe experiences linked to adolescence in a context of psychosocial risk, in Novos Alagados, a slum in Salvador, Bahia. Guided by the ecological approach of human development and adopting an interdisciplinary perspective, this study assumes adolescence as a psychosocial construct. A qualitative methodology was adopted, based on participant observation and case studies, using multiple resources: narrative interviews, observations, field notes and photography. The extensive qualitative material gathered (in part longitudinally) was organized in two levels of analysis: 1) context description: spaces, sceneries, activities, and adolescents' practices; 2) study of four cases taken as representatives of what means to be an adolescent in Novos Alagados. The cases analyses allowed a configuration of developmental pathways of four male adolescents, focusing and taking into account two particular moments throughout a period of time (1994 to 2003). Risk or protective conditions emerged from the characterization of the domains, in which the adolescent at psychosocial risk transits. These conditions were taken as opportunity structures, such as adolescent action, his or her insertion or not in these domains and how the adolescent notices the transitions crossed by him or her, when describing personal and contextual dimensions that organize his or her existences along those transitions. Throughout the study, various dispositions of domains, characterized as risk and protection factors (opportunity structures), showed out in the developmental context of the adolescents. Among them, it stood out the role of the social projects, music, and culture as a way for socialization and for social insertion, as well as the support given by family members and proximal relationships, on one hand, and the impact of violence, here called "exile", and the victimization, on another.

Key words: 1. Adolescence; 2. Risk and protection factors; 3. Violence; 4. Novos Alagados; 5. Development in cultural context.

APRESENTAÇÃO

A idéia de travessias percorre todo o trabalho, no seu aspecto longitudinal e pelos encontros que foram tecidos ao longo destes nove anos. Como em toda viagem, não sabemos se chegaremos ao destino esperado. A idéia de percurso, travessia tem a ver com isso: caminhos. Caminhos dos adolescentes, caminhos do educador e pesquisador. Travessias são caminhos que nos levam a tantos lugares e descobertas. Precisei estar atento o tempo inteiro neste caminho; envolvido e distante, mas nunca ausente. Poderiam dizer que fui companheiro de caminho destes meninos aqui descritos; mas, com muito respeito, pode ter sido um caminho conjunto, no qual alguns perderam a vida e o outro – o pesquisador – fê-los reviver na escrita e na escuta – tarefas árduas nos tempos de hoje, tão violentos. A escrita faz reviver histórias e percursos.

Enfim, este trabalho é uma travessia. Entre duas margens, a da inserção participante e da tentativa de contar, explicar, proporcionar um conhecimento sobre a realidade de uma adolescência urbana que vai se delineando em meio às tantas solicitações do contexto social que por si só as páginas não explicam.

Como em toda grande viagem epistemológica, valeria prestar atenção nestes jovens que aqui falam, perpassam e dizem o tempo inteiro o que é ser adolescente em um contexto de risco psicossocial.

Sigamos em frente.

O ESTUDO

Neste trabalho, tomo por objeto de estudo a adolescência em Novos Alagados, procurando identificar estruturas de oportunidade e trajetórias pessoais nesta etapa do desenvolvimento humano, inseridas em um contexto de risco psicossocial. Considero alguns domínios e aspectos pelos quais se movem os adolescentes dentro dessa realidade: espaços e atividades [música, esportes, escola, religião, namoro, violência, mortes, subsistência, trabalho, projetos de vida, amizades, relacionamentos, projetos sociais].

Busco compreender os significados e as características da adolescência neste contexto social caracterizado pelo que se convencionou denominar “risco psicossocial”, levando em conta a experiência dos sujeitos da pesquisa, numa perspectiva culturalmente situada.

A realidade da adolescência em situação de risco pode ser descrita e analisada através de diversos domínios e dimensões característicos dos contextos de pobreza urbana existentes no Brasil. Essa descrição identificará as estruturas de oportunidade, compreendidas como possibilidades de inserção social, assim como os recursos contextuais e pessoais - quer

favoráveis, quer desfavoráveis – que se configuram nesse contexto, podendo ser direcionados ou reorientados ao longo de trajetórias pessoais.

A adolescência em Novos Alagados, assim como em outras favelas brasileiras contemporâneas, sugere a existência de formas de interação com o ambiente que, tomadas enquanto descritores do desenvolvimento, podem definir diferentes consequências e direções.

O contexto de risco social caracteriza-se, nas favelas brasileiras, grosso modo, pela inacessibilidade a bens e serviços considerados essenciais à pessoa humana.

Ser adolescente numa situação de risco social, no caso específico da favela, pode implicar ainda a interação do adolescente com a violência, desemprego, moradias precárias, exploração do trabalho, vitimização sexual, dentre tantos outros, e pode revelar, por outro lado, a existência de mecanismos pessoais ou contextuais, no âmbito da comunidade ou de projetos sociais e instituições, nos quais possam otimizar seus processos proximais positivos, capazes de reorientar trajetórias de desenvolvimento, possibilitando inserções no mundo adulto que sejam mais favoráveis a uma inclusão social mais efetiva.

Este estudo busca, portanto, além de caracterizar esse contexto, descrever diferentes caminhos desenvolvimentais, num esforço de compreensão dessa experiência, assim como das transições diante das solicitações contextuais (eventos críticos, inclusive), e do delineamento de projetos de vida ao longo de trajetórias de desenvolvimento.

As motivações que me levaram ao interesse por este contexto de pesquisa devem-se às seguintes condições:

- a) Minha inserção na área em estudo, quer como profissional, quer como habitante;
- b) A percepção que tenho da adolescência como uma etapa de desenvolvimento sujeita a riscos contextuais e pessoais, acentuados pela pobreza urbana;
- c) Indagações, nascidas de uma intensa observação participante, sobre como se dão as escolhas e os projetos de vida dos adolescentes;
- d) A necessidade, que igualmente emerge da prática, de analisar quais mecanismos e fatores possibilitam a construção de projetos de vida numa ou noutra direção; e do que leva os adolescentes à escolha, alternativamente, de meios de vida ilícitos, que muitas vezes os levam à violência e/ou à morte (como vítimas ou como agressores);
- e) Por fim, a existência de rico material - caderno de campo, diário de campo, entrevistas, fotos, documentos para estudos de caso; textos e relatos de experiências educativas realizadas durante alguns anos de trabalho na área.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O estudo está dividido em cinco capítulos, onde apresento: 1) a **teoria** que fornece elementos de compreensão e explicação do contexto e da adolescência, assim como uma **revisão da literatura** sobre a adolescência em situação de risco no Brasil; 2) a **metodologia** utilizada na realização deste trabalho, contando um pouco da minha inserção anterior no contexto de pesquisa e como utilizei e me apropriei dessa metodologia; 3) os **cenários**, com seus fatores de risco e proteção na área de Novos Alagados, no contexto histórico, de mobilização comunitária e dos domínios do cotidiano da adolescência local; 4) os **casos** selecionados dentro do universo da adolescência em Novos Alagados, delimitando cada qual nos domínios considerados como estruturas de oportunidade (fatores de risco e proteção) a partir das falas dos adolescentes e tomando comparativamente dois momentos no tempo (1994-2003); e, por fim, 5) **considerações finais**.

O PROBLEMA: ENCONTROS COM OS ADOLESCENTES E OS QUESTIONAMENTOS DE UM EDUCADOR-PESQUISADOR...

A adolescência em situação de risco psicossocial entrou em minha vida como objeto de estudo e reflexão quando fui trabalhar como educador no Projeto Social Cluberê dos Meninos Trabalhadores de Novos Alagados, em 1994¹. Ali me defrontei pela primeira vez com questões e espantos diante de tantas trajetórias diferentes, muitas delas marcadas pela violência e pela criminalidade.

De fato, o problema inicial da pesquisa nasce deste espanto primeiro, que se traduziu na pergunta: “o que é ser adolescente em Novos Alagados?”. Essa pergunta, porém, trouxe consigo a necessidade de registrar, entrevistar, escrever e conhecer a vida destes adolescentes no universo humano que ali se desenvolvia sob os meus olhos.

E assim, essa experiência de trabalho ganhou contornos de uma busca de conhecimento que só agora, com o Mestrado em Psicologia, na área de Psicologia do Desenvolvimento - Infância e Contextos Culturais, encontra uma via sistemática de expressão.

Perguntas do tipo: “Quais os domínios nos quais se desenrola a adolescência em Novos Alagados? Até que ponto o contexto dificulta ou estimula os projetos de vida destes

¹ Projeto social mantido pela Sociedade 1º de Maio, associação de moradores de Novos Alagados, que desenvolve atividades culturais e pedagógicas com crianças e adolescentes que trabalhavam como vendedores pelas ruas da cidade.

adolescentes? Quais são seus projetos de vida? Como se dá a trajetória destes adolescentes? Quem são estes adolescentes?" acompanharam meu percurso enquanto educador.

Diante do encontro com adolescentes singulares, comecei a interessar-me por suas histórias. Particularmente a de quatro deles, que pude acompanhar, junto com outros educadores, aprofundando o conhecimento sobre suas vidas, através de textos, descrições, entrevistas e fotografias.

O foco central desta pesquisa é, portanto, a adolescência – fenômeno social e psicológico reconhecido em grande parte do mundo, atualmente -, mas uma adolescência historicamente situada, nos seus domínios cotidianos, dentro da realidade urbana de uma favela de Salvador.

É, pois, um trabalho que vem sendo construído há bastante tempo, no qual cada pergunta abre um novo entendimento e, consequentemente, uma nova pergunta vai surgindo; o que se constitui efetivamente como *problema*, ou seja, *aquilo que te lança mais adiante*, numa tradução livre da raiz grega dessa palavra. A possibilidade de construir conhecimentos a partir de encontros é viabilizada neste estudo pela abordagem etnográfica.

Assim, esta pesquisa adota uma abordagem que valoriza o encontro com pessoas historicamente situadas, sujeitos de uma realidade urbana marcada pela situação de risco social e pessoal, para as quais o pesquisador deve ter uma abertura epistemológica e instrumental que valorize a fala, o dito e o não dito; os anseios e as perplexidades emergentes no contexto.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste estudo é identificar e descrever as experiências ligadas ao ser adolescente em um contexto de risco social, na favela de Novos Alagados, Salvador - Bahia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever a experiência de ser adolescente em Novos Alagados;
- b) Caracterizar domínios e dimensões do cotidiano existentes para os adolescentes e percorridos por eles ao longo de suas trajetórias;
- c) Analisar narrativas de adolescentes, privilegiando, a partir de sua perspectiva:
 - Significados associados a ser adolescente em Novos Alagados;

- Marcos importantes em sua vida; percepções sobre pontos de transição e eventos disruptivos;
- Projetos de vida;
- Avaliação de experiências e oportunidades;
- Expectativas quanto a estruturas de oportunidade futuras.

A ADOLESCÊNCIA BRASILEIRA: ENTRE O RISCO E O DESCONHECIMENTO

A adolescência brasileira vem emergindo nas ciências humanas e sociais como objeto de uma grande multiplicidade de estudos, que buscam dar conta das suas singularidades e mesmo das situações e contextos onde se configura essa realidade psicossocial.

Apesar da variada quantidade de estudos não há um consenso nem quanto à definição de um padrão do que é ser adolescente típico, nem com relação à natureza e prevalência dos fatores de risco encontrados pelos adolescentes situados historicamente na contemporaneidade.

Desse modo, o interesse dos pesquisadores em adentrar os caminhos e meandros da adolescência em situação de risco psicossocial, devido à sua amplitude e complexidade, tem sido uma tentativa, superando o desconhecimento, ainda evidente, de caracterizar essa adolescência brasileira que se encontra nas ruas, nas favelas, vivendo em condições adversas de desenvolvimento.

Procuro brevemente, nestas páginas, descortinar uma definição de adolescência presente numa interface entre as Ciências Sociais e a Psicologia, assim como discutir alguns estudos que têm promovido uma reflexão sobre o que vem a ser a situação de risco psicossocial em contextos de desenvolvimento, contribuindo, desse modo, para gerar um conhecimento mais abrangente.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano, parte do ciclo vital, que tende a uma universalização, mas, ao mesmo tempo, mantém suas particularidades em cada pessoa e em cada contexto onde ela está inserida e sendo experienciada.

A adolescência, assim como atualmente a concebemos, é uma construção sociocultural e psicológica recente (Ariès,1981; Palácios,1995), que só nos últimos séculos se constituiu como fenômeno assim caracterizado, na Europa e no mundo ocidental particularmente.

Dentre as características da adolescência apontadas por Palácios (1995,p.265), chama a atenção o fato da diversidade cultural do fenômeno, sua construção histórica e mesmo a variabilidade de sua ocorrência, até a concepção que temos dela nos dias atuais. Para o autor, a adolescência é um fenômeno que pode ser compreendido como “[...]não necessariamente universal e que não adota necessariamente, em todas as culturas, o padrão de características adotados na nossa, na

qual, além disso, deu origem a uma importante variação histórica, que, ao longo do nosso século, foi configurando a adolescência que nós conhecemos.”

A demarcação da adolescência pode ser considerada, também, ainda fluida, embora muitos estudos tenham tentado mapear e discutir suas características.

Começa a existir certo consenso, entre as Ciências Sociais e a Psicologia, de que a adolescência não pode ser definida somente em termos de mudanças biológicas, mas sim como um complexo processo de desenvolvimento psicossocial, caracterizado por importantes mudanças nos mais diversos níveis, desde a socialização até a inserção em âmbitos característicos da vida adulta, pautados sobre novas responsabilidades sociais, culturais e afetivas.

Por este motivo, as fronteiras da adolescência nem sempre podem ser claramente definidas: ela pode começar antes das mudanças da puberdade e se estender para além da segunda década da vida, tendo cada vez mais uma tendência a se expandir, acompanhando mudanças sociais e de configuração familiar nas diversas populações.

A adolescência pode ser compreendida, grosso modo, como uma transição entre a infância e a adulteza ou adultide. Há, na adolescência, um movimento que parte da infância rumo à idade adulta, caracterizando-se como intenso período de transição, repleto de mudanças nos níveis biológico, cognitivo e social, que podem ser melhor compreendidas levando-se em conta o ambiente social e de interação dos adolescentes na família, no bairro, nas amizades e nos mais variados contextos de desenvolvimento.

Embora haja essa possibilidade de compreensão da adolescência como uma transição e um movimento entre a infância e a adulteza, começa a se desvelar, na literatura, uma percepção da importância da adolescência enquanto etapa de desenvolvimento em si, não uma passagem de uma fase a outra, como se fosse a adolescência um vácuo entre essas duas etapas do ciclo vital (Silva e Hutz, 2002).

Há uma dificuldade - e mesmo controvérsias - quanto à delimitação etária (início e término) da adolescência nos discursos da Psicologia e das Ciências Sociais. Por exemplo, é importante acentuar a existência de fronteiras e desconhecimento sobre a demarcação etária da adolescência e da juventude, sendo duas categorias díspares, mas ao mesmo tempo complementares.

A Organização Mundial de Saúde, para efeito de demarcação, mesmo existindo divergências, considera a adolescência e a juventude, do ponto de vista etário, cada qual com suas especificidades (Waiselfisz, 1998, p.17). Suas definições oferecem, de certo modo, essas distinções:

Para a OPS/OMS a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelerariam o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito de juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adultos na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

Alguns autores fazem uma crítica à fundamentação etária da adolescência brasileira postulada entre os 12 e os 18 anos, como a que vige nos termos legais do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Nessa perspectiva, Silva e Hutz (2002, p.155) pontuam a abrangência da adolescência, indicando suas imprecisas demarcações etárias e estáticas, sugerindo um conceito mais amplo, onde “a adolescência é um período de fronteiras nem sempre demarcadas com o rigor que se espera. Ela existe em uma tênue rede de experiências e processos que varia de pessoa para pessoa, cada qual constituindo o seu processo de formação nas interações com os contextos de desenvolvimento disponíveis.”

Sudbrack (2003), discutindo a adolescência brasileira como um fenômeno polissêmico, com propriedade vai acrescentar ao conceito de adolescência a noção de uma adolescência múltipla e diversa, utilizando para isso o termo “*adolescências brasileiras*”, procurando, assim, dar conta dessa diversidade regional do Brasil, por ser a adolescência um fenômeno mais amplo, universal e heterogêneo. Com essa expressão - *adolescências brasileiras* - a autora amplia o campo da discussão sobre a variabilidade da adolescência como etapa do desenvolvimento na qual o sujeito está, todo ele, implicado na sua construção e manifestação como uma etapa de desenvolvimento.

Na Psicologia do Desenvolvimento, diversos autores têm se detido na busca de conhecimentos que possibilitem a compreensão de como ocorre o desenvolvimento da infância e da adolescência em contextos de adversidade, como a rua, na delinqüência e em situações de violência.

O grupo de pesquisadores do CEP-RUA (Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua), do Rio Grande do Sul, vem produzindo um conhecimento significativo dentro da Psicologia do Desenvolvimento Humano, todos a partir da perspectiva ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, constituindo um esforço de análise e caracterização psicossocial (contextos, características pessoais e processos de interação) das crianças e adolescentes em situação de risco.

Neiva-Silva e Koller (2002a), por exemplo, analisaram os adolescentes em situação de rua, configurando risco psicossocial e seus contextos de desenvolvimento, buscando uma delimitação daquilo que vem a ser a realidade psicossocial desses sujeitos.

A primeira dificuldade apresentada, reconhecida pelos autores, é a delimitação de uma caracterização para situar esses adolescentes, ou mesmo os aspectos que compõem seu universo. Eles propõem uma reformulação da definição de adolescentes e crianças *de rua* para adolescentes em *situação de rua*, evitando com isso uma certa noção estática de suas características.

Para melhor caracterizar os contextos em que os adolescentes se inserem, numa perspectiva psicossocial, Neiva-Silva e Koller (2002 a, p.112), elencaram cinco aspectos considerados importantes, que não são tomados como critérios rígidos, considerando a complexidade da adolescência e a necessidade de aprofundamento a partir de pesquisas subsequentes: “(1) a vinculação com a família, (2) a atividade exercida, (3) a aparência pessoal, (4) o local em que se encontra o adolescente e (5) a ausência de um adulto responsável pelo mesmo.”

Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), analisando as relações entre os estilos parentais e a prevenção de comportamentos anti-sociais ou de conflito com a lei em crianças e adolescentes, através de uma vasta revisão da literatura na área do Desenvolvimento, apontam para uma classificação de fatores de risco e proteção diante do aparecimento de tais comportamentos. Aparece neste estudo uma caracterização do que vem a ser a vulnerabilidade, os fatores de risco e fatores protetores na trajetória das crianças e adolescentes. De forma pontual descrevo alguns destes conceitos, as inter-relações, as características subjetivas e não lineares desses fatores, os quais apontam para aspectos levados em conta neste trabalho, descritos em seguida.

A primeira condição é a vulnerabilidade. A vivência de situações e experiências caracterizadas pela adversidade desencadeia nos indivíduos diferentes respostas, algumas adaptativas, outras que os expõem a riscos ainda maiores, sendo que o comportamento dos indivíduos, diante dessas vivências, vai em muito depender da sua vulnerabilidade. A vulnerabilidade pode ser definida como uma predisposição para o desenvolvimento de respostas pouco adaptadas à situação adversa, e poderia ser identificada como um atributo pessoal que opera somente quando um risco está presente, e, por isso, ela refere-se a uma variável individual.

Os fatores de risco são condições ou variáveis do contexto pessoal e social que podem comprometer a saúde, o bem estar ou o desempenho social do indivíduo. O risco

relaciona-se com eventos negativos de vida. A perspectiva que proponho sobre esse conceito é que ele seja compreendido no corpo deste trabalho como uma configuração de fatores de risco, tomando o risco dentro de uma variabilidade e junção com a vulnerabilidade, resiliência e fatores de proteção. Um dos fatores de risco para o desenvolvimento psicológico e social é o baixo nível sócio-econômico, a baixa remuneração parental, a baixa escolaridade, as famílias numerosas e ausência de um dos pais, assim como a emergência da violência em suas diversas modalidades de manifestação. A discussão sobre os fatores de risco encontra-se, numa interface entre as mais diversas ciências, sendo um conceito ainda marcado pelas imprecisões e saberes divergentes. Neste trabalho, a noção de risco se refere a configuração contextual e pessoal que pode oferecer danos à integridade física, biológica e psicológica dos adolescentes. Um dos exemplos de fatores de risco pode ser identificado no fenômeno da violência contra crianças e adolescentes, que se apresenta em suas múltiplas manifestações, como a violência doméstica. De Antoni e Koller (2002) analisam a violência doméstica, apontando a contemporaneidade como uma época onde há a banalização da violência como consequência de mudanças econômicas, sociais, valores culturais e mesmo do individualismo. A partir dessa perspectiva há uma tentativa de mapeamento das formas de violência doméstica mais conhecidas (física, sexual, emocional ou psicológica, negligência e exploração), em consonância com outras áreas do conhecimento (no campo da Saúde Coletiva, Minayo (2002), por exemplo, indica a violência estrutural, delinqüência e violência doméstica, especificando-a em física, sexual, psicológica e as negligências) e mesmo as possibilidades de intervenção do psicólogo diante dessas situações.

A violência pode ser identificada no contexto brasileiro como um dos tantos fatores de risco que cerceiam as crianças e os adolescentes em relação a contextos cada vez mais restritos de desenvolvimento. Junte-se a essa identificação o fato de que na infância e adolescência vai se apresentar como vulnerabilidade o fato de essas parcelas da população não terem condições de se proteger da violência.

Em um outro trabalho, Lisboa e Koller (2002, pp.204-5), dando continuidade ao estudo sobre a violência doméstica, discutem as questões éticas referentes à pesquisa e intervenção dos profissionais que têm acesso a informações e casos de abuso e violência, propondo a orientação, a denúncia, a preservação do anonimato, a formulação de políticas de prevenção que visem a atenuação dos danos e mesmo à ativação dos fatores protetores existentes no contexto. Dentre estes, a rede de apoio social e afetivo, composta por pessoas significativas, elos de relacionamento, oportunidades de desempenhar novos papéis,

promovendo novas fontes de satisfação pessoal, bem estar e saúde mental, tem particular relevância:

Para proteger a criança e o adolescente, é importante que o pesquisador possa fortalecê-los e melhorar as condições de enfrentamento e ajustamento diante da situação. Nesse sentido, um trabalho na rede de apoio social e afetiva, fortalecendo os recursos pessoais saudáveis e preservados de cada pessoa envolvida é fundamental. Serviços formais disponíveis na comunidade (Conselho Tutelar, Escolas, Postos de Saúde, Programas de Assistência Social, etc.), bem como pessoas (familiares ou amigos) podem representar vínculos que protegem os indivíduos quando estes se encontram em situações adversas, como casos de violência doméstica

Junto a conceitos como vulnerabilidade, risco e proteção, tem aparecido na literatura sobre o desenvolvimento humano em situações adversas, a idéia da resiliência que, embora seja um conceito ainda em formulação, pretende dar conta da variação de respostas dos indivíduos frente a situações adversas (Hutz, Koller e Bandeira, 1996, p.1). Seria uma tentativa “de compreender rumos de desenvolvimento imprevistos ou considerados improváveis a partir de condições iniciais “desfavoráveis” (Carvalho e Lordelo, 2002, p.253). Alcântara (2001, p.21), *apud* Rutter (1987), acentua que a “[...] resiliência é uma estratégia de enfrentamento que designa, em comum, o manejo, por parte do indivíduo de recursos pessoais (auto-estima, competência e habilidades, papéis múltiplos, relações íntimas) e recursos contextuais (suportes externos, acesso a serviços, ambiente familiar suportivo, encorajamento de autonomia, modelos de papel)”.

A ADOLESCÊNCIA VULNERÁVEL: A SITUAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, também os estudos sócio-antropológicos sobre a adolescência têm valorizado e discutido os impactos dos fatores de risco, a exemplo da violência em suas diversas manifestações, assim como as características da exclusão, processos de marginalização, pobreza e abandono, focalizando as vulnerabilidades dos indivíduos que se encontram nesta etapa de desenvolvimento do ciclo vital.

Começamos, assim, a compreender a gravidade dos altos índices de riscos e susceptibilidade aos quais estão expostos os adolescentes, particularmente aqueles que habitam em áreas periféricas, ou com situação social definida pela pobreza e exclusão. A literatura vem abordando, além das violências, as questões envolvidas na formação de gangues e “galeras”, no abuso de drogas, na exploração do trabalho infanto-juvenil, na

delinqüência (Abramovay et. al., 2002; Cecchetto, 1997; Diógenes, 1998; Guimarães, 1998; Novaes, 1997; Sadigursky, 1999.).

Os relatórios das agências internacionais (Unicef, 2003; Abramovay et.al., 2002; Castro, 2001; Waiselfisz, 1998) sobre a situação da infância e adolescência e a série de pesquisas realizadas em várias capitais brasileiras como Curitiba, Fortaleza, Brasília, Salvador, dentre outras, começaram a estabelecer um conhecimento necessário para a promoção dos direitos garantidos pelo ECA (1990) e pela Constituição (1988) aos adolescentes e mesmo a formulação de políticas públicas voltadas para estas parcelas da população.

Estes estudos, levando em conta um significativo volume de informações, têm se erigido, nos últimos anos, com um misto de informação e denúncia diante das exposições dos adolescentes brasileiros a condições de risco.

Castro e Abramovay (2002, p.162) discutem as “juventudes”, compreendidas na faixa etária dos 15 aos 24 anos, em situação de pobreza, suas vulnerabilidades, analisando depoimentos dos adolescentes e pessoas co-partícipes de seus universos. Seus resultados mostram as susceptibilidades às quais estão expostos os jovens, dentre elas a violência, expressa particularmente através do registro de mortes por causas externas.

A morte devido às causas da violência conjunta assumem singular magnitude entre os jovens de 15 a 24 anos, variam do mínimo de 29% em São Luís e 31% em Salvador, até o estarrecedor percentual de 97% em Camaragibe. Segundo informações do Banco de Dados do Movimento Nacional de Direitos Humanos, que trabalha com matérias de jornais, em Salvador, de 1996 a 1999, a imprensa noticiou 3.369 assassinatos. O perfil da vítima típica seria: homem (92,3% dos casos), entre 15 a 24 anos (41,8%), negro (30,7%) e de “cor” não noticiada na imprensa baiana, cerca de 68,3%. Apenas 1,0% das vítimas seriam de cor branca, dados da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000.

Dimenstein (1995a; 1995b; 2000) aparece como um precursor dessa forma de abordagem que alia informações sobre a situação da adolescência brasileira em situação de risco à apresentação, de forma sistemática, de denúncias de como são negados os direitos humanos fundamentais aos adolescentes pobres do Brasil, particularmente nas situações de violência, extermínio, prostituição e tráfico de drogas.

Uma dessas denúncias promovidas pelos estudos de Dimenstein refere-se à existência dos grupos de extermínio no território nacional: suas características, estrutura e

práticas. Em geral impunes, os grupos de extermínio, têm sistematicamente, vitimado as populações pobres de nossas cidades, de forma muito particular os jovens.

Segundo Dimenstein (2000, p.73), os grupos de extermínio, também denominados de esquadrões da morte,

são estruturados por bolsões de polícia comprometidos com o crime, moldados por uma história secular de prepotência contra as classes populares e fortalecidos em seu arbítrio por vinte anos de ditadura militar. Os esquadrões da morte exercem controle sobre a população local mediante uma mistura de intimidação e proteção. Quem quer que ofereça resistência ao controle que os esquadrões impõem sobre suas áreas estará correndo risco de vida. Eles se aproveitam da sensação de desproteção nos bairros mais pobres.

De modo mais localizado, a Antropologia tem buscado mapear a adolescência contemporânea, os contextos de risco em que se insere, e seu mundo de cultura, particularmente a das grandes cidades e centros urbanos brasileiros.

Milito e Silva (1995) e Ataíde (1993), utilizando a observação participante, o registro do cotidiano, a história oral, abordam a adolescência em situação de rua no Rio de Janeiro e em Salvador, preocupando-se, num primeiro momento, com o conhecimento dos discursos e das suas práticas, buscando compreender suas trajetórias de vida através das mais diversas dimensões, dentre elas as relações dos adolescentes com autoridades policiais, outros moradores das ruas e educadores de projetos sociais.

Vianna (1997a; 1997b; 2000) aprofundou o conhecimento da dinâmica da cultura *funk* como forma de expressão e identidade cultural da adolescência-juventude carioca. Uma das contribuições desses estudos foi possibilitar o conhecimento de uma manifestação cultural e mesmo dos territórios de trânsito dessa juventude, particularmente aquela que se caracteriza pela formação de “galeras”.

O autor, pelo fato de ter sido pioneiro no estudo da emergência dos bailes *funk* cariocas, passou a ser identificado pela imprensa do Rio de Janeiro, como uma espécie de anfitrião e “tradutor” desse contexto cultural urbano, fazendo uma certa intermediação entre a Zona Norte e a Zona Sul, onde os bailes *funk* aconteciam. Descortina, assim, toda uma gama de informações e desmitifica preconceitos, gerando novos conhecimentos sobre o fenômeno, a partir de uma etnografia centrada na proximidade e na freqüência a bailes e enfocando pessoas de referência para essa cultura local.

Zaluar (1997,pp.44-8) analisa a emergência, no cenário brasileiro, das organizações formadas por jovens e sua consequente relação com a violência e o uso de armas, promovidas por mudanças estruturais, de ordem econômica e cultural, particularmente na eclosão das favelas cariocas. Uma diferenciação importante apontada por esse estudo vai ser a demarcação dos ajuntamentos de jovens e adolescentes de uma metrópole urbana – *quadrilhas e galeras* - com os seus variados escopos, alcançado, assim, uma caracterização dos modos de interação dessa juventude.

As “quadrilhas” são compostas por um número relativamente pequeno de pessoas, em geral jovens, que se organizam com a finalidade de desenvolver atividades ilegais para o enriquecimento rápido de seus membros; a [galera] junta os jovens de um mesmo bairro para atividades recreativas, principalmente o baile funk, consolidado no cenário musical carioca justo no final da década de 70, quando as quadrilhas começavam a espalhar o seu império nas favelas.

OS ADOLESCENTES NAS FAVELAS BAIANAS

Os estudos sobre os adolescentes em favelas baianas têm abordado, em especial, a questão da violência, da marginalização, das situações de risco e vulnerabilidade e as significações atribuídas pelos adolescentes ao seu cotidiano.

Machado e Taparelli (1996), analisaram a situação de jovens delinqüentes em favelas de Salvador, a exemplo de áreas como Novos Alagados, no Subúrbio Ferroviário, onde aparece a vulnerabilidade adolescente, a violência policial e comunitária, assim como a entrada desses jovens em trajetórias de crimes, caracterizadas pela participação em quadrilhas, o uso e a posse de armas e mesmo a prática sistemática de furtos. Estudos como esse apontam para uma análise de cunho etnográfico-descritivo que valoriza as interlocuções entre os pesquisadores e os sujeitos, buscando desvelar o mundo de cultura destes adolescentes e de outros moradores, a partir da percepção destes diante de fenômenos como a violência e o preconceito racial relacionado à pobreza e desamparo governamental. Os autores vêm apresentar as características da violência juvenil, infração e morte nas quadrilhas de Salvador, apontando, primeiro, a questão da desigualdade social e da violência em uma cidade considerada poética e festiva na mentalidade comum. O estudo descreve uma constante e complexa realidade que envolve a delinqüência juvenil e a formação de quadrilhas por adolescentes em situação de pobreza, habitantes das favelas soteropolitanas. Através da escolha de 25 adolescentes, com idades entre 14 e 22 anos, participantes de uma

quadrilha da periferia urbana de Salvador, os autores analisaram os usos da violência e os confrontos com a polícia, culminando na morte de vários adolescentes pertencentes à quadrilha analisada.

Machado, Noronha e Cardoso (1997, p.226) analisaram a brutalidade policial, preconceito racial e controle da violência em Salvador, focando a análise nas falas de moradores da área de Novos Alagados, subúrbio ferroviário de Salvador, caracterizando a violência policial contra essas populações. O estudo mostra a relação entre a violência policial e o preconceito racial e econômico, caracterizado pela pobreza, pela moradia em favelas e mesmo pelas singulares características da violência estrutural que vai moldando e reduzindo os espaços de trânsito dos habitantes da localidade. São relatados vários casos de violência contra os moradores como a invasão de casas, prisões, torturas e assassinatos de cunho expiatório. A violência policial “(...) tem uma dinâmica própria, fundada em concepções e políticas social e racialmente discriminatórias, é inevitável que pessoas comuns, inocentes, sejam objeto da brutalidade policial, que não se justifica mesmo contra os chamados “marginais”. Para estes existe a lei, que devia existir para o policial que mata sem motivo legítimo, que humilha, agride, espanca, tortura.”

Alcântara (2001), numa convergência entre a Psicologia do Desenvolvimento e a Saúde Coletiva, focalizou, em seu estudo, adolescentes em situação de risco e os fatores de proteção disponíveis para possibilitar os modos de enfrentamento no contexto da família. O estudo foi realizado em uma favela de Salvador, através de uma abordagem longitudinal, centrada na perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, buscando compreender como se dão as interações destes adolescentes com o contexto de risco e seus modos de enfrentamento.

Noções como risco, proteção, vulnerabilidade e trajetória aparecem nesse estudo como marcadores da dinâmica da pessoa-em-desenvolvimento no contexto, sem abandonar a abordagem longitudinal para aprofundar algumas questões.

Os resultados focalizaram os processos proximais como contextos para formulação de projetos de vida do adolescentes que favorecem os modos de enfrentamento. Houve destaque para a pouca permeabilidade entre os níveis do contexto expresso pelas características do bairro, e o pequeno acesso dos sujeitos à educação, saúde, moradia e trabalho. A violência emergiu como condição adversa principal, ao lado do empobrecimento e da dificuldade de ascensão social das famílias.

Chaves (2001), numa perspectiva culturalmente situada, dentro da Psicologia do Desenvolvimento, discute e analisa as significações dos adolescentes pobres de uma favela de

Salvador, explicitando as formas de interação destes com os domínios do cotidiano, seus modos de vida, identificação dos projetos de vida.

A autora analisa um grupo de nove adolescentes com idades entre nove e treze anos, moradores de favelas de Salvador, “caracterizadas pela violência estrutural e doméstica. Era palco de furtos, roubos, tiroteios, assassinatos, estupros, uso e tráfico de drogas” (p.77).

Como pontos relevantes, o estudo apresenta a existência de *adolescências possíveis* e caracterizadas pelo contexto onde residem, sendo construídas, neste caso, por

uma parcela daqueles que vivem em condição de pobreza, o que os diferencia de outras adolescências. O lugar social ocupado por todos os adolescentes os situa residindo em bairros violentos, que espelham também a situação de desemprego e de marginalidade social. A violência tem presença nos lares onde residem: brigas permeando as relações interpessoais na família. Em decorrência de atos violentos, vividos ou presenciados, peculiaridades decorrentes de processos de subjetivação foram relatados por alguns: o medo, a insegurança e a preocupação, estados emocionais emergentes das situações concretas experienciadas. Aparece também a existência de fatores de risco para o desenvolvimento sadio dos adolescentes: Os fatores de risco presentes no meio social onde aqueles adolescentes vivem são fontes de ameaça à saúde, à sua integridade e à de seus familiares (Chaves, 2001, p.83).

Dentre as lacunas sobre a adolescência reconheço que há poucos estudos que levem em conta uma perspectiva longitudinal de compreensão das transições adolescentes nos ambientes das favelas urbanas brasileiras, e em particular de Salvador, considerando algumas dimensões do cotidiano, compreendidas como fatores de risco e proteção (estruturas de oportunidade) que favoreçam ou não o desenvolvimento dos adolescentes.

Desse modo, o presente trabalho converge para as abordagens aqui delineadas na literatura entre a Psicologia do Desenvolvimento, a Sociologia e a Antropologia, por considerar aspectos da subjetividade, fenômenos psicosociais e percepções dos adolescentes; o contexto social imediato e mais amplo da contemporaneidade urbana, assim como uma postura metodológica que alia o registro sistemático a uma abordagem que se aproxima da perspectiva etnográfica de apreensão do contexto e dos sujeitos, lançando mão de múltiplos instrumentos de pesquisa: entrevistas, observação participante, registros escritos, documentos e fotografias.

Para este estudo, delimito a escolha da denominação *adolescência* e não juventude por considerar o primeiro termo mais abrangente como etapa significativa e fundamental do desenvolvimento humano, em consonância com a Psicologia do Desenvolvimento. Mais claramente, uma noção de adolescência como construção

psicossocial subjetiva, pessoal, tendendo a uma atribuição múltipla do termo, identificando as diferenciações e as características individuais e contextuais como formuladoras de uma síntese, cujo termo mais apropriado e aproximativo poderia indicar a existência de *adolescências*.

QUADRO TEÓRICO CONCEITUAL

O referencial teórico para esta pesquisa é construído numa área de confluência entre uma perspectiva sócio-antropológica e uma perspectiva ecológica, privilegiando o acento sobre a dimensão cultural do desenvolvimento humano.

O quadro teórico que compõe este trabalho, partindo de uma compreensão interdisciplinar, busca, de modo específico, reunir uma abordagem **ecológica do desenvolvimento humano em contexto** (Bronfenbrenner, 1979/1996) em consonância com a **rede de significações** (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004).

Na descrição dos cenários e processos que configuram a experiência dos adolescentes em Novos Alagados, são privilegiadas as noções de **trajetória** (Crockett, 1995); **fatores de risco e proteção** (Hutz, Koller e Bandeira, 1996); **estruturas de oportunidade** (Goodnow, 1995); **redes de apoio social e afetivo** (Brito e Koller, 1999). Para uma discussão mais abrangente, utilizei as noções de **processos de exclusão e desqualificação social** (Paugam, 2001, 2003; Wanderley, 2001).

A escolha desse referencial, caracterizado pela confluência de saberes e áreas afins aos fenômenos psicológicos e sociais da adolescência em situação de risco psicossocial da favela de Novos Alagados, deu-se em virtude da percepção da amplitude e necessidade de analisar o contexto, as pessoas, o tempo e os processos neles presentes, recortados nas trajetórias e na interação dos adolescentes com esses cinco elementos descritores de suas experiências.

PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A perspectiva ecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1979/1996, p. 18) analisa as relações entre a pessoa e o contexto de desenvolvimento e as sucessivas transformações que decorrem da dinâmica dessas relações. Essa perspectiva teórico-metodológica define-se como: “[...] o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos.”

Bronfenbrenner (1979/1996, p.23) pontua que a concepção ecológica do desenvolvimento-no-contexto tem implicações para o método e o planejamento de pesquisa. Ou seja, é uma possibilidade de que a pesquisa seja realizada em contextos dinâmicos de desenvolvimento, da vida cotidiana.

Para começar, ela atribui uma importância crucial, oferecendo a base teórica, para uma definição sistemática de um construto freqüentemente mencionado nas discussões recentes acerca da pesquisa desenvolvimental – validade ecológica. Embora o termo ainda não tenha uma definição aceita, podemos inferir dessas discussões uma concepção subjacente comum: uma investigação é considerada ecologicamente válida se é executada num ambiente natural e envolve objetos e atividades da vida cotidiana.

Embora o próprio autor (Bronfenbrenner, 1979/1996, p.24) considere e formule críticas relevantes à noção de validade ecológica na pesquisa, ele vai oferecer pistas de como sua importância se dá no estudo do desenvolvimento humano, pois, a partir do que ele chama de experiências naturais. “[...] validade ecológica se refere à extensão em que o meio ambiente experienciado pelos sujeitos numa investigação científica tem as propriedades propostas ou presumidas pelo investigador.”

Bronfenbrenner fala de validade ecológica para defender que as pesquisas saiam dos laboratórios e sejam feitas no espaço de vida do sujeito, seguindo o rigor do método científico.

Dentro desse quadro teórico, Bastos (2001), Santos (2000) e Alcântara (2001) vêm focalizando particularmente as famílias e os adolescentes de favelas urbanas e de projetos sociais, interessadas na análise da estrutura de proteção desses contextos de desenvolvimento.

A perspectiva teórica de Bronfenbrenner(1970/1996, p.23) assume o conceito de desenvolvimento humano como um processo dinâmico e complexo de interação da pessoa com o ambiente, ou seja, é [...] “um processo através do qual a pessoa desenvolvente adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo.”

O desenvolvimento é entendido como uma resposta adaptada às circunstâncias contextuais, como algo contínuo, mas não necessariamente sem rupturas. Desse modo, há uma interação entre pessoa e meio ambiente que valoriza a ação da pessoa como ser que interage e ao mesmo tempo sofre influência desse meio ambiente. Sinteticamente, as relações entre a pessoa e o meio ambiente, promotoras do desenvolvimento, podem ser assim consideradas:

A pessoa em desenvolvimento não é considerada meramente como uma tabula rasa sobre a qual o meio ambiente provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica, que progressivamente penetra no meio e o reestrutura (...), uma vez que o meio ambiente também exerce sua influência, exigindo um processo de acomodação mútua, a interação entre a pessoa e o meio ambiente é considerada como bidirecional, isto é, caracterizada por reciprocidade. (...) O meio ambiente definido como relevante para os processos desenvolvimentais não se limita a um ambiente único, imediato, mas inclui as interconexões entre esses ambientes, assim como as influências externas oriundas de meios mais amplos (Bronfenbrenner, 1979/1996,p.18).

A concepção do meio ambiente proposta por Bronfenbrenner tem por característica o fato de ser mais ampla e diferenciada do que aquelas encontradas na psicologia e particularmente na psicologia desenvolvimental, e pode ser definida como uma concepção topológica, com uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte, que interagem entre si o tempo inteiro, com uma dinâmica própria, sendo denominadas de micro-, meso-, exo- e macrossistema. Essa concepção de ambiente tem como principal particularidade a interação da pessoa com o contexto, e ao mesmo tempo ela acentua a presença dessa dinâmica na qual pessoa e ambiente modificam-se e são modificados o tempo inteiro, numa espécie de experiência que poderia ser sintetizada nas expressões artísticas em que a pessoa pode interagir com a obra de arte e modificá-la, imprimindo a sua subjetividade, e, ao mesmo tempo, estar sendo modificado por ela.

Apresento brevemente a definição desses sistemas, os quais compõem o ambiente ecológico do desenvolvimento humano, necessários para delinear os espaços de inserção dos participantes deste estudo, indicando as suas particularidades.

O microssistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas. Um ambiente é um local onde as pessoas podem facilmente interagir face a face – por exemplo, em casa, na creche, playground, escola, projetos sociais etc. O mesossistema inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente (tais como as relações em casa, na escola, amigos da vizinhança; as relações na família, no trabalho e na vida social; as relações com os pares, os educadores e pessoas de referência), podendo ser concebido como um sistema de microssistemas, que é formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra num novo ambiente.

O exossistema se refere a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento diretamente como um participante ativo, mas nos quais ocorrem eventos que afetam o ambiente e a pessoa, a exemplo do trabalho dos pais. O macrossistema se refere a consistências, na forma e conteúdo de sistemas de ordem interior (micro-, meso- e exo-) que existem, ou poderiam existir, no nível da subcultura ou da cultura como um todo, juntamente com qualquer sistema de crença ou ideologia subjacente a essas consistências.

REDE DE SIGNIFICAÇÕES

O interesse pela apreensão dos fenômenos culturais e semióticos que delineiam a adolescência em contexto de risco me remete a uma síntese teórica recente, a Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004, p. 23), convergindo com uma perspectiva do desenvolvimento humano que se relaciona com os contextos e as significações atribuídas pelo sujeito em desenvolvimento ao ambiente e às interações nele existentes. Segundo as autoras essa síntese pretende “(...) constituir uma ferramenta capaz de auxiliar tanto nos procedimentos de investigação como na compreensão do processo de desenvolvimento humano.”

A Rede de Significações entende o processo de desenvolvimento não como uma etapa ou um segmento do ciclo vital, mas como uma continuidade existente durante todo esse ciclo, que se dão durante toda a vida, através das interações das pessoas em contextos organizados social e culturalmente .

Para a Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004, p.23), em convergência com a perspectiva teórica da ecologia do desenvolvimento humano, o desenvolvimento se dá, pois,

dentro de processos complexos, imerso que está em uma malha de elementos de natureza semiótica. Esses elementos são concebidos como se inter-relacionando dialeticamente. Por meio dessa articulação, aspectos das pessoas em interação e dos contextos específicos constituem-se como partes inseparáveis de um processo de mútua constituição. Dessa forma, as pessoas encontram-se imersas em, constituídas por e submetidas a essa malha e, a um só tempo,ativamente a constituem, contribuindo para a circunscrição dos percursos possíveis a seu próprio desenvolvimento, ao desenvolvimento das outras pessoas ao seu redor e da situação em que se encontram participando.

Um aspecto relevante dessa perspectiva teórica sobre o desenvolvimento humano é o fato de considerar as complexidades existentes entre a pessoa, o ambiente e as interações, assim como a variabilidade dos processos interacionais no desenvolvimento durante o ciclo de vida, recorrendo as autoras à metáfora da rede, como possibilidade aproximativa dessa complexidade.

Outro aspecto relevante para a Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004, p. 26). é a noção de desenvolvimento dando-se dentro do contexto. O contexto aparece, então, como algo dinâmico e organizador da experiência dos sujeitos, no caso da Rede de Significações, denominados de pessoas.

Os processos de desenvolvimento das pessoas encontram-se situados em contextos cultural e socialmente regulados. Esses contextos (...) são constituídos pelo ambiente físico e social, pela sua estrutura organizacional e econômica, sendo guiados por funções, regras, rotinas e horários específicos. Eles definem e são definidos pelo número e características das pessoas que os freqüentam, sendo ainda marcados pela articulação da história geral e local, entrelaçadas com os objetivos atuais, com os sistemas de valores, as concepções e as crenças prevalentes. São, também, definidos por e definem os papéis sociais e as formas de coordenação de papéis/posicionamentos, contribuindo para a construção das relações profissionais, pessoais, afetivas e de poder entre os seus participantes. Nesse sentido, o contexto desempenha um papel fundamental, visto que, inseridas nele, as pessoas passam a ocupar certos lugares e posições – e não outros – contribuindo com a emergência de determinados aspectos pessoais - e não outros – delimitando o modo como as interações podem se estabelecer naquele contexto.

Na Rede de Significações o desenvolvimento humano ocorre numa matriz sócio-histórica, composta por múltiplas e, muitas vezes, antagônicas condições e discursos,

mostrando uma luta entre valores sociais com orientações contraditórias, vinculadas a diferentes processos sociais e períodos históricos. A multiplicidade de significados contradiz a qualidade homogênea e determinística que freqüentemente é atribuída às dimensões socioculturais, o que, por sua vez, vem revelando que a matriz sócio-histórica contribui para circunscrever de modo mais flexível os processos de desenvolvimento das pessoas.

É nessa matriz sócio-histórica que se dão os processos interativos entre as pessoas e seus contextos.

Por fim, a Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004, p.30) favorece a pesquisa desenvolvimental numa perspectiva longitudinal, a partir das trajetórias, considerando a pessoa, a matriz sócio-histórica, o ambiente, o tempo e a dinâmica dessas interações:

Partindo-se dos pressupostos utilizados, em especial da noção de circunscrição da rede, concebe-se que múltiplas trajetórias de desenvolvimento são possíveis. Ainda, devido à constante reconstrução das redes – princípio denominado de metamorfose, de acordo com Levy (1993) –, as trajetórias de desenvolvimento podem seguir por percursos inesperados, em um influxo contínuo, constantemente co-construído e transformado, ao mesmo tempo em que contribui para constituir o outro e a situação.

A Rede de Significações contempla em seu corpo teórico a perspectiva espaço-temporal constituindo de forma central o desenvolvimento humano, considerando que todo acontecimento está sempre situado em um contexto espaço-temporal, e que deve ser levado em conta na análise dos processos de desenvolvimento.

O tempo vai ser delimitado em diversas dimensões temporais que vão do aqui-agora até o tempo de orientação futura, sendo eles, a nível de delimitação: tempos presente, vivido, histórico e tempo de orientação futura, que se encontram “dinamicamente inter-relacionadas, umas sustentando, contrapondo-se, confrontando-se e transformando as outras. Em suma, atualizando-se no aqui-agora das situações.

UMA COMPREENSÃO INTERDISCIPLINAR DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE RISCO PSICOSSOCIAL ATRAVÉS DAS NOÇÕES DE TRAJETÓRIA, FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO, REDES DE APOIO SOCIAL E AFETIVO, PROCESSOS DE EXCLUSÃO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL

Os adolescentes em situação de risco psicossocial têm, em suas trajetórias, marcadores e eventos que a base teórica aqui delimitada procura abarcar e explicitar através de alguns conceitos psicossociais e sócio-antropológicos cuja presença neste estudo são brevemente apresentados nesta seção.

As *trajetórias* são delineadas como o curso de desenvolvimento, ou caminhos (“*pathways*”) que, dentro dos cenários individuais da adolescência, mostram continuidades e rupturas que sugerem direções e escolhas, indicando possibilidades e limitações ao processo de desenvolvimento (Crockett, 1995, p. 3). Silva e Hutz (2002, p.153), apresentam uma possível formulação para o estudo da noção de trajetórias, como um interesse crescente na Psicologia do Desenvolvimento:

Cada vez mais a Psicologia do Desenvolvimento vem se preocupando com as experiências de vida ocorridas durante a infância e a adolescência e com os efeitos positivos e/ou negativos dessas experiências nas trajetórias, tanto normativas como atípicas, que o desenvolvimento pode seguir. Trajetórias normativas são aquelas esperadas e desejadas, a partir de determinados padrões pré-estabelecidos do que é normal e saudável em cada período da vida. Essas trajetórias incluem as tarefas desenvolvimentais adequadas para cada idade cronológica.(...) Já as trajetórias atípicas são aquelas que se desviam do esperado para cada idade cronológica e que indicam a presença de dificuldades no processo de crescimento e desenvolvimento.

A adolescência é entendida, neste trabalho, a partir de Palácios, (1995, p. 265) como “[...] um período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adultez (...); um fato psicossociológico não necessariamente universal e que não adota necessariamente, em todas as culturas, o padrão de características adotado na nossa”

A questão do desenvolvimento humano tem levado os estudiosos da Psicologia a buscar dimensões contextuais e pessoais que favoreçam um desenvolvimento adaptado diante das tantas situações adversas vividas pelas crianças e adolescentes. Dentre essas dimensões

aparece a ***Rede de Apoio Social***, posteriormente acrescida da dimensão afetiva como componente importante para a promoção desse desenvolvimento.

Brito e Koller (1999, p. 116) assim apresentam essa preocupação da Psicologia do Desenvolvimento:

Uma das mais importantes dimensões do desenvolvimento humano e do bem-estar do indivíduo, identificada na literatura psicológica, é o apoio social e afetivo. Sua importância para a Psicologia reside no fato de ser uma interface entre a pessoa e o ambiente social do qual ela faz parte, tendo influência direta no seu desenvolvimento. O apoio social e afetivo está relacionado com a percepção que a pessoa tem do seu mundo social, como se orienta nele, suas estratégias e competências para estabelecer vínculos, e com os recursos que esse lhe oferece como proteção e força, frente a situações de risco que se apresentam.

Numa conceituação mais sintética, Koller e Brito, (1999, p.115), definem a Rede de Apoio Social como o

conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo denomina-se rede de apoio social. A esse construto foi, recentemente, agregado o elemento afetivo, em função da importância do afeto para a construção e a manutenção do apoio. Apoio social e afetivo abrange uma temática multifacetada e dinâmica, que exige uma avaliação complexa e constante do contexto ambiental no qual a pessoa se desenvolve, sua história, seu momento atual e das pessoas com as quais se vincula, bem como as características individuais de todas elas. Esses aspectos formam o espaço ecológico no qual a pessoa se desenvolve.

Alguns dos componentes da Rede de Apoio Social e Afetivo que supõem a possibilidade de um desenvolvimento adaptado podem ser assim sintetizados: presença de vínculos e relações; possibilidade de desempenhar papéis diversos ao longo da vida, permitindo que a pessoa se desenvolva emocionalmente e socialmente, obtendo mais recursos para sua satisfação; bem-estar subjetivo e saúde mental, ou seja, um desenvolvimento adaptado dentro de sua cultura.

A exclusão, a pobreza e os processos de desqualificação

A exclusão, enquanto fenômeno, e do ponto de vista epistemológico, é analisada por Wanderley (2001, p.17) como uma concepção que por si

é tão vasta que é quase impossível delimitá-la [e] continua ainda fluida como categoria analítica, difusa, apesar dos estudos existentes, e provocadora de intensos debates” [pois] “(...) muitas situações são descritas como de exclusão, que

representam as mais variadas formas e sentidos advindos da relação inclusão/exclusão. Sob este mesmo rótulo estão contidos inúmeros processos e categorias, uma série de manifestações que aparecem como fraturas do vínculo social (pessoas idosas, deficientes, desadaptados sociais; minorias étnicas ou de cor; desempregados de longa duração, jovens impossibilitados de aceder (sic) ao mercado de trabalho etc.

A noção de exclusão não deve estar separada do contexto histórico no qual vivemos, pois é nele que se revelam suas expressões as mais diversas, assim como a emergência da incapacidade dos Estados-Nações em enfrentar e solucionar os problemas sociais.

A exclusão está intrinsecamente ligada às engrenagens sociais e econômicas, produzindo e confinando cada vez mais setores da sociedade que não têm acesso às garantias e possibilidades de inserção no contexto cultural e sócio-econômico da sociedade na qual os sujeitos se encontram.

A exclusão social, enquanto fenômeno multidimensional, pode levar a diversas formas de trajetórias de desvinculação no mundo do trabalho e das relações sociais, como a fragilização dos vínculos com a família, comunidade, vizinhança e instituições, produzindo rupturas que conduzem ao isolamento social e à solidão.

Marcados pela pobreza, os adolescentes são colocados diante do contexto social expostos a riscos e rupturas. Apresento a pobreza a partir da análise de Serge Paugam (2001; 2003) pelo fato de o autor abordar, mesmo que de modo aproximativo, os mecanismos e a realidade psicossocial de um fenômeno econômico e social que afeta e se relaciona com os pobres enquanto parte integrante da população que se encontra na soleira de exclusões sociais e na dependência de instituições assistenciais.

O enfraquecimento dos vínculos sociais proposto por Paugam (2001, p.69), surge aqui como uma das dimensões do processo de desqualificação social a que estão sujeitos e subjugados os adolescentes das periferias urbanas. De forma inquietante, o fenômeno da pobreza é analisado não como um aspecto estático, mas através das suas mobilidades sociais e da assistência dirigida aos pobres, afirmado o autor que “[...] a pobreza (...), é construída socialmente e relativa; seu sentido é atribuído pelo conjunto da sociedade.”

Sua primeira constatação é que a sociedade tem, em relação à pobreza, um sentimento de intolerância, considerando-a um *status* social desvalorizado e estigmatizado. Para Paugam (2001, p.67) os pobres são

obrigados a viver numa situação de isolamento, procurando dissimular a inferioridade de seu status no meio em que vivem e mantendo relações distantes com todos os que se encontram na mesma situação. A humilhação os impede de aprofundar qualquer sentimento de pertença (ou pertencimento) a uma classe social: a categoria à qual pertencem é heterogênea, o que aumenta significativamente o risco de isolamento entre seus membros.

Essa perspectiva sobre a pobreza levantada pelo autor vai desenvolver uma análise que leva em conta as consequências psicossociais, levantadas através de conceitos como a desqualificação social e suas derivações. A desqualificação social é um processo de exclusão que leva os pobres para a esfera da inatividade e de dependência dos serviços sociais. Por desqualificação social, o autor entende um fenômeno que “[...] caracteriza o movimento de expulsão gradativa, para fora do mercado de trabalho, de camadas cada vez mais numerosas da população e as experiências vividas na relação de assistência ocorridas durante as diferentes fases desse processo” (Paugam, 2001,p.68).

A desqualificação é entendida, também, como um processo “[...] relacionado a fracassos e sucessos da integração, que passa pelo emprego, [e que aparece] como o inverso da integração social; a desinserção, como um processo inverso da integração; e a desfiliação, [como uma] ruptura do pertencimento, de vínculo societal” (Wanderley, 2001, p.21).

A desqualificação também valoriza o caráter multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza, apontando uma visão mais ampla deste conceito.

As características psicossociais da exclusão permitem a constatação da complexidade diante da qual se encontra o pesquisador que se propõe a discutir e conhecer a realidade da adolescência em situação de risco psicossocial. Os mecanismos de exclusão têm uma sutil articulação com as dimensões pessoais e contextuais, extrapolando, neste sentido, o fator econômico.

A partir da perspectiva da ecologia do desenvolvimento humano, esta pesquisa com adolescentes em situação de risco social, no contexto da favela urbana de Novos Alagados, busca dar conta, por sua vez, de um complexo fenômeno de desenvolvimento que se estende em diversos níveis ou sistemas – microssistema, mesossistema, macrossistema e exossistema - nos quais estão interagindo a pessoa, processo, o contexto e o tempo (Bronfenbrenner, 1979/996), como um conjunto de significados e interações ao longo do tempo, daíllo que poderíamos denominar de trajetória, noção central nesta pesquisa.

Travessias: a adolescência em Novos Alagados. Trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial, busca contribuir para o conhecimento da realidade dos adolescentes em favelas brasileiras, em seu mundo de cultura. Neste sentido, a sua abordagem teórica e metodológica privilegia uma perspectiva descritiva, participante, de cunho etnográfico, longitudinal, que articula a abordagem sócio antropológica e a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, contribuindo com a produção e o conhecimento existentes sobre a adolescência no Brasil.

Como escopo mais amplo, descrevo as experiências ligadas ao ser adolescente em um contexto de risco psicossocial, marcado pela pobreza urbana, mapeando os domínios e dimensões de uma adolescência historicamente situada.

Este interesse, ao seu modo, converge para a percepção de que há algumas lacunas existentes na literatura nacional referentes à adolescência em situação de risco psicossocial em áreas de periferia e pobreza urbana, como as favelas.

METODOLOGIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

Face à natureza singular deste trabalho, optei por uma abordagem qualitativa, baseada na observação participante e nos estudos de casos, e marcada por abordagem descritiva, de cunho etnográfico. No presente capítulo, busco delinear questões referentes às escolhas metodológicas que nortearam o trabalho, uma vez que se trata de questões indissociáveis da própria origem deste estudo, do recorte em que se situa e de seus objetivos. A etnografia é uma metodologia de pesquisa desenvolvida no âmbito da Antropologia que busca, através de instrumentos metodológicos específicos (observação participante, entrevistas, imersão do pesquisador em contextos sociais acompanhado de registro sistemático), fazer emergir informações sobre um determinado contexto social. Estas informações organizadas e submetidas a um processo de análise guiado pela orientação teórica do pesquisador oferece uma descrição e interpretação acerca dos dados das mais diversas formas de vida humana. A escrita sistemática e o olhar do pesquisador, vão além da mera descrição procurando interpretar os dados dos pontos de vista histórico, político, cultural, e social (Tedlock, 2002). A etnografia é a descrição do comportamento em uma determinada cultura que, em geral, resulta do trabalho de campo. Seria possível compreender a abordagem etnográfica como simples avaliação de uma pessoa, sociedade ou cultura e assumir que uma etnografia retrate diretamente, em uma versão não filtrada, o sujeito ao qual ela se refere (Jacobson, 1991). Segundo Geertz (1988), quando se considera assim uma etnografia, se perde muito do significado que ela contém. A etnografia, apesar de ser um processo de descrição do comportamento de um indivíduo dentro do seu grupo cultural, envolve interpretação e inclui uma seleção de dados, feita mais ou menos explicitamente dentro de um enquadre teórico.

Da etnografia emerge um conhecimento sobre o homem, dentro de sua cultura e do respectivo contexto histórico. Segundo Laplantine (2000, p.197), “[...] esse conhecimento antropológico surge do encontro, não apenas de dois discursos explícitos, mas de dois inconscientes em espelho, que espelham uma imagem deformada. É o discurso sobre a diferença (e sobre minha diferença) baseado em uma prática da diferença que trabalha sobre os limites e as fronteiras.”

Essa prerrogativa do trabalho etnográfico como *encontro* pressupõe do pesquisador uma abertura ao outro, ao diverso. O trabalho etnográfico com adolescentes em situação de risco psicossocial está, pois, nestas fronteiras e limites da pesquisa social.

Neste sentido, há uma constituição própria das linhas teóricas dentro do trabalho que podem ampliar o horizonte através de um conhecimento possível de ser denominado transdisciplinar, por conter elementos da Psicologia Social, da Antropologia enquanto ciência do homem, da Sociologia e outras áreas do conhecimento.

A etnografia poderia ser entendida como um eixo teórico-metodológico mais amplo, mais geral, que abarca, no seu contexto, a observação participante e outras técnicas como o estudo de caso. A etnografia baseia-se na tentativa de realizar encontros específicos, que nos levem a uma compreensão maior, além daquelas já conhecidas sobre o contexto, não sendo isto apenas a busca de novas informações, mas um caminho de transformação dos dados através da escrita e do uso de formas visuais.

Disso resulta que pode haver a combinação, num delineamento da pesquisa de cunho etnográfico, de diversos métodos de produção histórica, política, de descrições, de situações de encontro pessoal, interpretação e representações da vida humana (Tedlock, 2002). As representações privilegiadas neste estudo serão as vozes dos adolescentes, dentro do seu cotidiano. As características da pessoa, da sociedade ou da cultura apresentadas na etnografia devem ser compreendidas a partir das seguintes perspectivas: (1) Questão ou problema de pesquisa; (2) A resposta, explicação ou interpretação que oferece; (3) Dados escolhidos como evidência do problema, da interpretação ou de ambos e (4) Organização desses elementos (problema, interpretação e evidência) dentro de um argumento.

A etnografia dialoga, pois, com diversos campos disciplinares, desde o filosófico até o antropológico. Seu uso, assim variado, vale-se da prerrogativa da entrada, a partir do seu intervir em contextos fechados e da prolongada interação com a população, na vida cotidiana, buscando conhecer as motivações, comportamentos e crenças dos sujeitos (Tedlock, 2002). É importante levar em conta que o trabalho etnográfico envolve tensões (Laplantine, 2000) que perpassam toda a experiência de campo. A primeira delas seria a “da aprendizagem através do convívio assíduo e de uma verdadeira impregnação por seu objeto”. Sabe-se que os adolescentes em situação de risco expressam suas demandas. O pesquisador deve ter em conta a dimensão dos equívocos que sua abordagem pode trazer, tentando sempre deixar clara a sua função naquele contexto. A etnografia não é mera descrição do objeto de pesquisa, mas consiste

em uma interpretação do pesquisador acerca do que ele observou e ouviu. Tem o objetivo de entender o enquadre da interpretação dentro do qual o comportamento é classificado e seu significado atribuído. Implica na descrição das “complexas estruturas conceituais” nos termos nos quais as pessoas se comportam e nos termos nos quais o comportamento é inteligível para eles (Geertz, 1973).

Não se pode cair em extremos, como, por exemplo, uma aproximação/imersão tal que nos inviabilize enxergar os variados modos de interagir com a realidade que essa população expressa. Outra, seria a de naturalizar a observação, sem deixar que aconteça o “encontro” etnográfico. Isso poderia levar-nos a uma visão enviesada e paternalista, tendendo a uma romantização e/ou “endeusamento” dos indivíduos, sem explicitar suas características reais e socialmente construídas. Diversos estudos, por exemplo, tendem a ver no adolescente em situação de risco um invencível, um herói, etc., sem perceber os meandros de sua existência concreta.

Neste estudo entende-se o distanciamento a partir da escrita e do confronto com outras percepções, no meu caso com outros profissionais, como aquele momento de tensão necessário para a compreensão da lógica interna dos adolescentes estudados. Para Laplantine (2000, p.184) “o olhar distanciado, exterior, diferente, do estranho é, inclusive, a condição que torna possível a compreensão das lógicas que escapam aos atores sociais.”

A relação aproximação/distanciamento é ferramenta imprescindível para o conhecimento etnográfico. Ao pesquisador cabe tomar decisões práticas nesse determinado momento, que levem em conta a dimensão de seu papel e as possibilidades de entendimento que emergem do seu contato com a população estudada. Um cuidado metodológico deve perpassar suas decisões, visando à não naturalização de sua função, nem das expectativas dos sujeitos.

SOBRE A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NESTE ESTUDO

Surgida no âmbito das Ciências Sociais, no final do século XIX, a observação participante (Schwartz & Schwartz, 1955, p.355, *apud* Minayo, 1992, p.135) pode ser definida como “[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do

contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto”.

O trabalho de campo, na pesquisa qualitativa, necessita abarcar um olhar múltiplo e multifacetado do pesquisador diante das nuances emergentes dos fenômenos sociais. A imersão em campo, no contexto da pesquisa, requer uma atenção na decifração de códigos que podem passar despercebidos por análises mais diretivas, onde o diálogo tende a ser suprimido, pois, segundo Milito e Silva, (1995, p.177), “[...] às vezes, em questões corriqueiras, triviais, certas dificuldades de decodificação, em função da heterogeneidade de contextos de interlocutores, revelam-se, talvez até pela singeleza do exemplo, extremamente expressivas das dificuldades de diálogo em espaços de relativa heterogeneidade de códigos.”

A observação participante, enquanto escolha metodológica, segundo Becker (1994, p. 120), entra no contexto de pesquisa social quando o observador

se coloca na vida da comunidade de modo a poder ver, ao longo de um certo período de tempo, o que as pessoas normalmente fazem enquanto realizam seu conjunto diário de atividades. Ele registra suas observações o mais breve possível depois de fazê-las. Ele repara nos tipos de pessoas que interagem umas com as outras, o conteúdo e as consequências da interação, e como ela é discutida e avaliada pelos participantes e outros depois do evento.

O pesquisador, então, tem por objetivo a descrição minuciosa do universo em estudo. Isto requer que ele tente “[...] registrar esse material tão completamente quanto possível por meio de relatos detalhados de ações, mapas de localização de pessoas enquanto atuam e, é claro, transcrições literais das conversações” (Becker, 1994, p.120).

Na observação participante encontrei uma possibilidade de abordagem qualitativa de pesquisa que pôde adaptar-se a essa população em situação de risco porque me colocou, enquanto pesquisador e participante, próximo aos sujeitos da pesquisa - os adolescentes - e a todo o seu contexto com uma abertura epistemológica e metodológica diante da complexidade da realidade estudada, promovendo, deste modo, a inserção e o registro sistemático como práticas direcionadas à reflexão e à construção do problema e das hipóteses.

A observação participante permite, pois, que o pesquisador possa

emergir na realidade mas ao mesmo tempo dominar o instrumental teórico. Uma atitude do observador científico consiste em colocar-se sob o ponto de vista do grupo pesquisado, com respeito, empatia e inserção o mais íntimo possível. Significa

abertura para o grupo, sensibilidade para sua lógica e sua cultura, lembrando-se de que a interação social faz parte da condição e da situação da pesquisa (Minayo, 2000, p.138).

SOBRE O ESTUDO DE CASO

O conceito de trajetórias, ou *pathways* (Crockett, 1995), busca indicar o curso de vida dos indivíduos, nos quais ocorrem diferentes eventos desenvolvimentais e as transições que definem mudanças e aquisições de competências pessoais. Nesta pesquisa, a noção de trajetória emerge a partir da abordagem metodológica do estudo de caso.

O estudo de caso permite trabalhar com a idéia da configuração, sendo esta sua grande virtude: o estudo intensivo da configuração de fatores selecionados em um determinado período de tempo.

Sua possibilidade de compreensão de grupos permite ao pesquisador mapear os vários fenômenos revelados pelas observações, assim orientando o pesquisador para concentrar-se “[...] nuns poucos problemas que parecem ser de maior importância no grupo estudado – problemas que se ligam a muitos aspectos da vida e da estrutura do grupo” (Becker, 1994, p.119).

Devido à sua abrangência, o estudo de caso “[...] prepara o investigador para lidar com descobertas inesperadas e, de fato, exige que ele reoriente seu estudo à luz de tais desenvolvimentos. Força-o a considerar, por mais que de modo rudimentar, as múltiplas inter-relações dos fenômenos específicos que observa” (Becker, 1994, p.119).

A abordagem do estudo de caso foi utilizada nesta pesquisa por tratar-se de uma metodologia que se relaciona com os imprevistos emergentes da prática da observação participante e também possibilita a idéia de uma configuração da experiência dos adolescentes no contexto social escolhido. Sendo a adolescência um período que se caracteriza por tantas transições, mudanças, rupturas e continuidades, considero que a apreensão deste fenômeno - a adolescência - pelo estudo de caso, seja uma abordagem que, unida à descrição etnográfica e à observação participante, permite um conhecimento mais amplo da adolescência estudada, por levar em conta o adolescente em contexto, com suas experiências verbalizadas e descritas com maior detalhamento.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O Trabalho de Campo

O trabalho de campo nesta pesquisa, para a realização da coleta de dados na área de Novos Alagados, compreendeu dois momentos distintos e complementares entre os anos 1994 e 2003.

Relato, a seguir, o processo de construção do delineamento metodológico desse procedimento de inserção (trabalho de campo) na área de estudo, em alguns de seus componentes e etapas.

Em 1994 iniciei a coleta dos dados referentes aos adolescentes deste estudo, a partir da minha inserção em um projeto social da área de Novos Alagados. Em 1996, fui orientado pelo cientista político e doutor em Sociologia, João Carlos Petrini, a registrar, em cadernos e diários de campo que sistematicamente enviava a ele datilografados, muitos dos aspectos do que se revelava como o contexto social e urbanístico da referida área que se encontrava em processo de mudança e reestruturação, constituindo-se, posteriormente, um conjunto de textos a partir dos quais muitas possibilidades de entendimento e estudo sobre a localidade se originou. A sistemática adotada era a seguinte: anotava todo aspecto que considerava digno de atenção, em cadernos de campo, sistematizando semanalmente essas anotações. Uma característica a ser assinalada é que, já nessa etapa, fiz uma espécie de “varredura”, buscando fazer anotações nos vários domínios da vida na comunidade e mantendo um foco especial de atenção sobre as atividades de crianças e adolescentes. Dessa forma, foi possível e coerente planejar uma nova etapa de trabalho em campo, claramente orientada pelo material reunido nessa primeira fase, especificando o foco sobre a adolescência.

Nessas visitas a Novos Alagados, em 2002, fui acompanhado por diversos educadores de um projeto social da área.

As idas ao bairro, em manhãs e tardes, ou mesmo em horas de almoço com essas pessoas, têm proporcionado um olhar mais acurado em alguns detalhes do modo de vida dos adolescentes e das transformações pelas quais o bairro anda passando atualmente. O trabalho de olhar conecta-se ao diálogo e confronto de visões, mas tudo servindo para ver, fotografar e contemplar com um olhar viajante e, – por que não? – de dentro, de toda a realidade.

A motivação das companhias surge devido à introdução de outras pessoas na realidade do bairro, em seus aspectos humanos, estruturais, físicos e culturais. O olhar é educado a apreender a diversidade e o já conhecido, mas que, em confronto ou com o olhar do outro, amplia-se.

Geralmente, quando vou a campo, pelas ruas de Novos Alagados, carrego uma pequena caderneta *tilibra*, de 96 folhas recicladas, no formato 113 x 154 mm, de 21 pautas. A pequena caderneta fica bem suja, mareada pelo tempo e pela constância do uso, no qual vou anotando trechos de conversas escutadas, impressões e a gênese de descrições e textos que se vão acumulando, até o momento de escrevê-los em casa, na velha *Olivetti*, ou no computador.

Às vezes convidado as educadoras para ir à rua. Elas perguntam, fotografam, comentam, mostram aspectos que não vislumbrei etc. Tiram fotos, comentam a vida das pessoas, perguntam-me sobre as finalidades do trabalho acadêmico e muito mais. Ao fim de uma caminhada vamos à biblioteca do Centro Educativo, onde chupamos manga, descansamos e conversamos sobre os aspectos vistos, tanto com os adolescentes, quanto com as educadoras.

O que vejo nessas visitas? Primeiro: toda uma intensa vida em suas mais diversas expressões. Depois, toda uma geografia humana e estrutural se delineia, assim como a vida dos moradores em seu cotidiano; a infância; a juventude; a vida dos homens e mulheres, muitos na sua luta pela sobrevivência, ou simplesmente no meio da rua, nas portas dos bares, jogando etc.

Com este múltiplo olhar, tenho a perspectiva de que vejo muito mais, porque cada um dos meus acompanhantes revela mundos tão distintos que é preciso, antes de tudo, “espantar-se” com o que se vê, não tentar interpretar ou “fechar” a vida das pessoas em textos. Este exercício tem me ajudado muito, principalmente a ver a multiplicidade e a especificidade da vida de Novos Alagados.

A pesquisa e a escrita do caderno de campo são momentos de encontro com as pessoas e os lugares. Tomar nota tem se mostrado o caminho para a aproximação-imersão diante do contexto de Novos Alagados, e, ao mesmo tempo, ajuda-me a realizar um distanciamento que se reflete na escrita posterior das observações efetuadas.

Escrever é, neste sentido, um instrumento fundamental que se alia ao olhar e deixa “correr como um rio” as informações e percepções do pesquisador.

Enfim: a escrita torna fluido um discurso que, pela sua elaboração, proporciona o distanciamento do observador diante da realidade descrita, mas, ao mesmo tempo o toca e o comove, diante da possibilidade de descrever aquilo que

observa. A participação de alguns companheiros de caminhos nestas idas a campo ajuda no entendimento mais amplo de aspectos variados que compõem a realidade. O olhar, a escrita e o diálogo são três momentos fundamentais para as descobertas e registros no caderno de campo. O olhar, o pensamento solitário e múltiplo e a escrita como uma corrente de idéias e descobertas: eis o diário de campo.

A ÁREA DE ESTUDO: NOVOS ALAGADOS

O contexto desta pesquisa é o bairro de Novos Alagados, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Denomina-se assim por ser uma favela com as mesmas características da antiga favela dos Alagados, no Lobato, surgida na década de 1940. Está situada no entorno na Enseada do Cabrito, que recebe as águas do Rio do Cobre, de Pirajá.

Construída sobre as palafitas ainda na década de 70, Novos Alagados conta, atualmente, com cerca de 13.000 a 15.000 residentes, divididos em diversas localidades como o Boiadeiro, Nova Esperança, 19 de Março, São Bartolomeu, 1º de Novembro, Araçás, Nova Primavera, Cabrito de Baixo, dentre outros.

Área marcada pela violência e pobreza, esta favela tem, em sua história, diversos marcadores de mudança e transformação social, graças ao protagonismo de seus moradores nas décadas de 70 e 80, através de associações de bairro – como a Sociedade 1º de Maio – e suas reivindicações de melhoria para as comunidades pertencentes à área.

Há cerca de quase 10 anos (1994-2003) o bairro passa por transformações estruturais a partir de uma intervenção governamental - CONDER – junto a uma ONG italiana – AVSI² - que têm por objetivo promover o fim das palafitas e a melhoria das habitações e dos equipamentos sociais da área.

As mudanças são muitas, como a urbanização das áreas onde existiam palafitas e construção de novas casas, e com a colocação de ambientes de lazer, mas na comunidade ainda há um complexo de violência e insegurança que toma conta do ambiente.

As palafitas quase não existem mais; algumas poucas, as últimas, estão sendo aterradas; novas e muitas casas foram construídas nos últimos anos, com estruturas mais sólidas que as das antigas, de madeira, sobre o mar.

Onde existiam as palafitas agora há pistas para carros e transeuntes, em busca de condicionamento físico e saúde, e o que era miséria e pobreza, começa a ver ressurgir, nos

² Associação de Voluntários para o Serviço Internacional. Organização Não Governamental criada na Itália, que desenvolve ações para populações em situação de pobreza urbana, violência e guerra.

espaços da lama, os antigos manguezais, enquanto meninos e meninas banham-se nas águas da maré.

Novos Alagados era uma área farta de manguezais antes da invasão de suas águas pelos moradores na década de 70, após a construção da Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana. A enseada, num retrocesso de tempo, foi habitada pelos Tupinambá, povo indígena que tinha predileção pelo litoral brasileiro, pois dali retiravam fartos mantimentos do mar. As primeiras habitações, depois dos Tupinambá a das colônias de pescadores, foram de moradores que vieram do interior do estado da Bahia, principalmente do Recôncavo baiano; aos poucos, as ruas foram crescendo, e os moradores aumentando.

Novos Alagados³ é um bairro intenso em sua vida. Crianças e jovens andam pelas ruas brincando, jogando, conversando. As ruas crescem para os lados e principalmente para cima, com os “puxados”, planejados pelos próprios habitantes; novos moradores chegam e há muita movimentação nas ruas porque há, também, muitas instituições – escolas, projetos sociais, creches, cursos, igrejas, terreiros, - presentes na localidade.

As casas eram feitas de madeira – nas palafitas -; em terra firme elas eram construídas com barro (massapé) e varas de madeira trançadas. Atualmente as casas são construídas com blocos, tijolos, que, à mostra, deixam transparecer a dinâmica de evolução do bairro.

Os moradores mais velhos estão morrendo, levando consigo histórias e conhecimentos importantes sobre o lugar. Mas há também a morte dos jovens, principalmente daqueles que se envolvem com drogas e a posse de armas; há uma relação direta entre o uso de drogas e a marginalização que leva à morte muitos jovens, antes mesmo que cheguem à casa dos vinte anos.

Há, ainda, a morte daqueles que não estão envolvidos com crimes e são exterminados, deixando no ar uma estupefação que se liga ao sentimento de impotência, expresso na famosa “lei do silêncio”, tão conhecida entre os moradores, permanecendo como um código subliminar, tão presente como a luz do dia.

Há um ciclo da marginalidade e do crime, que se renova continuamente, no tempo. A distância entre o fim e o recomeço é marcada pela morte dos jovens.

O risco de ser baleado ou preso – e logo depois exterminado – é, pois, uma ameaça constante para todos os jovens da área. O “extermínio”, como é conhecido o nome daqueles homens encapuzados que entram nas casas na madrugada para assassinar os jovens, é uma ameaça constante.

³ Veja-se, em maior detalhe, histórico constante do apêndice A.

Muita coisa mudou na área, mas ao lado das mudanças, ainda existem permanências no contexto. A realidade estrutural da área foi bastante modificada com a retirada das palafitas e a construção de equipamentos comunitários, ou moradias novas.

No entanto, a violência, o risco e a criminalidade continuam como existiam, só que com a agravante de que há a inserção de novos sujeitos desconhecidos na área, o que dissemina o medo e a insegurança entre os moradores.

Em certos períodos do ano, as ruas tornaram-se perigosas para trafegar, devido à existência de assaltantes desconhecidos. Mas o morador da área, mesmo sabendo do perigo, não pode trancar-se em casa, refém da violência. É preciso coragem também para o pesquisador sair.

OS CASOS: ENCONTRO HUMANO E ETNOGRÁFICO

Os Sujeitos da Pesquisa

A adolescência em Novos Alagados e suas particularidades chegaram até a mim através de diversas modalidades de acesso: pelo olhar direto; pela representação comunitária dos saberes coletivos disseminados nas histórias e percepções das pessoas quanto a essa adolescência e, por fim, pela prática pedagógica que exercei nesses anos na área, entrando em contato com histórias e pessoas que muito me ensinaram com suas existências marcadas pela adversidade e lutas pela sobrevivência.

Os participantes da pesquisa são quatro adolescentes do sexo masculino, habitantes de Novos Alagados, e com idades entre 15 e 18 anos à época do contato inicial que tive com eles.

A seleção dos casos deu-se a partir do encontro e da perspectiva de um trabalho social voltado sistematicamente para o acompanhamento de adolescentes em Novos Alagados, no ano de 1994, por três educadores, eu, inclusive, do Projeto Social Cluberê.

Dentre algumas características posso antecipar que dos quatro participantes dois são irmãos e vivem com a mãe; um outro vive com a mãe e o pai, sendo que este não o reconhece como filho; e o último vive numa família cujos irmãos foram presos ou mortos pela polícia. Os quatro adolescentes estão inseridos na comunidade, quer em projetos sociais, escola, em grupos de música, capoeira, trabalhos informais e outros domínios da adolescência.

Os quatro casos são denominados a partir de pseudônimos retirados de personagens de canções da Música Popular Brasileira⁴, por indicar características presentes na vida dos adolescentes, mas, ao mesmo tempo, mantendo o caráter de aproximação. Os pseudônimos são tomados como referências de trajetórias, não como “verdades”, consideradas as semelhanças e ilustração entre a arte e a realidade, mas apenas indicando a possibilidade de anonimato e preservação da identidade dos adolescentes estudados.

O caso 1 é denominado por *Marvin*, cujo personagem, longe da escola e com a morte do pai, assume a responsabilidade pelo sustento da família.

O caso 2 é denominado pelas iniciais *P.L.S*, em referência à canção *O meu guri*. A canção apresenta a relação entre uma deslumbrada mãe de uma favela e o filho inserido em pequenos roubos, que leva para o barraco muitos “presentes”, e sonha em aparecer no jornal, até que no fim da canção aparece morto, “com legendas e iniciais”. Daí a utilização das iniciais neste caso.

O caso 3 é denominado por *Antonico*, cujo tema é a intercessão de um amigo (sujeito oculto na canção) que pede ao Antonico um emprego, “uma viração” para o amigo Nestor, que se encontra em dificuldades financeiras.

O caso 4 é denominado *Chico Brito*, cujo tema é o revés, a mudança de um adolescente de uma vida dita “normal”, para uma vida de transgressão, onde os autores perguntam, ao final, de quem é a culpa por tal mudança: da sociedade ou do homem?

Como se deu a escolha dos quatro casos

“A dor da gente,
é dor de menino acanhado
menino, bezerro pisado,
no curral do mundo a penar
que salta aos olhos
igual a um gemido calado
a sombra de um mal assombrado
e a dor de não puder chorar.⁵”

A escolha dos casos teve como critério principal a acessibilidade; foram acompanhados aqueles adolescentes que aceitaram a proposta de um relacionamento educativo.

⁴ Ver em anexo III.

⁵ Música *A MASSA*, de Raimundo Sodré e Jorge Portugal.

“Por que estes casos e não outros?”, “Por que somente adolescentes do sexo masculino?”, “Quais as convergências e diferenças entre eles?” Para serem respondidas essas e outras questões, preciso fazer um recuo no tempo, a fim de contextualizar o ambiente onde aconteceu o encontro do pesquisador, à época educador, com esses adolescentes.

O primeiro encontro que tive com os adolescentes deu-se em 1994 quando, no final do ano, fui chamado a desenvolver uma atividade como educador social para crianças e adolescentes que “trabalhavam” nas ruas da cidade e estavam sendo selecionados para participar de um projeto social cujo objetivo principal era o de retirar os jovens de suas atividades nas ruas e lhes proporcionar um retorno à escola, assim como a possibilidade de ganhar uma cesta básica e ainda cursos profissionalizantes e culturais.

A partir desse encontro, recebi o convite para conhecer o projeto social e fui apresentado aos meninos e meninas em uma festa, na apresentação da banda. Este foi meu primeiro encontro com o projeto social: através da música.

Lecionando Português a alunos do ensino fundamental, pude levar para a sala de aula diversos sambas antigos, fazendo com que os alunos tivessem a oportunidade de conhecer uma certa universalidade das canções da MPB. A perspectiva metodológica deste trabalho era baseada na leitura de algumas obras de teóricos da educação, como Makarenko (1986) e Paulo Freire (1988), por exemplo.

Um outro fato importante foi o encontro com outros educadores e educadoras que entendiam que um trabalho educativo tinha que estar relacionado a um acompanhamento social mais efetivo, o que incluía a possibilidade de conhecer a vida e a história de cada aluno. Este acompanhamento social requeria conhecer as famílias, as oportunidades e as necessidades desses adolescentes, de modo que começamos a pensar formas de acompanhá-los, e, de realizar, tarefas como a matrícula na escola, a retirada de documentos e alistamento ao Exército, e a possibilidade de encontrar trabalho para eles, após o período de freqüência ao projeto social.

Como primeira idéia surgiu o convite para uma passeio à cidade alta, indo ao Teatro Vila Velha, onde alguns amigos estavam fazendo um curso de teatro no Bando de Teatro Olodum, do qual fiz parte antes de ingressar no curso de Pedagogia.

Para ir ao teatro foi convidado um grupo relativamente grande, contando com meninos e meninas. Na hora de ir, porém, somente três deles aceitaram o convite para nos acompanhar: Marvin, Antonico e P.L.S. Neste encontro fomos ao Teatro Vila Velha e ao ICBA ver alguns filmes em preto e branco. Com esses três adolescentes iniciou-se esse acompanhamento que se prolongou durante vários anos. O outro caso, Chico Brito, foi

encontrado por causa das suas dificuldades de relacionamento no projeto social. Ele era muito retraído e tinha uma situação de violência e marginalidade grave, devido ao envolvimento de seus irmãos em assaltos e drogas.

Pronto. Seriam estes os quatro casos para acompanhar. Eram adolescentes, moradores de Novos Alagados, com experiência de trabalho nas ruas da cidade, com famílias geralmente marcadas pela presença da mãe, vivendo uma situação de risco social iminente, particularmente pela proximidade com a marginalidade, quer seja na família ou no bairro, com sérias probabilidades de envolver-se em infrações.

Uma orientação, ou pedagogia assumida para o acompanhamento era mostrar que o mundo era maior que Novos Alagados, fazendo-o através de idas à cidade, visando um espaço maior de socialização; depois, o acompanhamento da família, através de visitas e encaminhamentos, que geraram documentos - os registros que realizávamos após as visitas e conversas com os adolescentes. Este material escrito, veio a ser os cadernos e diários de campo, de onde emergia um montante considerável de informações e uma compreensão inicial sobre a vida dos adolescentes, suas histórias e a de suas famílias.

Como objetivos atingidos junto aos adolescentes tivemos a matrícula e freqüência nas escolas; retiradas de documentos, visitas e encontros, assim como a inserção dentro de um contexto maior de socialização, abrindo a possibilidade de conhecer novas pessoas e a procura de emprego.

A escolha se deu, desse modo, pelo encontro com cada um deles e por sua disponibilidade de aceitar participar deste trabalho.

Os quatro adolescentes têm, em comum, as seguintes condições:

- a) São adolescentes de Novos Alagados, do sexo masculino;
- b) Têm experiência de trabalho na rua;
- c) Freqüentaram um projeto social da área;
- d) Faixa etária entre 15 e 18 anos de idade ao iniciarmos o contato com eles;
- e) Apresentavam necessidades de acompanhamento social para efetivar atividades práticas de socialização: emprego, escola, retirada de documentos e necessidade de estabelecimento de vínculos com adultos de referência, sendo esta uma tentativa de contrapartida ao meio social violento, e marcado pela marginalidade e pelas figuras de referências que propiciavam riscos às suas vidas.

OS DADOS

Os dados utilizados para essa pesquisa emergiram a partir de múltiplos instrumentos de pesquisa por mim utilizados: entrevistas, depoimentos, textos de caderno e diário de campo, observações e fotografias.

Os textos do caderno de campo foram escritos em dois momentos: 1994/1996 e 2002/2003, a partir de visitas, conversas e caminhadas às diversas localidades da comunidade de Novos Alagados.

A ANÁLISE DE DADOS – ESTRATÉGIAS E DIREÇÕES

As entrevistas

Para a coleta de uma parte dos dados deste estudo, na primeira etapa, situada no ano de 1994, utilizei entrevistas que podem ser caracterizadas como entrevistas narrativas, que, como propõem Jovchelovitch e Bauer (2002), “[...] têm em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na Entrevista Narrativa é chamado de “informante”) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (Jovchelovitch e Bauer, 2002, p.93).

A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história. Em manuscrito não publicado, no ano de 1977, Schütze sugeriu uma sistematização dessa técnica. Sua idéia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível, pois essa entrevista “[...] é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a idéia da entrevista narrativa passa por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas.”

Essa escolha se deu pela necessidade de formatar e registrar as falas nas quais os adolescentes descrevem tópicos narrativos de suas experiências.

As entrevistas duraram, cada uma, cerca de uma hora a uma hora e meia, e foram realizadas no projeto social de origem dos entrevistados, a partir de uma seqüência prévia de tópicos.

Com a permissão dos informantes, foi utilizado o gravador para o registro das falas, o que aconteceu nos quatro casos.

Análise das entrevistas

O extenso material qualitativo reunido (parte dele longitudinalmente) foi preliminarmente organizado em dois níveis de análise: um primeiro nível, compreende a comunidade: espaços e atividades dos adolescentes; um segundo nível, aprofunda a análise de quatro casos, tomados como exemplares do que significa ser adolescente em Novos Alagados.

Procurando identificar convergência e particularidades nas falas dos adolescentes e analisando a expressão do adolescente frente aos temas referentes aos domínios e dimensões cotidianas como forma de recortar as experiências transmitidas dos adolescentes, através de suas falas, a análise das entrevistas se deu a partir do recorte específico daquilo que poderia ser considerado como demonstrativo da experiência dos adolescentes e mesmo do encontro deste com as estruturas de oportunidades inseridas no seu contexto social, caracterizadas como fatores de risco e proteção ao seu desenvolvimento. A análise das entrevistas seguiu as orientações da Ecologia do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996) e da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Silva, Amorim e Carvalho, 2004), convergindo numa compreensão contextual dos discursos e das experiências dos adolescentes situadas historicamente, através de uma análise temática, que “[...] está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto, que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou freqüência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (Minayo, 2000, p. 208-9). Dada a necessidade de entendimento do contexto social e das experiências dos adolescentes, a análise das entrevistas consistiu num exaustivo tratamento, do qual destaco a pré análise e a análise propriamente dita, a partir da leitura flutuante do conjunto dos dados; a constituição do *corpus* através da organização do material, verificando a sua exaustividade quanto aos temas contemplados; a representatividade dos temas levantados e a pertinência do material analisado em correlação com o objetivo do trabalho, que foram importantes para o mapeamento das informações levantadas.

CONSIDERAÇÃO SOBRE PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada dentro das diretrizes universais da ética na pesquisa científica, tendo por princípio a participação voluntária dos entrevistados, sendo respeitada a continuidade ou não dos participantes, a partir de sua vontade. As condições de sigilo e anonimato foram preservadas, assim como a disponibilidade de acesso aos entrevistados do material registrado. Disponibilizo o TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO⁶, que oferece as diretrizes colocadas aos participantes adolescentes.

⁶ Anexo I.

CENÁRIOS DE RISCO E PROTEÇÃO POR ONDE TRANSITAM OS ADOLESCENTES EM NOVOS ALAGADOS

Este capítulo descreve, a partir de registros sistemáticos de cunho etnográfico em diários de campo, obtidos através da observação participante, o contexto de Novos Alagados, tomando alguns domínios do espaço cotidiano nos quais se movem os adolescentes, que podem se relacionar com fatores de risco e proteção (estruturas de oportunidade). Nele se pode verificar o tênue limite entre a percepção do observador participante e do participante observador. É um capítulo que abre possibilidades de conhecer alguns aspectos do contexto de Novos Alagados, com seus habitantes, histórias, situações e onde transitam e se relacionam os adolescentes, sujeitos deste trabalho. Destes cenários emergem as atividades nas quais o adolescente pode se engajar. São dez os domínios identificados nestes cenários. Nove deles indicam espaços e atividades nas quais o adolescente pode se engajar, e, por último, em contraste, aparece um domínio caracterizado pela exclusão, aqui denominado de “desterro”. São estes os domínios e atividades selecionados: grupos de jovens, organização comunitária, iniciação sexual, subsistência, capoeira e cultura afro-brasileira, projetos sociais, religião, música e exército.

Apresento-os na ordem tal como foram escritos ao longo da minha inserção no contexto da pesquisa, utilizando como critério o mapeamento histórico da área de Novos Alagados, situado entre os fins da década de 1970 até a década inicial de 2000. Cada domínio aqui descrito tem por objetivo apresentar, partindo de um olhar ecológico (Bronfenbrenner, 1979/1996), um recorte sobre a dinâmica contextual constituída em Novos Alagados, ao longo dos anos, e que serve como cenário para a adolescência.

1. OS GRUPOS DE JOVENS EM NOVOS ALAGADOS

Diversos grupos de jovens sempre coexistiram dentro da comunidade de Novos Alagados, sendo eles os mais variados, como: teatro, capoeira, quadrilhas juninas, religiosos, folclóricos e informais. ■

Esses grupos fazem parte da história de organização comunitária na área de Novos Alagados e muitos deles foram incentivados pelas mobilizações dos jovens. A própria

organização dos adolescentes e jovens em grupos revela essa mobilização – claro que fenômenos semelhantes devem acontecer em toda a parte do mundo. São, por assim dizer, uma forma de integração contrária às solicitações violentas do contexto diante da marginalidade tão próxima, devida às condições de privação e proximidade com contextos violentos, ou mesmo a facilidade de acesso a armas e drogas, provocando uma intensa repressão policial, geralmente culminando na morte dos jovens (Machado & Taparelli, 1996; Machado, Noronha e Cardoso, 1997). Os grupos de jovens podem ser divididos em *formais* e *informais*, diferindo apenas do direcionamento ou não dos seus objetivos a um fim específico.

Inícios

Desde o início da organização da favela sobre as palafitas, em Novos Alagados, na década de 1970, a vida cultural e os agrupamentos em torno da cultura e dos esportes tiveram uma presença visível. A constituição de uma escola popular, assim como a criação de uma biblioteca na palafita, proporcionaram às crianças e adolescentes da área o encontro com a cultura através da arte e da literatura.

Nessa oportunidade, houve a presença constante dessa biblioteca e das oficinas de pesca, capoeira, maculelê, puxada de rede e samba de roda. Uma de suas características era a possibilidade que todas as crianças e jovens tinham de acesso às instalações dessa escola, bastando para isso ser morador da área. Nesse contexto, aos jovens foi proporcionado o encontro com a cultura popular e, mais que isso, com a possibilidade de fazer cultura através das peças teatrais que eram apresentadas nas festividades da comunidade e em feriados.

Assim, começaram a surgir diversos grupos em torno do teatro e dos esportes. Este fato foi fundamental para a constituição de futuras lideranças atuantes, que até os dias de hoje organizam a vida cultural da comunidade.

Um dos primeiros grupos formados foi o *J.P.L – Grupo de Jovens Pela Liberdade*, ainda em fins de 70 e início dos anos 80. Este grupo organizava peças e apresentações que lotavam as instalações da Escola Popular nos momentos de festa, quando toda a comunidade ia assistir às apresentações com histórias que faziam transparecer sua história e seus costumes, num momento que fazia refletir, rir e se descontrair diante da vida. Este grupo tinha o apoio da Igreja Católica de São Brás, que, desde os primeiros momentos de trabalho na comunidade, mostrou-se participante. Devido a esta participação, houve o entrosamento de jovens da parte mais antiga de Plataforma – que

fica no alto do bairro – e que começaram a participar de mutirões e outras atividades em Novos Alagados.

Para as crianças e adolescentes havia a possibilidade de participação em Ternos e Folias de Reis e outras manifestações folclóricas oriundas do Recôncavo baiano, organizados por dona Neuza, hoje falecida, nos primeiros anos de formação da comunidade.

Era dona Neuza que fazia os Ternos... hoje ela é falecida; ela juntava um monte de meninos na rua e fazia aquelas roupas com papel crepom e vestia e todo mundo saía pela rua andando... Todo menino da rua saía e ia de casa em casa; ela fazia Reis, Terno e folclore. No tempo tudo aqui era maré e ainda tinha a sedinha na maré. Saía com bateria, música e os canto que ela ensinava. (Trecho de entrevista registrada em diário de campo do autor, com V., moradora de Novos Alagados, em 05/03/02).

As crianças e adolescentes eram ensaiadas por ela, que lhes ensinava os cantos e fazia as roupas com papel crepom; crianças e adolescentes, de ambos os sexos, saíam pelas ruas da comunidade, de porta em porta, cantando e tocando instrumentos de percussão.

A presença de um adulto de referência fazia com que os grupos posteriormente se expandissem com o aprendizado que obtiveram da experiência. O mesmo aconteceu com os grupos de rua, de folclore e de teatro. Nas gincanas os adultos eram solicitados a participar como jurados de apresentações teatrais ou performances de dublagem de cantores. Participavam também em provas cujos objetivos eram comprovar a idade mais avançada, os anos de casamento, a lembrança de canções, ou mesmo a história do bairro.

Nos anos 80, novos grupos

No bairro de Novos Alagados sempre existiu um cuidado com as crianças e os adolescentes. Isto se expressava através das ações e iniciativas que contemplaram a infância e a adolescência desde os primeiros anos de formação. Os adultos, sempre que possível, estavam engajados em organizar espaços onde os meninos e meninas pudessem interagir com os trabalhos das comunidades, as lutas, as descobertas e o conhecimento da realidade social. Em 1987, o Grupo Juvenil de Novos Alagados, com meninos e meninas de Novos Alagados, da Rua Nova Esperança, com idades entre 10 e 13 anos. Esse grupo reuniu-se algumas vezes na sala da casa de uma liderança da comunidade, desenvolvendo um trabalho teatral e passeios por diversos locais da cidade, dentre eles o Convento das Monjas Beneditinas, em

Coutos e a Praia de Arembepe. O grupo Juvenil organizou peças teatrais e havia, entre eles, um sentido de companheirismo e amizade, pelo fato de estar juntos, através de festas, cozidos, brincadeiras e jogos em comum, fortalecendo o laço entre as crianças e jovens da área. Com o sentido de organização, cada participante tinha uma função específica: compor músicas, escrever as peças, avisar os colegas da reuniões, registrar as reuniões, coletar dinheiro para as festas; arranjar lugar para as reuniões e as festas; “puxar” as brincadeiras etc. Isso conferia, a cada um, um senso de responsabilidade e co-participação nas atividades.

Quadrilhas juninas

As quadrilhas juninas do bairro de São João de Plataforma eram famosas nos anos 80, principalmente a “Vai-Não Vai”, organizada por “Chuchu Bujudo” e a “Chega Junto”. Meses antes de junho, em janeiro ou até antes, começavam os ensaios das quadrilhas juninas. Muitos jovens participavam desses grupos, onde os ensaios exaustivos eram fundamentais para a vitória durante as apresentações, que eram transmitidas pelo antigo canal 4, TV Aratu, programa denominado “Arraial do Galo”.

Ao final, na época junina, era organizada uma grande apresentação na Variante, rua mais antiga, localizada na parte da frente de Novos Alagados, para a qual eram convidadas as maiores quadrilhas da Bahia. A rua, pista central, era fechada; um espaço no mato era podado para que a apresentação fosse vista por muitas pessoas, entre adultos, jovens e crianças espremidas para ver a beleza das roupas confeccionadas por costureiras da área de Plataforma. Essas quadrilhas tinham entre si uma grande disputa pela maior performance durante as apresentações. Os jovens se integravam durante meses nos ensaios, doando-se de modo impressionante para que tudo saísse da melhor forma possível. Aqueles jovens que freqüentavam as quadrilhas eram solicitados a se apresentar em diversos locais da cidade e do interior; eles iam de ônibus e muitas apresentações eram televisionadas. As quadrilhas juninas eram uma importante forma de ocupação e uma canalização da energia própria da juventude, com objetivos definidos.

Estes grupos, porém, dispersaram-se com o crescimento dos jovens e o surgimento de preocupações com o trabalho e a ajuda à família. Assim, haveria, numa possível classificação, diversos tipos de grupos de jovens, ou juvenis, com objetivos diversos, mais diretivos ou menos, podendo ser denominados de grupos *formais e informais*. Grupos *formais* são aqueles que têm um objetivo em comum e se assumem enquanto grupos. Os *informais* são aqueles grupos mais circunstanciais. Os encontros dos grupos formais não se

restringiam apenas às reuniões, mas estendiam-se às brincadeiras, conversas, momentos de festa e até na escola.

O grupo era, também, uma maneira de formalizar estes encontros e as amizades que iam se aprofundando.

Ciclo: inserção, enfraquecimento e ressurgimento

Os grupos de jovens parecem conviver com um ciclo de renovação e de enfraquecimento. De tempos em tempos, novos grupos aparecem, sendo que há uma diferença entre os grupos aqui descritos, por exemplo, na década de 1980. A inserção nesses grupos possibilitava a integração dos jovens dentro do bairro. E era, de certo modo, uma continuidade das experiências dos adultos. Nos *grupos de teatro* aparecia, de certa forma, uma interpretação da realidade, vista pelo seu lado cômico ou trágico. A apresentação das peças trazia riso e alegria, mesmo nos temas mais difíceis de se abordar e que eram encontrados nas vidas mesmas desses jovens. Muitos eram filhos de alcoólatras, ou tinham brigas entre pais na família e as peças falavam dos temas com naturalidade. Era uma espécie de transfiguração da realidade, de modo que a mesma tornava-se mais “suportável”, ou com a possibilidade de enfrentá-la, a partir dessa transfiguração.

Existia, quase sempre, a presença de um adulto que podia ser vivida num grupo, de duas formas: uma mais diretiva, qual um treinador que está ali a ditar ordens; ou a de um incentivador, que ensina, está à disposição para o diálogo e proporciona descobertas. Uma das causas do enfraquecimento destes grupos, na atualidade, pode ser a falta de pessoas que disponham do seu tempo para o acompanhamento ou a simples sugestão de organização para os jovens da área. Grupos informais ainda existem, e muitos. As crianças estão sempre muito juntas, realizando os famosos cozidos, batizados e aniversários de boneca. Os jovens se encontram em grupos de conversas, jogos como o dominó e o baralho. A diferença destes para os grupos com objetivos artísticos, culturais e religiosos, é que são efêmeros enquanto existência. Não se dirigem claramente a um objetivo mais direcionado, nem há funções predeterminadas. Como uma característica para ser notada no tempo, destaco que esses grupos são importantes, porque são os primeiros encontros das crianças e jovens com a organização comunitária, possibilitando uma inserção maior, quando adultos, na organização e proposição de atividades culturais e artísticas no bairro. Afirmo isso verificando os muitos jovens que agora exercem funções educativas e sociais dentro da comunidade, a exemplo de mobilizadores como J., que hoje cuida de uma rádio comunitária e é agente de saúde, que

conhece e é uma referência para os jovens da área, porque organiza diversas atividades culturais que mobilizam o bairro, em datas específicas.

2. O “GANHA- PÃO”, O “DAR DURO” OU... A SUBSISTÊNCIA DOS ADOLESCENTES

*“Se a gente não tem pra comer
mas de fome não morre porque
na Bahia tem mãe Iemanjá
do outro lado Sr. do Bonfim”⁷*

Desde a infância o trabalho, geralmente informal, é uma realidade presente na vida dos habitantes de Novos Alagados. Com a adolescência, o mesmo acontece. Parece fundamental a existência de uma ocupação, de qualquer tipo que seja, para ajudar a família ou a si mesmo. O trabalho é uma realidade que se apresenta desde cedo na vida dos adolescentes.

Novos Alagados, como o nome sugere, é uma área de maré. O mar provê sustento para a sobrevivência e para a manutenção financeira. Pescar é, então, uma atividade primordial para o sustento. Como o emprego e o trabalho assalariado têm-se tornado cada vez mais escassos, de acordo com a situação local e mundial, o trabalho informal surge como aquele que vai identificar uma grande parcela da juventude, também em Novos Alagados.

Sendo assim, existem formas de trabalho realizadas e conquistadas pelos adolescentes dos Novos Alagados, através de algumas modalidades identificadas através da observação do cotidiano.

A primeira forma de trabalho informal identificada, talvez não pela importância, mas pela presença, é a pescaria. Quer seja para a subsistência e ajuda na alimentação da família; quer seja para o sustento da família e do próprio adolescente, a pescaria é uma das principais formas de atividade. No fim de linha do São João do Cabrito há um grande porto de pescadores, onde os jovens conseguem adquirir peixes a um preço mais baixo, pois os peixes são vendidos, logo após a pescaria, em canoas repletas de sardinhas, xaréus, carapicús e outros tipos. Ali mesmo eles tratam os peixes, tiram as vísceras, ensacam e vão vender em diversos locais do bairro e da cidade. Geralmente eles levam os peixes em baldes e cestas

⁷ Gilberto Gil, *Eu Vim da Bahia*

dentro dos ônibus do São João do Cabrito, da empresa Ilha Tropical, ocasionando muitas queixas dos passageiros por causa do mau cheiro e da sujeira que provocam nos ônibus. Esses jovens têm seus pontos de venda em bairros classe média da cidade, constituindo freguesias fixas, que compram semanalmente seus produtos que, vez por outra, a pedido dos clientes, ampliam-se para outros frutos do mar, como mariscos e camarões. Essa iniciativa remunerada, junto a outras que veremos, constituem-se como fontes de sustento e possibilidade de obter renda no mercado informal de trabalho. Alguns jovens compram peixes para revender, num mercado próximo ao bairro de Água de Meninos, no Comércio de Salvador.

O trabalho informal

O trabalho informal é a realidade central da subsistência dos adolescentes e de suas famílias. Trabalham como ajudantes, aprendizes, vendedores e outros serviços, sempre nessa perspectiva de sustento de si e da família. A principal categoria é a de ajudante, ou seja, aquele que auxilia um profissional, geralmente fazendo o trabalho mais pesado, como carregar os materiais de um lugar para ou outro ou segurando peças etc. Dentre os serviços mais realizados, aparecem aqueles de ajudantes de pedreiro na construção de casas ou de serviços de reformas. Como as favelas são caracterizadas por uma constante mobilidade, crescimento e expansão das moradias iniciais, o trabalho de ajudante de pedreiros sempre existe. As construções são constantemente realizadas.

Todo morador de favela expande sua moradia, de acordo com a renda disponível. Podem ampliar, geralmente para cima, os vãos e as laterais das moradias e, para isso, necessitam de um pedreiro, recrutado no próprio bairro que, por sua vez, necessita de pessoas que transportem o material da casa de materiais de construção para o lugar de realização da obra.

Outro serviço semelhante é o de carregador de entulhos e barro para aterrar as casas, geralmente antigas palafitas ou casas que se encontravam abaixo do nível das ruas, sendo que com a ampliação das ruas tiveram que se adaptar a essa nova realidade. Os jovens e adolescentes são solicitados a trabalhar durante o dia inteiro, para realizar tal serviço. Levando os entulhos em carros de mão, eles podem conseguir, num dia, a quantia de vinte ou trinta reais – quem sabe até mais – pelo serviço. Carregam também a terra para mulheres que têm plantas, a chamada “terra preta”, que é fartamente encontrada nos barreiros e outeiros da área. Os outeiros são terrenos cheios de plantas, como uma floresta, onde se escava e encontra

um tipo de terra que serve para adubar as plantas ornamentais existentes nos quintais das moradias, pois as mulheres, quer seja nas palafitas ou nas casas em terra firme, cultivam muitas dessas plantas.

Todo o trabalho informal é chamado geralmente de “biscate” ou “bico”. Dentre estes biscates o de carregador de compras em feiras e nas portas de supermercados está presente na vida dos adolescentes.

P.L.S e Antonico durante muito tempo realizaram essa função em portas de supermercado, onde, com um carro de mão, apanhavam as compras em troca de algum dinheiro. O dinheiro gerado com estes serviços serve para variadas coisas: desde comprar roupas e sapatos, ajudar em casa, até para comprar drogas, em alguns casos. Na maior parte, porém, vai para a própria subsistência.

Vendedores ambulantes

Os vendedores são constantes na área de Novos Alagados: uns vendem ferro velho, como um deles, meu aluno do curso de educação de adultos do Sesi (1995-1996), de vinte e um anos, Osvaldino, que foi assassinado por marginais que procuravam seu cunhado. Outros vendem frutas, como os limões ensacados em carros de mão, nas sinaleiras e nas ruas do bairro e da cidade. Alguns vendem frutas que são abundantes na área, particularmente no Parque São Bartolomeu, como jacas, jambos, mangas e siriguelas. Anualmente as jacas e mangas dão no tempo de janeiro e fevereiro, no verão (Diário de Campo, 2002).

Alguns vão ao carnaval para pegar latas de cerveja; outros vendem fio descascado ou queimado para tirar o cobre, nas vendas de ferro velho da Calçada. Essas vendagens são uma forma de trabalho alternativo que proporcionam uma renda pequena, porém constante. Para conseguí-las, não é necessário ir muito longe, pois no bairro mesmo elas são encontradas.

Trabalho fora do bairro

Fora do bairro, os trabalhos informais são os de vendedores. Na época de carnaval os serviços de “cordeiros” de blocos para ambos os sexos têm aumentado. Por uns cinco ou dez reais por dia, muitos jovens são recrutados para essa forma de trabalho, que consiste em segurar a corda dos blocos carnavalescos para estabelecer a divisão, no circuito da folia, entre aqueles que estão nos blocos e os “pipocas”, foliões que brincam sem pertencer a essas

agremiações, e são assim denominados porque, no carnaval de Salvador, as pessoas ‘pulam’ atrás dos trios elétricos, daí a comparação com as pipocas. Nas épocas de festa, a exemplo do Natal, São João, as lojas dos centros comerciais, como a Baixa do Sapateiros, Calçada, Avenida Sete e os shoppings contratam temporariamente, pessoas para trabalhar nas lojas, visto que o número de clientes aumenta consideravelmente.

Antes, há cerca de dez ou quinze anos, existiam programas de iniciação profissional, nos quais os adolescentes eram indicados pelas associações comunitárias da área, para trabalhar em secretarias do governo, o que possibilitava uma inserção desses adolescentes na cidade, ampliando as possibilidades de conseguir novos trabalhos, a partir do conhecimento efetivado durante estas experiências. Muitos adolescentes conseguiram, deste modo, inserir-se em empregos por causa da competência e habilidade do trabalho que realizavam, e eram indicados por pessoas que haviam conhecido nesses locais. Hoje, não existem mais essas possibilidades⁸, pois com os projetos sociais as iniciativas se restringiram à comunidade, não possibilitando mais este encontro dos adolescentes com o trabalho em instituições governamentais. Um exemplo dessa nova maneira de deixar os jovens e crianças no bairro é o lema de um Projeto Social da área de Novos Alagados, que preconiza: “cada menino em sua comunidade é menos um menino nas ruas da cidade”. Com essa maneira de intervir na vida dos adolescentes, as possibilidades de inserção na cidade, como um todo, ficaram mais restritas, pelas vias de projetos sociais e indicações de associações de bairro.

Como ajudantes, aprendizes e praticantes de serviços gerais, porteiros, vendedores ambulantes, os adolescentes realizam esses trabalhos em outras áreas da cidade, geralmente “tutelados” por uma pessoa mais velha, que pode ser seu parente ou não.

Trabalhos envolvendo estética e educação

Alguns adolescentes são barbeiros. Eles organizam uma pequena barraca, instalando seu salão, onde começam com uma pequena freguesia e depois vão constituindo uma rede de fregueses que tende, sempre mais, a crescer.

Há aqueles adolescentes que fazem tatuagens nas pessoas; outros que trabalham com pintura de faixas, trabalho denominado de *silk screen*; outros são pintores de paisagens, muros e camisas. Jovens pintores são chamados para executar fachadas de bares e lanchonetes, nas quais eles desenham motivos e paisagens as mais diversas, e são pagos pelos seus serviços.

⁸ Atualmente, com a emergência de programas como o do primeiro emprego, do governo federal, pode haver alguma mudança neste quadro.

Um jovem do Boiadeiro faz pintura em camisa com a técnica do grafite, mais ou menos semelhante aos mesmos que são feitos nos muros da cidade. Cada camisa é vendida a dez reais.

Trabalho artístico - cultural

Um vendedor de cafezinhos, que sai toda madrugada para vender no centro da cidade, fez um trabalho artístico cultural que me impressionou bastante. Ele gravou um CD intitulado “Cada Cabeça é um Mundo”, cujas músicas todas foram compostas por ele e falam da realidade das periferias, em especial da Avenida Suburbana e de Novos Alagados, contando as mazelas, violência e mortes que acontecem na área.

Ele se apresenta em muitas ocasiões em que há festas no bairro e canta suas músicas, que chamam atenção pelas questões locais que são levantadas. Após terminar o CD, ele saiu divulgando seu trabalho. Eu fiquei interessado e fui comprar em sua casa alguns para enviar aos meus amigos, e lá, enquanto conversávamos, ele disse-me que está preparando já o segundo CD e que daqui a pouco tempo será lançado. O que me impressionou foi o fato da mobilidade que ele teve para procurar patrocinador, gravadora, bem como sua criatividade na composição das músicas e letras, como na faixa 4, *Realidade da nossa rua*, onde há uma denúncia sobre o extermínio dos jovens que desenvolvem trajetórias envolvidas na marginalidade. Nessa canção, aparece como a morte dos jovens é uma realidade constante no ambiente urbano da favela, caracterizado pela impunidade. Transcrevo aqui a letra.

*“Realidade do sistema
Se vacilar, na parada, eles te queima
Sem dó e sem pena falando pra você
Não se você envolver porque você pode morrer
Com uma rajada de TP ninguém quer ver
Mais um irmão da periferia fuzilado, esquartejado
Mas os caras quando chegam injuriado
Dá tiro pra todos os lados
Qualquer um pode morrer, mas não deixe isso acontecer
Só basta você querer
(...)
O último bicho solto pegou um trem
E foi pro além
Mas muitos desses por aqui ainda tem:
Ele matou, traficou, fumou e ainda se achou o maioral
Mas o safado foi morto debaixo do pau
A realidade é essa aí
Eu mando idéia pra você ouvir e refletir*

*Que o bicho pega por aqui na periferia – periferia...
Essa é a idéia que eu mando pra você.
Tava no barraco, de repente o bicho pegou
Os gambé⁹ não aliviou(...)¹⁰”*

Inserção no trabalho

A inserção no trabalho pode dar-se como aprendizes, ou como autônomos. Um exemplo de lugar onde os adolescentes e crianças aprendem e depois começam a fazer serviços por si sós são as oficinas mecânicas que existem na Avenida Suburbana, na circunvizinhança de Novos Alagados. Nessas oficinas, os adolescentes são introduzidos na aprendizagem de diversos serviços direcionados aos automóveis e ali vão aprendendo, fazendo os serviços mais pesados, até que começam a ganhar mais dinheiro quando tomam para si pequenas encomendas. O trabalho na oficina é múltiplo: pode-se pintar, trabalhar com a chaparia dos carros; pneus, motores etc.

Outro trabalho de subsistência se faz na própria rua, onde os adolescentes ficam ociosos e são chamados para realizar pequenos serviços como capinagem de terrenos, remover entulho de quintais e outras áreas das casas; compra em supermercados e feiras; carregamento de compras e materiais de construção etc. Geralmente são pequenos serviços que são solicitados pelos próprios vizinhos, que, como forma de retribuição e pagamento, dão, ao final do serviço, uma ‘ponta’, um ‘trocado’, ‘um agrado’ em dinheiro, com o qual o adolescente vai contribuir com a subsistência da família e a sua. Ou tentar.

3. CAPOEIRA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A Capoeira em Novos Alagados: início e desenvolvimento

A história da capoeira nessa comunidade remonta aos fins da década de 70 e metade da década de 80 com o Mestre Maravilha, que teve sua vida descrita num texto dos cadernos de campo que realizei em 1996/97. Mestre Maravilha era um negro alto, que usava uma calça de educação física azul, com duas listas brancas, e foi a presença fundamental para a disseminação do esporte na comunidade. Sua presença foi importante para que houvesse o

⁹ O mesmo que policial.

¹⁰ (Código de Rua, CD “Cada cabeça é um mundo”, faixa 4, de autoria de “Vermelho” do cafezinho, intitulada “Realidade da nossa rua, sem data.)

estabelecimento e a continuidade de mestres e aprendizes que se constituem, hoje, numa presença marcante do esporte em vários projetos sociais da área de Novos Alagados.

Mestre Maravilha trabalhou nos primeiros anos de existência da Sociedade 1º de Maio, dando aula na antiga sede, que ficava numa palafita. Sua vida foi marcada, porém, por um fim muito trágico, pois morreu depois de praticar um assalto a um supermercado. Apesar disso, ele deixou um legado que se estende até os dias atuais. Por suas mãos passaram vários alunos que hoje são mestres no bairro, que continuam a praticar e trabalhar o esporte com um cunho educativo.

A capoeira, dentro de Novos Alagados, tem possibilitado muitas oportunidades de inserção de jovens educadores em projetos sociais ou outras atividades, por seu fascínio exercido em muitos jovens que praticavam ou então ficavam olhando as apresentações e os treinos nas tardes de sábado, ou então iam assistir às apresentações públicas, em momentos de deslumbre e apreciação da beleza. Sendo Novos Alagados uma área repleta de traços da ancestralidade africana, basicamente com os candomblés e as matas de São Bartolomeu que abrigou em sua área, há séculos atrás, quilombo e muitos terreiros, não é de estranhar que os habitantes utilizassem, como forma de resgate da cidadania, a cultura negra em suas atividades, mesmo antes que isso se tornasse, de certa forma, uma “moda” ou uma presença marcante em toda a cidade, em qualquer projeto social existente.

O ciclo de aprendizagem: os aprendizes que se tornaram mestres

Foi, pois, a partir de Mestre Maravilha que os jovens do bairro começaram a praticar a capoeira. A aprendizagem se dava pela observação e pela prática feita de treinamentos e apresentações em diversas oportunidades festivas. Deles, muitos hoje dão aulas em diversos projetos sociais. Muitos jovens da comunidade, que foram alunos de Mestre Maravilha, encontraram no esporte uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho, como alguns que hoje são mestres. Alguns alunos estão na Itália fazendo apresentações, e outros também fazem ainda este mesmo percurso. Muitos se apresentam em diversos pontos turísticos da cidade, como o Solar do Unhão, numa série de apresentações para os turistas, em *shows* folclóricos. Como se pode ver, a capoeira foi uma forma de integração e oportunidade para esses jovens, filhos de famílias numerosas, negros, que encontraram oportunidade de trabalho no próprio bairro, ou fora

dele; outros abriram academias ou auxiliam mestres de capoeira, o que lhes possibilita, por vezes, remuneração.

As modalidades da presença africana nas danças e o envolvimento dos jovens:

Quando se pensa a capoeira no bairro de Novos Alagados, isto se configura numa concepção de um conjunto de apresentações envolvendo diversos momentos e práticas culturais, que não se restringem à luta internacionalmente conhecida, mas sim a outras manifestações artísticas como o *samba de roda*, o *maculelê*, a *pxuada de rede*, e, é claro, a própria capoeira.

Com grupos compostos por meninas e rapazes, a capoeira integrou diversos jovens em belas apresentações que tinham por característica a indumentária e os momentos de entrada em que cada um representava um papel diferente. O *samba de roda*, como o próprio nome diz, é um samba muito presente no Recôncavo baiano e que resistiu na área de Novos Alagados, principalmente pela origem rural de seus moradores. Com música percussiva e pequenos refrões cantados repetidamente, era um momento de beleza que todos paravam para assistir. O *maculelê*, dança feita com bastões de madeira e facões, era, talvez, o momento de maior emoção e destreza dos meninos, no qual eles, sincronizados, conseguiam dançar e fazer tocar os instrumentos da dança. A *pxuada de rede* reconstituía um aspecto muito presente de tradição dos pescadores baianos, lembrando muito as canções de Caymmi e canções de trabalho. Havia sereia, pescadores e outros elementos. A *capoeira*, momento central, constituía-se na apresentação da luta-dança entre os praticantes. Rituais como a bênção ao pé dos atabaques e dos mestres exibiam um respeito pela prática esportiva.

Continuidades: capoeira e integração das crianças e adolescentes dos Novos Alagados.

A capoeira e a cultura afro-brasileira no conjunto de suas tradições constitui ainda hoje, uma forte presença neste bairro, no ano de 2002. É impressionante a quantidade de mestres e professores que praticam a capoeira em diversos projetos sociais de Novos Alagados. Ser professor (mestre seria uma graduação a qual outros não alcançaram) significa uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho dentro da própria comunidade ou em outras localidades. Alguns dos professores têm ligação e participação estreita nos candomblés da área, pertencendo e praticando seus ritos e preceitos. Novos alunos vão se integrando e começam a se preparar para assumir os postos e lugares dos mais velhos. Muitos alunos

vislumbram nestes cursos a possibilidade de ascender à categoria de mestres e professores. Isto não implica, necessariamente, uma continuidade nos estudos regulares, pois esta possibilidade apresenta-se posteriormente, com a necessidade de uma formação básica para a permanência no trabalho.

Crianças e adolescentes vêm na possibilidade de praticar a capoeira, diferentes saídas e caminhos para a sua vida profissional: quer seja o trabalho como professor, visto que não se exige, *a priori*, uma escolaridade básica; ou participar de apresentações na cidade do Salvador ou viagens para fora do país, sinais de ascensão num tempo em que o trabalho tornou-se tão difícil.

4. PROJETOS SOCIAIS EM NOVOS ALAGADOS: ESCOLAS, ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO, CRECHES, PROJETOS, COOPERATIVAS, RECURSOS DO CONTEXTO.

Percorrendo as ruas de Novos Alagados, vê-se, ao longo do caminho, uma grande quantidade de projetos sociais, o que a um primeiro olhar contrasta com a situação do bairro, dados os seus evidentes problemas sociais (entre estes a violência, a pobreza e a marginalidade).

Diversas associações, ONGs e projetos sociais, aproximadamente em número de trinta, encontram-se em Novos Alagados, para um número aproximado de quatorze mil habitantes, e mais alguns órgãos públicos como as escolas e postos de saúde. Desse universo, destaco algumas que realizam atividades e programas voltados para as crianças e adolescentes da área:

Sociedade 1º de Maio

Na rua Nova Esperança há a Escola Popular Novos Alagados, da *Sociedade 1º de Maio*, fundada em 1977. A Sociedade ainda tem na área uma creche, vários cursos profissionalizantes, um projeto social, o Cluberê, que trabalha com crianças e adolescentes que operam na rua, em situação de risco social; duas outras escolas comunitárias, uma no Boiadeiro e uma na Primeiro de Novembro; uma biblioteca; um grupo de idosos, o Semente Produtiva; um centro de cultura e artes – o Dom Hélder Câmara, em São Bartolomeu, que realiza atividades com crianças e jovens, como o PETI (Programa de Erradicação do

Trabalho Infantil) e o Agente Jovem (programa social para adolescentes acima de 17 anos). Durante muitos anos, essa foi a única associação existente na área.

Heroínas do Lar

Em São Bartolomeu existe a *Creche Heroínas do Lar – Erês* -, de Dona Nazide, que tem tido um grande desenvolvimento nos últimos anos e tem recebido verbas para a melhoria de suas instalações. A creche é fruto de muita luta dessa senhora, que, durante muito tempo, contou com o trabalho voluntário – mesmo sem receber dinheiro - de muitas pessoas da comunidade no cuidado com as crianças. Nessa creche, desenvolve-se o PETI, através de capoeira e futebol, no qual há a participação de jovens da área como instrutores.

Pangea

Em frente a essa creche, ainda em São Bartolomeu, há o *Pangea - Centro de Estudos Sócio-Ambientais*, que tem desenvolvido projetos como o Jovem Cidadão do Parque; a Cooperativa de Costureiras de São Bartolomeu e o PETI, para crianças e adolescentes.

Creche e Centro Educativo João Paulo II

Na rua 1º de Novembro, no Boiadeiro, há três instituições mantidas pela AVSI/CDM (Cooperativa para o Desenvolvimento e Morada Humana): a *Creche João Paulo II*, o *Centro Educativo João Paulo II* e o *Centro de Orientação à Família*, que atendem a cerca de 500 crianças, adolescentes e famílias da área. A AVSI/CDM chegou em Novos Alagados a pedido do Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, no início da década de 1990, no intuito de realizar um trabalho de urbanização da área de palafitas, que hoje se expande por toda a área do Lobato, Uruguai (antigos Alagados) e Península de Itapagipe.

CEDEP

No Boiadeiro existe o *CEDEP* (Centro de Educação Desportivo e Profissionalizante do Boiadeiro, mantido em convênio pela OAF (Organização do Auxílio Fraterno), ASPASB (Ação Social da Paróquia de São Brás) e AVSI/CDM. No CEDEP são desenvolvidos cursos de manutenção predial, artesão de piso e mosaico e outros, atendendo a

jovens de diversas localidades da área e constituindo uma cooperativa de alunos, a *COOPREDI* (Cooperativa dos Trabalhadores na Construção Manutenção e Reformas Prediais), com o objetivo de inserir os jovens no mercado de trabalho.

Grupos teatrais

Ainda no Boiadeiro há dois grupos teatrais bem estruturados: o *Carametade* e o *A outra metade*, que desenvolvem projetos culturais com adolescentes, principalmente peças educativas sobre temas de prevenção em saúde, a exemplo do uso de drogas e sexualidade.

5. RELIGIÃO E ADOLESCÊNCIA

A religião acompanha a adolescência como uma etapa, um período de socialização, companheirismo e encontro com os iguais, com aqueles que acreditam em aspectos semelhantes e partilham as mesmas crenças.

Andando pelo bairro, identifiquei quatro conjuntos de adolescentes e jovens que têm suas características, seus modos de ser e agir e, particularmente, pertencem a credos religiosos distintos. Há muitos traços semelhantes como a etnia, as características, as mudanças e os modos de se relacionar com a vida.

Jovens do candomblé

Muitos adolescentes dos Novos Alagados, assim como crianças e adultos, freqüentam os diversos candomblés existentes na área. Há uma grande quantidade de terreiros nessa área, particularmente devido à proximidade com o Parque São Bartolomeu e talvez até por origens históricas com relação à remota existência de terreiros e quilombos na área. O que pude verificar é que praticamente em todas as ruas há uma casa, um terreiro de candomblé. À noite, facilmente escutamos os atabaques baterem, adentrando a madrugada. É comum ver os jovens e as crianças acompanhando as festas e as cerimônias. Conseguem acompanhar durante horas, chegando muitas vezes a ficar até o final das celebrações, quando é servida farta quantidade de comidas, dentre eles o caruru.

Há casos de jovens que, mesmo sendo proibidos pelos pais de freqüentar os terreiros, desobedecem e vão até lá. Alguns deles, pelo menos três casos conhecidos, mesmo sendo proibidos de freqüentar os terreiros, estão num processo

de iniciação, “tendo até a manifestação” somente ouvindo o som dos atabaques. Na rua Nova Esperança, por exemplo, há o caso de uma menina que brigou com a família para se iniciar no candomblé. Dizem que foi influenciada pelo namorado, que tem a mãe como dona de um terreiro. Essa menina, de 16 anos, tomou surras, tentou fugir de casa e até se suicidar para poder freqüentar o terreiro. Um rapaz do Areal, do mesmo modo, sendo que foi impedido pela mãe e “dava santo” em qualquer lugar, bastando ouvir o som dos atabaques. Uma jovem da Nova Esperança “bolou”, isto é, caiu na cerimônia “possuída” e foi “feita” no santo, num terreiro da 19 de Março” (Diário de Campo, 2002).

Os terreiros são antigos e outros novos se instalaram na área, nos últimos anos. Como disse antes, muitos jovens vão aos candomblés de Novos Alagados. Eles andam em grupos e vão a muitas festas que acontecem. Particularmente andam sem camisa, ficam juntos o tempo inteiro; são namoradores, conquistam as meninas e jogam bola. São totalmente integrados à vida do bairro. Fazem biscates ou trabalham como capoeiristas em projetos sociais. Conversam muito e andam pelo bairro inteiro; bebem nas festas e nos bares das ruas. Entre eles há também o relacionamento com os homossexuais dos terreiros. Alguns namoram ou são casados com mulheres dos terreiros. Constitui-se um grupo que vai crescendo e os pré adolescentes são bastante aceitos entre os maiores, como que vão aprendendo com eles a “se virar”. Predominantemente são negros ou pardos.

Jovens das igrejas evangélicas

O aumento das igrejas evangélicas em Novos Alagados também é bastante significativo. Há diversas denominações religiosas em toda a área. Uma característica dos jovens que são convertidos a essas igrejas é que eles, de uma forma ou de outra, tiveram experiências com pequenas transgressões. A conversão constituiu-se como um marcador que diferencia um “antes” e um “depois” em suas vidas. Eles andam em grupos pequenos, geralmente de dois ou três, ou sozinhos. Caracterizam-se pelo uso de calças sociais e camisas de manga longa. Andam com a Bíblia e ficam muito tempo conversando na beira da maré, ou em portas de residências e bares, quitandas.

Eles andam o tempo inteiro com essas roupas, a qualquer hora do dia, até nos momentos de sol mais inclemente. São ordeiros, porém retraídos diante daqueles que não pertencem à sua “lei”. Não jogam bola, nem outras diversões comuns. Ficam muito entre eles próprios e são requisitados para trabalhos informais, como pedreiros e outros biscates, por serem “exemplares” no cumprimento do dever e das tarefas. São negros ou pardos e em seus

grupos andam geralmente jovens da mesma faixa etária, sem abertura para a entrada de pré-adolescentes. Conversam também com os mais adultos.

Com os jovens das igrejas evangélicas acontece que, depois de um certo tempo rapazes e moças que haviam mudado totalmente a forma de se comportar, dão uma espécie de reviravolta e retornam, como eles dizem, “ao mundo” e voltam a se vestir como antes, a beber, a namorar. Parece que a experiência religiosa fora uma etapa necessária, mas não fundamental, para a vida. Voltam a praticar os valores e fazer as experiências que eram negadas no período da conversão e da valorização da vida num plano mais “celestial”.

Não sei se poderia chamar de uma espécie de desencanto ou saudade da vida como era vivida sem tantas leis fixas e intransponíveis, o que faz com que os jovens saiam da experiência religiosa e voltem a viver sem pertencer a essas doutrinas. Jovens que de uma hora para outra haviam se convertido, mudaram, com a mesma rapidez, de religião, ou ficaram sem ela.

Os jovens católicos

Há poucos jovens católicos na área, assim entendidos como aqueles que participam de grupos e vão à igreja regularmente. Há poucas igrejas católicas na área e elas não conseguem atrair a quantidade de jovens que há nas duas religiões citadas anteriormente. Nos grupos de jovens que se reúnem nessas igrejas, os jovens costumam andar juntos, e estão, no modo de vestir, numa espécie de meio termo entre os que freqüentam o candomblé e aqueles das igrejas evangélicas. Isto confere-lhes uma certa ambigüidade na caracterização.

Os jovens católicos vão a退iros, alguns andam com Bíblias, andam, às vezes, de calça e camisa. Ainda dentro dos grupos, há os jovens que participam das pastorais, sendo que esses se comportam de forma mais politizada, mais próximos do bairro e das pessoas da área.

Com os jovens católicos acontece algo semelhante. aos evangélicos Quando começam a trabalhar, vão-se distanciando das igrejas e das obrigações que realizavam enquanto católicos, como a catequese, a crisma, a organização das missas, liturgia etc. Parece uma etapa que foi ficando para trás.

Historicamente, os grupos de jovens católicos realizavam uma certa integração entre os jovens presentes na comunidade desde a década de 1980. Neles, o tempo do jovem era direcionado a uma dedicação a tarefas comuns em torno da igreja: catequese de crianças, festas para arrecadação de fundos para o conserto da Igreja, momentos de oração,退iros, reuniões de pastoral, dentre outras atividades.

Um exemplo destes grupos foi o P.L.P.C, “Pé na Lama, Pé no Chão”, composto por jovens de diversas áreas de Novos Alagados que tinha por objetivo animar a liturgia das comunidades do bairro, assim como prestar serviços à comunidade através da catequese, organização comunitária, trabalho pastoral, dentre outros. O grupo tinha este nome baseado numa referência ao fato de ter surgido dentro da comunidade de Novos Alagados. O ‘lama’ do título faz referência a isso, a um lugar (Diário de Campo, 2002).

Há, também, a mudança de religião, podendo-se emigrar tanto para as igrejas evangélicas, como para o candomblé. Todos os jovens que há alguns anos participavam das comunidades do Boiadeiro, São João, Rainha da Paz e outras, foram saindo para trabalhar ou trocaram de religião, ou ainda, quando assumiram responsabilidades familiares, deixaram de participar das comunidades. Esse fato pode ser verificado em quaisquer das outras religiões.

Os jovens sem religião

Muitos são os adolescentes e jovens que não pertencem a nenhum desses grupos religiosos. Há, para tal, uma diversidade de motivos, que vão desde a criação sem referenciais religiosos ou ainda a falta de interesse pela questão. Destes, alguns andam pelas ruas desempregados, outros são envolvidos com pequenas transgressões; outros trabalham, e há, ainda, aqueles que parece não se integrar a grupos, preferindo ter amigos, sem compartilhar com interesses religiosos, porém se agregam para festear, jogar bola, conversar, e compartilhar vários outros aspectos da vida.

Os traços de religiosidade, no entanto, transparecem com muita força nestes jovens; quer por um catolicismo popular, sem efetivo pertencimento, quer por um sincretismo característico que reúne os elementos diversos das religiões afro-brasileiras.

6. INICIAÇÃO SEXUAL

A iniciação sexual dos jovens de Novos Alagados se dá das mais variadas formas. Desde muito cedo, os meninos dos Novos Alagados começam a ter uma vida sexual ativa e esse fato se deve, em muitas vezes, à promiscuidade dos relacionamentos familiares até os que desdobram nas ruas. Para que se torne claro o entendimento de como se dá o início dessa vida sexual ativa, partiremos de alguns fatores essenciais: a família, os jogos sexuais, o homossexualismo, os namoros “quentes” e a promiscuidade.

Em primeiro lugar é importante entender que o despertar do sexo dentro dessa favela dá-se desde muito cedo, como já disse, a partir da própria família. As casas geralmente são de madeirite ou as divisórias entre os quartos não existem e isso proporciona, de maneira evidente, a escuta - por parte dos filhos - das relações sexuais que seus pais têm à noite, quando não à tarde ou pela manhã. É muito grande a quantidade de crianças que presenciam os seus pais tendo relações sexuais e isso reflete que os meninos começam a imitar o comportamento dos pais, buscando o prazer ou o entendimento do que presenciam. Existem outros meninos que pensam que suas mães estão sendo violentadas pelo marido e por isso choram muito. É comum nas palafitas os filhos saberem a hora em que seus pais têm relações, porque, inclusive, até a própria casa balança. Muitas vezes, a partir dessa primeira experiência, há muita confusão na cabeça das crianças por não saberem distinguir o que acontece com seus pais e também pelo fato delas não terem ninguém que os ajude a entender, pois os pais se omitem de falar nesses assuntos.

Depois desse primeiro despertar para o sexo, acontece o encontro com outros meninos e meninas que vivem a mesma realidade e aí se iniciam os jogos性uais, ou seja, a partir desse momento, as crianças começam a procurar outras para se tocar, se acariciar, etc. Chamo-os de “jogos sexuais” devido à aparência que deixam transparecer com as brincadeiras de “se esconder”, “bate lata” e outras. Com os adolescentes esses jogos tornam-se mais fortes, já surgem os troca-trocas e a masturbação coletiva e individual. Os “troca-trocas” são experiências sexuais realizadas entre meninos e que implicam em um penetrar o outro por trás durante um certo período. Essas experiências geralmente são feitas nos becos, matos, atrás dos campos de futebol, embaixo das casas, das pontes e em barracos abandonados. Muitas vezes, os adolescentes pegam meninos menores para fazer esse troca-troca e para isso oferecem comida, brinquedos velhos e até dinheiro.

Os meninos não falam a seus pais dessas experiências porque têm medo de apanhar. Muitas vezes, eles são obrigados a fazer o que os adolescentes maiores querem, “[...] Como exemplo, basta citar apenas que um jovem de 18 anos, bêbado, no Boiadeiro, fazia um menino ter relações de sexo oral com ele” (Diário de campo, 1995).

Geralmente, quando nas ruas se vêm muitas crianças brincando com um adolescente é quase certo que ali há uma experiência de troca-troca. Ainda nos jogos性uais, os adolescentes praticam a masturbação de dois modos: individual e coletivo. A

masturbação individual ocorre, geralmente, depois que o adolescente encontra outros que se masturbam. Uma está ligada à outra a partir dessas experiências onde uns vêem pela primeira vez os outros se masturbando. A masturbação tem outro nome, aliás, mais conhecido, que é punheta, e todos os adolescentes e adultos a chamam desse jeito. Outras expressões se referem a essa prática da seguinte forma: “descascar uma banana”; “cinco contra um” etc. Nos jogos de futebol, acontece muito que, depois de terminado o torneio, os adolescentes ficam para arrancar mangas verdes ou conversar sobre o jogo e sempre tem um deles que começa a se masturbar na frente dos outros, muitas vezes, querendo mostrar que o pênis é grande ou que já têm pêlos. A princípio, a excitação está no fato de experimentar a fricção do pênis, mas depois ocorre como que um hábito e aí se procuram as meninas, ou pelo menos olhá-las em situações mais “ousadas”, como por exemplo, o banho etc., os “viados”, que ficam excitando os adolescentes acariciando-os, ou se fica sozinho se “acabando” no banheiro, como dizem eles. Saindo dos jogos sexuais chegamos à prática do homossexualismo, que é muito difundida nos Novos Alagados. Os “viados”, como são chamados os homossexuais, praticamente, iniciam muitos adolescentes nas experiências性uais em suas casas, oferecendo, para isso, presentes, dinheiro e comida.

Durante muito tempo, tornou-se quase que uma tradição o fato de, quando os adolescentes queriam fazer sexo, irem procurar a casa de L. e de M. Esses dois são os mais, digamos assim, famosos “viados” dos Novos Alagados. Os dois são filhos de santo e envolvidos com o candomblé e passam pelas ruas excitando com toques e agarração os muitos adolescentes e jovens que ficam pelas portas das vendas. Havia, na casa do primeiro, o famoso chá de maçã, que era um pretexto para os meninos irem para lá para terem relações com ele. Aqueles adolescentes que tinham problemas em casa, principalmente de alimentação, não saíam da casa de L., porque ele dava comida e queria que o jovem o “comesse” (Diário de campo, 1995).

Geralmente essa é uma fase, pois pouco dos jovens se envolvem com eles ou se tornam um deles, no sentido de praticarem o homossexualismo.

Alguns meninos têm experiência de homossexualismo desde cedo, como é o caso de um adolescente da Rua F. T., O. B., que já foi “comido” por muitos outros adolescentes de sua rua. Segundo um desses meninos que já usou dele, ele é assim por causa de um tio mais velho que é homossexual. Dos poucos adolescentes que se envolveram com os homossexuais está C., um menino, na época, que começou a acompanhar L., a todos os lugares, primeiro como “macho” dele, e depois já como um igual a ele, ou seja, homossexual (Diário de campo, 1995).

Mesmo mantendo relações sexuais com os homossexuais, os meninos não perdem o gosto pela meninas. Geralmente elas dão muita bola para os adolescentes e em qualquer festa em que estão surge um namoro ou uma paquera.

Dentro do namoro, não entendido como um período de discernimento, ocorre o dito namoro “quente” que é a relação que começa a ficar “ousada” por que o menino - e evidentemente a menina - já não quer saber mais de “beijinho e abraço” e começa a meter a mão ali, faz uma “coxinha” aqui e de repente começa a praticar o ato sexual. A partir dessas relações as meninas logo engravidam e tornam-se mães prematuramente. A “coxinha”, na linguagem local, significa o namoro em que o adolescente fica roçando o pênis nas coxas das meninas, chegando, na maioria das vezes, a ejacular. Muitas vezes, há o mito de que essa prática não engravidaria a menina, o que na verdade é uma grande mentira, pois muitas já engravidaram desse jeito. Assim se caracteriza o namoro “quente”: ao invés de “beijinhos e abraços” se parte para a relação sexual.

Por último, torna-se necessário entender o que vem a ser a promiscuidade, um fator que é evidente em todos os relacionamentos, pois as pessoas são muito instáveis e não se importam nem um pouco com o bem da sua vida ou dos outros.

Um caso de promiscuidade diz respeito ao fato de que um homossexual do B. está com AIDS, e mesmo assim continua a manter relações com muitos adolescentes. Alguns deles sabem do perigo, mas não estão nem aí para o que pode acontecer, e depois de manter relações com esse cara, vão, ainda por cima, transar com suas namoradas, transmitindo a elas, possivelmente, as doenças adquiridas com esse homossexual (Diário de campo, 1995).

7. A MÚSICA, O PAGODE, OS GRUPOS

Uma outra forma de oportunidade que se evidencia para os adolescentes dos Novos Alagados é a música, de preferência a percussão e os grupos de pagode, “febre musical” na Bahia e em Salvador, desde a década de 90, com um ciclo constante, apesar de seus altos e baixos, mas sempre evidenciada pela mídia, nas rádios e casas de *shows* da Avenida Suburbana.

Os grupos de pagode dos adolescentes em Novos Alagados surgem de dois modos: através dos projetos sociais, como atividade sócio-educativa, ou por iniciativa espontânea dos adolescentes que se reúnem para tocar. Quando não há instrumentos próprios eles conseguem emprestados, compram ou improvisam. É muito comum encontrar os grupos que se utilizam de latas e material reciclado, como o conjunto de grupos que se reúnem num projeto percussivo, nos Alagados antigos.

Reunidos em grupos, a vida musical dos adolescentes se alterna entre ensaios e apresentações em pequenos eventos no bairro ou fora dele. As músicas tocadas são geralmente aquelas que estão fazendo sucesso nas rádios, um tipo de samba denominado “pagode”, que tem por característica a repetição melódica e as letras “pobres”, chegando a ter uma linguagem chula, vulgar, geralmente depreciando a figura feminina. Nos grupos, há um vocalista (ou dois); o cavaquinho; o violão e a parte da percussão, que é predominante no grupo.

Muitas vezes estes grupos têm uma duração efêmera. Há muitas trocas internas de componentes e os desentendimentos proporcionam a dissolução dos grupos num curto espaço de tempo. Na maioria dos casos, há um adulto que “empresaria” o grupo, tendo por função guardar os instrumentos ou agendar apresentações. Fazem este serviço mais por gosto que por lucro, pois praticamente não há lucros financeiros com essa atividade.

Registro o exemplo de um jovem da 19 de Março, responsável pelo grupo de pagode “Coisa de Criança”, reunindo crianças e adolescentes da rua e realizando apresentações em diversos locais da cidade. Este grupo, por exemplo, foi um dos mais duradouros da comunidade, pois os meninos tinham talento e sabiam tocar de forma apurada, o que impressionava a todos nas apresentações.

Percussão

Os adolescentes dos Novos Alagados têm uma enorme facilidade com a percussão. Essa facilidade é acentuada na área pela presença constante dos terreiros de candomblé, dos quais estes meninos recebem uma influência constante, não sei se explicitada, mas real, no uso dos toques rituais. É uma influência perceptível em nível quase subliminar, mas presente, por exemplo, na perícia com a qual muitos destes adolescentes tocam. É bom dizer que muitos aprenderam a tocar ouvindo e olhando os *ogãs* dos terreiros de candomblé da área, e de modo mais geral deve-se à própria cultura musical de Salvador, caracterizada pelas sucessivas “ondas” do Olodum, Timbalada, grupos de pagode, blocos afros, samba de roda e todo um conjunto de influências que poderiam determinar a aprendizagem da percussão no âmbito da música. Isto explica, de certo modo, a predominância, nos grupos, da parte percussiva, sendo a base e a mais importante, ou seja, aquela que dá o balanço e a animação do samba.

Música no Projeto Social

No Projeto Social Cluberê dos (as) Meninos (as) Trabalhadores (as) dos Novos Alagados existiu um grupo com essas características, a Banda, que, apesar do nome, não era uma banda, mas um grupo com a formação dos grupos de pagode que conhecemos; um grupo de percussão, denominado de “samba duro”, que, durante a década de 1990, serviu para aglutinar alguns talentos musicais do bairro, particularmente os meninos e as meninas da Rua França Teixeira: eles tocando, elas dançando. Graças ao sucesso deste grupo alguns meninos foram tocar remuneradamente em bares como o Oxumaré, na Praça da Sé e no Solar do Unhão, nas apresentações de capoeira e samba de roda.

A Banda Erê era coordenada por um rapaz que fez parte do grupo Olodum durante algum tempo. Porém, o grupo não foi à frente por diversos motivos. Fatores como o crescimento (chegada à maioridade ou necessidade de assumir responsabilidades inadiáveis) e a busca de novas oportunidades (trabalho, família, dinheiro para o sustento) serviram para a finalização, isto é, o término desse trabalho promissor. A formação da Banda era totalmente percussiva: pandeiros, atabaques, tamborins e marcação. O som produzido pelos meninos era contagiate e me lembro, inclusive, que quando comecei a trabalhar como educador em 1994, no Cluberê, eles

provocaram em mim um novo interesse pelo pagode, por considerar envolvente aquela forma de musicalidade quase tribal, primitiva, que saía da Banda. Mesmo sendo provisória, essa experiência musical proporcionou a descoberta dos talentos destes jovens que tiveram oportunidade de estabelecer relações com o trabalho e a arte.

A Filarmônica Ufberê

Uma parceria entre a Sociedade 1º de Maio e a Escola de Música da Ufba gerou um importante trabalho sócio-educativo e profissionalizante, através da aprendizagem musical de um grupo de jovens dos Novos Alagados. Eles aprenderam a tocar instrumentos de sopro e percussão, juntamente com teoria musical e ensaiavam diariamente na Escola Popular Novos Alagados, preenchendo os espaços da rua Nova Esperança com música de qualidade. Diversos adolescentes que participaram e participam do Cluberê estão nessa filarmônica e começaram manter contato estreito com a Universidade Federal da Bahia, tentando, inclusive o vestibular para música. Um dos responsáveis pela Filarmônica é um jovem que foi aluno do PS1¹¹ e agora toca instrumentos de sopro, descobrindo um talento e uma vocação importantes para o seu crescimento. Os adolescentes da Filarmônica Ufberê, da comunidade de Novos Alagados, participaram da gravação de um CD do Projeto Ágata Esmeralda; enquanto os jovens mais experientes já começam a freqüentar a Escola de Música da Ufba; outros se direcionam a diversas comunidades, para iniciar o trabalho musical com outras crianças e adolescentes.

“Atitude do samba”, um exemplo.

No Cabrito de Baixo, há um grupo de pagode feito por adolescentes que se reuniram por si mesmos e começaram a tocar pagodes, tentando imitar aqueles que estão tocando nas rádios. Chama-se “**Atitude do Samba**” e já fez algumas apresentações no Centro Educativo João Paulo II. Seus instrumentos são confeccionados com latas e pneus velhos, donde conseguem retirar uma sonoridade dançante, que se assemelha, em muito, à percussão dos grupos originais. A predominância é, novamente, da percussão.

Há, também, um cavaquinho que toca uma seqüência repetida de notas conhecidas, a partir da qual todas as músicas podem ser tocadas, por exemplo, com três

¹¹ PS. A sigla significa Projeto Social, e vai indicar alguns projetos sociais da área, sendo indicados pelos números 1, 2 e 3, que são assim demarcados para preservar a identidade dessas instituições.

notas. Este grupo não tem “empresário”. São os meninos mesmos que se organizam e vão tocar nos locais.

8. O EXÉRCITO COMO PROJETO DE VIDA

Comecei a entender que o alistamento no Exército - na Marinha e na Aeronáutica – é uma possibilidade de inserção desejada pelos jovens. A maior parte deles alista-se no Exército, principalmente pelo fato da escolaridade baixa que têm, sendo que, para tentar as outras Forças Armadas, seria necessário ter um nível maior de estudo.

Um outro jovem, Elísio, 17 anos, disse-me que espera passar no exército para ter um emprego, visto que na idade em que se encontra não conseguiu trabalho e está se desligando do PS3, porque não consegue mais adaptar-se ao seu contexto. Ele ainda me disse que sabe que será difícil passar, pois existe muita ‘peixada’, e que só passa quem tem alguém que possa interceder. A ‘peixada’ seria essa intercessão, essa ‘ajuda’, essa ‘força’, dada por algum militar conhecido, que pudesse ajudar a inseri-lo ali no Exército. Como não tem essa possibilidade, ele já está meio desanimado por saber que, como muitos outros jovens, será dispensado por excesso de contingente ou contenção de gastos (Diário de campo, 2002).

Mas, não acontecendo essa rápida dispensa, a primeira fase do serviço militar consta de um ano de trabalho, com salário, dormitório e comida. Poucos jovens conseguem seguir carreira. Por exemplo, em Novos Alagados, só um jovem conseguiu ser incorporado às Forças Armadas, na Marinha, isto porque era muito estudioso e esforçado, dizem os outros jovens. Após servir durante um tempo, foi dispensado, ingressou na universidade e hoje trabalha na polícia militar. Aqueles que conseguiram servir por um determinado tempo, depois foram trabalhar na polícia militar, após prestar concurso.

A passagem pelo alistamento militar é um dos rituais de transição nos quais a adolescência está inserida. São interessantes os fatos e os medos que circulam através das histórias sobre o ficar nu para os exames; as provas na florestas; os esforços sobre-humanos e as iniciações no trabalho dentro das Forças Armadas. Tudo isso vai criando um conjunto de expectativas, como que uma “prova de fogo” pela qual os jovens devem passar para tornarem-se adultos, responsáveis.

Todos sabem – e querem ser incorporados mesmo assim – da disciplina exercida nas Forças Armadas. Nem isso intimida os jovens, pois, além da alimentação, salário (mínimo), há a criação de uma identidade de respeito que se verifica nas roupas utilizadas, na postura e na

própria disciplina que o indivíduo tem que seguir, o que aos olhos dos jovens é uma garantia de status e de possibilidades. O jovem que participa do Exército tem um perfil diferente dos outros adolescentes: uma preocupação com o físico corporal, o alinhamento das roupas; as cores do Exército; o corte de cabelo, ou seja, há uma preocupação com a estética e com as maneiras, com o modo de agir diante da sociedade, existe um papel.

Circulam pelas mãos de adolescentes do bairro fitas onde os jovens que serviram as Forças Armadas mostram os exercícios que tiveram que fazer durante os meses de recrutamento. São exercícios em que eles estão correndo, fazendo atividades físicas, ultrapassando limites de forças através de tarefas extenuantes etc. Tudo isso vai criando uma expectativa e um projeto no modo de pensar o futuro. Há, também, os jovens que não têm no alistamento militar a sua expectativa maior de um projeto, de um futuro, de uma possibilidade para o futuro. Vivem a passagem com naturalidade, apesar da expectativa.

Hoje acompanhei P.L.S. no alistamento militar no quartel da Barroquinha. Ele ficou na casa de uma família amiga no Taboão e de madrugada foi até o quartel. Quando passamos pela Baixa dos Sapateiros na madrugada, vimos o triste “espetáculo” dos mendigos a povoar as calçadas e a frente das lojas, enfrentando o frio da madrugada e das ruas sujas de Salvador, que, à noite, é uma das cidades mais feias do mundo. Tão desigual, tão excludente. Lembro que enquanto andávamos ligeiro pelas ruas, com medo de tropeçar nas “camas” feitas de papelão, existiam famílias inteiras de mendigos, inclusive com crianças. Ao chegar ao quartel do Exército já havia muitos outros jovens na fila. P.L.S só foi atendido às nove horas da manhã. Alistou-se, não foi incorporado e, por isso foi dispensado por excesso de contingente, embora sua mãe houvesse dito que conseguiria um “peixe” [isto é, alguém que pudesse interceder pelo filho para que o mesmo ingressasse no Exército] para fazê-lo permanecer no Exército, o que para ele era uma idéia muito boa, que ele queria muito que se concretizasse, mas não foi possível (Diário de campo, 1995).

Sem projeto social, sem escolaridade satisfatória, sem profissão definida e sem a possibilidade de inserção nas Forças Armadas: eis P.L.S., e estava aberto o caminho pelo qual muitos jovens passam. Este é um dos aspectos da realidade, neste momento de transição da adolescência para a idade adulta.

9. O DESTERRO: UM CENÁRIO, UM DOMÍNIO DEFINIDO PELA EXCLUSÃO

Num bairro periférico, caracterizado pela pobreza, principalmente quando é uma favela como Novos Alagados, a violência é uma constante, geralmente caracterizada pelas perseguições de policiais a ladrões, gerando muitas mortes.

Desde quando surgiu a invasão nas palafitas e depois as invasões nos terrenos baldios, sempre os policiais entraram nestes lugares para trocar tiros com ladrões e invadir a casa de pessoas honestas e trabalhadoras. Geralmente, os policiais vêm durante a noite para procurar os ladrões. Quando os encontra, começa uma verdadeira seção de tiroteios. As crianças acordam, as mães e os pais de família começam a escorar as portas com medo de que as balas atinjam suas casas. Quem mora nas palafitas, em cima da maré, são os que ficam mais expostos devido ao grande número de ladrões que se escondem na maré e que são perseguidos e mortos ali. Os marginais, muitas vezes, são mortos em suas próprias palafitas, dentro de seus barracos, e quando não, a morte só ocorre depois de muita perseguição. Alguns deles têm família aqui no bairro e depois suas mães, mulheres e filhos ficam desamparados (Diário de campo, 1995).

Atualmente essa violência se expressa mais de outra maneira, caracterizando-se por um fenômeno pelo qual os moradores são deslocados ou expulsos de suas casas ou até do bairro, é o que denomino aqui como **desterro**.

O “desterro” seria, num primeiro momento, a impossibilidade de não mais habitar e conviver na comunidade, pelo simples fato de ter existido um envolvimento em situações nas quais ocorreu uma séria ameaça à existência dos jovens, tendo que, por este motivo, refazer suas vidas em outros locais ou sofrer de situações que não lhes possibilitem a retomada da vida dita normal que tinham, isto é, andar pelas ruas, conviver com os amigos, morar no bairro, construir suas casas e novas famílias, crescer em meio aos amigos e familiares, dentre tantas outras possibilidades.

É ilustrativa a história de uma adolescente mãe de três crianças, cada uma de um pai, que eram vítimas de maus tratos e da fome. A jovem de 22 anos, rebelde, sozinha com os filhos; sem a presença da mãe em sua vida, colocou-se numa enrascada na última semana. Durante uma das costumeiras brigas com o homem que era o pai de seu mais novo filho, ela teve a violenta idéia de arremessar a criança pela janela, na frente do homem. Ao ver o filho sangrando o homem começou a ter um infarto e foi levado ao Hospital João Batista Caribé, em Coutos, chegando lá morto. A própria jovem ficou com medo do que acontecera e saiu correndo. O homem foi enterrado na 2ª feira (o fato aconteceu num domingo) e a sua família e a comunidade do Boiadeiro já estão tomando “providências” para dar cabo à vida da jovem, que, nestes dias, está trancada em casa, tentando fugir do seu trágico destino. Por ironia do destino a criança, nos últimos meses, estava sendo acompanhada por uma equipe de uma creche e conseguiu superar uma desnutrição grave. A criança era tão debilitada que chegou a causar comoção em todas as monitoras da creche e pessoas da comunidade. Depois de alguns meses de tratamento, o menino está irreconhecível. Alegre, feliz, sorridente, até a jovem mãe havia mudado o seu comportamento, pois ela própria livrou-se de um início de tuberculose. Agora a família passa por grave impasse, talvez irreversível. Cada um vai para o seu lado; e a

jovem não fala mais, não anda pelas ruas do bairro, ou sequer encontra as pessoas ou faz as atividades domésticas (banho das crianças na rua, lavagem de roupas e pratos; limpeza de peixes, etc.). Ela já diz que vai entregar as crianças para outras famílias. Está com medo. Trancou-se em casa e vai mudar-se para um outro bairro. Sabe que sua vida está com os dias contados (Diário de campo do autor, 2002).

Essas situações a que denominei “desterro” estão presentes na vida de muitos dos jovens e adolescentes da comunidade de Novos Alagados. Esses processos de desterro conseguem retirar da comunidade muitos jovens, que depois não conseguem retornar a seu lugar de origem, tendo, então, que iniciar nova trajetória em lugares diversos, nem sempre em direção favorável, por exemplo nesses dois casos:

Há um jovem do bairro de Novos Alagados que durante o último mês do ano não pôde transitar por outras ruas com medo de sofrer alguma vingança por ter tentado interceder ante o assalto de um amigo seu, sem sucesso. Ele está “jurado” e não pode andar por outras ruas; seu medo é que o assaltante o vitime com armas de fogo. Há outros casos, como o de Marvin, que depois de ter sido jurado de morte pelos marginais do Boiadeiro, teve que fugir para o interior do estado da Bahia, deixou a casa na iminência da morte, mais uma forma de “desterro”. Sua ida contribui para o surgimento de novas possibilidades de trabalho. Tornou-se motoboy, mesmo sem ter a carteira de motorista (Diário de campo, 2002).

O “desterro”, como forma manifesta da violência, se apresenta de várias maneiras. Exemplifico algumas, dentre aquelas que têm chamado a nossa atenção. Algumas das características do “desterro” podem ser assim descritas: primeiro, apresenta uma exclusão e desterritorialização de um jovem dentro de seu contexto de origem, sem que ele possa transitar pela sua área. Depois, essa desterritorialização inibe as relações com o contexto externo à casa; há um desenraizamento do jovem na área onde habita; e, por fim, esse cerceamento da liberdade, onde o medo vai tomado conta dos espaços e das situações, deixando o jovem inseguro, sem poder transitar com relativa tranquilidade. Note-se que a desterritorialização vai proporcionar uma divisão do bairro em áreas que podem ou não podem ser transitadas pelos jovens. Essa divisão vai demarcar, por exemplo, ambientes por onde se pode caminhar ou não. A fragmentação das relações do jovem ou da pessoa desterrada com o espaço vai promovendo uma redução do campo dessas mesmas relações dos jovens com o mundo. Ou seja, não se consegue transitar pelo bairro de origem em virtude do medo.

O “desterro” gera instabilidade nas relações pessoais, com o contexto e consigo mesmo, pois o jovem, além de temeroso pela própria vida, não consegue conversar sem que o olhar se enviesse em busca de riscos potenciais à sua vida.

O “desterro” vivido na adolescência, juventude e idade adulta consegue segregar dentro de um mesmo espaço – bairro, rua, comunidade - pessoas próximas e ao mesmo tempo pertencentes a uma mesma realidade social. A segregação perpetrada pelo desterro vai minando as possibilidades de existência da dinâmica comunal que se vê no protagonismo das favelas e bairros de periferia, onde a organização popular sempre foi um traço marcante.

Um outro tipo de “desterro” poderia ser o “desterro coletivo” dos jovens que moram em algumas áreas e não podem ultrapassar determinados lugares. Quem mora numa área não pode ir até a outra, e se essa regra for quebrada, a pessoa pode sofrer danos à sua própria vida, a maioria deles irreparáveis, como agressões físicas em variados graus, até a morte. O “desterro” impede que as pessoas freqüentem, desfrutem e encontrem áreas de lazer que num passado recente eram atrativas e seguras para a visitação. Como exemplo indico o Parque São Bartolomeu, que está localizado na área do Subúrbio Ferroviário, entre Novos Alagados e Pirajá. O lugar, famoso por sua beleza natural, com matas, rios, cachoeiras e história, não pode ser visitado devido à insegurança, existência de assaltantes e pela realização de crimes em sua área, as chamadas “desovas”, pessoas executadas com requintes de crueldade, deixando os corpos à mostra em lugares desertos e de difícil acesso; ou mesmo sendo um lugar onde se realizam torturas em jovens e adultos que são presos, antes de serem levados a uma delegacia (Diário de campo, 2002).

Identifiquei outros dois tipos de “desterro coletivo” – a “lei do silêncio” e a “reclusão forçada”. São aqueles que vitimam os moradores de bairros periféricos onde as pessoas não podem transitar em determinados horários nem disponibilizar informações sobre crimes e criminosos. A “lei do silêncio” é uma prática muito comum nessas áreas, pois segundo essa lei difusa que todos respeitam e cumprem, ninguém pode revelar o que sabe sobre o paradeiro e as práticas de determinados delinqüentes e assaltantes da área, de modo que, se essa lei for quebrada, haverá uma série de vinganças que variam entre a morte e os ferimentos. A “reclusão forçada” seria o estar trancafiados, dentro da própria casa, com medo da violência que acontece nas ruas do bairro. Um exemplo bem ilustrativo seria a visualização das tantas grades de ferro que protegem as casas e os barracos dos moradores das favelas, isso sem contar com o aumento das oficinas onde os ferreiros estão a trabalhar constantemente para dar conta

de tantas encomendas que não param de chegar. Atualmente as grades fazem parte da estrutura das casas – nas janelas, nas portas, nos basculantes, nas fachadas, nos andares, etc. - como a parede e o telhado, significando que a concepção da casa como moradia está intimamente ligada à idéia de segurança/insegurança e proteção diante daqueles que praticam a violência no bairro.

Uma outra manifestação do “desterro” poderia ser aquela que impede a realização de trabalhos e desenvolvimento de atividades econômicas, sociais e culturais dentro da comunidade de origem, como o caso de um jovem que teve o seu irmão assassinado e, por este motivo teve que abandonar o trabalho que realizava como vigilante devido às tantas ameaças sofridas. Não pôde mais se locomover da casa para o trabalho com medo de ser vitimado pelas armas do assassino do seu irmão. O jovem teve que abdicar desse trabalho e, mais que isso, deixou de andar pelas ruas à noite.

Portanto, o “desterro” retira os jovens da comunidade quando estes estão envolvidos na delinqüência ou são ameaçados de morte, sendo mandados, geralmente, para áreas distantes como outros bairros e o interior do estado. Jovens que não são envolvidos com a delinqüência também podem ser retirados do bairro após sofrerem ameaças e riscos à sua vida.

O “desterro” retira as famílias da sua rua ou comunidade de origem, chegando a deixar para trás o patrimônio que construíram durante anos, como as suas habitações e vão para outras áreas da cidade ou do estado, tendo que recomeçar a vida. Elas são retiradas das áreas geralmente por ameaças de portadores de armas, ou mesmo após algum crime contra alguém da família

O “desterro” pode ainda se configurar como uma constatação deste sentimento de desamparo das pessoas que pertencem aos estratos mais pobres da população, ou, numa possibilidade mais ampla, de todos os setores da população que estão expostos à violência, mesmo tendo condições financeiras maiores que as pessoas de outros setores. Posso afirmar que, com a experiência do “desterro”, a vida não tem mais o mesmo sentido no modo de expressão e de relacionamentos, se restringindo a pequenos espaços e poucas relações.

Um fato ilustrativo dessa perda do modo de expressão dos sentidos da vida poderia ser o da mãe de um jovem assassinado por um grupo de extermínio que todo os anos fazia o seu caruru e convidava todas as pessoas da rua para participar. Após o assassinato do filho, na sua própria casa, a mulher adoeceu e não conseguiu mais fazer o seu momento de expressão religiosa e de doação com a comida, pois a violência promoveu a ruptura de suas tradições e modos

de interação com a comunidade e a religiosidade. Com o tempo, ela foi se recuperando, retomando suas atividades e práticas, mas demorou muito a retomar a sua expressão religiosa, que era de gratidão e, com isso, passou a carregar uma dor que ninguém apazigua, assim como o sentimento de injustiça que a acompanha (Diário de campo, 2002).

Há, também, o “desterro” dos jovens que se envolvem na delinqüência, na criminalidade. Essa forma de “desterro” se dá pela entrada na marginalidade e se completa com a saída forçada do bairro em prisões, onde há uma experiência maior de sofrimento e violência.

Outra forma de “desterro” ocorrida com os jovens, envolvidos na criminalidade, pode se dar quando estes são assassinados e violentados pelos mais diversos motivos, desde a posse de armas até o fato de realizar assaltos no bairro de origem e outras localidades.

Estou sendo muito enfático e quase repetitivo quando chamo a atenção para o fato de que a experiência do “desterro” sofrida na adolescência, juventude e idade adulta impede o livre trânsito das pessoas pelas suas localidades de origem. Pode parecer uma afirmação banal, mas, no meu modo de entender, há uma gravidade latente no fato de que as relações sociais e o trânsito das pessoas sejam impedidos dentro de suas próprias comunidades e/ou bairros de origem como uma consequência do sentimento de insegurança e instabilidade gerada pelo “desterro”.

O “desterro” pode significar um não pertencimento ao contexto onde a pessoa vive e estabeleceu as suas relações mais próximas, face a face, depois da família. O “desterro” poderia significar a restrição de estruturas de oportunidade no curso do desenvolvimento, particularmente por causa das seqüelas deixadas por acontecimentos violentos. O “desterro” acontece e continua a existir em muitos outros casos que aqui não foram abordados, os que aqui descritos o foram a partir do reconhecimento de casos que aconteceram em algumas ruas de Novos Alagados. A rua, o bairro, são contextos de desenvolvimento da sociabilidade dos adolescentes, fundamentais à experiência humana, que, com o “desterro”, ganha outros contornos, marcados pela exclusão.

À Guisa de Compreensão

Esses são alguns dos domínios presentes no contexto da favela de Novos Alagados, que se apresentam como fatores de risco e proteção ao desenvolvimento dos adolescentes. O capítulo teve por objetivo caracterizar alguns dos domínios do cotidiano, não

podendo abranger a sua totalidade, devido à amplidão do tema e dos muitos dados levantados ao longo da pesquisa. Aponto aqui, sinteticamente, algumas conclusões sobre as mudanças, os riscos, possibilidades e limites da adolescência em Novos Alagados, na atualidade. Essa síntese leva em conta a historicidade e as mudanças, das mais globais às mais localizadas no contexto, não reduzindo a dinâmica e a interação dos adolescentes com este contexto.

Muitas mudanças ocorreram no espaço da favela de Novos Alagados durante as duas últimas décadas, particularmente pelo acentuado crescimento populacional que expandiu os territórios da favela. Ao lado desse crescimento, a geração de moradores mais antigos, que deram origem às mobilizações comunitárias, foi pouco a pouco reduzindo seus espaços de ação, em virtude de muitos motivos, dentre eles a nova configuração das organizações populares que centraram suas ações na assistência, não mais levando em conta a participação comunitária. Além disso, considere-se o aumento da criminalidade e da violência perpetrada por assaltantes portadores de armas de fogo, que impõem seu poderio por meio da força.

Em síntese, a favela cresceu, e com esse crescimento, muitos problemas aumentaram, como o enfraquecimento dos vínculos sociais e os traços de solidariedade. Por outro lado, muitos benefícios foram sendo conquistados ao longo das décadas, como escolas, projetos sociais, postos de saúde, creches, urbanização da área, numa confluência tanto das antigas mobilizações comunitárias, quanto pela chegada de iniciativas do governo e das ONGs.

O que é o risco de ser adolescente hoje em Novos Alagados? Ser adolescente, atualmente em Novos Alagados, é estar diante de muitas possibilidades de risco e inserção, que podem ser direcionadas a partir de encontros e do favorecimento da expressão de habilidades e talentos pessoais que podem ser potencializados nos mais diversos espaços existentes. Enumero essas possibilidades e riscos.

Há acentuados riscos para os adolescentes, particularmente quando há o envolvimento deles em atividades ilícitas como o uso de drogas, pequenos furtos e posse de armas, constituindo-se como um caminho, uma trajetória de marginalização, que, muitas vezes, tem culminado com a morte dos adolescentes e jovens. Outro risco dá-se pela presença, na área, de jovens com armas de fogo que, na disputa por alguns espaços e “bocas de fumo” (venda de drogas), começam a exercer um poder de morte sobre outros jovens, cerceando seus espaços e mesmo ameaçando-os ou levando a termo algumas dessas ameaças. A violência armada - muitos assassinatos continuam a acontecer - aumentou nos últimos anos e tem-se caracterizado pela existência de jovens delinqüentes possuidores de armas de fogo que têm vitimado muitos outros jovens, mas pelas mais variadas circunstâncias: uns em trocas de

tiros entre policiais e os jovens delinqüentes; outros entre os jovens armados, e, por fim, por grupos de extermínio, sem autoria declarada. Considere-se ainda as precárias condições de subsistência; a perda do papel da escola como entidade socializadora e formadora; no aumento do desemprego dos adolescentes e jovens que ingressam na idade adulta, mas esperam programas de inserção profissional.

Ao longo dos anos, muitas das atividades direcionadas aos adolescentes foram se reconfigurando com a chegada de diversos projetos sociais na área de Novos Alagados, que promovem atividades específicas para crianças e adolescentes, de ambos os sexos. Com a chegada desses projetos sociais, muitos jovens começaram a ter a possibilidade de transitar por outras áreas da cidade, inserindo-se em cursos e projetos envolvendo cultura, educação e profissionalização. Dentre as possibilidades de inserção para esses adolescentes, posso indicar o crescimento dos projetos sociais que buscam propor uma educação mais inclusiva, utilizando elementos da cultura e da musicalidade baiana; o aumento do trânsito dos adolescentes por outros espaços da cidade e mesmo do mundo através da inserção em atividades culturais e esportivas; as possibilidades de inserção em atividades as mais diversas, em espaços educativos como os projetos sociais; o aumento da diversidade musical e inserção de adolescentes nesses contextos, quer seja no âmbito de projetos sociais, quer seja no bairro; no aumento das igrejas evangélicas e na forte presença do candomblé.

A escolarização, a partir de projetos sociais e educativos, incluindo cooperativas e reforços escolares, tem sido uma possibilidade de inserção e manutenção de jovens no ensino médio e mesmo na universidade, mesmo que haja um real enfraquecimento do ensino fundamental, nas escolas públicas. Essa nova possibilidade de escolarização tem sido realizada na área de Novos Alagados – e mesmo do Subúrbio Ferroviário - a partir de cursos afirmativos pré vestibulares para jovens afro-descendentes e desempregados, os chamados “quilombos educacionais”, direcionados a jovens que concluíram o ensino médio, conseguindo resultados satisfatórios em áreas como o Boiadeiro, onde uma quantidade considerável de jovens, cerca de quinze, conseguiram ingressar em universidades públicas e particulares, após a inserção nesses cursos. Outra alternativa de escolarização tem sido dada pelos projetos sociais que conseguem bolsas de estudos a partir de pessoas de outros países, geralmente europeus, para estudantes do bairro, que freqüentam o ensino fundamental e médio. Com essas bolsas e o acompanhamento sistemático dos dirigentes desses projetos sociais, algumas crianças e adolescentes têm tido a oportunidade de continuar e concluir os estudos em escolas particulares. Por fim, há a possibilidade de escolarização por parte de iniciativas que, a partir da inserção dos adolescentes em projetos relacionados à música e à

cultura, conseguem como que estimular o estudo desses adolescentes, que, para continuar freqüentando as atividades relacionadas precisam estar freqüentando o ambiente escolar.

A urbanização da área, iniciada na metade da década de 1990, trouxe a possibilidade de trabalho para alguns jovens, embora a maioria deles ainda continue a realizar trabalhos informais, como a venda de peixes, frutas, papelão e ferro velho (para a reciclagem), lavagem de carros em outros espaços da cidade.

As amizades coetâneas dos adolescentes são direcionadas para dois caminhos, um marcado pela inserção social e o outro pela marginalização. A inserção surge na perspectiva de amizades que experienciam aspectos positivos dentro do contexto, como companheirismo nos jogos, divertimentos e oportunidades (musicais, artísticas, culturais e esportivas); enquanto que, em contrapartida, outras amizades proporcionam o encontro com as drogas, os roubos, o envolvimento em quadrilhas, onde há um risco acentuado e crescente de óbito destes jovens.

Os relacionamentos com os adultos – educadores, assistentes sociais, instrutores, no âmbito de projetos sociais; homens e mulheres do bairro - mostram a possibilidade inicial de confronto, mas posteriormente de aceitação e criação de vínculos duradouros, recuperando até, neste sentido, referências que ficaram meio obliteradas na vida dos adolescentes. O encontro com novas pessoas, geralmente dentro de um contexto educativo, parece contribuir para ajudar os adolescentes a confrontar-se com novas experiências, que, com o tempo, fazem uma diferença significativa em suas vidas, a começar pela revelação de novas possibilidades e, depois, permitindo o estabelecimento de relações pautadas pelo respeito e pelo diálogo.

As figuras de referência para os adolescentes nas ruas onde moram, ou mesmo no bairro, parecem, num primeiro momento, estar relacionadas com os próprios adolescentes; depois com poucos adultos. As referências no bairro ficaram como que num segundo plano, por não existir a mobilização comunitária como existiu nas duas primeiras décadas de constituição e organização do bairro (1970-1980).

Constantemente há rupturas nestes encontros, pois é preciso, para que haja continuidade, uma permanência diante do encontro capaz de possibilitar mudanças na vida de ambos, educadores e adolescentes. A presença de adultos com formação superior ou mesmo com disponibilidade para escutar os adolescentes provoca neles um certo espanto diante da possibilidade de diálogo e aprendizagem. Nestes espaços educativos, geralmente os projetos sociais, há a possibilidade de interagir com adultos

diferentes, abertos ao encontro e ao objetivo educativo da instituição. O mesmo se pode perceber nas muitas academias de capoeira existentes em Novos Alagados.

A formação de vínculos com estes adultos dá-se, pois, através de rupturas e continuidades. Nos grupos de amigos, dá-se pela convivência e pelas experiências no bairro ou em festas. A ruptura mais encontrada relaciona-se com o assassinato dos adolescentes através de tiros ou outros tipos de morte. Há também as rupturas relacionadas a mortes, mal entendidos e brigas. Dentre as rupturas, a passagem da adolescência para a idade adulta apresenta riscos concernentes à inserção desses adolescentes em atividades fixas de trabalho e relacionamento.

O contexto de Novos Alagados, por outro lado, apresenta-se rico em relacionamentos para os adolescentes, desde a família até os grupos de amigos das ruas; desde os marginais do bairro até os educadores de projetos sociais e outros adultos de referência. Porém, não está clara a distinção entre a marginalidade e a vida pautada pelo trabalho. Os relacionamentos podem direcionar os adolescentes para uma ou outra dessas situações, constituindo-se ora como proteção, ora como risco.

Há uma necessidade de integração dos adolescentes em habilidades artísticas, culturais, esportivas, no trabalho e na família.

A prática de um **esporte** - no caso mais acessível é a capoeira - aparece como forma de integração para o adolescente. Essa integração se dá pela experiência feita pelo adolescente, de ter um referencial na pessoa do instrutor e de poder mostrar a sua arte e a sua cultura para pessoas de outros lugares, ajudando a quebrar certos mitos discriminatórios contra os pobres, negros e favelados. O esporte aparece, para alguns adolescentes, como a possibilidade de ascensão social, tendo em vista a existência de outros adolescentes que conseguiram, pela prática da capoeira, viajar e se estabelecer em um outro país, realizando apresentações e ganhando dinheiro com a prática esportiva.

O **esporte** parece oferecer aos adolescentes um referencial masculino que muitos não conhecem em suas histórias; com todas as tensões possíveis e existentes, eles reconhecem ser o instrutor uma presença importante em sua vida. Ao lado da capoeira, mais como diversão, aparece a prática do futebol e outros jogos, nos quais muitos adolescentes se integram.

A **música** aparece como forma de integração e de valorização de si, a partir de um saber que o adolescente tem. Devido à música, os adolescentes afirmam-se numa experiência de protagonismo. Essa experiência fica evidente na elucidação da grande

quantidade de grupos musicais, apresentações e a inserção em diversos grupos, onde os adolescentes conseguem se integrar dentro e fora do projeto social e do bairro. A música continua a exercer como que um fascínio nos adolescentes; é um espaço onde eles conseguem se afirmar na prática de uma atividade que lhes dá prazer e contentamento.

O **trabalho** tem uma dupla realidade: integra e desagrega os adolescentes. A integração nasce pela possibilidade de contribuir com a renda familiar e conseguir dinheiro para seus próprios gastos com alimentação, roupas e lazer. A desagregação aparece quando esse trabalho destitui o adolescente de outros compromissos da vida cotidiana próprios de sua idade, como a freqüência à escola ou aos cursos e outros locais educativos. Há a possibilidade de acontecer, em meio à experiência do trabalho, a exploração, dada pelos baixos rendimentos oferecidos aos adolescentes e caracterizado pelas longas jornadas dedicadas aos ofícios de aprendizes em oficinas, marcenarias, ajudantes de pedreiro etc.

Quanto à **escola**, onde as habilidades acadêmicas são vistas como ideais, há uma impossibilidade de acompanhá-la, quer seja por uma ineficiência da própria escola (métodos, despreparo docente, falta de estrutura), quer seja por uma inadaptação dos adolescentes às suas regras (disciplina, limite, ordem, falta de referências adultas etc.) Também os adolescentes reconhecem nela uma possibilidade de ascensão social através da associação de maior escolaridade a melhor emprego e renda.

Os adolescentes, mesmo sabendo de suas limitações no ambiente escolar, desejam algum tipo de realização nesse contexto, existindo um abismo, no entanto, quando procuram os meios para atingir tal objetivo. A escola parece estar distante dos adolescentes, basicamente pelos seus métodos e pelas regras que impõe. Isso não quer dizer, no entanto, que não existam aqueles jovens que conseguem completar o ciclo do ensino fundamental e médio. Aqueles, apoiados por pessoas ou projetos sociais, conseguem completar o ensino médio e até almejar a universidade - e chegar a ela - através de cooperativas educacionais que oferecem cursos pré-vestibulares.

Na **família**, por fim, os adolescentes encontram-se engajados em relacionamentos mais estreitos com a mãe, sendo que, neste contexto, o trabalho para ajudar a família ou a freqüência a um projeto social no qual se ganha uma cesta básica, ou uma bolsa (contribuição financeira), são vistas como uma contribuição importante para a manutenção da família.

Este capítulo teve por objetivo caracterizar a favela de Novos Alagados ao longo de sua história, personagens, mobilizações e práticas culturais, focando as descrições nos

fatores de risco e proteção, entendidos aqui numa perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), como espaços, atividades, contextos e pessoas, recursos do contexto disponíveis para os adolescentes que nela residem. No primeiro momento apresentei os espaços de socialização ao longo da história com registros em diários de campo; no segundo momento, na conclusão do capítulo, procurei apresentar a continuidade desses contextos, indicando como eles se apresentam na contemporaneidade.

Espero ter atingido o objetivo proposto, mesmo reconhecendo a complexidade de tal empreitada. Em caso de haver a necessidade de aprofundamento sobre a história de Novos Alagados, segue em anexo, no apêndice A, uma síntese histórica da formação e mobilização comunitária nas décadas de 1970 e 1980.

AS TRAVESSIAS - OS CASOS

Este capítulo apresenta os quatro casos dentro do contexto cotidiano por onde transitam os adolescentes; suas interações, experiências e relações com estruturas de oportunidade (fatores de risco e proteção), presentes ao longo de sua trajetória.

Cada caso é apresentado como uma narrativa, em dois momentos, demarcados entre os anos de 1994 e 2003. Cada narrativa é composta por uma estrutura que abarca dois movimentos específicos: 1) a percepção dos próprios adolescentes sobre os fatores de risco e proteção presentes em suas vidas, com base em transcrições de entrevistas realizadas em 1994; e 2) o percurso do adolescente até o ano de 2003, descrito a partir dos cadernos de campo do pesquisador, das informações levantadas no bairro e de novas entrevistas com estes adolescentes, delineando, deste modo, suas trajetórias.

Assim, este capítulo apresenta os adolescentes inseridos no contexto, aqui demarcado de acordo com as mesmas dimensões descritas no capítulo anterior pela família, grupos, violência, organização comunitária, subsistência, projetos sociais, religião, música, exército e “desterro”, dentro do complexo e dinâmico contexto da favela urbana de Novos Alagados.

CASO 1 - P.L.S., AOS 18 ANOS, 1994.

“Eu era um vendedor de ônibus, então aconteceu uma coisa muita extraordinária. Um ladrão tentou levar o meu chocolate e pediu o meu dinheiro e eu disse: “não posso dar porque eu ajudo a minha mãe e não tenho como sobreviver” – essa é a minha estória da minha vida” – P.L.S., 8 de setembro de 1994.

P.L.S. nasceu a 31 de outubro de 1976 e tem 18 anos. É um jovem de cor parda, de cabelo “sarará miolo”.

“Meu nome é P. L. S., tenho 18 anos, moro lá no Boiadeiro, sou irmão de Antonico” (P.L.S., 18 anos).

P.L.S não conheceu o pai, sendo esta uma marca que carrega desde muito tempo e expressa a todo momento, como nesta fala que abriu sua entrevista:

“Rapaz, meu pai eu não posso nem dizer nada porque nunca vi meu pai na minha vida. Meu pai desde quando eu nasci não me registrou, nunca vi; nunca me trouxe nem amor nem alegria. Então, pra mim não existe pai. Eu não posso dizer mais nada porque pra mim meu pai não é mais nada” (P.L.S., 18 anos).

A figura paterna dá-se como uma ausência e geralmente é marcada por certo ressentimento. Aliás, anos depois, fui informado de que P.L.S. sabia onde morava o pai, mas este não o reconheceu como filho.

Na infância, P.L.S. se achava muito rebelde, um menino difícil de ser controlado, em constante conflito no relacionamento com a mãe. Na adolescência, após passar um período afastado dela (fato relatado mais adiante) ele desenvolve um outro tipo de relacionamento com a mãe, pautado pelo respeito e confiança. Diante de seu comportamento na infância, o adolescente vislumbra uma possibilidade de mudança que ocorre com o seu crescimento.

“Então, antigamente, quando eu era pequeno eu não faço assim como eu fazia não. Eu era muito rebelde, respondia minha mãe. Teve uma vez mesmo que quando eu tava na creche, minha mãe pegou, botou o colchão de mijo na minha cabeça, dizendo que que eu era mijão, aí eu me danei, larguei o colchão, joguei o colchão no chão, saí correndo e os caras ficou me chamando de “mijão, mijão, mijão!”. E tudo isso aí foi passado em minha vida e muitas coisas aconteceu e eu já tomei quedas; quebrei minha cabeça, já fraturei o fêmur. Já passei por muitas coisas na vida, mas hoje em dia tudo dá pra se recuperar” (P.L.S, 18 anos).

A mãe é uma presença que apazigua e orienta, provoca o adolescente para o encontro com o mundo. Ajudar essa mãe aparece como parte de seu projeto de vida, pelo fato de que é dela que lhe vêm o acolhimento, a assistência, o incentivo, o ensinamento, o conselho e o diálogo.

A presença da mãe é, neste sentido, orientadora de sua existência. É dela que parte o apelo para a inserção do adolescente no mundo do trabalho, por exemplo. A experiência da mãe, como referência, aparece na fala de P.L.S, como aquela pessoa com quem ele conta nos momentos mais decisivos da vida:

“Rapaz, minha mãe eu gosto muito dela. Quando eu começar a trabalhar eu vou ajudar muito a ela; não querer ver minha mãe em piores situações; não querer ver minha mãe em nada disso aí. Minha mãe vai ser o tudo em minha vida porque na hora que eu tô precisando dela, ela me ajuda; quando eu caio doente

ela sempre me dá a mão, me dá tudo e não tem pressa d'eu começar a trabalhar. Mas dá força assim: “Vá logo rapaz procurar um trabalho; vá procurar um trabalho porque você quer que o trabalho venha até você?” aí eu vivo dizendo: “Não, o trabalho não vai vim até a mim, mas eu vou parar pra pensar, pra depois o cara resolver fazer” (P.L.S., 18 anos).

A convivência mostra-se conflituosa pelo confronto de idéias e de parâmetros diferentes diante da vida, mas nunca chegando a um irrestrito antagonismo, antes como uma possibilidade de troca e de diálogo. A mãe, para P.L.S., aparece como cuidadora, ou seja, aquela que compartilha os momentos difíceis e oferece os cuidados, socorrendo o filho nas necessidades, fato aqui exemplificado relatando o momento em que este jovem teve um princípio de cólera¹²:

“Rapaz, foi assim: eu tava pescando siri, aí me deu uma vontade de comer siri cru, aí eu quis comer o siri cru. Aí eu fui pra casa, eu tava trabalhando de vender salgadinho, aí eu fui na feira, não tava sentindo fome, não tava sentindo nada; fui na feira pra comprar mercadoria pra eu vender. Quando eu cheguei na feira eu passei mal, a vista começou a escurecer e eu esfriar, esfriar, começa a suar frio, dai começou a escurecer e escurecer tudo as vistas, aí me pegaram, me deram um copo com leite com açúcar e sal e um pão com manteiga, eu comi, fui melhorando um pouco, melhorando, aí eu peguei e não comprei mercadoria, vim pra casa.. Quando eu cheguei no ônibus aí eu comecei a passar mal de novo; aí eu comecei a dormir, quando foi de manhã, quando foi de madrugada do outro dia eu tava magrinho, magrinho, parecendo um osso, não agüentava nem falar. Aí a minha mãe, né, levou primeiro pro PAM de Roma, aí não deu jeito. Chegou lá no PAM de Roma me deram uma injeção e não deu jeito nenhum. Quando eu cheguei em casa, botei um verme bem grande pela boca e – como é o nome? - aí minha mãe viu uma coisa assim fedendo em minha boca, aí comecei a ... aí minha mãe foi na casa da minha tia de manhã cedo, cinco horas da manhã, desceu, foi na casa da minha tia. Aí pegou o cartão de meu primo P., da Promédica e me levou pra Promédica, chegou lá me botou lá dentro, me deixou logo no soro. Aí chegou lá disse que o meu problema que eu tinha era princípio de cólera, que eu podia até morrer, mas, por sorte, minha mãe cuidou logo de mim, aí fiquei vivo com a força de Deus” (P.L.S, 18 anos).

Talvez seja por esse motivo que ela é olhada como uma pessoa merecedora de ser ajudada, de ter uma vida melhor, quando ele começar a trabalhar. O adolescente conta com essa presença e a valoriza, como deixa bem claro na sua fala.

Apesar das rupturas no caminho, o encontro com a mãe serve, para esta, de ponto fixo para orientar a trajetória do filho. Há como que um recomeço diante de situações de desfiliação.

¹² Em 1994/95 houve alguns casos de cólera em Novos Alagados, amplamente divulgados pela mídia impressa.

P.L.S. viveu alguns anos separado da mãe, morando na casa da tia residente numa outra favela de Salvador, circunstância que implica um início precoce de sua vida de trabalho. Ele relata ter sido obrigado a trabalhar desde muito cedo. Essa separação da mãe o fez ficar muito apegado a ela durante a adolescência, quando se reencontraram e voltaram a morar juntos, por ela ter se tornado a pessoa com quem mais conta diante de qualquer dificuldade, problema ou doença.

Essa separação se caracterizou, portanto, como uma experiência relacionada ao sentimento de desfiliação e ao trabalho na infância devido a dificuldades financeiras. Em outra residência, teve que contribuir com o seu trabalho informal com a tarefa de vendedor ambulante de água sanitária nas ruas, susceptível aos riscos que esse trabalho supõe.

“Quando eu era pequenininho eu me lembro que eu morava com minha mãe. Até os 12, até os 08 anos foi assim. Aí eu fui trabalhar com a minha tia, de vender Qboa. Aí eu passei vender Qboa, vender Qboa até os 15 anos de idade. Com 15 anos de idade eu vim para cá, de junto de minha mãe e até hoje tou aqui de junto de minha mãe. Rapaz, a primeira vez foi quando eu fui vender Qboa na rua. Eu saía gritando nas portas; “- Ô, a Qboa, ó a Qboa!”, depois eu fiz freguesia. Aí foi passando a vontade em mim, eu fui enjoando de vender Qboa, enjoando mesmo, aí a enjoação foi chegando, eu vendia pouco. Quando eu vendia pouco minha tia chegava e fazia a gente trabalhar pra eu recuperar o dinheiro e tinha que trabalhar no Paes Mendonça, aí eu carregava compra, ajuda, e meio dia dava lá (o dinheiro) e ainda apanhava, tomava “bolo”. E tudo isso aí era mais por causa do trabalho, então até hoje eu sou um cara assim que pensa em ter tudo com o meu trabalho; que penso em trabalhar, ter tudo assim, penso em ter tudo por causa disso aí, devido a essa história que eu vivi quando era pequeno”(P.L.S, 18 anos).

A experiência da infância de P.L.S é marcada pelo trabalho precoce, pelo sentimento de desfiliação, injustiça e pela experiência pessoal do que ele denomina de rebeldia, por ter sido uma criança inquieta. A sua descrição fixa-se em relatar fatos que para ele ficaram conotados como violência. Demonstra também uma certa capacidade de superação da dificuldade, quando descreve como conseguia a freguesia para vender a água sanitária, constituindo uma possibilidade de responder à necessidade urgente de realizar o trabalho recebido como encargo, com o objetivo de não sofrer represálias - no caso, o sofrer violência física e psicológica, como privação de alimentos e impedimento de transitar pela rua, ou de assistir a televisão. Emerge de sua fala a percepção da exploração de seu trabalho quando a tia, diante da pouca vendagem do produto, exige que ele faça outro trabalho para recuperar o dinheiro, tendo que ir trabalhar como carregador de compras em supermercados.

É interessante notar que o trabalho, para P.L.S., é uma implicação do seu querer, pois, quando fala da “enjoação”, percebe-se que há nele um inconformismo diante da situação. Ao mesmo tempo, há uma certa rebeldia que lhe permite manejá-la e que se mostra desde a infância como um recurso pessoal.

Há uma certa avaliação, expressa pelo adolescente, de que o trabalho pode ser uma atividade necessária para ajudá-lo a adquirir bens de consumo.

A presença da violência familiar, enquanto mecanismo de punição e coerção, se dá na menção aos “bolos” que tomava, quando não conseguia vender a água sanitária como esperava sua tia. O “bolo”, expressão verbalizada por ele, é a designação comumente utilizada para falar de palmadas, um tipo de espancamento que os adultos aplicam na palma da mão das crianças, quando estas fazem coisas consideradas erradas pelos adultos, uma espécie de punição.

Jovem de muitos amigos e inimigos, P.L.S. é conhecido pela facilidade de comunicação ou, como se diz na gíria local, ele é um “boca de radiola”, ou seja, alguém que fala demais. Por essa característica ímpar ele conseguiu alguns inimigos na sua trajetória, mas nada que lhe tirasse o sono, ou que uma temporada na casa de parentes em outros bairros não resolvesse.

Essa desinibição com as palavras fez de P.L.S. um conquistador: namorou muitas meninas da área, chegando a ter alguns filhos com elas, geralmente não reconhecidos.

“Eu tava namorando com uma menina que chama E. e que peguei, pratiquei sexo com ela, né? Ela engravidou e perdeu. Tive com outra menina, chamada K. e agora D., mais outra que eu pratiquei muito sexo. As meninas, tudo aí, tem oportunidade de praticar sexo. Eu mesmo nunca vou perder essa mania de praticar sexo com mulher porque é uma coisa muito gostosa de nossa vida, mas eu sei o prejuízo que eu posso tomar, mas eu sei tomar minhas providências” (P.L.S, 18 anos).

As suas experiências sexuais são pautadas pela iniciação com as meninas e depois com um homossexual da área, em troca de presentes e dinheiro. Neste caso, houve um consentimento velado de sua mãe, prática muito difundida na área, essa da exploração sexual de adolescentes:

“Rapaz, a minha primeira experiência foi quando eu conheci uma menina chamada P., no Uruguai. Eu não sabia que ela era de praticar sexo não; eu pegava,, namorava com ela; namorei, namorei, depois eu, a 1ª vez que eu pratiquei sexo com ela eu peguei gostei aí também depois eu não pratiquei mais. Aí quando eu cheguei aqui no Boiadeiro. eu peguei e comecei a praticar,

foi o início da minha prática. Eu já fui chamado por muito viado daqueles ali, caras homossexual pra eu pegar eles, mas só que o único homossexual que eu cheguei a pegar e praticar só foi mesmo D., porque minha mãe gostou dele, porque ele me dava umas coisinhas assim, um dinheiro, me deu remédio, me deu uma gaiola, me dá dinheiro e todo sábado ele gosta, ele queria que eu fosse lá na casa dele, mas eu também não dava nem a mínima porque não podia mais curtir mais ninguém, e eu gostava de curtir mais mulher. Aí eu cheguei a praticar umas cinco vezes, mas fora disso aí mais nunca. Só” (P.L.S., 18 anos)

P.L.S mostra-se exigente nas conquistas e afirma ter amor por tudo o que possui, uma espécie de pertencimento à família:

“Rapaz, eu tenho amor por tudo o que eu faço. Tenho amor à minha mãe, tenho amor às minhas coisas que eu tenho: minha roupa, minha vida. Tenho amor a meu irmão pequeno, amor a todos meus irmãos. Tenho amor a toda a minha família. Agora, o problema é que o amor é uma coisa que engana, é uma coisa que é cego. Eu, certo, eu sou um cara simpático, não sou um cara feio, mas também eu gosto de umas meninas assim, que não são assim da minha qualidade, do meu estilo, um pouco mais feinha, mas é o gosto, velho; é o gosto do cara. Talvez o cara tem gosto pra tudo. Tem um cara que é feio e gosta de mulher bonita e aí consegue pegar mulher bonita. Tem cara bonito que gosta de mulher feia, o cara pega mulher feia porque é o gosto dele. Então, isso é o amor pra mim... ” (P.L.S., 18 anos)

As amizades com outros adolescentes, os pares, emergem como os locais de socialização do adolescente, depois da família. Nesses grupos de pares se experimentam diversas maneiras de se relacionar com o contexto de Novos Alagados. O adolescente P.L.S apresenta uma descrição de envolvimento com dois grupos de amigos que estão envolvidos em pequenos furtos ou uso de drogas. É nestes grupos que ele vivencia uma experiência de aceitação, e, ao mesmo tempo, de solicitações de envolvimento em atividades de risco.

Na experiência de P.L.S. há movimentos caracterizados por uma aproximação-distanciamento com os outros adolescentes em situação de risco e marginalidade social. Essa dinâmica está presente em diversos momentos. Isto mostra que há nele uma integração no relacionamento com dois mundos distintos: um, o do adolescente “correto”, que nega o tempo inteiro o seu envolvimento com os delinqüentes da área; outro correspondente ao fato de que possa ser visto no meio de diversos grupos que são conhecidos e discriminados pela prática de pequenos furtos, uso de drogas e uma vida marcada pela marginalização. Essa dialética pode ser compreendida na fala do adolescente a partir das descrições que dá da aceitação que experimenta nesses grupos, mas referindo também a distância que deles tem, quando se

trata de ponderar sobre o seu possível envolvimento nas ações que esses mesmos grupos praticam.

“É... Esse meu envolvimento aí com os caras... Eu andava muito com os caras: eles roubava, mandava eu segurar e eu segurava, mas dizer que roubar eu nunca roubei não, mas isso aí não é o problema e faz parte de um passado. Já passou e eu agora tô querendo viver o futuro, o presente, mas tudo isso aí pra mim é a maior besteira quando négo diz que eu tô envolvido, mas eu quero ver o melhor pra mim, minha mãe me tirou de certos tipos de amizade. Minha mãe só vivia me dizendo “essa amizade é ruim; essa amizade é ruim” e eu dizia: “não é não, minha mãe”. Depois que eu fiquei sabendo que a amizade era ruim eu me saí; pegou, minha mãe me tirou dessa... Ela viu que agora eu sou um cara assim, legal. Também não tenho preconceito com ninguém, não fico dando conselho pra ele, que ele roube ou deixe de roubar, problema deles: eles faz o mundo deles, eu tô fazendo o meu, como eu vivo dizendo a minha mãe: “mãe, faça seu mundo, que eu tô fazendo o meu”. Cada um faz o seu mundo. Eu tô fazendo meu mundo. Eu não quero o pior pra mim, eu quero o melhor pra mim, então não quero mais amizade nenhuma do Boiadeiro, Minhas amizades era B.¹³, R., N., esses meninos. Agora eu tô andando mais sozinho com A. A é o filho de Dona Coisinha. Eu nem ando muito com ele; ele que vai lá me chamar pra gente ir pra seu A, ficar ali na frente de seu A, (bar); agente vai dar uma volta ali no Boiadeiro, no pagode. Mas eu nem ando muito com ele porque ele vai trabalhar a semana toda e eu vou pro curso de manhã e de tarde venho aqui pro Boiadeiro; fico na porta do B. com a menina que eu pego, que eu namoro e é só.”(P.L.S., 18 anos)

P.L.S. mora no bairro de Novos Alagados, numa antiga palafita, onde, certa feita, construiu seu próprio barraco de madeira ao lado da palafita da mãe. Vive com a mãe e três irmãos – dois irmãos e uma irmã. Seu momento atual é caracterizado pela busca do primeiro emprego, pela continuidade de sua escolarização e sustentabilidade.

Seu envolvimento com os delinqüentes do bairro, tão negado por ele, é afirmado, por outro lado, pelos colegas do bairro, que o têm como uma pessoa que está na margem, entre a delinqüência e a vida pautada pelo trabalho.

Devido à sua proximidade com esses grupos de adolescentes envolvidos na criminalidade, o adolescente recebe constantemente acusações, por parte de pessoas conhecidas do bairro, de ser participante de pequenos frutos ou de ser usuário de drogas, o que ele nega com força e intensidade:

“Rapaz, eu nunca me interessei em pegar droga nenhuma. Já me ofereceram, uns amigos lá do B; já me ofereceu muitas drogas, mas eu nunca aceitei, nunca fumei. Não tenho vício, como eu já disse a você, não tenho vontade nem de fumar cigarro, que dirás o resto das drogas. Nunca cheirei,

¹³ Jovem assassinado pela polícia, freqüentou o projeto social 1 e foi meu aluno.

nunca disse nada a ninguém que tinha vontade de cheirar; nunca falei assim que o cheirinho é bom, que isso é aquilo. Nunca, nunca cheirei e vou viver assim sem nunca cheirar; nunca vou usar nada disso sobre droga.” (P.L.S., 18 anos)

Pelo fato de P.L.S. negar tal envolvimento, muitos afirmam que ele é mentiroso, porque não assume que usa drogas. Aos educadores, nunca afirmou ser usuário de drogas ou praticante de furtos.

“Minha mãe é assim, é legal, não fala nada, não fica assim, avexada comigo; e essas conversa que Antonico falou que eu tô envolvido com drogas, tipos de roubo que eu tô envolvido, pra mim é mentira porque antigamente, quando eu andava com certos tipos de pessoas errada, andava e era assim: eu ia pra festa – eles roubava os negócio deles lá e eu nem encostava. Eu sempre ficava de cá..., eu ficava mais só do que junto com eles; ficava mais a fim de curtir a festa. Nunca cheguei a pegar nada que é dos outros; nunca peguei mesmo, como é que eu vou dizer, nunca peguei nada que é dos outros, nem nunca vou pegar. Eles já pegaram, deixaram em minha mão, mas eu não sabia que era roubado não, deixava tudo na minha mão guardado, chegava aqui e entregava.. Quem dizer que eu já peguei coisa dos outros, eu nunca peguei, nunca meti a mão no que é dos outros; nunca puxei relógio; nunca meti a mão no que é de ninguém, porque isso é uma coisa que eu já parei pra pensar e já vi que muita gente já pensou mal de mim... ”(P.L.S,18 anos)

Alba Zaluar (1985), no “A Máquina e a Revolta,” vai descrever a linha tênue que separa o pobre trabalhador do pobre marginal (delinqüente). Isso implica, no caso de P.L.S., que ele consegue manter-se numa tensão constante entre os dois lados da experiência de ser adolescente em Novos Alagados. A vida sob risco o impressiona, mas ao mesmo tempo está presente uma outra tensão para alcançar um lado caracterizado pelo trabalho. A negação do envolvimento, mesmo diante da afirmação de outras pessoas, pode representar essa tensão – a palavra é esta – entre a possibilidade de dois caminhos para a sua vida. Há, por isso, um permanecer no limiar, entre uma vida marginal, no sentido de uso de drogas e roubos, e uma vida pautada pelo trabalho. A sua proximidade dessas pessoas fica evidente na continuidade de sua fala, apesar da negação:

“Lá tinha uma quadrilha, mas a quadrilha toda morreu. De dia eles ficava lá, falava comigo, com B., com todo mundo, então tudo faleceu. Também tinha um colega chamado V., ele era muito meu amigo, eu ia pegar guaiamum¹⁴ com ele; ia caçar. Arrancar fruta, jaca, esse negócio. Mas teve um dia que ele, que tava eu e

¹⁴ O guaiamum (*Cardisoma Guanhumi*) é uma espécie de caranguejo grande, de cor azulada que, ao invés do mangue (mar) vive em áreas de barro (massapê).

ele no ponto, ele pegou puxou¹⁵ um chapéu, depois ele puxou outro chapéu; aí ele tava mandando eu puxar um chapéu, eu peguei não fui puxar o chapéu. Aí ele ficou dizendo que eu tava ensinando ele a puxar o chapéu, aí eu peguei me saí dele, fiquei de mal com ele; aí o pai dele ficou me chamando de ladrão, que eu era ladrão, que não queria mais o filho dele comigo, e isso e aquilo, que não queria o filho dele comigo; aí eu peguei, fiquei de mal, não quis mais falar com o filho dele, não me interessou mais a amizade dele. Quando foi um dia, depois de um bom dia, depois de um bom tempo, aí o filho dele foi pego na Ilha de Itaparica, roubando. Tomou um bocado de porrada e aí foi que ele foi descobrir que o ladrão é o filho dele e ele nunca me viu envolvido no meio de nada, nem ninguém atrás de mim.”(P.L.S, 18 anos)

Em sua fala revela que ele, mesmo estando em companhia desses adolescentes, não afirma seu envolvimento, pelo contrário, considera-se aceito, acolhido e respeitado:

“Lá no Uruguai. eu vivia assim no meio de amizade, mas nunca dei pra puxar nada dos outros, nem pegar nada que é dos outros. Eu sempre tinha muitas amizades, amizade boa mesmo, que eu andava e ando até hoje; nunca me feriu, nunca me fizeram mal. Sempre que eu vejo me olha, diz “E aí, como vai?”, “Tudo bom?”, “Pô, cê sumiu; cê tá magro, porra bicho, tá morando aonde?”, aí eu digo onde eu moro. São caras muito legal; nunca fizeram nada contra mim. Toda vez que rolava uma festa lá eu ai, e se o cara quisesse brigar comigo, me bater, eles se metia. Todo mundo lá gosta de mim, qualquer hora que eu chego lá eu sou bem vindo... (P.L.S., 18 anos).

P.L.S freqüenta um projeto social em Novos Alagados, ficando sempre onde há música, de qualquer natureza: samba, pagode, sopros. Participa de um grupo musical no projeto social e de diversos outros. Sabe cantar – e canta com muita desenvoltura, chegando a parecer um destes jovens que lideram grupos de pagode disseminados na mídia baiana. Ele relata o seu encontro com o projeto social, identificando-o como uma realidade que o ajudou muito na vida, dando-lhe um lugar diferente daquele expresso pelo trabalho como vendedor nas ruas. É também o espaço onde ele readquire a possibilidade de voltar a freqüentar a escola, dando continuidade aos estudos.

“Rapaz, o projeto me ajudou em tudo. Me tirou d’eu vender, que eu vendia legal, trabalhava; me tirou de eu tá faltando aula; me ajudou na escola; que foi assim uma ajuda que eu tava na escola, tava péssimo mesmo, chega a professora me dando zero, agora não, muita ajuda que eu tive, aí eu na escola não falto, tô faltando uns dias porque minha mãe não foi pra reunião e J., [funcionária do projeto social] marcou comigo, 3^a feira à noite, pra ir eu, minha mãe e ela lá na escola pra poder me liberar pra eu poder ir na escola. E eu quero ver se eu passo de ano pra

¹⁵ Puxar é o mesmo que roubar, tirar à força.

estudar no I. [escola pública estadual] à noite, que vai ter de 5^a à 8^a série, na I. [escola], de noite. Então tudo isso aí o projeto me ofereceu. Eu ia sair do projeto com 18 anos, aí o suíço veio e disse que eu podia entrar, eu voltei pro PSI pra ajudar minha, pra eu não ficar dentro de casa sem fazer nada. Ou pouco ou muito uma cesta básica todo fim de mês eu ajudo. Dou, não brigo, é isso aí... ” (P.L.S., 18 anos)

Diante do desemprego, o projeto social lhe forneceu uma ajuda para o sustento da casa, constante de uma cesta básica. Ao fazer 18 anos, idade limite de permanência no projeto social, o adolescente conseguiu ainda permanecer aí por algum tempo, devido à intercessão de um suíço, o que o ajudou a continuar no projeto social 1 antes de conseguir uma oportunidade de trabalho. Transitando entre a “corda bamba” da marginalidade e da inserção profissional em subempregos e trabalhos temporários, P.L.S. sempre almejou a tão sonhada carteira assinada, o que, na sua impossibilidade de acesso, devido à baixa escolaridade e falta de oportunidades, o fez permanecer por mais tempo no projeto social.

Para este adolescente, o projeto social foi uma espécie de âmbito no qual houve a possibilidade de permanência e integração até a idade limite, mas, ao mesmo tempo, retardou seu encontro com o mundo adulto, diante da impossibilidade de uma inserção estável em um trabalho. Foi neste projeto que ele encontrou a música, que o ajudou a adquirir um senso de pertencimento e realização de sua expressão artística. Note-se a avaliação que ele faz de sua experiência na banda formada por jovens do referido projeto:

“A banda também foi uma banda muito decente, que se eu pudesse e que se todo mundo lá dissesse que poderia dar os instrumentos eu ia pegar, reunir os meninos, voltar a ensaiar, a ter os próprios shows; que disse que tem aí uma viagem pra três meninos da Banda, como disseram que era eu e Marvin, mas como Marvin não tá estudando, diz que Marvin tá faltando muito na escola, então vai botar outro e não sabe quem é o outro. Agora eu fico assim muito surpreso, eu já conversei, já tentou restaurar a banda, mas, cadê as condições? Cadê o dinheiro? V. não se esforça, não vai pedir a uma autoridade o dinheiro; ou então o próprio governador que deu instrumentos aos meninos aqui do São João, tudo isso faz parte das coisas que acontece aqui na vida.” (P.L.S., 18 anos)

Sua música de predileção é o pagode, uma atividade que o integra à vida do bairro, diante dos colegas, um espaço de socialização e afirmação de suas possibilidades:

“Enquanto eu tava tocando no pagode tava legal... Porque no pagode tava muita coisa assim; muita coisa mesmo no bar e tava... Quando eu tava eu ficava mais ansioso, com vontade de curtir pagode; ficava com mais atenção no pagode; tocava os instrumentos; ficava mais à vontade; ia para os

*lugares longe; fazia e acontecia e muitas coisas deu pra ajudar na minha vida.
Foi bem diferente do que eu era...*

*Essa música aqui é uma música que eu gosto muito de cantar, e ela
é ouvida em todas as rádios:*

*Vem neguinha vem sambar
Vem que eu quero te mostrar
Como samba o tcha, tcha, tcha
Hoje eu quero é requebrar
Olha aí que coisa galera
Essa é a história da Maria donzela
Oh que dó que tenho de Maria
Pega de noite e larga de dia
Na marreta do seu Elias
Ai se eu fosse seu José
Andava acordado de orelha em pé
Tomava cuidado com o Ricardão
Que Maria Donzela não é mole não
Hoi, hoi, hoi, tchuí, tchuí, tititi...
Não tem tititi
Não tem tcha tcha tcha
Hoje eu quero é requebrar
Quebra, quebra, quebra o ovo
Da galinha é o tesouro
Em luta, em luta segura meu irmão
Olha aí o Ricardão...*

*A gente trabalha o ano inteiro¹⁶
E o salário, ó... uma negação, meu irmão.
Eu gostaria de saber
Que o Brasil foi tetra campeão
Mas o salário ainda não
Não entro nessa de eleição
São candidatos de tumultos
É a galera do papatudo
Papou tudo, meu senhor,
O Plano Real que ainda não mudou
Não existe juros nem correção
E o salário, ó... uma negação.*

(P.L.S, 18 anos)"

P.L.S. foi preso durante um carnaval. A sua prisão mostra que mesmo com um conjunto de evidências que o levaram a ser preso o adolescente mantém-se firme nos propósitos de afirmar uma outra possibilidade de vida, diferente daquela que o coloca envolvido em pequenos furtos. Mas, segundo ele, tudo isso não passou de um engano.

¹⁶ TCHUÍ TCHUÍ (Tarcilinho) Grupo Samburika (1994-1995) Essa música tem uma crítica social muito interessante, é contextualizada socialmente, e cujo teor não foi repetido em nenhum outro pagode nem da época, nem da atualidade.

Passou alguns dias na cadeia, “de cueca e com frio”, mas não saiu revoltado. Assim, ele toma para si a vitimização, enquanto que aqueles que o prenderam são vistos como pessoas que ainda haverão de pagar pelo erro cometido.

“Na semana que teve o carnaval eu fui preso, mas só que eu fui preso por um... um acusamento que não fui eu; você sabe que tudo acontece no meio do bolo¹⁷, no meio de muita gente. Porque às vezes uma pessoa, até você mesmo passando, você passa, o ladrão vem de lá, rouba sua carteira, de quem tá na frente, a pessoa lhe acusa – e não tem mais ninguém de junto. Ele vai, lhe segura e diz que foi você, claro que ele não vai querer perder o dele, não vai querer perder o relógio dele. Ele vai querer dizer que foi você, que viu você e isso e aquilo e diz que foi você mesmo e aí começa a lhe incriminar, incriminar até você pagar o pato que você não fez. Mas quando você pagar o pato que não fez aí eles vão dizer assim: “Ah, pegou a pessoa errada; pegamos a pessoa errada; agora, e aí, o que foi que aconteceu? Eu fiquei sujo por uma coisa que eu não fiz; uma coisa que eu nem planejava fazer; nem me deu na cabeça d’eu fazer, nem diretamente eu quis fazer. Aí eles faz o que fizeram, né? Eu nunca mais andei no meio de barreira; eu tô andando, só ali no curso, depois na escola. Eu até não tô entrando na escola porque a minha mãe não foi pra reunião. A professora tá exigindo a mãe lá; eu só entro com minha mãe lá. Segunda-feira vai eu, J. e minha mãe lá no colégio...” (P.L.S, 18 anos)

Note-se que andar de “barreira” é estar em meio a outros adolescentes que geralmente compartilham experiências de marginalidade, em muitos casos chegando à constituição de quadrilhas. No bairro onde mora, P.L.S. também é solicitado para as companhias que ele mesmo tenta justificar como *outros*, sendo ele um diferente, que tem a capacidade de andar junto, mas jamais de misturar-se com *estes*. Do lado oposto, aparece a figura de uma funcionária do projeto social muito próxima de alguns alunos, o que mostra como a presença de outras pessoas possibilitava uma ajuda nas tarefas da maternidade, diante de problemas concretos com os filhos adolescentes, desde a escolarização a outras questões práticas e relacionais, constituindo como que a emergência de laços comunitários, vínculos sociais e redes de apoio social, que são acionadas em momentos de necessidade.

Os exemplos dos colegas e das “barreiras” que ele cita são todos de jovens que estão na marginalidade, sendo que a maioria morreu em decorrência da prática do extermínio, de perseguições policiais. Outros morrem em acertos de conta entre eles próprios, a exemplo dos “meninos do ponto”, que constituíam um grupinho de adolescentes que ficava no ponto de ônibus do bairro, assaltando as pessoas que ali iam pegar ônibus, ou roubando

¹⁷ A designação da palavra “bolo” aqui é a de confusão, muita gente junta, como se evidencia no carnaval baiano, por exemplo, neste contexto.

os bonés de quem estava nos transportes coletivos de janela aberta. Muitos deles foram mortos pela polícia ou em tiroteios entre si.

“Os meninos do ponto? Eu ficava ali no ponto esperando o ônibus pra sair; eles ficava lá, roubava, ficava lá conversando de junto de mim – e eu ainda falava assim: “Ô rapaz, vá pra lá com seu negócio, pra não pegar, sujar pra mim, que eu vou sair”. Eles nem sabia que eu era dali; eles ficava roubando, eu ficava ali; eles roubando e o foguete vinha pra de junto de mim, que não tinha nada a ver. Toda vez que eu ficava ali no ponto esperando o ônibus, era dona L. chegar – que ela vinha com peso – eu carregava os pesos de dona L., às vezes era D.; eu levava os pesos de seu D. Eu nunca cheguei a ficar ali naquele ponto coisando. Uma vez eu fiquei ali no ponto sentado, mas foi que eu tava conversando com E., A, e as meninas; eu ficava sentado conversando, mas nunca fiquei sentado ali pra dizer que eu me envolvia pra roubar ali não, que eu nunca roubei. Nem ali nem em lugar nenhum.” (P.L.S., 18 anos)

Os amigos do bairro e os meninos do ponto são exemplos dessa proximidade-distanciamento de P.L.S com relacionamentos de risco disponíveis para os adolescentes da área.

“No Boiadeiro eu já vi muita coisa.... Já vi ladrão roubando casas ali; rouba, roubo de relógio, mas eu nunca penetrei, me interessei. Já vi colega meu de andar assim começarem a roubar, roubar de novo e eu olhando assim, mas eu nunca me pressenti ali naquela coisa não porque eu já vi que ali não é lugar que preste. Aonde eu moro tá um pouco calmo, mas ainda pega pior pra gente, porque quem mora ali qualquer polícia que chega diz logo que é ladrão; eu então quero logo que minha mãe se mude pra T., porque nesse bairro é um bairro que fala muito mal dos outros e incrimina os outros sem saber; só sabe dar punhalada por trás; nunca diz na frente, nunca diz na cara. Nunca chega pra dizer: “Ó, fulano, você é isso? Você é aquilo?” Então fica nessa vida. Com que cara eu vou ficar, com que palavra eu vou dizer? Não posso dizer nada, eu fico sem jeito de responder. Nêgo diz aí que eu sou ladrão, que eu roubo, isso e aquilo. Mas eu não sou e nunca fui envolvido. Posso morrer ali, os outros pode me matar ali perguntando “Você já roubou relógio?”, eu morro ali, como é que eu vou assumir uma coisa que eu não faço; nunca vou assumir uma coisa que eu não faço. Só vou assumir o que eu faço” (P.L.S., 18 anos).

A sua relação com a escola formal é marcada por sucessivas idas e vindas, chegando a alcançar a 5^a série do primeiro grau, sendo que busca ir mais adiante nos estudos, identificando, nessa perspectiva, a possibilidade de uma vida melhor.

“A escola, eu quero ver se eu termino a 5^a série esse ano; quero ver se eu faço um supletivo pra eu tentar viver mais um pouco a vida, a minha vida

“sempre estudando será mais adequada com o estudo que eu puder assumir. Eu quero ver se eu faço pelo menos a 8ª série, pra eu poder fazer com o estudo avançado”(P.L.S, 18 anos)

P.L.S é um adolescente em transição para o mundo adulto. Em sua vida podemos perceber as marcas dessa travessia: a busca pela certeira assinada; o fascínio pelo dinheiro; a proximidade junto aos delinqüentes do bairro; afirmação profissional; experiências sexuais constantes, entre elas a troca de favores性uais por presentes e dinheiro; a violência policial, marcada pela prisão e a presença da polícia no bairro; a infância marcada pelo trabalho; o gosto pelas festas carnavalescas da Bahia e suas *micaretas* (festas carnavalescas fora de época), que acontecem em cidades do interior do Estado.

A sua rede de apoio social é composta pela família extensiva, destacando-se a presença da mãe, pelo projeto social e por grupos coetâneos dentro da comunidade – que podem constituir-se tanto como fatores de risco como de proteção.

P.L.S. identifica seu projeto de vida como um “sonho”, no qual estão presentes um trabalho fixo, boa renda, casa e mulher. Dentre as expectativas de P.L.S. quanto ao futuro há ainda um temor de que sua vida seja destruída por outras pessoas.

As relações que experiencia dentro do bairro, principalmente por causa da grande visibilidade da violência, são identificadas por ele como possibilidades de risco à sua vida.

Essa conotação de risco de vida para alguns relacionamentos somente pode adquirir sentido quando assume uma perspectiva longitudinal. Os projetos deste adolescente são todos positivos, “para frente”, poderíamos dizer. Ele quer, diante da situação de risco e vulnerabilidade, afirmar que tem que olhar para frente, buscando horizontes novos, afirmindo uma positividade diante da existência.

“Meu sonho é ter um trabalho fixo, recebendo bem. Ter minha casa, minha mulher, construir minha família, viver feliz para sempre, nunca ter ninguém pra cruzar meus caminhos; nunca ter muita violência, muita dívida na minha vida. Eu quero ser um cara muito correto e seguir em frente.” (P.L.S, 18 anos)

Em meio a tudo isso, continua a realizar pequenos serviços para comerciantes da área, como dona L., tendo como objetivo um trabalho fixo, com um bom salário, que lhe garanta o sustento.

P.L.S. acredita em Deus e afirma que Ele, de certo modo, será o único que poderá justificá-lo diante das injúrias que sofre neste mundo. Ele coloca Deus como um consolador diante dos mal entendidos que o adolescente sofre diante das outras pessoas, desde a injustiça

realizada com a sua prisão, até as pequenas maledicências, como as daquelas pessoas que afirmam que ele é um mentiroso:

“Deus pra mim é tudo. É quem me dá a vida; é o que me faz viver, é o que lembra o passado, é o que me ajuda na recuperação da minha própria vida e de tudo isso que tá se passando sobre mim. Deus olha pra tudo isso que nós fizemos. Deus sabe o que a gente faz errado e faz certo. E Deus sabe quem tá mentindo e quem tá falando a verdade. Então, desde quando eu sei que Deus sabe quem a fala a verdade e fala a mentira, porque desde quando eu vou mentir? Pra que necessidade eu vou mentir de uma coisa que eu sabendo que vai me prejudicar e então desde quando eu não tenho necessidade de mentir. Como tem négo que vive dizendo aí que eu sou mentiroso e isso e aquilo, que eu tenho um livro de mentira guardado em casa, ou então uma biblioteca – colega minha faz essa alugação¹⁸, mas nada disso pra mim revela os fatos não; tudo isso aí pra mim é mentira do pessoal.” (P.L.S., 18 anos)

P.L.S tem um discurso forte, totalizador, de quem quer sair vitorioso na vida. Isso reflete determinações e busca. Enfim, uma busca de emancipação, numa trajetória que se pontua pela possibilidade de inserção no mundo profissional, mostrando as necessidades de uma vida melhor:

P.L.S. é fascinado por roupas de marca: bermudas, sandálias, calças e camisas. Estas peças só valem se tiverem, como identificador de importância, etiquetas de marcas famosas, como *Mitchell, Costa Brava, Hang Loose, Puma*, dentre outras, o que o faz viver ostentando um poder - pelo uso dessas marcas - que o aproxima dos que detém dinheiro, dos jovens das classes média e alta, e lhe confere certo pertencimento a uma outra realidade social, mais distante da sua realidade.

“A minha vida pra mim é tudo... O que eu penso na vida é vencer e ser um cara trabalhador; ser um cara que não vai depender mais de ninguém; depender só do que eu fizer. E tudo o que for fazer não ser nada de errado, ser tudo de bom. Tudo assim... ser tudo legal, porque a maioria das coisas que os outros faz é tudo errado e eu não gosto e não procuro fazer nada de errado; eu procuro seguir em frente, o certo e cumprir o meu dever, e eu ligado que todo mundo que tá aqui tem uma missão. Quando termina de cumprir sua missão, segue seu caminho, né? É isso mesmo. Então eu quero só isso.”(P.L.S., 18 anos)

NOVOS ALAGADOS, 2003.

P.L.S. AOS 26 ANOS.

¹⁸ Espécie de perturbação, incômodo, o mesmo que uma pessoa “tirar sarro” da outra.

P.L.S. continuou sua busca de emancipação através de diversos empregos regulares, com carteira assinada, alternando momentos de drogadição e vagabundagem, ou melhor, uma perambulação pelas ruas de Novos Alagados, junto aos muitos amigos e namoradas que tinha.

Algumas vezes, se distanciava do bairro pelos motivos relacionados ao falar demais, o que gerava desavença entre ele e alguns colegas.

Continuou a estudar alguns anos, alternando momentos de evasão dos bancos escolares noturnos com retomadas da freqüência à escola.

É pai de dois filhos reconhecidos e alguns sem paternidade confirmada, sendo que há, neste momento do estudo, uma jovem grávida dele.

No último trabalho de que participou estava muito bem vestido, pois trabalhava em uma universidade particular de Salvador como office boy e auxiliar de escritório. Andava sempre com roupas de marca e sapatos.

Contava a todos que havia comprado um terreno na Ilha de Itaparica, e que nos finais de semana, iria para lá, já pensando em construir uma casa.

Continuava a gostar de micaretas, festas e de uma vida intensa., chegando a juntar dinheiro para viajar, ficando hospedado em casa de amigos e conhecidos.

Sua mãe e o seu irmão receberam novas casas com o projeto de urbanização de Novos Alagados, não morando mais em palafitas, possuindo uma casa na nova área urbanizada, casa onde ele, P.L.S., não podia ficar muito tempo, pois fora ameaçado por um marginal da área.

Ficou desempregado no final do ano de 2002. Enquanto esperava um novo emprego, perambulava por Novos Alagados o tempo inteiro, com as adolescentes e os jovens que o admiravam.

Uma tarde, seu cunhado foi alvejado por tiros disparados por um desafeto, um inimigo. P.L.S., ao ver o amigo no chão, vai ajudá-lo, contrariando os avisos do agressor, no sentido de que quem ajudasse o ferido seria também morto, e leva-o até o hospital João Batista Carybé¹⁹, salvando-lhe a vida.

Este gesto humanitário não fora assim compreendido pelo homem que tentara tirar a vida do cunhado de P.L.S. Na noite de 21 de janeiro de 2003, no conjunto Nova Primavera, em Novos Alagados, conjunto criado para receber os moradores das antigas palafitas da área do Boiadeiro e São Bartolomeu, P.L.S. recebeu vários tiros do mesmo homem que tentara matar aquele que ele salvou.

¹⁹ Hospital público mais próximo, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Nos braços do irmão, que habita numa das casas do novo conjunto, P.L.S. é levado para o mesmo hospital João Batista Carybé, mas não suporta as dores e vem a falecer no início da noite.

Essa morte causou uma enorme consternação no bairro, podendo oferecer uma visibilidade dos níveis de violência a que a área chegou em alguns períodos, como os de finais e início do ano, com a realização das festas populares e do verão. Nesses períodos, há uma grande movimentação dos jovens para conseguir dinheiro, utilizando os mais variados meios, geralmente recorrendo à violência, associada à posse de armas de fogo e uso das mais variadas drogas, combinação que aumenta, em muito, as possibilidades de agressão de moradores da favela, por parte desses delinqüentes.

Uma semana depois de assassinado, chega para P.L.S. uma correspondência, convocando-o para o reinício do seu trabalho na universidade; trabalho pelo qual tanto ansiava e esperava nos últimos meses.

P.L.S deixou, no período, dois filhos em gestação: um legítimo, que ele próprio afirmava ser seu, mas o outro não, tendo por mães duas jovens da comunidade.

Depois de tanto se esforçar na vida para não ter seu nome associado à marginalidade, P.L.S foi estampado no jornal como trabalhador e vítima da violência. O título da matéria dizia assim: “*Eletricista assassinado na Invasão do Boiadeiro*”.

Aqui está o nexo entre P.L.S. e a música (O meu Guri) que serviu de metáfora para este caso. Após a morte do filho, a mãe de P.L.S carrega consigo os jornais que noticiaram o corrido, com a foto estampada, tal qual a canção de Chico, indicando a inocência do filho, e que, de uma maneira mesmo dolorida, pode provar que ele “chegou lá”, culminando sua trajetória com uma morte injusta.

Cerca de um mês após a morte de P.L.S., o assassino estava a perseguir a irmã dele e o restante da família, o que leva todos a mudarem de suas casas por uns tempos.

CASO 2 – MARVIN, 16 ANOS, 1994.

“Eu moro na Bahia
Não moro em Salvador.
Eu vim de São Francisco
Malandro eu não sou.
Cortei o meu cabelo
Por causa do professor...”

Marvin nasceu aos 21 de junho de 1978, no interior do estado da Bahia, em uma cidade da região metropolitana, e tem 16 anos. Ele é o filho mais velho de uma família de cinco irmãos e uma irmã. Tem a aparência frágil, o corpo frouxo e o cabelo escorrido e liso, preto, tomado metade da face.

“Meu nome é Marvin, tenho 16 anos, moro em Salvador, na rua F. T. Moro numa casa que ainda não tá construída e assim ela é de frande²¹ e por isso eu não gosto dela” (Marvin, 16 anos).

É filho do primeiro casamento da mãe, cujo marido a abandonou quando ela estava na adolescência. A mãe casou-se, então, com um homem muito mais velho que ela, cerca de trinta anos de diferença; o padrasto é um pescador, desses homens fortes, como aqueles descritos nas canções de Caymmi e nas fotos de Pierre Verger.

“Eu nasci em Camaçari. e vim morar em Salvador com um ano de idade. A minha infância foi mais ou menos assim: brincando, sempre alegre, minha mãe só tinha eu e mais um irmão, Adilson. Aí depois foi se enchendo mais de filho... Meu pai nesse tempo era empregado com carteira assinada e tudo... ”

“De um tempo pra cá vem piorando a vida dele. Ele não tem agora carteira assinada nem nada, aí começou a sair umas coisa aí, o pessoal começou dizendo que eu tinha pegado um dinheiro de um rapaz que morava lá de onde eu morava, mas só que não foi eu, foi um colega meu que botou pra cima de mim. Eu sofri muito apanhando, sempre apanhava de meus pais, até que um dia eles mandaram eu pra o interior pra ficar na companhia de minha avó... Eu sofri muito lá; apanhava muito. Mesmo assim sem ter essa culpa nas costas eu vim pra cá de novo. Aí meu pai viajou e discutia com minha mãe, dizia que eu não prestava, que eu ia ser um ladrão, dizia muita coisa mas eu não ligava” (Marvin, 16 anos).

Marvin revela uma infância marcada pelo sentimento de injustiça, que se caracterizou por uma culpabilização por parte dos seus adultos de referência (padrasto, mãe, vizinhos) diante de um roubo, do qual ele diz não ter participado. Em decorrência desse episódio, além de levar a culpa e de ser castigado com surras pelo seus responsáveis, Marvin foi “desterrado” para o interior do estado da Bahia, vivendo na casa da avó, que continuou a tratá-lo de forma que “expiasse” a culpa pelo suposto roubo cometido, sendo lá tratado e educado rigidamente por ela, como um pequeno delinqüente. Sua história começa, pois, com

²⁰ Versos escritos por Marvin na contra capa do livro “Decifra-me ou devoro-te”, de autoria de Yara Ataíde, pertencente ao pesquisador.

²¹ Flandre são restos de ferro velho (velhas latarias de fogões, geladeiras e telhas de alumínio) que cobriam as paredes externas de sua casa.

um “desterro”, com uma separação da família, particularmente da mãe e dos irmãos. Para Marvin, a distância da mãe aparece, quando do episódio do roubo, como um afastamento que o impede de estar ao lado dela, mas, mesmo assim, não coloca barreiras diante dessa figura; pelo contrário, o seu trabalho de subsistência e a própria permanência no projeto social afirmam a continuidade do relacionamento com ela e sua família. A imagem da infância que fica para ele tem a forte presença da mãe.

“Quando saiu o boato que tinha roubado o dinheiro, nesse dia eu tava na porta do rapaz, que o dinheiro dele tinha sumido. Aí ele apontou logo pra mim, dizendo pra moça que viu eu pegando o dinheiro mais outro menino. Minha mãe nesse dia tinha até saído pro Lobato, me chamou e eu não quis ir. Aí eu saí chorando pra ponte, fiquei lá na ponte, de duas horas até oito horas da noite, até minha mãe chegar... quando eu cheguei em casa só tava meu pai lá e eu sabia que ele tava sabendo da história toda. Ele olhou pra mim e não me disse nada. Eu entrei, tomei banho, fiquei lá assistindo televisão, fui dormir... quando foi de manhã minha mãe me chamou e falou que meu pai tinha contado o abacaxi todo a ela, e era pra eu dizer a ela como foi que aconteceu isso, aí eu comecei a contar que eu tava lá mais o menino, mas só que eu não tinha roubado nada e não vi ele roubando nada. Aí o rapaz, seu J., disse que uma moça disse a ele que eu e o menino tinha pegado o dinheiro, e disse que esse dinheiro era a senhora que ia pagar... Eu perguntei a ele quem era a moça, ele não quis dizer, e assim se foi: muito menino não queria brincar comigo, os pais, as mães dele, J. mesmo, o irmão dele J., ninguém brincava comigo. Eu era rejeitado por todo mundo, qualquer lugar que eu passava os menino dizia “evai”²² aquele menino ali” e eu ficava muito triste... chegava em muitos lugar..., minha vida foi sempre assim... de amargura, de desgosto, só melhorou mais depois que eu fui por interior, eu voltei, muitas pessoas já tinha esquecido, não falava mais, brincava comigo, aí foi melhorando... E agora está bem melhor... ”(Marvin, 16 anos).

A infância de Marvin foi caracterizada pelas dificuldades econômicas (pobreza), no âmbito familiar e pelo desemprego dos pais, assim como pela existência de numerosos irmãos.

Ora, a infância é o tempo das primeiras experiências com contexto social mais amplo, a partir do trabalho informal nas ruas da cidade, em ônibus. Marvin oferece, desde criança, apoio financeiro à sua família através do trabalho, especialmente quando do desemprego de seus pais. Sente a necessidade urgente de contribuir com a renda familiar através de pequenos serviços prestados à vizinhança e do trabalho como vendedor ambulante, em ônibus, da cidade.

²² A expressão “evai”, ou “é vai” é um regionalismo e poderia ser lido “lá vai...”, indicando as pessoas que o apontavam na rua como um menino “marcado” por um fato.

Há a presença de alguns aspectos centrais na vida de Marvin nesse momento, dentre eles o trabalho e o projeto social, como forma de integração na comunidade e na vida da família. A escola parece estar sendo descartada.

“Eu comecei a estudar, vender no ônibus, não sempre, mas eu vendia caramelo, bombons, saía pra J., dona L., ainda nem saía pra dona M. Ai depois surgiu o projeto, eu entrei, comecei a trabalhar no silk screen, tomando curso, sempre eu ia, era difícil faltar, foi sempre assim legal, quando eu comecei a tomar curso no projeto” (Marvin, 16 anos).

A escola é a “pedra em seu encalço”. Ele não consegue freqüentá-la e já afirma não “ter cabeça” para tal, alegando que tem até dores de cabeça e não consegue apreender os conteúdos. Interessante notar que ele vê benefícios na escola, mas não consegue adaptar-se a ela, a sua rotina e seus ritos, ou seja, a escola é por ele vista como uma “coisa” boa, porém, ao mesmo tempo, ele reconhece suas dificuldades em enquadrar-se nesse ambiente:

“Escola pra mim, eu sei que é uma coisa boa, que a pessoa aprende muitos tipos de coisa; aprende a falar melhor; tem um grau bem alto pra procurar um emprego bom, mas eu não vou mentir, eu não gosto muito de escola não, porque eu acho muito cansativo e também eu fico com vergonha e também quando eu tenho alguma dificuldade quando eu vou fazer os deveres, ainda mais quando é na sala de aula; a professora reclama comigo também e eu fico todo acanhado; muitos alunos fica olhando pra mim e eu não gosto, acho que é por isso que eu não gosto da escola, às vez eu sinto até preguiça de ir. Eu sei que a escola é uma coisa muito boa, muito boa...” (Marvin, 16 anos)

A vida de Marvin evidencia a busca pela subsistência do adolescente através das atividades de biscoates (atividades laborativas esporádicas). Isto representa a continuidade de práticas de subsistência que acompanham os adolescentes desde a infância, sendo essa uma prática que, mesmo existindo subsídios governamentais e contextuais, com incentivos a projetos sociais para a erradicação do trabalho infantil e para que suas consequências sejam minimizadas, persistem ante a necessidade de obter dinheiro para a manutenção das proles em famílias pobres como a dele.

Desde muito cedo, Marvin foi acostumado ao trabalho e a maior parte do tempo está ocupado, ajudando pessoas da comunidade, geralmente velhas senhoras que necessitam de pequenos serviços aos quais ele se dispõe, como um *office-boy*. Com isso, ajuda a manter a família e a criar seus irmãos menores, o que lhe deu um grande senso de responsabilidade e uma adultização precoce. Marvin tem a vida marcada pelo trabalho.

Marvin tem um pendor para o desenho e outros dons artístico-artesanais, sabendo desenhar e entalhar a madeira, esculpindo figuras e detalhes em portas, janelas e sacadas. O encontro com o projeto social e a existência de cursos profissionalizantes envolvendo o desenho, ampliou-lhe o dom. Em uma de suas visitas, presenteou-me com um entalhamento, em tamanho reduzido, do quadro *Abaporu*, de Tarsila do Amaral.

Mora com a mãe, o padrasto e os irmãos numa casa em Novos Alagados que o envergonha muito, devido aos materiais utilizados na construção: flandres de velhos fogões coloridos e lonas pretas, dando toda uma característica de pobreza que o deixa triste e queixoso, pois seus colegas diziam que ele morava numa casa de lata.

Marvin considera o bairro onde mora violento, tendo presenciado muitas cenas violentas ao longo dos anos. Testemunhar essas cenas, geralmente culminando na morte de pessoas e jovens conhecidos do adolescente, é uma constante em sua história. Há, por parte dele, uma certa naturalização deste fenômeno, particularmente num reconhecimento da realidade social marcada pela delinqüência e pelo crime, contando sempre com as ações policiais que culminam com o extermínio dos marginais e delinqüentes. A figura do bandido aparece, geralmente, na visão da criança, como a do benfeitor, ou seja, aquele que protege a comunidade diante dos próprios marginais do bairro e de outras áreas, assim como da polícia. Na adolescência essa visão torna-se mais crítica, quando há a percepção de que a morte das pessoas envolvidas é uma das únicas possibilidades levadas a termo.

O adolescente afirma que muitos de seus amigos já caminham na direção do crime, como se isso fosse um caminho irreversível, mas, ao mesmo tempo, quase uma opção destes jovens. A morte de assaltantes e delinqüentes aparece também envolta numa natural aceitação por parte dos moradores, à qual o adolescente parece estar acostumado. Convive com a marginalidade do bairro, mas não tem envolvimento com os jovens, tendo conhecido muitos que morreram. Marvin presenciou muita violência e tenta retirar dessas visões a possibilidade de não entrar neste caminho.

“Eu cresci no Boiadeiro mesmo... que é muita morte, sempre morria alguém de batida de carro. Hoje é mais de tiroteio com polícia e ladrão. Conheci também muitos ladrão... Sempre tinha tiroteio na rua... morria várias pessoas, até pessoas inocentes que não tinha nada a ver com o que eles fazia. Eles roubava lá o bairro; eles deixou de roubar porque tinha o chefe de quadrilha chamado J., quando algum pessoal da gangue dele roubava lá, ele batia, dava tiro, às vezes até matava... Por isso que ninguém queria roubar mais lá, aí foi aquietando, todo mundo gostava dele, ... quando ele morreu todo mundo sentiu a falta dele, o pessoal do bairro todo”

foi pro enterro dele, mas os colegas dele? Tinha alguns que os moradores ainda gostava, mas os morador gostava mais dele... Ele era um cara bem legal...

Desse tempo pra cá que ele morreu foi tendo mais violência ainda. No ponto mesmo é um lugar de tráfico de drogas, muito tiro sempre... menino assim do meu tamanho roubando... Hoje tem muito que ainda rouba, mas a maioria deles já morreram, mas mesmo assim onde eu moro tá continuando a mesma coisa, sempre, eu acho que nunca vai se acabar: tem menino que tá fumando maconha, cheirinho, muitos tipos de rogas, completamente também já estão no crime, eu conheço muitos amigos meu que sai cedo pra roubar... as mães nem sabe... Conheço muitos: P, Z, P, S, C., M e outras pessoas também... tem muitos... eles fumam maconha e tudo, já me chamaram e tudo, mas eu nunca fui, graças a Deus..." (Marvin, 16 anos)

Marvin considera o projeto social como um fator importante em sua vida. Ele foi chamado para participar do projeto social por um colega que logo depois veio a falecer, eletrocutado nas palafitas, enquanto subia, molhado, das águas da maré, e após tocar nos fios elétricos que passavam por baixo das pontes :

"Quando eu entrei no projeto, eu entrei mais porque o finado A, o menino contou a ele que tinha um projeto lá que ia ser fundado. Aí ele ficou doido pra mãe dele botar ele, aí a mãe dele foi lá e botou ele; aí chegou pra minha mãe e falou, aí a mãe dele chamou a minha mãe e minha mãe me botou no projeto. Meus dias era Segunda-feira e Quarta-feira, e eu tinha recreação dia de Sexta-feira, e dia de Sábado eu tocava na Banda. Era muito legal pra mim, agora eu só acho que mudou pra mim depois que ele morreu, porque era um cara que eu brincava muito com ele, gostava muito dele; a gente brigava sempre, mas mesmo assim eu gostava dele e ele gostava de mim. E eu fiquei mais assim chocado porque eu vi ele morrendo e tudo "(Marvin, 16 anos).

Para Marvin a entrada no projeto social foi um fato ordenador, um diferencial - com uma rotina, um espaço para o seu desenvolvimento e dos próprios dons, como o desenho e a música -, pois ele identifica a rotina das tarefas, mostrando uma apreciação desse aspecto; foi um espaço para onde convergiam até as suas amizades da rua. Para ele, a experiência pode ser considerada como o encontro com potencialidades, dons e a vocação musical, cultural e artística, com uma presença bem forte da música na vida de Marvin, através do fato de tocar instrumentos e participar de grupos musicais dentro e fora do âmbito do projeto social. Para ele, a música foi uma atividade privilegiada em que atua tocando pandeiro, bongô e tamborim numa banda de samba duro, tipo de samba percussivo, sem instrumentos de corda ou sopro, organizada pelo projeto social que freqüenta.

“Quando eu tava na Banda eu já fiz também muito show... na prefeitura, no clube de Plataforma, em muitos outros lugares, mas o que eu gostei mesmo foi o da Prefeitura, que foi bem organizado, bem bonito, não teve muita bagunça... foi um dos shows que eu gostei mais. Também a gente fez um grupo lá no Tenda de Oxumaré., lá na Praça da Sé, eu comecei a tocar lá com uns amigos, os mesmos da Banda, foi muito legal. Eu tocava tamborim e pandeiro e às vezes fazia segunda voz também. Mas só que minha mãe reclamou porque eu tava chegando muito tarde, aí eu pedi aos meninos pra sair e saí. Lá eu não fiz muito show fora não, não fiz nenhum porque eu não demorei muito, mas os meninos sim já fizeram alguns. Carnaval mesmo eles fizeram, mas eu não, mas mesmo assim eu não me importo não. Vai chegar outra oportunidade pra mim. “Na banda eu entrei porque eu gostava muito de tocar, tinha os ensaios eu ia, era difícil faltar. Comecei a tocar tamborim, depois passei pra tocar bangô, tocava bem, só achei ruim porque a banda acabou porque R. saiu, mas mesmo assim eu ainda sei tocar algumas músicas...” (Marvin, 16 anos)

A música tem uma presença bem forte na vida de Marvin, particularmente pela possibilidade de tocar instrumentos e participar de grupos musicais, dentro e fora do âmbito do projeto social. Essa atividade foi um fator de agregação dele com outros jovens nesse projeto, particularmente porque o adolescente mostrou um certo fascínio por essa forma de expressão artística:

“A música? É uma coisa muito decente, eu gosto... acho uma coisa muito bonita, os cantores tem uma memória bem linda pra fazer uma coisa daquela, bonita, mas tem muitas músicas que são muito indecente. No tempo antigo mesmo as músicas eram bem melhor que a de agora. As de agora só tem negócio de samba, e há muitos anos atrás tinha muita música bonita de Raul Seixas, de outros demais cantores, era muito legal... eu gostava também das músicas deles”... [canta uma música, um pagode²³]”

*“Neste samba tão gostoso
Cumade não pode vadiar
Pois cumpade lhe prendeu
Disse se sair vai apanhar
A comade entra na roda
Sambando que nem
Mulher de bamba
Mostra que nem resiste
O suingue da Gang do Samba
Olha vadêia cumadi, vadêia
Olha que quebra cumadi, vadêia
A cumadi está cansada
De ficar só da sala pra cozinha
Ela vem sentir de perto
O que só de longe ela ouvia*

²³ Música *Vadêia cumade* (Nêgo do Surdo – Bobóco) - *Gang do Samba* (1994-1995).

Olha vadeia cumadi, vadêia
Olha que quebra cumadi, vadêia

(Marvin, 16 anos)

Marvin coloca o projeto de vida como uma possibilidade de difícil realização, devido à sua conduta atual, que consiste em não freqüentar a escola e os cursos proporcionados pelo projeto social. Para ele, o projeto de vida tem a ver com “futuro”, constituindo uma família, com um filho.

“É ter uma família. Filho eu só quero um, pra eu dar tudo o que ele precisar. É o que eu penso, mas eu acho que essa oportunidade eu não vou ter. Não quero nada com a hora do Brasil.²⁴ Não quero fazer nada, como é que eu vou ter uma família feliz? Quem quer ter uma família feliz tem que dar duro. Estudar, batalhar, fazer cursos...” (Marvin, 16 anos)

O adolescente tem consciência de suas dificuldades, mas mesmo assim sustenta a idéia de ser motorista, mesmo sabendo que, segundo as palavras de alguns adultos de sua rua e da família (o padrasto, que ele chama de pai), o seu comportamento vai na direção contrária ao que ele pensa.

“O que eu espero do meu futuro? É que vai ser uma coisa muito difícil. Porque eu não quero estudar, até a profissão do projeto, que eu já fui do silk screen, marcenaria, gráfica, eu já perdi até a oportunidade de ir pra Fundac, por causa de uma abreugrafia. A Fundac eu acho que ia ser até meu futuro, porque lá eu ia tá aprendendo alguma coisa. Eu que não quero nada, meu pai sempre diz. Se você não quer fazer nada no projeto, pelo menos estude. E era a única coisa que eu não gosto muito é estudar. Mas o meu futuro mesmo, que eu sempre penso, sempre penso mesmo, não sei se eu vou conseguir, mas é ser motorista, que tem que ter estudo, mas é a única coisa que eu penso...” (Marvin, 16 anos).

Essa esperança ilusória em relação a uma instituição governamental de apoio a crianças e adolescentes, oferecendo cursos e experiências de trabalho remunerado em consonância com o ECA, revela o pedido de tantas famílias, geralmente identificando aí a possibilidade de proteção a seus filhos.

Marvin está o tempo todo a “armar passarinhos” e caçar pequenos animais ou pescando na área de Novos Alagados. É engenhoso na construção de gaiolas, alçapões,

²⁴ Frase feita quando se quer dizer que uma pessoa não quer fazer nada na vida: “não quer nada com a hora do Brasil.”

espingardas e armadilhas. Conhece as folhas, as plantas, as frutas da área de São Bartolomeu e as artimanhas da pesca.

Para Marvin, os amigos são uma presença constante em sua vida. Apesar do envolvimento de muitos deles com a marginalidade, sendo levados a óbito muito cedo, por extermínio, troca de tiros ou assaltos, ele não se sente influenciado nem aliciado por eles. Brinca na maré; tem poucos amigos, mas constantes, e um fato marcante em sua vida foi presenciar a morte do amigo que o convidou para participar de um projeto social, e que ele sempre relembra.

"A., morreu numa segunda à tarde, na rua F. T., tomando banho na maré com os colegas dele. Estava presente eu, Marvin, E, A, J, meu irmão N., muitos meninos que por enquanto eu não me lembro. A gente tava brincando de "triscou, pegou", aí a maré tava muito cheia, a maré tava muito cheia, aí o fio tinha arriado; aí na hora que o menino foi pegar ele, ele pulou de junto do fio, aí ele em vez de voltar, o menino já veio pelo outro lado pra pegar ele; ele aí passou, ele em vez de mergulhar não, ele segurou no fio; logo que ele segurou, eu já sabia que ele ia tomar choque, ele aí gritou; ele só deu um grito, aí meu irmão pulou pra pegar ele, aí eu falei "não que você vai tomar choque também..." aí o meu irmão voltou, ele começou a espumar e uma moça lá que chama R, agente mandou ela lá pegar a vassoura – ela demorou muito de pegar a vassoura, - aí ele começou a espumar, espumar; aí ele passou mais de quinze minutos dentro da água, e aí um rapaz lá chamado A, desligou a caixa de luz e um rapaz chamado R, desceu pra pegar ele, aí botou ele perto do poste, lá na F. T., de cabeça pra baixo e deu massagem no coração. Começou a sair espuma e sangue; aí a mãe dele veio ver ele chorando, ele já tava morto, aí uma moça falou : "ele tá vivo! Ele tá vivo!" pra ficar alegrano a mãe dele, pra mãe dele não pensar que ele tava morto, aí, parece que foi Deus que mandou, mas também eu acho que nem adiantou muito, mas uma ambulância parou, caiu um papel da mão do rapaz aí ela parou no mesmo lugar e [só assim a ambulância chegaria mais rápido] deu socorro a ele, aí levou ele pro H.G.E, chegou lá ele tava morto no caminho, o rapaz da ambulância falou; que não tinha mais jeito. Ele passou muito tempo dentro da água. Aí a gente recebeu a notícia de que ele tinha morrido. A gente recebeu a notícia que ele tinha morrido de uma moça que tinha ido na ambulância levar ele pro Pronto Socorro. Todo mundo ficou muito triste, ninguém do Projeto tava sabendo ainda, quem tava sabendo foi E. e Antonico, aí no outro dia a gente foi pro Projeto, aí o menino já tinha falado, aí R. chegou lá, disse que ia cantar música pra gente – foi logo quando R. entrou - todo dia eu e E. ficava escutando a música de Nelson Mandela,²⁵ porque ele gostava muito, era a música que ele mais gostava." (Marvin, 16 anos)

Para Marvin, os relacionamentos são possibilidades de experienciar brincadeiras, jogos, divertimentos e outras, como a que lhe foi aberta pelo colega falecido. Aparece, na sua fala, respeito e consideração pelo amigo. Os grupos de amigos

²⁵ A música a que se refere o adolescente é NKOSI SIKELEL' I-AFRIKA (Abençoe a África, oh! Senhor!), hino do Congresso Nacional Africano, de autoria de Enoch Sontonga, interpretada por Djavan no disco Meu Lado, de 1986. A música ficou muito famosa por causa dos blocos afros de Salvador.

se relacionam dentro do cotidiano existente nas ruas do bairro, pautadas não somente pela violência, mas também pela amizade.

A fatalidade da morte aparece freqüente por aqui, pela precariedade das palafitas e das fiações elétricas que passavam por baixo das pontes, pois os meninos davam salto das pontes e, quando iam subir, tocavam, sem o perceber, em muitos fios elétricos descascados, que, em contato com a água do mar, descarregavam energia. Essa ruptura de vínculos pela morte aparece constantemente nos relatos. Enquanto digitava as entrevistas, por exemplo, fui registrando os nomes de jovens que foram mortos pela polícia ou em outras circunstâncias, ultrapassando uma dezena. A ruptura pela morte acontece o tempo inteiro nos relatos. Todos os adolescentes entrevistados já perderam, por óbito, alguém de sua predileção. Isto se torna mais intenso quando as amizades são com jovens que ingressaram na marginalidade através de roubos, porte de armas e uso de drogas. A ruptura causada pela morte acompanha também a trajetória deste adolescente.

Um de seus medos está relacionado às pessoas desconhecidas que podem trazer danos à sua vida, não aos jovens delinqüentes da área, pois estes têm um certo respeito para com ele:

“Medo? Eu não tenho medo deles, eles pode dizer o que dizer, sabe por que eu não tenho medo? Porque eu vivo ali sempre com eles, você quando veve no lugar com uma pessoa, a pessoa pode ser o que for, você não tem medo porque você fala e tudo... Só tem medo das pessoas que a gente não conhece, porque você nunca viu ela, aí sim você vai ter medo se ela ameaçar você, se você nunca viu ela... mas aqueles que vive ali no bairro, eu não tenho medo...”
(Marvin, 16 anos)

Tem uma certa visão ingênuas dos relacionamentos afetivos com as meninas. Para Marvin, as primeiras experiências sexuais remontam à infância, através de brincadeiras, negando qualquer prática solitária (masturbação) ou homossexual. Aparece, na sua fala, a exploração sexual entre os meninos, caracterizada pelo fato de os meninos maiores usarem sexualmente os de menor idade, sendo essa uma prática é vista com bastante naturalizada, mas que vitima e violenta crianças e adolescentes da área :

“Minha experiência sexual onde eu morei era mais ou menos brincar de casinha, mesmo, com várias meninas, se eu não tinha coragem de chegar pras elas e conversar sobre aquilo, eu era vergonhoso... naquele tempo quando eu era menor eu era muito ousado, não queria saber desse negócio de conversa. Era logo pegando, quando chegava num lugar assim que não tinha ninguém,... até na hora mesmo eu pegava. E aí, não liberava, negócio de ficar descascando banana²⁶ nunca foi

²⁶ Metáfora para falar de masturbação.

comigo... Esse negócio de ficar homem com homem também nunca foi comigo, graças a Deus; eu prefiro ficar descascando do que isso aí... Eu sei que é prejudicial à saúde, mas às vezes até que é bom.

Na minha rua mesmo tem muito menino que é usado pelos colega meu, como B., N., ele é irmão de N.. Tem muitos menino que leva ele pro campo, serraria, às vezes nem é o menino que chama, eles mesmo que chama, já tá viciado naquilo; aí chama ele pra fazer imoralidade, o cara que ele chama mais assim – chamava – era Z., M., muitos meninos também já fizeram ousadia com ele lá da rua, muitos meninos... ”(Marvin, 16 anos)

Marvin é um adolescente adaptado ao ambiente urbano da favela, mas que prefere a vida interiorana. No bairro, vai procurando esse lado nas áreas verdes e na maré. Tem facilidade para fazer versos e gosta de cantá-los e escrever em diversos lugares: contracapas de livros e papéis avulsos, como os que iniciam esta narrativa.

Tem um relacionamento afetuoso com uma educadora do projeto social que freqüenta, e mantém para com ela um grande respeito e amizade. Marvin encontra uma educadora que lhe possibilita mudanças do comportamento e da postura diante da vida, o que o faz respeitá-la e aprofundar o diálogo com um adulto diferente, no sentido de que este consegue promover a escuta de suas experiências, como não havia encontrado até o momento. Tal encontro, para ele, foi muito significativo, indicando a possibilidade de relacionamento educativo estável com uma pessoa adulta, cuja possibilidade de escuta e diálogo constitui um grande diferencial.

“Meu primeiro contato com S? Foi no Projeto. Nesse tempo eu era um cara muito perturbado, eu posso até admitir; era muito perturbado mesmo. Toda professora que chegava lá eu não gostava. Era porque nesse tempo eu queria me amostrar, via as meninas, não sabia de nada, só queria saber de me amostrar quando via as meninas, ainda mais quando tava perto de M e de G. Eu fazia isso e era um segundo Antonico: só queria fazer as meninas rir pra ser o mais alto dali. Aí quando S. chegou ela me deu o lápis, me deu tudo pra eu fazer o dever, se apresentou a gente, aí eu falei assim com a menina, “não gosto dessa professora”... Primeiro dia, nem tinha conhecido ela direito, pra que que eu fui dizer aquilo? Eu lembro que eu não sabia mesmo, minha inocência era ainda de criança mesmo. Aí ela me deu o lápis, eu peguei e escondi o lápis. Aí eu falei assim: “tia, a senhora não me deu o lápis não!”...aí ela disse assim: “Desde quando nós somos parentes?” as meninas pegou, ficou tudo dando risada da minha cara, aí eu fiquei assim olhando pra ela, ia responder, depois eu voltei atrás e não respondi. Eu não respondi mesmo porque as meninas tava dando risada da minha cara, eu fiquei logo retado, aí eu cheguei pras menina e falei “ela vai ver, ela vai me pagar”, aí depois eu vim gostando dela; ela me ajudava nos deveres sempre, quando eu tava com dificuldade ou deixava o dever sem fazer, só queria merendar e abusar. Meu primeiro contato com S. foi esse, e é uma pessoa que eu gosto muito. Hoje também eu gosto muito dela. A gente conversa sempre, nunca discuti com ela e nunca pretendo; respeito ela, ela me respeita, que eu apostei que a pessoa pra ela ser amigo uma tem que respeitar a outra porque sem o respeito nada vai pra frente... ”(Marvin, 16 anos).

O encontro com essa educadora e outros mais no âmbito do projeto social, provoca a reflexão do adolescente em relação às pessoas com as quais pode contar nos mais diversos momentos da vida, o que o leva a mapear aquelas pessoas que ele considera significativas em sua vida, às quais ele afirma seu amor:

“Amor, pra mim? Rapaz, não vou mentir, não gosto dessa palavra não, fico um pouco envergonhado, mas... amor é uma coisa até boa... você que ama uma pessoa é legal... certo que eu nunca amei ninguém, não sei o que é... parece que eu sou bicho do mato... eu nunca amei ninguém.

A única coisa que eu amo mesmo é minha mãe, meus irmãos. Amigo, só que eu amo mesmo é Eduardo e S. porque são duas pessoas que me dá muito apoio, na hora da doença tão perto, na hora que eu preciso de alguma coisa me ajuda... Acho que a pessoa deve ter amor por essas pessoas que ajuda a gente, não aquelas que quer ver a gente na miséria...” (Marvin, 16 anos).

Marvin afirma crer em Deus, mas ao mesmo tempo acha difícil a sua existência; percebe que Ele é presente quando se clama pelo seu nome.

“Deus é o pai, o criador de todos nós. Ele criou os animais, o céu e a terra e cada coisa que a gente faz errada, a gente gosta dele, a gente sempre clama o nome dele: “Deus, me ajude”, quando vai dormir reza, pede a proteção dele. Às vezes eu penso que Deus não existe. Mas eu creio que existe, porque se não fosse ele a gente não nascia. É isso mesmo...” (Marvin, 16 anos).

Marvin, falando de sua vida atual, diz que o seu crescimento o fez gostar de si e recuperar o gosto pela existência.

Z“A minha vida hoje é melhor... naquele tempo que eu te falei eu não tinha muito sossego não, apanhava sempre. Acontecia alguma coisa em minha casa, sumia qualquer coisa lá, sempre era eu que pagava, parece que porque eu não era filho de meu pai ele me tratava assim, né?, ele não gostava de mim, mas, agora eu vejo que é bobagem minha. É porque eu era muito sapeca mesmo e tinha que apanhar; eu era menor, não tinha muita inteligência de agora, mas eu sei que ele tá certo, ele bate na gente é pra que a gente venha a ser uma coisa melhor na vida, não um marginal.” (Marvin, 16 anos).

Comparando-se a outros meninos em situações mais difíceis de existência, Marvin se considera feliz:

“Eu sou feliz, graças a Deus. Eu sou feliz porque eu tenho uma família, certo que eu não tenho uma casa boa pra morar, meu pai não tem carteira assinada, a gente, não sei se é bom de vida, mas a gente não passa fome, graças a Deus. Por isso eu acho que eu sou feliz, porque muitas pessoas queria ter a felicidade que eu tenho, de brincar, porque eu posso fazer muita coisa que eu quero; se eu pedir a minha mãe pra eu ir pra um lugar ela deixa e tem muitas criança assim, menores do que eu ou maiores que nem sabe o que é isso, às vezes nem nasce, por isso eu acho que se a pessoa nascer, ói que já é uma felicidade...”
(Marvin, 16 anos)

MARVIN, 2003, AOS 24 ANOS

Marvin teve que sair do bairro de Novos Alagados pelo medo da violência e do seu possível envolvimento com os marginais da área. Em sua família, um irmão já estava envolvido, praticando furtos e se drogando constantemente, chegando a escapar de um extermínio, no qual um colega foi assassinado depois de roubar a casa de um policial no bairro.

Foi para o interior do estado, sertão da Bahia, ficar com os parentes mais próximos. Lá começou a trabalhar como motociclista, na condição de moto táxi (motoboy), mesmo sem ter a carteira de habilitação. Sofreu alguns acidentes, sendo que o mais grave o trouxe para o Hospital Geral do Estado, aqui em Salvador. Algumas seqüelas lhe ficaram, pois o jovem teve ferimentos na cabeça e fraturas pelo corpo.

Lá, no interior do Estado da Bahia, ficou muito adaptado a um tipo de vida mais rural, tão de acordo com a sua preferência, pois gosta de caçar e armar passarinhos.

Freqüentemente visita a mãe e a família em Novos Alagados, geralmente nas festas e feriados, ficando sempre poucos dias, pois tem medo da violência e das tantas mortes que vitimaram seus colegas, que à época do nosso encontro no projeto (1994), freqüentavam junto com ele o mesmo projeto social.

Como motoboy, Marvin adquire o dinheiro para o próprio sustento, o de sua esposa e de seu filho, que nasceu neste ano e para pagar o aluguel de uma pequena casa onde moram.

Seu afastamento de Novos Alagados foi importante para o estabelecimento de uma certa ordem em sua vida. Não freqüentou mais a escola e nenhum outro projeto social ou curso. Dedica-se inteiramente ao trabalho, seu meio de subsistência.

A casa de flandres, que tanto lhe desagradava, foi derrubada e a família foi morar em outra, mais abaixo do terreno, construída com blocos e alvenaria.

Apesar de estar próxima à área de palafitas, a família não foi contemplada com as melhorias residenciais do projeto de urbanização.

De todos os seus irmãos, só a menina concluiu os estudos e dois deles estão trabalhando em pequenos serviços.

Marvin saiu de Novos Alagados e não pretende retornar, mesmo com todas as mudanças que lhe aconteceram na área. Há uma percepção de que a violência não mudou e com isso há riscos reais para a sua integridade física.

Além do mais, as possibilidades de inserção em um trabalho sem a escolaridade, para ele que afirma não conseguir estudar, é mais difícil que no lugar atual onde se encontra, onde consegue realizar uma atividade que mantém sua família e a si próprio.

Marvin continua magro, com um olhar vivo e sua vida a se lhe configura como o lugar de existir para o trabalho. Atualmente, não toca mais em espaços públicos, mas quando lhe aparece uma visita, continua a tocar tamborim com uma beleza impressionante, principalmente os sambas antigos, ele me acompanhando ao violão.

O pseudônimo Marvin, retirado de uma canção homônima (versão de sucesso norte-americano) do grupo Titãs, sintetiza a experiência desse adolescente, particularmente pelo fato de ele estar envolvido, desde os 13 anos, em experiências ligadas ao trabalho para ajudar a família, vivendo uma infância marcada por essa característica. Assim, como na canção, Marvin, viu-se envolto numa situação específica: o caso da música, a perda do pai, o “desterro” para o interior, recaindo sobre ele toda a responsabilidade por sua vida e, depois, com o retorno, pela própria família.

CASO 3 - ANTONICO, 17 ANOS, 1994.

“Era uma vez um menino que gostava de estudar e que ajudava sua mamãe nos trabalhos domésticos. Quando sua mãe ia ao trabalho ele limpava a casa e saia para escola.

Quando chegava à escola ele procurava fazer as suas tarefas certinhas. Com o passar do tempo, ele foi ajudando a sua mamãe nas tarefas da casa, também nos trabalhos da escola. Mas o menino que era tão inteligente, a sua mamãe deu o maior sonho da sua vida que era ganhar uma bicicleta. E assim ele continuou os seus estudos e se formou um cidadão de bem. Fim.”, Antonico, 10/08/94.

Antonico nasceu em 07 de junho de 1978, e tem 17 anos. É irmão de P.L.S. e mora com a mãe, três irmãos e o padrasto, numa palafita de Novos Alagados.

“Meu nome é Antonico, tenho 16, anos, 17. Estou no Projeto há dois anos e meio. Eu nasci, bom, como todas as pessoas, ou algumas pessoas; diz as pessoas que eu nasci na maternidade, mas minha mãe diz que nasci em São Bartolomeu.²⁷ Tenho quatro irmãos comigo, B; P.L.S.; e A ... Eu agora moro aí no Boiadeiro, na rua T. de M.” (Antonico, 17 anos)

É um adolescente que tem a vivacidade como característica pessoal. Animado, inteligente e inquieto, Antonico é daqueles adolescentes que ‘incomodam’ por essas suas características. Ele tem também um projeto de vida já estabelecido.

Para Antonico, o projeto de vida – aqui denominado como “esperança, futuro” se delineia na busca de várias profissões que possam lhe assegurar um melhor salário, a constituição de uma família, sendo um “homem de bem”, tudo isso mediado pela ajuda de Deus e das pessoas da Terra, como emerge de sua fala:

“A esperança que eu tenho da vida é que Deus me ajude, em primeiro lugar meu pai celestial, e em segundo lugar as pessoas da terra, as pessoas do planeta Terra, os seres humanos que têm piedade, que tem dor no coração, dó no coração, que sabe o que é sofrer, que me ajude, né? Que amanhã depois possa ser um homem de bem, um homem de família, tenha minha profissão garantida, porque eu não quero ter uma só profissão, se Deus me ajudar eu quero ter cinco ou seis profissões, em cima de uma só, porque a pessoa só tendo uma profissão, a pessoa não é nada, a pessoa ganhando um salário mínimo não dá pra nada, então, que eu ganhe um salário mínimo, que tenha vários trabalhos, mas que dê pra sustentar minha família e também dê pra me sustentar...” (Antonico, 17 anos)

Com o irmão, saiu de casa devido à impossibilidade financeira de ser cuidado pela mãe, que o mandou à casa da avó e de uma residente em outra favela de Salvador.

A sua primeira experiência de vida tem a ver com um sentimento de injustiça ou de “desterro” que ficou impresso logo no início, embora transpareça para ele como uma experiência da qual ele conseguiu fazer emergir novos significados. O sentimento de injustiça, presente na infância, vai caracterizar a trajetória de Antonico e de seu irmão P.L.S. ligando-se, especialmente, à exploração do trabalho infantil, pelo fato de não apenas serem obrigados a trabalhar, como também por receber punições quando não realizavam tal trabalho, ou diante de vendagens que não correspondessem às expectativas da pessoa de referência na infância “desterrada”. Para Antonico, a experiência foi a seguinte:

²⁷ Área de extensa floresta na Avenida Suburbana, conhecida pelas suas belas cachoeira e imensa floresta atlântica dentro da cidade. Hoje está muito abandonada.

“Quando eu era pequeno eu morava com minha tia, porque minha mãe não tinha condições de me ter dentro de casa, então ela me levou pra minha tia; ela vivia de aluguel, mas hoje em dia, graças a Deus ela veve numa casa na maré, bem ou mal é dela, é tudo o que ela sonhava na vida, que ela ainda espera mais disso e depende dos filhos dela, de alguns dos filhos dela que é pra amanhã depois ter uma coisa boa, porque ela merece. Então, quando eu era pequeno eu sofria muito na mão de minha tia, porque ela me obrigava a trabalhar pra ela e eu não gostava de trabalhar, quer dizer, sempre eu gostei de trabalhar, mas forçado não. Então, eu achava isso uma injustiça.... Eu vendia Qboa nas ruas, nas portas no U. Vendia Qboa no Uruguai, ficava... Era eu e meu irmão, P.L.S. A gente saia pra vender, se a gente não vendia nada a gente apanhava, se a gente vendesse ela dava risada. Se não vendesse caía no “coro”, não tomava café, não comia nada e ia dormir. De manhã, depois, tinha que trabalhar de novo, que é pra comer, se quisesse comer, né? Aí o meu primo, que eu tinha um primo também, que ele também vendia Qboa, só que ele saia com a gente e só ficava uns cinco minutos com a gente, quando a gente dava a vista nele ele já tinha se picado pra casa. Chegava em casa a gente falava a minha tia, minha tia só fazia reclamar com ele, mas ela não batia nele, não fazia nada, pegava a gente e batia, dizia que a gente é discarado, só isso aí que ela falava comigo. Quando eu era pequeno só acontecia isso. (Antonico, 17 anos)

Mesmo com essa percepção do trabalho na experiência da infância e da adolescência, Antonico reconhece no trabalho uma atividade que foi importante para o seu desenvolvimento: “coisa boa e ruim”, que proporciona a ele certo protagonismo diante da situação de necessidade financeira da família; e, olhando retrospectivamente, procura tirar positividade do fato.

Nesse lugar, durante alguns anos, na transição da infância para a adolescência, trabalhou como vendedor ambulante de água sanitária e carregador de mercadorias em portas de supermercados. Ainda vende, de vez em quando, caramelos nos ônibus da cidade, mesmo freqüentando o projeto social. Tem uma relação de cumplicidade e admiração com o irmão, por terem vivido juntos muitas experiências em casa e fora:

“Vender na rua pra mim era uma coisa boa. Foi uma coisa boa e também ruim porque, bom porque eu vendia pra minha mãe e ela não me obrigava a nada, sempre minha mãe dizia, “você vá meu filho vender, tanto aqui é pra você tirar sua roupa, mas um outro tanto você me dá que é pra ajudar em casa”. Então, graças a Deus eu não precisei ser obrigado a trabalhar por minha mãe, que minha mãe nunca me obrigou a trabalhar, sempre minha tia me obrigando, então vender pra mim foi uma coisa boa. Na parte ruim foi porque eu saía pra trabalhar todo dia de manhã, sem compromisso com nada, não estudava, não tinha compromisso com escola, não tinha compromisso com curso, com projeto, não tinha compromisso com nada. Então, eu saía pra ganhar o dinheiro do pão de cada dia pra sustentar meus irmãos e a mim também; meu irmão também trabalhava na rua. Ele até vendeu uns tempos atrás e eu até hoje se eu puder ainda vendo, porque agora que eu tô estudando pra valer, tô no curso, tô aprendendo as coisa aí, então eu tenho que aprender,

tenho que me dedicar agora a minha profissão. Se eu não me dedicar a minha profissão, eu não vou ser ninguém amanhã depois, então é isso aí, vender na rua foi bom por causa disso.” (Antonico, 17 anos)

Antonico ultrapassa, de certo modo, a mera descrição da infância. Ele consegue, através de sua fala, refletir sobre a própria vida, buscando significados e tecendo hipóteses, que buscam avaliar a sua própria história. Essa característica é reveladora de uma capacidade de dar sentido à própria experiência, marca de pessoas resilientes.

“Eu sei que eu sempre tive a cabeça positiva, sempre tive o pensamento positivo, Deus sempre me ajudou, sempre clareou, sempre iluminou meus caminhos, eu nunca precisei...” (Antonico, 17 anos)

De novo, no corpo desta narrativa, emerge a experiência do trabalho infantil, quer seja com a tia, quer seja com a mãe, mas note-se que o trabalho, quando é feito para a mãe, ganha outro sentido, totalmente sem exploração; é uma contribuição para a família, na imagem do entrevistado. Contribuir para a família, em seu imaginário, não é conotado como ser explorado. Este é um aspecto importante a ser considerado, quando se discute a questão do trabalho infantil. Vários aspectos da subsistência aparecem aqui: vender para ajudar em casa; vender para comprar as próprias roupas; vender para ganhar o pão de cada dia. Os aspectos negativos têm a ver com a exploração desse trabalho por sua tia, expressa em castigos, surras e em privá-lo de comer. É interessante compreender que vender ou trabalhar na rua, por outro lado, acarretou uma ruptura com a escola, deixando o adolescente sem compromisso nenhum com a mesma escola, cursos e projetos, como ele mesmo afirma. A vida de Antonico tem, assim, um eixo baseado no trabalho, mas que, por isso, esquece outros aspectos.

Antonico voltou a morar com a mãe há cerca de dois anos atrás (em 1992) e este fato foi muito importante para a sua vida, pois, a partir daí, ele começou a “gravitar” em torno de um eixo relacionado a alguns aspectos como o trabalho, a escola e o projeto social. O retorno para a casa da mãe e a entrada no projeto social e na escola organizaram sua vida. Na família de Antonico, a presença da mãe é um fator marcadamente acentuado; Antonico vivencia a experiência da desfiliação quando tem que ir para a casa de uma tia, por falta de condições da mãe em criá-lo. Isso mostra uma família dividida, como ele próprio afirma, pois todos os filhos, à exceção da menina, foram mandados para a casa de parentes, a exemplo dele e do irmão. A presença da mãe, como pessoa de referência, a quem ele ajuda na organização da casa com o seu trabalho, mostra como o pai está ausente dos referenciais do adolescente. A mãe aparece

aqui como aquela que indica os caminhos, deixando-os à escolha do filho, ao contrário da experiência vivida na casa da tia, que o obrigava a trabalhar e ainda o espancava:

“A minha família é um pouco dividida, quer dizer a família minha que eu falo, minha mãe e meus irmãos e meu pai. A gente era um pouco dividido porque o meu irmão ele ficava na casa de minha avó e eu ficava na casa de minha tia e minha irmã sempre com minha mãe porque ela era pequena e minha mãe não tinha com quem deixar, ninguém queria também porque era um satanazinho, então, Deus ajudou, eu tomei tenência²⁸ na vida porque eu jamais pensava em sair da casa da minha tia, porque eu, ou pouco ou ruim ela me batendo ou não, mas ela me dava educação, um pouco de educação, não me deixava andar no meio de gente ruim e minha mãe também, graças a Deus nunca me deixou nisso: sempre me exemplou, me disse as coisa boa, me ensinou as coisa boa, ela falou “olhe filho, aqui o lado ruim e aqui é o lado bom, você segue o lado que você escolher”; minha mãe nunca me obrigou a nada, então, graças a Deus. A família que eu falo é minha mãe, meu pai, meus irmãos, a família que eu tô falando é essa” (Antonico, 17 anos).

A família, na visão de Antonico, mesmo sendo lugar de proteção, aparece como lugar dos conflitos.

“Nós não somos felizes não, porque há muita desunião entre eu, meu irmão e minha irmã, menos o meu irmão pequeno, que é a pessoa que eu mais quero bem, e meus irmãos também eu quero bem. Há muita desunião porque minha irmã quer ser mais do que eu e tem 13 anos e eu tenho 17, meu irmão tem 18. Ele pode mandar em mim, tudo bem, eu respeito muito ele; minha irmã, não. Minha irmã quer mandar nele e quer mandar em mim. Então, a gente tem que exemplar ela, porque ela é a menor, ela tem que respeitar a mim, então a gente quer muita disciplina dentro de casa, a gente quer dar amor ao próximo, mas ninguém quer receber o amor que a gente quer dar ao próximo. Então é isso. O que acontece entre a minha família de ruim é isso, mas graças a Deus tudo em minha família em geral corre de bem.” (Antonico, 17 anos)

Durante o período em que habitou a casa desses parentes ele ficou afastado da escola, o que lhe deu certa sensação de liberdade excessiva, ou seja, o não enquadramento às estruturas escolares e de projetos sociais. Apesar dessas características o jovem tem determinados projetos de vida, que, mesmo parecendo distantes, são descritos com muita convicção, como quem tenta “recuperar” o tempo perdido.

Antonico considera o projeto social como um encontro significativo em sua vida, por vários motivos: impediu-o de continuar vendendo nas ruas; deu-lhe uma disciplina; fê-lo conhecer a capoeira; ajuda-o a viver; retirou de sua vida fatores de risco aos quais estava exposto nas ruas (porradas, mortes em chacinas etc.) A sua experiência mostra que o projeto

²⁸ “tenência” é uma expressão regional, que quer dizer tendência, ou seja, postura diante da vida. Foi muito popularizada em novelas cuja ambientação que se passava na Bahia, a exemplo de *Tieta, Porto dos Milagres*.

deu-lhe mais que isso, pois, de certo modo, forneceu-lhe rudimentos de uma educação formal, para a vida, que ele diz que será transmitida por ele a outras gerações, inclusive a seus filhos.

Para ele, a entrada no projeto social foi um fator organizador de sua vida, principalmente levando em conta que sua conduta de vida era ‘bagunçada’, para usar um termo seu. Antes de entender isso, ele não levava o projeto a sério, mas, quando se deu conta dessa característica, sua presença no projeto social foi mudando de forma e adquirindo um significado mais pontual de freqüência e interesse.

É nesse âmbito que ele encontra referenciais masculinos aos quais presta muita atenção e dos quais compartilha, mesmo com tensões constantes, numa aprendizagem que não lhe fora possibilitada ao longo da vida.

Daí nasce-lhe o engajamento numa prática esportiva – a capoeira, e nos estudos, devido ao encontro com essas pessoas de referência, ou seja, surge-lhe um novo caminho, pleno de possibilidades.

Ele participa da capoeira e da música, porém o que o marcou mais na experiência do projeto social foi a relação com o professor de capoeira e outros professores, mas sendo o primeiro e mais forte vínculo estabelecido, de onde pode emergir a construção de laços afetivos com figuras masculinas, sendo, assim, que seu pai é ausente, recusando-se a legitimar a sua paternidade sobre o adolescente, inclusive nos documentos de identidade e registro geral, fato que aparece na trajetórias de Marvin e P.L.S., descritas anteriormente. A mãe aparece como a principal cuidadora. Essa ausência de pai, figura e pessoa masculina, coincide com as novas configurações e arranjos da família urbana que vive em pobreza, o que reforça o nosso artigo “*Novas Famílias Urbanas*” escrito por Bastos, Alcântara e Santos (2002), no qual indicamos a presença predominante das mulheres à frente das famílias em favelas de Salvador.

No encontro com a música houve a possibilidade de fazer apresentações e sair do bairro. Essa possibilidade e inclinação à música, particularmente a percussão, embora seja uma característica da cidade de Salvador como um todo, se apresenta aqui basicamente pela proximidade dos jovens e das crianças com os muitos terreiros de candomblé existentes na área de Novos Alagados, espaços onde todos podem entrar e apreciar os toques de percussão, até pela influência familiar de pessoas que freqüentam e fazem parte desses espaços antes da invasão das igrejas evangélicas nos bairros mais pobres:

“Eu também tocava num grupo de samba, e o nome do grupo é Tenda de Oxumaré Jr. tocava lá na Praça da Sé, Praça Municipal, né? Praça da Sé; lá tem o

Oxumaré, que eu ia tocar lá sempre, com E., G., H., B., E.. A gente ia tocar lá; eu tocava tamborim, pandeiro, só não tocava marcação porque eu não sei. Os meninos até hoje ainda toca, mas eu saí porque aquela vida ali não dá pra mim, porque eu estudo, tenho muita coisa pela frente; E tem, meus colega tudo tem, mas ele não liga muito. Eu ligo muito pro que Deus tem pra me oferecer e a sociedade. Eu gostava de cantar muitas músicas... “(Antonico, 17 anos)

A música aparece para Antonico como um espaço de afirmação da sua identidade étnica e cultural, como bem pode ver-se na música que ele canta nesta narrativa, na qual fica evidente que a sua inserção na capoeira trouxe-lhe uma aceitação de si, uma espécie de identidade cultural recuperada.

“Eu gosto muito dessa música, porque eu não quero que ninguém fale mal da capoeira, porque essa música é a melhor, é a música que discrimina o negro, vou cantar pra vocês aqui...

*“Às vezes me chamam de negro
pensando que vai me humilhar
mas o que eles não sabe
é que só me faz relembrar
porque eu venho daquela raça
que ensinou a me libertar
me ensinou o maculelê
e acredita no candomblé
que traz um sorriso no rosto
a ginga no corpo
e o samba no pé
capoeira ela é poderosa
é luta de libertação
é que hoje aqui nessa roda
é luta pra dois irmãos
camarado que é meu camarado
meu irmão
meu irmão de criação
camarado é meu irmão*

*“Chego da Praça de Salinas
Olho pra cima o que é que vê
Vejo o Elevador Lacerda
Tô subindo do alto a descer
É o retrato fiel da Bahia
Baiana vendendo alegria
Coisinha gostosa de comer
Acarajé, acarajé”²⁹*

²⁹ Música de autoria de Riachão, compositor e sambista baiano, já caminhando para o domínio público com as modificações que lhes são características...

Antonico mostra que no bairro e no contexto onde habita há a possibilidade de encontros com pessoas significativas em sua vida. Estes seriam os “encontros” intergeracionais, com pessoas que, de uma forma ou de outra, entram na vida dos adolescentes e as direcionam para novas possibilidades de entendimento da própria experiência ou ainda lhes ampliam as possibilidades de inserção, através de vínculos e relacionamentos pautados por uma função educativa, ou não. A capoeira, o encontro com o projeto social e as pessoas dos seus educadores, são considerados como fundamentais na sua vida. E os educadores integram o círculo afetivo do adolescente:

“O amor pra mim é querer bem ao próximo, nem só a mãe, o pai e os irmãos, como os amigos, o próximo. Nunca querer nada de ruim dos outros. Só querer coisa boa, como o professor Eduardo, eu sinto um pouco de amor por ele, não como a mulher sente pelo homem, mas sim um amigo sente pelo outro. Ele, a pró S., Marvin. Todo mundo eu quero bem, tô afastado deles um pouco porque acho que não sei, alguma coisa me afastou dele, mas se Deus quiser eu vou retornar e vou retornar com eles e vou procurar aprender tudo o que eles quer passar pra mim.” (Antonico, 17 anos)

Antonico faz essa experiência de encontro com um instrutor de capoeira, uma assistente social e um outro educador, sendo que um o atrai para o esporte, outro para o projeto social e o outro lhe proporciona mudanças educativas, todos esses sendo adultos e profissionais pertencentes a um mesmo projeto social, do qual ele participa.

O método de encontro com as famílias desse projeto social era realizado através de um levantamento das crianças trabalhadoras no bairro. Depois acontecia a visita às suas casas, sendo então os meninos inscritos no Projeto. O projeto social foi importante em sua vida porque lhe deu outras oportunidades. Antonico era tido como ‘bagunceiro’, mas, quando entendeu que havia uma ‘coisa boa’ no projeto social, mudou o comportamento.

“Quando eu soube do projeto foi por uma assistente social, que é G. Eu tava trabalhando na rua, ela teve lá em casa, aí falou com minha mãe, aí na Segunda-feira feira já eu podia ir pra coisa, aí minha mãe ficou alegre e falou que era pra Segunda-feira eu ir pro projeto, sem falta e até hoje eu tô lá. O projeto tá me ajudando muito, porque antes, antes quando eu entrei no projeto, eu só entrava pra bagunçar mesmo, eu pensava que era só conversa fiada, mas eu hoje já olhei direito, já parei pra pensar que o projeto é uma coisa boa, tá me dando só coisa boa. O projeto tá me ajudando muito a viver... tá me dando muita experiência, então, com isso eu tô aprendendo a viver dia a dia, de geração, aprendendo a passar a minha geração; então eu quero passar isso pros meus filhos amanhã depois, pra minha família...”

O projeto me ajudou porque eu parei de vender na rua, porque eu vendia muito na rua, arriscado a tomar um tabefe, arriscado a morrer porque essa chacina que aconteceu, que eu não sei se ainda tá tendo, que é no Rio, teve muita coisa. Então, o projeto me ajudou muito, me conduziu a muitas coisas.” (Antonico, 17 anos)

Tem o desejo de, através da capoeira e da música, ascender socialmente, viajar para fora do Brasil, como é o destino de alguns capoeiristas da área. A relação com seu instrutor no esporte é marcada por conflito e respeito.

“Eu tô tomando umas aulas de capoeira pelo projeto e a capoeira me ajuda muito, é uma das coisas importantes que eu tenho na vida, porque dali surgiu a minha educação, pelo menos um pouco da minha educação surgiu dali, porque na capoeira agente tem muita disciplina, muita educação e eu já fui muito bagunceiro, já fiz muita baboseira, até os 15 anos, fiz muita baboseira, principalmente aqui com o professor D. que não merecia nada disso, não merecia o que eu fiz com ele, quer dizer, porque o que ele me ajudava muito, me ajudava, me levava pra viajar com ele, eu chegava lá, bagunçava, não obedecia a ele, pegava fruta nos pé dos outro, sem ele mandar, então eu agora tomei tendência e eu sei que se ele quiser continuar o trabalho que ele está fazendo comigo e Marvin a gente vai continuar. Então, eu tô aí, a capoeira é tudo o que um esportista queria ter na vida.”

Para Antonico, o encontro com pessoas adultas, dentro de um contexto educativo, no âmbito do projeto social, serviu, de certo modo, para a reorientação de sua vida. O que diferencia o projeto social da rua, neste caso, é o favorecimento de encontros com adultos que olhem para ele dentro de uma perspectiva pautada sobre uma metodologia atenta à sua vida.

A figura do instrutor que educa mais que o pai que ele não teve é emblemática da possibilidade de reencontrar referências perdidas, por exemplo, pelo fato de ele ter vivido sempre com as presenças femininas. Claro que isso não deixa de apresentar suas tensões diante de uma nova realidade, mas que, pelo próprio espaço educativo, podem ser reorientadas.

“V. pra mim é um professor, é mais que um pai, porque o meu pai não tem tempo de me dar a educação que V. me dá. Então, V. pra mim é um professor, ele me ajuda muito, apesar dele não ligar muito pra mim, mas eu sempre liguei pra ele... V. nunca ligou pra mim assim quando eu chegava na capoeira com o pé cortado, eu falava com ele, ele mandava eu treinar assim mesmo. O pé doía, eu dizia a ele que ia sair, ele me batia e aí eu pegava e saía mesmo, ficava uns tempos sem ir, depois eu ia. Mas hoje em dia ele, graças a Deus, ele nunca mais fez isso comigo, mas se algum dia ele tornar a fazer isso eu largo o esporte, vou fazer outro esporte.” (Antonico, 17 anos)

A capoeira aparece como a possibilidade de ascender socialmente, quer seja por meio de viagens pelo Brasil e outros países (como alguns de seus amigos fizeram e ele próprio), quer seja pelo respeito que o adolescente adquire ao praticar um esporte e depois poder tornar-se mestre de outras crianças e jovens, sem excluir o reconhecimento por realizar uma atividade esportiva e cultural muito característica do bairro e da cidade.

Note-se a idéia de possessão, primeira aproximação explícita com o candomblé, que vai caracterizar a sua integração no contexto dessa religião pela mediação materna:

“O que eu sinto quando eu estou fazendo um show de capoeira, logo... quando a gente foi pra Belo Horizonte, em Minas Gerais, nós fomos fazer um show lá, e esse show foi muito importante pra mim porque eu aprendi a conhecer pessoas novas, que eu nunca tinha visto na minha vida; eu aprendi falar bonito, e quando eu estou fazendo um show eu me sinto que eu sou aquele personagem, como se fosse aquele personagem que está ali” (Antonico, 17 anos).

Diversos elementos de explicação da discriminação racial e social aparecem no discurso do adolescente, dentre eles a apartação social, a discriminação, distinção de classe e cor diante da pessoa e da cultura afrodescendente. O adolescente faz uma espécie de análise de conjuntura, ligada à experiência artística que vive ao apresentar a cultura afro-brasileira com o grupo cultural.

“Quando eu saio na puxada de rede, eu me sinto como se fosse um pescador; quando eu vou no maculelê, eu me sinto como se fosse um caboclo ali, em mim eu não sinto nada... eu sei que pra mim quem tá dançando ali não é eu, é um caboclo, é como se diz todo mundo, eu sou um descendente de negro, a capoeira, o maculelê, essas danças vieram do negro. Quando eu apresento todas as dança, que passa o candomblé, as coisa, é muito importante pra mim porque, de modo geral, isso é o que as pessoa fala muito, então, a pessoa discrimina muito o negro, o negro é muito discriminado. A pessoa não pode passar um neguinho ali, que a pessoa diz “é vai o negão”. Não pode passar um branquinho que a pessoa chama de parmalat³⁰, então os brancos não ligam pros pobres; os ricos não ligam pros pobres, os bilhonários não ligam pros ricos, não sei o que. Os favelados, uns discrimina os outros. A capoeira é a que é mais discriminada porque os outros, os barão diz que capoeira é jogo de pobre, mas não é só pobre que pratica esse esporte, já vi muito rico praticar, e os ricos gosta muito desse esporte. Se não gostasse, dois colega meu não ia pra Itália³¹, como foi A.. M. e C. B., eles são dois irmãos, eles foram pra Itália; eu ia mais a minha idade não permitiu, que só era até 14 anos. Eles foram pra Itália, foi no mês de junho,

³⁰ Marca de leite, pra chamar o outro de branco, ou sem cor...

³¹ Anos depois os dois voltaram para a Itália e se encontram lá até hoje, 2003.

dia 13 de junho e voltaram no dia 27 de junho, passaram 15 dias lá.” (Antonico, 17 anos)

Pertencer a uma religião que vem das origens étnicas afrodescentes é, para Antonico, um espaço de pertença e destino, no sentido de meta, que alcança até a possibilidade de ascensão social por meio de viagens e remuneração, quiçá, a própria valorização pela expressão cultural que identifica os adolescentes que a praticam, trazendo respeitabilidade no bairro. A ida à Itália de dois dos seus amigos é um indicativo dessas possibilidades, que também pode chegar a ele.

Para Antonico, o bairro é um lugar violento, repleto de marginais, dos quais ele mantém distância. A descrição do contexto do bairro onde mora Antonico pode nos dar uma dimensão dos riscos e das características que permeiam o local, particularmente a da violência e do uso da força pela polícia, assim como da existências de certas leis no local, como a ”lei do silêncio”, que ele bem exemplifica na sua fala, através da descrição dos métodos utilizados pela polícia para matar os marginais da área:

“Lá na minha rua tinha uma lei que teria que ser cumprida, que era a lei do silêncio. O que viu não sabe, nem sabe dizer, fica mudo, cego e surdo. Não vê nada, não fala nada. Mas hoje em dia, graças a Deus, acabou isso, esse negócio de silêncio. E ninguém saia na rua lá não, viu. Quando o bicho pegava, ninguém saia não. Era tiro pra todo lado. Era bala mesmo, os home não tinha pena não, mandava mesmo nos vagabundos. Os home matou um vagabundo de um tiro só e lá ele ficou em pé na lama, morreu em pé na lama, com um tiro na barriga. Os home matou, viu que ele se mexeu, matou mesmo, mandou-lhe bala na cabeça, em todo lugar. O finado J., que era muito falado, ele morreu feio, porque é o fim que todos vagabundos tem, como eu falei antes, que o fim de todo vagabundo é esse. Eles tem, o fim deles são triste, toma-lhe bala, toma-lhe porrada dos policiais; os próprios vagabundos mata, como o próprio vagabundo que matou o outro. Finado A, foi os próprio vagabundo, que ela era vagabundo e os próprios vagabundo matou ele. Levou ele pra lá pra cima, pegou ele, deu bocado de tiro, metralhou ele todinho, deixou largado lá o corpo.” (Antonico, 17 anos)

Como se pode verificar Antonico percebe o contexto da favela marcado pela violência e pela morte, em todos os sentidos, quer seja as mortes impetradas pela força e abuso do poder policial, quer seja pelos acertos de conta entre os próprios bandidos.

Antonico mantém uma percepção que o distancia dos marginais e jovens delinqüentes de Novos Alagados, podendo ser essa uma sua estratégia de proteção para manter-se à distância dos riscos que vitimam esses delinqüentes e mesmo aqueles que lhes

são próximos. A sua relação parece ser, ao contrário da de P.L.S., que se caracteriza por uma aproximação-distanciamento (esquiva), uma relação de distanciamento.

Há, também, a violência contra aqueles jovens que não são marginais, mas que, pelo simples fato de estar próximos a estes, podem ser mortos ou agredidos. A sua fala mostra, sem máscaras, como é a forma de ação da polícia nas áreas pobres da cidade.

“Lá na rua já teve muito roubo, e até hoje tem. São algumas pessoas que eu não posso passar por eles e não falar nada, porque senão eles vão contra mim, então eu sou aquele, dessas pessoas que “oi, ham”, dá risada, falou com eles, “tudo bem, como vai você?” Eles falam comigo, eu falo com eles, mas eles lá e eu de cá; eu não tenho nada a ver com eles, nem quero andar junto, porque quem se mistura com porcos, farelo come, e quando os homens chegam não quer saber, quer matar mesmo, manda-lhe bala, sem saber que é ladrão, se é polícia, não quer saber nada. Se tá ali por inocência, se não sabe... os home não quer saber de nada, os home quer matar³², e lá no ponto, já aconteceu muito isso. Os home uma vez metralhou um cara no ponto, o cora não roubava nem nada, só porque o cara tava junto com os vagabundos os home metralhou ele. Os vagabundo se saiu, aí, viu o que aconteceu? Quem se mistura com porcos, farelo come.” (Antonico, 17 anos)

Outra vez o adolescente afirma uma postura de distanciamento e clareza diante daqueles que percorrem uma trajetória de delinqüência, indicando que, mesmo que a pessoa venha a ser inocente, aos olhos dos “home”, os policiais, elas não são distintas por seus antecedentes, mas são semelhantes àqueles com os quais compartilha sua amizade, e andam juntos. Nesse sentido, manter distância pode ser encarado como uma estratégia de sobrevivência para Antonico.

Mas essa influência chega também à sua casa, através das companhias e da receptação de roubos que sua irmã realiza, geralmente trazidos por bandidos e outras jovens que com eles se envolvem:

“Os roubo chega dentro de casa através de quem minha irmã convida, ou que seja meu irmão [P.L.S.] também convida. Os colegas dele, não sempre os colega, por exemplo que eles não entra lá em casa, quem entra são os colega de minha irmã. As colegas porque são tudo mulher de ladrão, tudo safada, igual a ela, então, entra lá e o que vê de vacilo lá em casa elas pega e leva. Eu não posso deixar ninguém levar o que é meu assim não. Minha irmã namora com M. e está grávida de oito, acho que é nove meses. Para o mês acho que ela vai parir, o nome do cara é M. Ele não rouba, não rouba como ladrões assim mesmo não. Ele vai mesmo pra negócio de micareta e esses negócio assim ele rouba. Ele só rouba por causa de jogo, pra sustentar o vício.

E. ajuda a minha mãe, porém agora ela tá quieta, ajudando muito minha mãe, mas ela era mulher de ladrão, também. Era duas colegas de B... Ela mora até hoje com a gente, então... porque minha mãe não gosta de ver nada de mal com as pessoas, o próximo; minha mãe ama o próximo. Então, minha mãe viu que ela tava no meio da malandragem e

³² Método da polícia na favela é assim.

procurou tirar ela da malandragem, não querer acabar a vida dela tão cedo. O namorado dela, que namorava com ela, o finado “E.T.” já morreu, já foi, os home matou. Agente chegou a ela por meio de B, B que levou ela lá, a levou lá, aí a gente gostou dela e deixou ela morar com a gente. Ela olha A muito, ela gosta muito de A. Lá em casa sobre o que eu falei mesmo, que B quer ser mais que meu irmão, quer ser mais que eu, há muita briga entre a gente lá porque B quer bater em mim mais P.L.S., mas ela não pode com a gente. Ela deu até uma facada na mão de P.L.S., cortou um pouco do pulso assim, aí ele levou ponto e minha mãe pegou ela e “ripou”³³ ela, minha mãe “ripa” ela, mas minha mãe não tem força pra bater nela. Então, só o destino vai dar o que ela merece. Ela vai ter um filho, uma filha, a filha dela vai maltratar muito ela. Ela vai sofrer.” (Antonico, 17 anos)

É interessante notar que, para Antonico, há uma clareza tão grande na distinção entre a vida na marginalidade/delinquência, que ele chega a admitir a um certo fatalismo diante da irmã que, ao fazer a mãe sofrer com essa postura marginal, vai sofrer o mesmo quando vier a ser mãe. Isso revela um pouco dos ensinamentos maternos, contidas nas “pragas”, que indicavam que, quando um filho faz uma mãe sofrer, vai sofrer, se a mãe rogar-lhe uma praga. Com o tempo, essa crença popular começou a esvair-se, mas resquícios permanecem no imaginário popular, como o de Antonico, que, ao ver o sofrimento da mãe diante da filha que se relaciona com jovens delinqüentes do bairro, preconiza que o mesmo acontecerá a ela no futuro. A afirmação desse pensamento, no discurso do adolescente, apresenta o mundo como que dividido e pleno de escolhas que devem ser feitas desde a infância e no seu caso isso se apresenta de forma bem clara, quando ele nega a possibilidade de relacionamento e inserção nesse contexto, preferindo dedicar-se ao esporte, à escola, ao projeto social e às figuras de referência que encontrou.

Antonico afirma manter uma distância bem delimitada dos amigos que ingressam no crime e em trajetórias de marginalidade. Essa distância se dá por uma escolha sua e a escolha não consegue ser influenciada por nenhum outro adolescente do bairro. Os ladrões, mesmo insistindo, respeitam sua postura, o que significa dizer que há espaços de diálogo e recusa ante a possibilidade de aliciamento de outros adolescentes para o ingresso em quadrilhas e mesmo trajetórias de marginalidade.

“Isso pra mim, alguns, é, ladrões, essas coisas, esses caras que mora no Boiadeiro, que são tudo perigoso, quer dizer, que já morreu, era eles... nunca me obrigou a nada não. Nunca me obrigou a andar junto com eles, eu também jamais quis andar junto porque ali eu sabia que eu tava cavando meu caminho ruim...” (Antonico, 17 anos)

³³ bateu com uma madeira chamada “ripão”, ou seja, uma madeira roliça que serve para sustentar as vigas das palafitas.

Sua personalidade não se contém em espaços reduzidos, como as salas de aula. No entanto, gosta da escola, por saber que ela, de alguma maneira, pode auxiliá-lo em seus projetos de vida. Aqui se evidencia a relação tumultuada entre ele e a sua educadora, onde esta recebe um adolescente que estava por muitos anos afastados dos bancos escolares e tem que introduzi-lo em determinadas rotinas. Há, também, por parte dele, um reconhecimento de sua postura inquieta e provocadora. Mostra que há um desejo em retomar os estudos, apesar das dificuldades comportamentais.

“Na escola que eu estudo, escola comunitária, eu logo quando fui entrar na escola eu não gostava da professora não, porque ela é muito rígida, ela é muito ignorante, ela não tem é limite pra falar com as pessoas, só fala gritando; ela quer mandar em todo mundo, então, realmente as pessoas mandam em mim, mas não do jeito que ela quer mandar. Ela quer bater, fazer e acontecer, mas comigo ninguém pode, graças a Deus.

Na minha escola eu bagunçava muito. Até o mês passado eu baguncei muito. Eu xingava na frente da professora, fazia e acontecia, eu achei a professora ruim, mas realmente ruim foi eu. Eu até peguei faca pra matar ela porque ela tentou me bater, e eu disse a ela que ninguém me bate, só minha mãe, meu pai e algumas pessoas que me respeita. Eu tenho respeito com ela, mas ela não queria ter respeito por mim, ela não queria me... ela só andava me discriminando, ah, uma vez ela me chamou de ladrão, quis me bater, eu peguei a faca pra meter nela, mas eu não meti porque Deus tocou no meu coração e eu jamais ia ser um assassino, mas eu não penso nisso mais não. Eu agora quero levar a minha vida na boa. Na paz do Senhor. Na escola eu baguncei muito até o mês passado, mas hoje eu tomei tendéncia, hoje eu cheguei lá, a professora falou comigo que eu não ia entrar na sala, eu só entrei porque estou a fim de estudar, porque eu viajei pra Belo Horizonte pra fazer o show de capoeira aí me empatou de eu aprender os assuntos, mas a professora... eu mesmo fiz a minha punição lá na sala. A professora mandou perguntar o que eu achava, porque eu estava bagunçando, e eu disse a ela que eu merecia dois meses de suspensão, mas como o ano já está acabando, ela disse que ia botar dois dias de suspensão pra mim, e então esses dois dias eu não vou cumprir porque ela vai botar no caderno, mas eu não vou cumprir porque eu tenho assuntos de prova, se não eu não passo esse ano” (Antonico, 17 anos).

Muito ligado à mãe, partilha com ela da sua crença religiosa, o candomblé, e afirma crer em Deus. Antonico inicia sua fala afirmado confiar na presença de Deus, como alguém que o ilumina, e o associa à prática dos crentes, mas afirma participar do candomblé e dá as razões e as motivações, numa espécie de “antropologia” do candomblé, assim como o histórico dessa sua pertença, sendo remontada à sua casa, na pessoa de sua mãe, que o introduz neste caminho de crença. Ele afirmou pertencer a uma religião, o candomblé, por influência materna, mas ao mesmo tempo pela pertença a um povo, identificado com os negros africanos.

Há um sentimento de Deus arraigado à experiência popular, principalmente pela repetição e renovação de expressões usadas pelos mais velhos na fala dos adolescentes, como “Deus me ilumina”, “Deus me encandeia”, etc. que remontam às origens interioranas, certamente, de sua mãe e outras pessoas da comunidade que repetem essas jaculatórias com uma constância impressionante, como quem reza enquanto trabalha. Deus, em sua vida, é uma força maior que colabora, ilumina, abre caminhos...

“Eu acredito em Deus. Eu sei que Deus é o sol que me ilumina, as estrelas que me encandeia. Deus toca no meu coração sempre, sempre me bota pra tocar sempre pro lado bom; o meu melhor lado é esse mesmo. E espero que vocês aí que tão escutando essa fita pense nisso e ajude aquela criança que você vê abandonada nas esquinas, procure, mesmo que você não possa, procure ajudar, dar conselho, qualquer coisa, porque é a coisa melhor que você tem na vida é isso aí. Deus gosta de ver isso. Deus não quer ver você dando conselho mal a ninguém. “Se conselho fosse bom não se dava, vendia”, neguinho diz isso, mas conselho é muito bom, a pessoa tomar conselho por bem, conselho pro mal não presta. Deus pra mim eu acho que é o pai santíssimo, sei lá, eu acredito nele, porém eu às vezes faço judiação da palavra dele, dos crentes, mas eu não sou crente, não sou de igreja nenhuma, eu faço a minha própria crença. Eu sou do candomblé mesmo, curto o candomblé, sou do candomblé. Também não sou boiola não, viu! Sou macho, se tiver uma mulher aí eu quero, manda pra cá, porque o candomblé é a arte que veio dos negros, é a minha cultura. Então eu tenho que preservar muito essa cultura. É a cultura dos negros. Eu tenho mais contato com o candomblé em minha casa porque a minha mãe também era mãe de santo, então quando ela faz o candomblé ela, o santo dela me convidou pra ser ogã, então até hoje eu tô sendo ogã dele, e eu faço mais contato com o candomblé em casa. Ogã é ser a pessoa que bate pro santo dançar, que a pessoa que dá assistência ao santo, que dá comida, é isso.” (Antonico, 17 anos)

A alusão ao homossexualismo que ele recusa está no fato de muitas pessoas associarem o candomblé à figura de alguns pais de santo da área que são homossexuais e mantém relações sexuais com jovens que freqüentam esses espaços.

A vida, a partir de experiências e significados emergentes, é, para Antonico, como a possibilidade de recomeçar sempre, diante de quaisquer dificuldades, em qualquer ambiente.

“A pessoa se reestabelecer no ambiente, no meio de quem ela veve, é uma coisa boa, maravilhosa, que eu jamais quero perder. A não ser que Deus queira me levar, a vida pra mim é ótima..” (Antonico, 17 anos)

Ele vê a vida como projetos e como uma possibilidade de readaptação a novas circunstâncias, como deixa entrever em sua fala:

“A esperança que eu tenho da vida é que Deus me ajude, em primeiro lugar meu pai celestial, e em segundo lugar as pessoas da terra, as pessoas do planeta Terra, os seres humanos que tem piedade, que tem dor no coração, dó no coração, que sabe o que é sofrer, que me ajude, né? Que amanhã depois possa ser um homem de bem, um homem de família, tenha minha profissão garantida, porque eu não quero ter uma só profissão, se Deus me ajudar eu quero ter cinco ou seis profissões, em cima de uma só, porque a pessoa só tendo uma profissão, a pessoa não é nada, a pessoa ganhando um salário mínimo não dá pra nada, então, que eu ganhe um salário mínimo, que tenha vários trabalhos, mas que dê pra sustentar minha família e também dê pra me sustentar...” (Antonico, 17 anos)

Olhando para essa afirmação, pergunto-me se esse adolescente não seria um resiliente, ou seja alguém que consegue dar uma resposta positiva diante de tantas dificuldades existenciais e do contexto de risco, pois fica claro aqui que ele se orienta conforme um projeto de vida, ou seja, ele se propõe um *telos*, ou seja, metas para alcançar, para as quais convergem suas forças.

As relações afetivas são pautadas por uma certa prudência e perspectiva de um futuro. Antonico inicia a sua fala com uma brincadeira, que, no entanto, pode ser tomada como emblemática da fugacidade dos relacionamentos entre os adolescentes, a existência de uma variedade na troca de parceiros. No entanto, o seu discurso vai por outra via, a de uma prevenção e consciência diante dos perigos e medos que emergem das práticas sexuais promíscuas. Ele associa o uso da sexualidade a um projeto de vida, a um futuro, para o qual quer estar preparado, considerada a possível chegada de um filho. Essa sua consciência foi despertada, segundo ele, por um curso que tomou no GAPA – Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS, no qual assimilou essas aprendizagens e faz questão, ainda segundo ele, de utilizar no seu cotidiano. Ele também associa a prática sexual à chegada de filhos, que, no momento, não constam, de seu projeto de vida:

“Eu tenho namorada, tenho dez namoradas. Tenho uma que mora no Boiadeiro, minha preferida que se chama M.; mas nunca transei porque eu não quero ter filho, só quero ter filho quando eu puder ter minha responsabilidade, quando eu tiver com meu trabalho, profissão fixa. Negócio de ter filho agora é muita dor de cabeça. Eu quero namorar, curtir a vida, mas pensar em filho jamais, em transar também não. Também com essa prevenção contra a AIDS, eu fiz o curso do GAPA, já sei tudo sobre isso, não quero jamais me envolver com pessoas erradas”(Antonico, 17 anos).

CASO 3 – ANTONICO, 2003, AOS 25 ANOS

Antonico continua morando em Novos Alagados e está fazendo um caminho de realização dos projetos de vida que estabeleceu desde a adolescência: casar, ter filhos, ser professor e trabalhar em diversos lugares, o que me espanta. Este espanto está em que, decorridos oito anos da entrevista inicial, o adolescente está seguindo as metas que ele mesmo se propôs.

Há dois anos casou-se, no cartório de Plataforma, com uma jovem do bairro e tiveram uma filha, sendo o único dos quatro adolescentes a oficializar uma união civil. Atualmente moram em uma casa conseguida no projeto de urbanização de Novos Alagados. Casa arrumada, com muitos móveis e gradeada como as demais.

Antonico continua a praticar capoeira e dá aulas em um projeto social da área como instrutor, enquanto, no outro turno, trabalha com projetos de educação sexual. Atualmente ensina capoeira e assuntos relacionados à sexualidade, mais junto a meninos e meninas, de projetos sociais da área de Novos Alagados, dentro de uma equipe de outros profissionais. Por fim, ainda trabalha como vigilante à noite, em uma instituição da área, saindo de lá após as ameaças que sofreu do assassino de seu irmão.

Continuou a estudar até o último ano do 2º grau, tendo parado devido ao trabalho noturno.

Antonico se tornou uma espécie de referência para a comunidade por essa dinâmica de trabalhos e conhecimentos adquiridos no projeto social e no esporte que pratica.

Participou, como líder comunitário, nas reuniões que aconteceram durante o processo de urbanização da área de Novos Alagados, mobilizando os moradores e tornando-se, desse modo, uma referência reconhecida pelos moradores.

Durante o episódio da morte do irmão, quase que sua vida foi desestruturada, mas ele encontrou forças e apoios na comunidade, que o ajudaram a permanecer numa postura de equilíbrio, embora o medo e ainda estejam presentes nele.

Atualmente, ele luta para fazer um curso de vigilante e sonha com a possibilidade de viajar à Itália como capoeirista para ganhar dinheiro e sustentar melhor a família, fato que cada vez mais torna-se mais próximo, depois que participou do batizado de capoeira, para mudar de faixa. Continua até os dias atuais a ser discípulo do seu mestre de capoeira, que conheceu no projeto social, na sua adolescência. Freqüenta a academia desse mestre numa outra área do bairro, distante de Novos Alagados, e se mantém fiel à prática esportiva.

De sua família foi o único dos irmãos a não se envolver com a marginalidade, procurando outros meios – lícitos – para sobreviver, e isso se relaciona desde a primeira fase deste trabalho, quando, por suas características pessoais, o adolescente sempre fez uma distinção muito clara entre a sua não entrada na delinqüência e a escolha de caminhos socialmente aceitos para a sua trajetória. Dentre essas características, está a capacidade de escolha, a determinação de projetos de vida e, mesmo, o seguimento de encontros realizados no âmbito do projeto social, com os educadores.

É educador em dois projetos sociais – um como capoeirista e outro como educador em temas relacionados à sexualidade e prevenção à AIDS, dando entrevistas em telejornais e tendo viajado até Cuba, para participar de um encontro sobre o tema.

Anda bem vestido, tem uma casa arrumada e fez, recentemente, o batizado de capoeira de seus alunos de um dos projetos sociais. Tem a carteira assinada como educador do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e mantém uma intensa amizade com dois de seus grandes amigos, também ex-participantes de projetos sociais, que estão atualmente na Itália e mandam, para ele, presentes e algum dinheiro.

Atingiu todas as metas que estabeleceu para si longo da vida. Casou, tem uma filha, trabalha, antes trabalhou em dois lugares, o que indica que conseguiu atingir as duas metas acalentadas desde o ano de 1994.

Antonico é um caso que remete à canção homônima de Ismael Silva, na qual o personagem é alguém que pode ajudar os outros com sua influência nos meios artísticos cariocas. Antonico conseguiu atingir suas metas propostas no primeiro momento desse trabalho e isso indica que há certas características pessoais que são ativadas no encontro com outros contextos de desenvolvimento, geralmente marcados pela presença de pessoas significativas. Ele hoje é uma referência em Novos Alagados, foi até Cuba participar de um projeto de educação sexual. Antonico foi quem ajudou o irmão baleado e o levou a um hospital, mas este chegou lá já sem os sinais vitais. Os dois rezaram juntos e se ajudaram neste último momento. Apesar da morte, sua trajetória segue atingindo outros patamares, como o que acalenta ultimamente: ir trabalhar na Itália, tal qual seus dois amigos.

CASO 4 - CHICO BRITO AOS 15 ANOS, 1994.

Chico Brito, de 15 anos – nascido a 12 de junho de 1980, é um adolescente marcado pela experiência de exclusão social, droga e violência na família, devido à entrada de seus irmãos na marginalidade, o que acarretou diversos problemas para eles. Seu tipo físico é negro, alto, magro, usando sempre um boné que lhe encobre os olhos. Chico Brito tem a característica de não olhar nos olhos das pessoas.

“Os caras me chamam de Chico Brito. Moro na rua D. de M.” (Chico Brito, 15 anos)

Chico Brito entrou no Projeto Social do bairro por causa da música e porque vendia doces nas ruas da cidade. Seus irmãos estão inseridos na marginalidade, realizando assaltos. Um deles foi assassinado. Na casa da família é comum a entrada de drogas, como a maconha. A vida da mãe, uma senhora de idade avançada, é marcada pela constante busca dos filhos em lugares perigosos da comunidade.

Chico Brito conheceu as drogas dentro de casa, através de um irmão. Por sua característica arredia, ele não tem facilidade de encontrar as pessoas, dialogar ou freqüentar espaços onde diversas pessoas precisem estar juntas. Devido a esse comportamento, não consegue permanecer nos projetos sociais em que é inserido pelas pessoas da comunidade, pois diante de qualquer briga com colegas ou de outro desentendimento, ele desiste.

Vive num precário barraco de madeirite, que, com as chuvas, é constantemente alagado, chegando a ser derrubado, momento em que todos os seus familiares precisaram ir para a casa de outras pessoas, o que gerou conflito entre o adolescente e o dono da casa que os hospedou, um homem que costumava abusar do álcool:

“Minha casa não é muito bem... mas dá pra levar alguma coisa... Minha casa é de tauba³⁴... Eu não gosto de minha casa porque minha casa é muito pequena e não tem espaço pra mim morar, ficar dentro. Meus irmãos também quer brincar, mas não pode, tem que ir pra rua... É muito pequena lá. Minha mãe vai aumentar hoje... Minha casa caiu no dia de 2ª feira... eu fiquei muito mal porque tinha que passar pra casa de um rapaz, de meu vizinho que mora lá e ele não quer que a gente ficasse lá porque ele bebe cachaça. Então, eu discuti com ele também e minha mãe. Eu fiquei, fui dormir na casa de minha irmã. Quase ia ter uma briga lá, então aí eu passei pra casa da minha irmã; minha irmã mandou eu chamar minha mãe também, aí ficou a casa lá caindo, sem telhado e chovendo, quando chovia molhava os meninos. Então é muito pequena a casa pra gente morar, pra cinco morar. Como ainda tem mais um que vai vim. Vai ficar mais cheia ainda, sem espaço pra gente. O rapaz mandou a gente ficar na casa dele uns tempos, aí ele não quis, brigou lá, discutiu e eu ia bater nele e tudo, aí minha mãe mandou eu ir pra casa de minha irmã, dormir lá. Eu me lembro do dia que

³⁴ Táboa.

ela foi, ficou lá; ela passou de noite com a mesma casa caindo, arriscado a cair na cabeça da gente; a gente dormindo, desabar com a gente mesmo lá dentro..." (Chico Brito, 15 anos)

A violência, de forma mais explícita, aqui caracterizada pela ação da polícia e das perseguições aos irmãos envolvidos em crimes e no uso de drogas, revela-se na fala de Chico Brito, quando relata sua infância:

"Quando eu morava ali em criança eu via muitas coisas. Meus irmãos... A polícia todo dia ia lá em casa; ia atrás de meus irmãos; batia no meu pai, tomava, levava tudo do meu pai; ia lá, pegava meu irmão; algemava minha mãe; botava dentro do carro pra entregar onde tava meus irmãos. E eu que era maior que minha sobrinha ainda eu botava ela na casa do meu vizinho e o vizinho não gostava; a gente não ia voltar pra casa, ia e ficava lá. Aí quando minha mãe chegava, a gente não ia, não dormia lá não... com medo da polícia voltar lá e matar a gente lá dentro... Dormia na casa dos outros... A polícia indo lá querendo meus irmãos, querendo arrombar minha casa lá.... Os homens lá matou meu irmão... tendo lá todo dia... arrombando a porta... colocou revólver, metralhadora... pegando minha mãe, algemando... pegando documento de meu pai... levou tudo..." (Chico Brito, 15 anos)

A presença do medo é a tônica da fala de Chico Brito, que, como fato marcante, elenca a instabilidade da infância através da violência policial. Ter a casa invadida; ver armas, ver a casa sendo remexida tornaram-se pontos fixos em sua recordação da infância. A morte do irmão; as armas apontadas para sua mãe; a casa sendo arrombadas vai mostrando uma violência concreta do contexto de pobreza urbana, que acompanha o sentimento de infância de Chico Brito. Aparece a violência do contexto social, ou estrutural, que se alia à precariedade e riscos, quando existe alguém na família procurado pela polícia.

Chico Brito vive a experiência da errância ou mesmo do "desterro" quando ele afirma que dormia na casa de outras pessoas, temendo novas investidas da polícia contra seus irmãos envolvidos na criminalidade. Já desde criança, portanto, enfrenta as situações de violência no bairro dentro de sua própria casa, que envolviam seus irmãos:

"Não, minha mãe não tinha sossego não, nem eu, nem meus parentes, porque aonde - meus parente mora no Uruguai. – a mesma coisa os policial saía daqui e ia no Uruguai, na casa de minha avó. Chegava na casa de minha avó batendo, arrombando a porta. Ninguém da minha casa tem sossego: minha mãe, nem eu. Minha mãe ainda não tá tendo sossego ainda. Meus irmão levava roupa prá lá aí a polícia ia, sabendo que ele tava com revólver lá a polícia ia lá em casa, arrombando, vendo nas caixas, quebrando tudo; ia lá jogando panela na maré, jogando um bocado de coisa fora... Por isso que se eu tivesse lá, se encontrasse eles lá eles matava nós; se nós tivesse lá, eles (polícia) ia matar a gente dormindo e aí ia chegar metralhando todo mundo... Por isso, se ele encontrasse um pivete,

um marginal chamado “A”, ele ia matar ele, o primeiro a morrer era ele... “F” que era o chefe deles. Quando “F” tava lá na rua, lá na rua muito doido de erva, de tanta maconha lá na rua, ele foi na padaria, pediu um pão ao rapaz; pegou, tomou o picolé do menino, chupou. Aí teve uma pessoa lá na rua que foi ao posto, chamou a polícia, a polícia fez o cerco nele. Começou a atirar, garrando no poste, chegou na frente do lado do projeto [rua onde existe o projeto social 1, freqüentado pelo adolescente] mataram ele, os policial. E meu irmão morreu – um tomou o tiro aí dentro do ônibus, na barriga – e o outro morreu no Juizado, a polícia arrancou as vinte unhas dele e bateu ... lá no juizado... as vinte unhas dele... e “F” que morreu na rua da creche... de tiro na cabeça... todo metralhado...” (Chico Brito, 15 anos)

Esse relato, de uma violência impressionante, mostra um pouco das recordações de Chico Brito relacionadas às invasões da polícia em sua casa. Essa cena demonstra os métodos violentos da polícia baiana em áreas periféricas da cidade. Há uma dor em seu relato, que se expressa pela morte de um irmão, a prisão do outro irmão, a violência com requintes de crueldade ao arrancar as unhas. Há a presença do uso de drogas, aqui denominada de “erva”, para indicar o consumo da maconha. O adolescente é testemunha de toda essa realidade vivida por seus familiares; ele, desde criança, presenciou essas histórias.

“Meus irmãos ia pra lá, levava muitos cara pra lá, pra lá pro fundo. Minha mãe não podia ver aquele cheiro que se sentia mal³⁵, desmaiava e eles continuava levando os caras pra lá. Minha irmã também ela levava os caras pra lá; meu irmão (o que tomou o tiro) N., ele não gostava também não. Ele bateu, brigou com ela, deu tapa, mandou os cara sair de lá; bateu nos dois irmãos – “A” e N. – ele bateu, mandou os caras sair de lá e disse que se eles fosse pra lá ia matar um por um e até meus irmão ele ia matar porque tava levando os cara pra lá, disse que minha mãe ver aquele cheiro de maconha que ela sentia mal. Eu não, eu só peguei um dia só cheirinho. E eu vi que isso não dá resultado a ninguém, que eu cheirei, disso os outros faz uma coisa que não quer. Quando eu me senti mal eu nem fiquei lá na rua, eu fui logo pra casa. Minha mãe falou, minha mãe também descobriu e aí ela falou comigo que eu fizesse isso, que meu nome já tá no juizado, que onde polícia me pegar já sabe que eu sou irmão de A . e N. se a polícia me pegar pode tá arriscado até a me matar.” (Chico Brito, 15 anos)

Como se pode perceber, há uma situação de risco na infância de Chico Brito. O sentimento de infância mostra-se como um sentimento de injustiça, da privação, da errância, do medo e do trabalho infantil. Ao falar da própria vida, os adolescentes centraram suas verbalizações a partir de fatos que os marcaram nos anos iniciais da vida. Há no contexto de desenvolvimento – família, bairro, relações com vizinhos – riscos acentuados que marcam a experiência do adolescente, como notas de uma trajetória que se vai desenvolvendo, tomando novos rumos, cada vez mais para a inserção em experiências que eram comuns a seus irmãos,

³⁵ Cheiro da maconha...

como o uso de drogas, que ele, Chico Brito, experimenta, pela primeira vez, no ambiente doméstico.

Há a presença da mãe como aquela que tenta impor uma ordem, uma direção à vida dos filhos adolescentes e adultos, mas parece não conseguir, pois eles mostram-se mais articulados com outros jovens do bairro, isso tanto os filhos como a filha. A violência entre eles é marcada na fala de Chico Brito.

Para Chico Brito as experiências ligadas ao namoro são próprias das descobertas adolescentes do mundo. São experiências que, aos poucos, vão mostrando-se violentas, chegando à situação de estupro, tido como natural entre os adolescentes que participam desses rituais de iniciação marcados por violência, diante dos espancamentos aos quais são submetidas as adolescentes que não querem transar com eles. Isso vai mostrar a existência de casas, barracos abandonados a que os adolescentes têm acesso para os namoros e as práticas sexuais, aqui elencadas como práticas em grupo, sendo que os adolescentes atraem as adolescentes e ali, diante delas que só querem namorar, isto é, não transar, eles as forçam, usando, inclusive a violência e a força física. Aparece também a prática do homossexualismo com homens mais velhos, em troca de comida. Chico Brito afirma que sempre está acompanhado, formando grupo, para ir à casa desses homossexuais.

“Namorada eu peguei umas três do São João. aqui em baixo, mas a principal foi uma que a mãe dela queria que eu namorasse na porta com ela, mas eu não namorei e os cara tava dizendo que ela tava grávida minha, mas foi tudo mentira. Os cara ficaro procurano alugação que a mãe dela que eu namorasse na porta com ela. Namorei com ela foi no São João do São João, mas menina que namora comigo eu namoro sério – eu não gosto desses negócio, desses cara que gosta de tirar a menina de casa; eu não, namoro sério, sem sacanagem, mas se elas gostar vou fazer algumas coisas. Eu namoro sério com elas. As meninas que eu namorei foi tudo decente... Minha primeira namorada foi J. O primeiro dia que eu namorei com ela foi no campão, A, aí eu namorei com ela, ela tava gripada, aí eu beijei nela e ela disse que eu não sabia beijar, aí desse dia pra cá ela disse que queria falar comigo aí eu não fui mais, aí terminou. Aí P.L.S. pegou ela... e ele falou que ela não quis mais saber de mim. Aí eu e P.L.S ia brigas porque ele tava alugano, dizendo que tava pegano a minha mulher e eu era corno; onde eu passo ela fica me olhando e me disseram que ela era que queria falar comigo, mas eu nem falo com ela mais.” Quando eu era menor eu fazia isso³⁶ com as meninas lá da rua, mas elas não mora mais lá não... Só tem uma lá assim, que é mãe de família já. A 2ª já tem filhos já.

Na hora que eu não tô fazendo nada eu bato punheta, senão eu vou aí pra casa de L³⁷; eu e os cara; não é só eu. Ele faz os negócio lá com os cara. Vai eu, J³⁸, até A . vai pra lá... Na casa de L³⁹ a gente faz uma parada lá... a gente e os caras, não é só eu não. Ele faz

³⁶ Sexo.

³⁷ Homossexual antigo do bairro, que não mora mais no local.

³⁸ Outro jovem morto pela polícia...

³⁹ Homossexual do bairro, famoso por aliciar muitos dos adolescentes da área...

rango lá, aí os caras do Boiadeiro. vai pra lá. J, J, D⁴⁰ vai pra lá, aí ele faz rango lá e a gente come; depois ele manda a gente furar⁴¹ ele... O primeiro foi eu, depois foi J, depois foi J... Eu furei mesmo, mas não fui assim não, fui com camisinha. Na casa de J, quando a gente fica lá, elas ia pra lá, aí a gente fazia o “bolo⁴²”; elas só quer namorar, a gente não. Tinha que elas queria se sair aí a gente dava bolo⁴³, todo mundo. A gente ia pra lá, elas não queria namorar, a gente ia de pouquinho e pouquinho abaixando a roupa, e elas ia com a gente. Se ela não fosse a gente arrebentava elas. Acho que elas fazia a gente de viado, por isso que a gente fazia isso nelas... que elas marcava com a gente e não ia; a gente pegava ela e dava bolo, se ela não fosse, no outro dia a gente arrebentava ela de novo. Foi só umas quatro desse dia... E agora os caras do Boiadeiro botava elas pra se sair com os caras, atrás da MEG [antiga fábrica, hoje utilizada como escola profissionalizante de uma associação de bairro de Novos Alagados], aí os caras ia e arrombava... ”(Chico Brito, 15 anos)

Pode-se perceber que há uma noção subjacente à prática sexual com as adolescentes pautadas na violência e na sobreposição da própria vontade, em detrimento da vontade delas, mostrando também que a violência é vista como “normal”, como resposta a uma não vontade das adolescentes em transar com eles. As relações sexuais são pautadas pela força.

A existência de uma crença, religião, ou mesmo o acreditar numa força superior que acompanha a vida do adolescente foi tomada aqui como aspecto que emerge da experiência em não conceber-se sozinho diante da realidade. Acreditar na transcendência ou no mistério, ou mesmo em Deus, estando ou não numa organização religiosa. Diante da vida, como se relacionam com as experiências que fazem? É evidente a crença numa força ou uma presença maior que os acompanha. Isso pode ser identificado em suas falas, como a de Chico Brito, que vê em Deus a solução e a esperança diante de seus problemas e os de sua mãe. A presença de Deus na vida dos adolescentes não está associada a uma denominação religiosa, mas sim a uma experiência pessoal, cotidiana, onde Deus aparece como aquele que alumia os caminhos, que orienta e socorre seus filhos nas horas difíceis. Deus é criador, pai santíssimo, expressão de uma grandeza absoluta. Há uma convicção de crença que não é baseadas em regras religiosas. É uma experiência religiosa que nasce do cotidiano dos adolescentes, diante de suas necessidades.

“Mas com fé em Deus eu vou arranjar um trabalho, tiro ela da miséria, faço alguma coisa pra ela, pra mim, vou parar de andar de galera. Andar só: eu e Deus, arrumar um trabalho... ”(Chico Brito, 15 anos)

⁴⁰ Outro jovem morto pela polícia...

⁴¹ “Furar”, o mesmo que penetrar, transar.

⁴² 3º sentido de “bolo”: transar.

⁴³ Uso da violência, bater.

O projeto de vida de Chico Brito está relacionado a arranjar um trabalho para sair da miséria, e, de fato, miséria é a palavra que define a vida que sua família leva. Lembro que, quando fiz uma visita a sua casa, fiquei impressionado com a sua pobreza, era uma casa de madeirite, pequena e mal cheirosa. Aqui se entende porque o entrevistado dá tanto valor a uma nova casa e despreza essa em que vive. Veja-se o lugar que a família ocupa em seu projeto de vida (a mãe, a casa).

Para Chico Brito, a mãe é a figura de referência e de cobranças, ou seja, quem o acompanha na vida é ela, através dos conselhos e da presença, sendo, inclusive, objeto de seu projeto de vida que consiste em conseguir um trabalho, a fim de tirá-la da miséria. Essa miséria relaciona-se com a precariedade da vida que leva sua mãe, numa casa considerada por ele como horrível, devido ao estado em que se encontrava no momento da entrevista; tinha acabado de cair e eles estavam morando em casa de vizinhos e parentes, com todo drama que isso representa. O projeto dele é primeiro para a mãe, depois ele próprio.

"Minha mãe não trabalha não. Minha mãe fica em casa. Meu pai trabalha, mas quando bebe chega em casa bagunçando, dizendo que eu tô fumando maconha, roubando, a mesma coisa que ele fazia com meus irmãos. Eu tô injuriado, pego... e até arriscado eu fazer isso; essas coisas que eu não faço. Tem vez que minha mãe me dá conselho, mas é bom, mas tem vez que ela fica falando, falando e eu já falei a ela que eu ia fugir de casa... ela ficou lá com meu pai discutindo. Minha mãe não trabalha, mas meu pai trabalha... Ele dá tudo, mas... como ele bebe joga tudo fora lá em casa. Também se ajunta com os cachaceiros lá. Agora... minha irmã mora no Boiadeiro com o marido dela, tem três filhos já. Ela é dessa vida também... Saiu já tá trabalhando já.. Eu faço alguma coisa lá em casa, às vezes eu vou pro Projeto Social 3, quando eu chego no Projeto Social 3 eu fico lá.... (Chico Brito, 15 anos)

De fato, *miséria* é a palavra que define a vida que essa família leva. Lembro que, quando visitei Chico Brito em casa, fiquei impressionado com aquela pobreza. Mora em uma casa precária, que fica sobre as palafitas, em uma rua de Novos Alagados, que caiu recentemente. A casa, construída com madeira e outros materiais, é pequena e, naquele espaço reduzido, uma família inteira – de seis pessoas - tem que conviver, sem espaço para a própria privacidade, sendo que o jovem ficava muitas horas na rua, não por querer mas por não haver espaço para ficar em casa. É um cômodo onde todos dormem no chão ou sobre um velho sofá, com um mau cheiro insuportável. Não é necessário dizer que, nessas condições, a higiene pessoal do adolescente não é satisfatoriamente realizada.

Nesse contexto se entende o grande peso que Chico Brito dá à falta de uma casa digna. Com relação ao futuro e às suas perspectivas, ele identifica a constituição de uma família, com um único filho e uma condição digna de moradia, caracterizada pela família pequena e um espaço apropriado para recebê-la.

Para Chico Brito, os relacionamentos com outros adolescentes são marcados por um sentimento de exclusão diante das provocações ou brincadeiras destes, o que o irrita profundamente, chegando a certo nível de distanciamento, que o impede de, por exemplo, continuar num projeto social e num grupo musical. Outros colegas seus da mesma rua já estão envolvidos com drogas, e ainda o tentam convencer a experimentá-las. Nele, o encontro com os pares adolescentes vai formalizando uma espécie de enfraquecimento dos vínculos sociais e, ao mesmo tempo, mostra uma espécie de aliciamento em processo para a entrada no mundo das drogas. Em muitos momentos, ele afirma que os colegas o chamam para se drogar, e ele afirma que num destes pedidos e solicitações, experimentou maconha pela primeira vez. Essa é uma característica de Chico Brito, que já era isolado e foi tornando-se sempre mais, a ponto de sair do Projeto e da música de que tanto gostava.

As amizades com marginais e delinqüentes conseguem influenciá-lo, o que aponta para uma certa ambigüidade no relacionamento, mas uma ambigüidade diferente da de P.L.S. que, por exemplo, tem um projeto de vida marcado pela necessidade de trabalhar com carteira assinada, ou de Antonico, que mantém uma distância proposital dos delinqüentes, por decisão pessoal. Chico Brito já é considerado “da galera”, pelo fato de seus irmãos e ele mesmo já ter experimentado maconha; isso indica uma aproximação com esses grupos, sendo já considerado um usuário (de drogas) pelos outros colegas. O seu padrão de relacionamento com os delinqüentes é marcado por uma aceitação de parte a parte, nesse ambiente.

“Lá na rua eu tenho uns camarada, mas no projeto, porque assim eu não tô indo mais; como eles ficava eu não gostava de ir; ficar de junto deles porque eles era muito abusado. Até no ônibus quando a gente ia fazer apresentação eles ficava abusando: S. me abusando, abusando P.L.S. Eu um dia ia brigar com D. dentro do ônibus por causa de alugação. D. alugava, depois eu vim sentar e pensei que esse negócio de alugação ia causar uma briga; eu, eles ali, então eu parei e nunca mais andei com eles. Naonde ele passa ele fala comigo, eu falo com ele, mas nunca mais eu andei com eles” (Chico Brito, 15 anos).

Para que a criança ou adolescente freqüentasse o projeto social era necessário que estivessem trabalhando, geralmente vendendo nas ruas da cidade ou nos ônibus e ferrys, como no caso de Chico Brito. Mas, mesmo após a inserção, muitos

deles continuam a trabalhar, pois a ajuda do projeto, de uma cesta básica, não se mostra suficiente para a manutenção e apoio às famílias.

Chico Brito foi acompanhado e encaminhado por uma assistente social do projeto social, que conseguiu inseri-lo em outro projeto social, devido à sua musicalidade. Na verdade, esse começar já é um recomeço, pela 2^a ou 3^a vez, o que representa uma certa dificuldade de estabelecimento de vínculos com o lugar e com as pessoas. Note-se, por exemplo, que tudo é jogado para um futuro.

No projeto social, freqüentado por Chico Brito, há diversos cursos sendo oferecidos. A adaptação de Chico Brito ao projeto social foi marcada por certas dificuldades de relacionamento com os seus pares e com os educadores, o que o levou a isolar-se mais e mais. Sua fala apresenta o projeto social como o lugar onde há a presença de drogas, contrastando com essa imagem de projeto social enquanto promotor de cuidados e proteção aos adolescentes.

Ele deixa isso claro numa fala onde relata o seu segundo encontro com as drogas, desta vez no âmbito de um projeto social, oferecida por colegas da instituição, sendo “salvo”, naquele momento, pela presença do educador. A sua relação com o projeto social parece desvelar-se como embutida em certa passividade e isolamento.

“Eu peguei um dia só e um dia foi lá que os cara queria me dar maconha e eu não quis... os cara lá no Projeto Social 3; tem um menino lá chamado C., ele que leva maconha pra lá pra dentro... o educador viu no dia que eles ia pegar maconha, o educador pensou que eu tava até fumando... Aí tinha um bocado no banheiro, eu tava tomando banho, aí eles fumando lá, aquele negócio lá pra fumar e o educador... eles me ofereceram e eu falei: “não, não quero não, se também aqui dentro é proibido fumar, vocês não sabem não?”

“Não, o educador não tem nada a ver não; o educador não vai fazer nada não...” Aí eles queriam fumar se o educador não chega mesmo eu ia fumar, não tava faltando nada pra eu fumar. Foi o educador que me tirou... Tem um bocado de menino que lá não fuma e ia fumar por causa deles, que mais teve lá que ia fumar e eles botou maconha na boca do cara, pra fumar com o cara. Botaram o cara e disse: “se você não fumar lá em frente, no dia da bolsa a gente vai tomar seu dinheiro, na 6^a feira a gente toma seu dinheiro...” Aí o pivete ia fumar, aí o educador chegou no banheiro, viu o cheiro, viu a porta arrombada aí entrou lá embaixo e foi ver. Todo mundo tava escondido e eu tava no banheiro tomando banho...” (Chico Brito, 15 anos)

Essa prática se dá devido à multiplicidade de experiências e caminhos dos adolescentes inseridos nos projetos sociais, sendo muitos deles oriundos de situações de marginalidade e crime, onde as drogas circulam livremente. Pode-se verificar que o projeto social, de repente, torna-se o lugar do risco, não da proteção, como bem vem descrita em diversas metodologias que buscam incentivar o protagonismo juvenil, a

escolarização e a expressão artística. Aqui se constata a presença do adulto, educador, como figura de proteção. Já o projeto social poderia ser identificado, a partir da experiência de Chico Brito, como um fator de proteção e, ao mesmo tempo, de risco.

“Eu gosto de música, gosto de tocar... Por isso que a professora me botou lá no Projeto Social 3, porque eu pedi a ela pra tocar. Toco lá no pagode do irmão de L, que ele me chamou, mandou eu passar umas coisas que eu sei passar pros cara que não sabe lá, pra aprender umas coisas; toquei no Oxumaré; toquei lá com E. e os meninos; toquei também no Projeto Axé, no Erê; eu gosto de tocar no Projeto Social 3 e dona V. disse que ia botar uma banda e eu também vou tocar e agora tô entrando num grupo aí do irmão de L., é “Sabor de Pagode”, que vai lançar agora nosso grupo. Tá tá saindo aí pela rua.. Então, eu gosto de tocar, cantar e o que eu mais gosto é isso. O que eu não gosto é a capoeira e é isso aí... Eu gostava porque eu tocava tumbadora, mas toda vez que eu não gostava porque tinha muita alugação; os meninos ficava alugano... E, D, esses caras assim gostava de ficar alugano os outros e eu não gostava. A gente brigava, eu falava com R.. R reclamava com eles, mas eu não gostava da roupa e do instrumento que tava muito velho também... Eu não gostava. E também eu não queria que acabasse. Acabou por causa de R. mesmo; se fosse de voltar, voltava, eu tocava tudo, mas acabou por causa de R., porque os meninos não se interessou, não quis mais ir. Ele pegou acabou. Viu que os meninos não quis mais ir, aí terminou o grupo.”(Chico Brito, 15 anos)

Chico Brito dá aqui a sua versão para o fim da Banda, que acabou por diversos outros motivos. Três dos quatro casos aqui analisados participaram dessa banda. Houve uma denúncia de violência que fez o projeto encerrar-se, para o pesar de todos eles, que, volta e meia, se queixaram, ao longo destas entrevistas, pela impossibilidade de continuar a tocar, atribuindo o fato aos responsáveis pelo projeto.

Note-se a quantidade de lugares onde Chico Brito tocou. Impressionante a força e a presença da música em sua história. Há nos projetos a presença de adultos, assistentes sociais e educadores, atentos aos talentos e às vocações dos adolescentes, capazes de possibilitar uma inserção em outros âmbitos onde melhor desenvolver suas potencialidades. Ainda é nos projetos sociais que esse adolescente vai desenvolver-se e se tornar uma referência a partir do encontro com a música, que lhe possibilita uma integração. Chico Brito tem fascínio por música – percussão. Tem enorme facilidade para tocar instrumentos de percussão. Com esse pendor para a música, é muito solicitado por diversos jovens do bairro e/ou fora, para tocar ou ensinar os toques que sabia. A música é o ponto central de sua trajetória, o que podemos entrever de suas declarações e ainda da sua prática musical. Participa de um grupo musical formado no projeto social que freqüenta. Essa banda foi muito importante no trabalho com os adolescentes, porque lhes serviu de inserção no bairro. Houve a falta de trabalho pedagógico, pois o instrutor utilizava métodos

violentos com os alunos. A música é o ponto central da trajetória de Chico Brito, o que podemos entrever de suas declarações e ainda da sua prática musical.

Chico Brito vai revelar uma dupla face no seu relacionamento com o projeto social: mesmo sabendo da importância deste na sua vida, ele não consegue integrar-se, particularmente pelas dificuldades de relacionamento com os outros adolescentes do projeto social e da banda, e, por isso, ressente-se das possibilidades que está perdendo por não freqüentar o projeto social. Note-se que ele reflete a sua experiência anterior (vender na rua) e a entrada no projeto. Ele também participa de outros projetos sociais:

“Eu vendia picolé, no final eu vendia caramelo; trabalhava na ferragem, de primeiro. Saí disso tudo, depois minha mãe disse que tava dona V. fazendo um Clube aí, o PS me escreveu, entrei, achei bom, mas quando me botaram no Projeto Social 3, eu peguei não fui mais; depois desse dia eu não fui mais. Mas tudo isso é bom... pra quem não aproveita, quem aproveita. Eu tô perdendo muitas coisas; eu vou começar ir pro projeto; tô perdendo muitas coisas lá... coisa que eu não sei, posso aprender, amanhã depois eu posso trabalhar ni algum lugar; na gráfica, na marcenaria, pra poder trabalhar; como tem muitos professor lá, que também já passou por isso como a gente tá passando e agora tá num lugar melhor, num emprego, e eu posso até conseguir isso; eu e outros meninos, uma oportunidade dessa também. É bom lá ...” (Chico Brito, 15 anos)

Atualmente Chico Brito não freqüenta a escola, afirma ter usado drogas e o relacionamento com as meninas é marcado pela violência; ele usa a sexualidade, para conseguir presentes e dinheiro, através da “prostituição”, ou abuso sexual.

Foi indicado para participar de outros projetos sociais, mas, por fim, vai sempre desistindo. Atualmente, um de seus irmãos está preso e outro foi assassinado depois de um assalto a ônibus, o que ele relembrou com riqueza de detalhes impressionante, chegando a chocar pela descrição.

O seu projeto de vida é relacionado ao trabalho. Dos quatro adolescentes entrevistados, ele parece ser aquele que está, aparentemente, sem projeto de vida, ou guarda um silêncio quando falamos deste tema nas poucas conversas que conseguimos realizar. Isso espanta porque parece que ele teria desistido de viver mais, estando apegado à sua dura realidade, sem olhar para o futuro.

CASO 4 – CHICO BRITO, AOS 23 ANOS, 2003.

Chico Brito foi mergulhando, cada vez, em um processo de marginalização, até chegar a usar drogas e praticar assaltos com armas de fogo em toda a área de Novos Alagados.

Continuava a encontrar as pessoas e a não encará-las, como há nove anos atrás. Falava poucas palavras e saudava, de soslaio, os que encontrava, sem deter-se.

Chico Brito teve um irmão assassinado; um outro preso, que cumpre pena por assalto a mão armada; o pai também faleceu e uma irmã estava foragida da polícia.

Com os anos a mãe, uma senhora negra, de lenço na cabeça, que conhece a fundo a medicina popular, sendo perita no uso de folhas, começou a dar sinais de loucura, falando sozinha, perambulando pelas ruas do bairro.

Chico Brito também vivia andando e perambulando pelo bairro, sempre drogado e armado.

Fumava maconha nos becos e nas portas de venda. Não se envergonhava de mostrar as armas que tinha em sua posse. Mostrava as armas, mas não o rosto, guardado por um boné.

O fato de alguém possuir uma arma atrai, para si, muitos interessados, sendo que o meio usado para consegui-la passa, em alguns casos, pela perseguição e extermínio do portador.

Parou de tocar percussão, como quem desiste da vida. Com essa desistência passou, cada vez mais, a se fechar em sua trajetória, não participando mais de nenhum agrupamento social, à exceção da quadrilha que integrava.

O processo de mudança do bairro não acarretou nenhuma melhoria na casa de Chico Brito.

Chico Brito, mesmo sabendo do perigo que corria, por portar uma arma, foi a uma festa de São José, organizada no bairro de Novos Alagados, em um domingo de março.

Lá, no início da noite, foi baleado por outros delinqüentes de uma área mais antiga do bairro.

Levado para o hospital por pessoas da rua onde habitava, chegou ainda com vida e em razoável condição de saúde, mas quando souberam que se tratava de um “marginal”, deixaram-no morrer sem atendimento, segundo disseram as pessoas do bairro que o socorreram.

De uma hora para outra, Chico Brito faleceu.

Logo providenciaram o enterro, silenciosamente, sem que muitas pessoas do bairro soubessem do que estava acontecendo.

Baixou à sepultura rápido, sem despedidas, sem velório ou sentinela, no dia 24 de março de 2003.

E, num silêncio tremendo, sua vida terminou, não causando nenhuma consternação ou mesmo manifestação aos moradores de Novos Alagados, seu lugar de origem e existência.

Assim sua trajetória teve fim. Com um silêncio e uma discrição que só a morte precoce consegue imprimir a uma vida marcada pela privação e pela marginalidade.

Sua mãe continua a andar pelo bairro, tendo momentos de lucidez e loucura, saudando a todos que passam pelas ruas.

Ainda em 2003, quando da morte de Chico Brito, a sua casa continua nas mesmas condições descritas por ele em 1994. O barraco de um cômodo, “caindo aos pedaços”, que o humilhava, pois não podia nem sequer ficar dentro, por isso tinha que sempre ficar fora, para não compartilhar da miséria, que o perseguiu até o fim da vida.

Muitas das informações sobre o seu último período de vida foram coletadas a partir de conversas com seus colegas e num encontro com ele, que tive, um mês antes de sua morte, quando eu andava pelas ruas do Boiadeiro. Como no samba de Wilson Batista e Afonso Teixeira, a vida de Chico Brito teve um revés que mudou os seus rumos, inserindo-o cada vez numa trajetória de marginalização, uso de drogas e posse de armas. No samba, o personagem Chico Brito teve parâmetros de socialização que podem ser denominados de “positivos”; na vida real, o adolescente Chico Brito, ao contrário, teve, desde cedo, que conviver com a violência e marginalização em sua própria casa, tendo por modelos figuras que deveriam ser uma referência de autoridade (a família, a polícia).

OS CASOS EM PERSPECTIVA

Com o objetivo de analisar, comparativamente, os quatro casos, ao longo dos domínios contextuais e pessoais identificados para os adolescentes, busco, finalmente, tomá-los em perspectiva.

O objetivo dessa análise é identificar em conjunto, e ao mesmo tempo individualmente, como emergiu a experiência de ser adolescente em Novos Alagados, a partir dos quatro casos estudados. Essa síntese temática foi construída após a transcrição das entrevistas e da análise das falas, aqui tomadas enquanto elementos culturais e semióticos que possibilitaram o desvelamento das experiências subjetivas dos adolescentes (Rossetti-Ferreira, Silva e Amorim, 2004). Estrutura-se a partir dos domínios do cotidiano, orientados

pelos sistemas propostos por Bronfenbrenner (1979/1996), os quais, neste trabalho, ancoram a realidade contextual e a experiência do adolescente inserida num ambiente de desenvolvimento humano. Outro objetivo dessa síntese é favorecer a visualização em conjunto e em separado, possibilitando a apreensão de conteúdos surgidos durante as entrevistas. Para isso, as sínteses foram divididas em cinco quadros temáticos, envolvendo:

- a) Expectativas, crenças, percepções e sentimentos;
- b) Experiências;
- c) Eventos críticos(fatores de risco);
- d) Repertório/talentos;
- e) Fatores de proteção.

QUADRO 1 – Expectativas, crenças, percepções e sentimentos.

DOMÍNIOS	CASOS			
	Marvin, 16 anos	Antonico, 17 anos	P.L.S, 18 anos	Chico Brito, 15 anos
Expectativa de que a escola melhore a vida	X	X	X	-
Bairro como um lugar violento	X	X	X	X
Sentimento de injustiça na infância	X	X	X	X
Crença em Deus	X	X	X	X
Pertencimento a uma religião	-	Candomblé	-	-
Avaliação positiva da própria vida	X	X	X	Silêncio
Avaliação da própria residência	“casa de lata”, não gosta.	Palafita, nada declarou.	Palafita, nada declarou	Barraco de madeira, não gosta.
Projeto de vida	Família, profissão	Trabalho, família	Trabalho fixo	Trabalho, deixar de andar de “galera”

Legenda:

(X) ocorre

(-) não acontece

QUADRO 2 – Experiências dos adolescentes nos domínios, atividades.

DOMÍNIOS	CASOS			
	Marvin, 16 anos	Antonico, 17 anos	P.L.S, 18 anos	Chico Brito, 15 anos
Trabalhar fora de casa	X	X	X	X
Participa de projetos sociais	X	X	X	X
Tocar em bandas / grupos musicais no projeto social	X	X	X	X
Tocar em bandas/grupos musicais no bairro	X	X	X	X
Freqüência regular à escola	-	X, com conflitos	X, com dificuldade	-
Prática religiosa	-	X	-	-
Prática de capoeira ou outro esporte	-	X	-	-
Práticas sexuais(iniciação heterossexual)	X, pouco	-	X	X, com violência

Legenda:

(X) ocorre

(-) não acontece

QUADRO 3 - Eventos críticos (fatores de risco)

DOMÍNIOS	CASOS			
	Marvin, 16 anos	Antonico, 17 anos	P.L.S, 18 anos	Chico Brito, 15 anos
Conflito com a escola	X	X	X	X
Separação precoce da família	X	X	X	-
Família alvo de violência policial	-	X	X	X
Prisão de familiares	-	X	X	X
Ser preso	-	-	X	X
Morte violenta na família	-	-	-	X
Uso de drogas	-	-	-	X
Ser percebido como usuário de drogas	-	-	X	X
Amizades com delinqüentes	-	-	X	X
“Prostituição”/ abuso por homossexuais	-	-	X, em troca de dinheiro e presentes	X, em troca de comida.
Violência no bairro: formas	Tiroteios, mortes, assaltos, espancamentos, colegas no crime.	Roubos, lei do silêncio, drogas roubo dentro de casa, mortes presenciadas	Roubo, mortes, drogas, quadrilhas, colegas no crime, envolvimento e não envolvimento	Mortes, droga, perseguição policial, assaltos, invasão da casa pela polícia
Violência física na família	X	X	X	X

Legenda:

(X) ocorre

(-) não acontece

QUADRO 4– Repertório/talentos

DOMÍNIOS	CASOS			
	Marvin, 16 anos	Antonico, 17 anos	P.L.S, 18 anos	Chico Brito, 15 anos
Habilidades musicais	X	X	X	X
Habilidades esportivas	-	X	-	-
Iniciativa	X	X	X	-

Legenda:

(X) ocorre

(-) não acontece

QUADRO 5 – Fatores de proteção

DOMÍNIOS	CASOS			
	Marvin, 16 anos	Antonico, 17 anos	P.L.S, 18 anos	Chico Brito, 15 anos
Mãe como referência	X	X	X	X
Adultos de referência no projeto social	X, educadora	X, professor de capoeira, educador	X, professor de música	X, professor de música
Rede de apoio disponível	X, mãe, vizinhos, música, projeto social	X, capoeira, mãe, escola, projeto social	X, projeto social, mãe	X, Projeto social, mãe, outros projetos

Legenda:

(X) ocorre

(-) não acontece

De modo geral, há uma série de tramas e aspectos do cotidiano contemplados em cada trajetória, levando em conta as particularidades e semelhanças entre os anos de 1994 e 2003.

Antonico apresenta, comparativamente aos demais: trânsito por um número maior de domínios; relato de uma menor proporção de eventos críticos (acima apenas de Marvin); mais habilidades; relacionamento com uma rede social mais ampla. No outro extremo, parece situar-se Chico Brito: experiencia quase todos os eventos críticos; tem rede social mais restrita (e mais dificuldades relacionais); é menos orientado para o futuro.

Pode-se perceber que o caso de **Antonico**, por exemplo, se apresenta diante da realidade contextual de Novos Alagados, com os adultos de referência, a experiência do trabalho infanto-juvenil, os relacionamentos, o projeto social, a inserção na capoeira – esporte de predileção, numa relação que pode ser demarcada por um grande potencial de relacionar-se com todos os aspectos de sua trajetória. Há nele como que um projeto de vida que vai se afirmando em meio às dificuldades. Evita sistematicamente expor-se a fatores de risco conhecidos. As situações adversas são para ele uma possibilidade de colocar-se em busca, em movimento, ou seja, a trajetória desse adolescente se caracteriza pela existência de modos de enfrentamento e estabelecimento de metas a alcançar.

P.L.S amplia, o tempo inteiro, suas possibilidades de relacionamentos com as figuras mais díspares existentes dentro e fora do contexto Novos Alagados, caracterizando-se por uma inserção entre a tênue linha da marginalidade e o meio social. Aparece, em sua trajetória, o tempo inteiro, essa capacidade de socialização, mediada pela sua facilidade comunicacional, o que, para ele, se configura tanto como possibilidade de abertura quanto de fechamento diante desses mesmos relacionamentos. Há, também, uma necessidade de “beirar o abismo”, o perigo, caracterizada pela proximidade e, ao mesmo tempo, uma tomada de distanciamento diante de riscos potenciais à sua vida. Assim, ele se relaciona com as amizades, o trabalho infanto-juvenil, a música e as figuras de referência. Sua trajetória indica a necessidade dele de ostentar um nível social mais integrado às camadas da classe média, particularmente pelo uso das roupas, estilo de apresentar-se etc.

Chico Brito, ao contrário das trajetórias de Antonico e P.L.S., vai como que fechando-se aos relacionamentos encontrados no contexto de Novos Alagados, isso mesmo que foi demarcado pela sua trajetória familiar – presença de furtos, drogas, perseguição policial à sua família, invasão da residência –, se reflete na incapacidade de aprofundar relacionamentos tanto com os seus pares – adolescentes do projeto social, adolescentes dos grupos de música que freqüenta, como também com adultos e educadores do bairro e dos espaços dos projetos sociais. Parece que, em resposta ao encontro com situações adversas, o adolescente vai fechando-se num ciclo de violência e afastamento, que se expande até às relações afetivas e mesmo as experiências sexuais. Como resultado desse afastamento, o adolescente encontra nas drogas – obtidas na rua, com alguns colegas e mesmo em sua própria residência – uma possibilidade de enfrentamento dessas situações, o que, por outro lado, o leva sempre mais a um caminho

de marginalização e apartação social a que são relegados os usuários de drogas no contexto da favela urbana. É interessante notar que nem o fato de existir um talento especial do adolescente para a música conseguiu integrá-lo ao contexto social e relacional.

Marvin aparece como à parte de todo um processo de marginalização dentro do bairro: sabe – e conhece - os jovens marginais, mas com eles não se envolve; vive experiências de amizade infantil com alguns amigos e companheiros e carrega muitos desses sentimentos. Sua trajetória é marcada pelo trabalho e pela experiência do afastamento da mãe e dos irmãos, devido ao castigo que recebeu por um roubo ocorrido na sua rua, do qual afirmaram ser ele o culpado. Sua trajetória vai ser demarcada, de modo geral, por essa “apartação”, aqui denominada de “desterro”, mas, ao mesmo tempo, pela constante ajuda à família com seu trabalho, pelo seu afastamento da escola, inserção no projeto social e o desenvolvimento de dons artísticos - música e desenho.

CONCLUSÃO

As quatro trajetórias aqui delineadas se apresentam, cada qual, com sua singularidade e semelhanças; cada adolescente responde de forma diferente às situações e solicitações do ambiente, em determinada etapa do ciclo vital. Cada um deles vai ressignificar a experiência vivida: um com mais determinação, enfrentando-a como um desafio e seguindo em frente a sua trajetória de desenvolvimento (**Antônico**); outro adolescente não se anula em virtude da adversidade, reaproveitando a situação para aprender a se socializar com os mais diferentes contextos, utilizando, para isso, um talento pessoal – a comunicabilidade (**P.L.S.**), é no entanto envolvido pela trama da violência, sendo assassinado; outro, parece reduzir seus espaços de socialização e trânsito, como que respondendo com um silêncio e um crescente envolvimento com a marginalidade, o que o vitimiza (**Chico Brito**), enquanto que o outro, por fim, (**Marvin**) segue um rumo ditado pela proximidade com outros referenciais mais pueris e do seu ciclo de amizades, preservando-se de situações e de referenciais de risco à sua integridade.

Por fim, este capítulo buscou apresentar as travessias, ou seja, os caminhos seguidos por quatro adolescentes no contexto de Novos Alagados, e as estruturas de oportunidade aí sugeridas e indicadas. Interessante é notar os diferentes tipos de

relacionamento dos adolescentes com espaços de socialização e expressão artística existentes na área, cada qual respondendo ao seu modo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações finais constituem-se como a possibilidade de perceber a convergência dinâmica entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto, reconhecendo, conforme a Rede de Significações, que “[...] os processos de desenvolvimento das pessoas encontram-se situados em contextos cultural e socialmente regulados, caracterizados pelo ambiente físico e social, onde o contexto ocupa um papel fundamental, visto que, inseridas nele, as pessoas passam a ocupar certos lugares e posições” (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004, p.26).

O olhar abrangente recomendado pela abordagem ecológica do desenvolvimento humano é importante aqui: as barreiras impermeáveis do contexto podem se modificar também a partir de recursos pessoais acumulados e construídos na interação com outros sociais significativos, alterando as estruturas de oportunidade e abrindo canais efetivos de participação social (Goodnow, 1995).

Assim, apresento os fatores de risco e proteção disponíveis aos adolescentes no contexto de Novos Alagados, procurando descrever a dinâmica do desenvolvimento humano culturalmente situado dentro dessas perspectivas teóricas norteadoras do estudo (Rede de Significações e ecologia do desenvolvimento humano), levando em conta as interações dos adolescentes com o contexto social.

FATORES DE RISCO PARA A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS ALAGADOS

Os fatores de risco são variáveis, dadas condições presentes no contexto pessoal e social que podem comprometer a saúde, o bem estar e a integridade física e psicológica dos indivíduos. Tais fatores caracterizam-se por uma dinâmica que envolve a vulnerabilidade, a capacidade de respostas adaptadas às situações adversas (também denominada de resiliência, conceito ainda em formulação) e mesmo a existência dos fatores de proteção. Essa dinâmica, em torno do risco psicossocial para o adolescente que mora numa favela urbana, envolve: a) a favela, como lugar desprovido de segurança; b) a noite, quando ocorrem violências mais graves; c) o estigma relacionado a etnia e formas de vestir; d) processos de marginalização; e) a situação familiar (furtos, drogas, espaço reduzido); f) o acesso às drogas; g) modalidades violentas ou abusivas de vivência da sexualidade e iniciação sexual; h) a emergência da violência; i) o “desterro”.

A favela foi identificada, neste estudo, como um lugar de risco acentuado para a trajetória de desenvolvimento dos adolescentes, por ser um ambiente marcado pela pobreza urbana, onde se convive com a pobreza, a violência e a impunidade, dentre outras características. O contexto de risco na favela se expressa através da violência, por exemplo, em suas manifestações mais diversas, desde a policial, às privações, até aquela praticada por delinqüentes locais, que fazem uso de armas de fogo, como uma forma de intimidar as pessoas (Briceño-León, 2002; Machado e Noronha, 2002). Em Novos Alagados, esses delinqüentes estão também invadindo casas abandonadas onde programam suas ações, usam drogas e ainda abusam sexualmente das adolescentes do bairro.

Os adolescentes (Marvin, Antonico, Chico Brito e P.L.S.) falam do bairro onde moram como um lugar violento nos diversos níveis: a violência diretamente relacionada a eles e aos seus familiares, assim como aquela contra as outras pessoas que moram na área, sendo crescente o número de jovens citados ao longo das entrevistas e que já foram assassinados ou estão envolvidos em trajetórias demarcadas por crimes. A violência está presente na trajetória dos adolescentes, tendo eles testemunhado tal situação na própria família, ao ver os irmãos, um sendo preso e o outro assassinado (Chico Brito), ou nas ruas da favela, onde ocorrem perseguições e assassinatos (Marvin, Antonico e P.L.S.).

Um adolescente teve a casa várias vezes invadida pela polícia (Chico Brito), em busca de armas e de seus irmãos que assaltavam, e esse mesmo adolescente referiu a existência de drogas em sua casa.

Os outros três adolescentes confirmaram a existência de drogas no bairro e o envolvimento de seus colegas nesse meio; e disseram nunca terem sido obrigados a utilizá-las (Marvin, Antonico e P.L.S.), embora um deles afirmasse ter experimentado maconha por duas vezes, em 1994 (Chico Brito). Anos depois, dois dos adolescentes começaram a utilizar drogas com freqüência (Chico Brito e P.L.S.).

O uso de drogas, no contexto de pobreza urbana, também é associado à marginalidade e à delinqüência, e, posteriormente, como num crescendo, associada a essa prática, há a posse ilegal de armas de fogo (emprestadas, alugadas, furtadas etc.).

O período de maior risco para os adolescentes habitantes da favela é a noite, pois é nesse período que os marginais e delinqüentes estão agindo mais livremente, principalmente nos assaltos - arrombamentos de casas.

Outro fator de risco deve-se ao extermínio, chegando os jornais de Salvador, bem como Fórum Comunitário de Combate à Violência a veicular a tipologia daqueles que podem

ser vitimados com o extermínio: negro, maior de 15 anos, residente de áreas periféricas, pessoas que saem de casa à noite, principalmente nos finais de semana (FCCV,2002).

A roupa usada pelos adolescentes, geralmente desperta a suspeita de policiais. Estar sem camisa, com tatuagens, brincos, roupas de marca ostensiva ou descalço pode ser interpretado como um indicador de marginalidade nas áreas periféricas.

Outro fator de risco é a etnia. Ser negro (pardo ou afrodescendente) e morar na periferia também é causa de sérios agravos à integridade física da pessoa; os quatro casos se enquadram na classificação étnica afrodescendente (sendo Chico Brito negro e os demais - Antonico, P.L.S. e Marvin - pardos). Na favela, o preconceito atinge a população jovem e produtiva, por causa do estigma que pesa sobre os habitantes das áreas periféricas, desqualificando-os, entre outras coisas.

A freqüência a lugares desertos, como pequenas várzeas (campos de futebol) e matagais, como os que existem em abundância em Novos Alagados, pode ocasionar as primeiras e continuadas experiências com drogas, assaltos, espancamentos e prisões, favorecidas pela presença, nesses locais, de marginais, delinqüentes e traficantes que iniciam outros jovens no uso de entorpecentes.

Nos campos de futebol e nos matagais, há o esconderijo de diversas drogas e armas. Jogar futebol ou “armar passarinhos” , nessas áreas, é um risco, porque os adolescentes podem ser coagidos por outros jovens ao uso de drogas e a toda uma dinâmica da marginalidade. Chico Brito fez essa experiência, tanto em sua casa, quanto em espaços desertos, como os acima delimitados.

A violência também é grande nesses locais, sendo que os jovens podem testemunhar assassinatos, espancamentos, violência sexual, uso de drogas e toda sorte de vitimização e transação com roubos.

Os adolescentes estão mais expostos à violência também porque não se conformam diante da violência perpetrada contra eles por policiais e delinqüentes, indo em busca de vingança, armando-se dos meios que dispõem para atingir tal objetivo.

Os quatro casos aqui acompanhados apresentam padrões diversos de relacionamento com a violência e com a possibilidade de infração.

Chico Brito parece que vai “se marginalizando” cada vez mais e sua inserção no bairro vai-se reduzindo a partir do encontro com os outros (colegas e adultos). Nele, os encontros e a convivência com as outras pessoas são marcados por conflito, e ele vai se fechando cada vez mais sobre si mesmo. Suas relações são violentas com os colegas e com as meninas, o que pode evidenciar sua vulnerabilidade frente às adversidades vividas ao longo

de sua trajetória. Nesse percurso, muito provavelmente, as experiências de seus irmãos terão desempenhado um papel decisivo, reduzindo as oportunidades de engajamento de Chico Brito em trajetórias alternativas à que ele tomou.

P.L.S. afirma não usar drogas, nem praticar furtos – mesmo que as outras pessoas do bairro, ou mesmo Chico Brito, afirmem o contrário na entrevista - , e que nunca ele ficou no ponto de ônibus com os delinqüentes do Boiadeiro. Ele afirma ser invulnerável a essas influências que chegam até a sua casa por meio de seu cunhado e sua irmã, “mulher de ladrão”, na sua linguagem. Sua dinâmica ambivalente de relacionamento com a possibilidade de infração deve ser lembrada aqui.

Outro aspecto presente na experiência dos adolescentes, que pode ser considerado como fator de risco, é a precoce inserção no trabalho para prover a subsistência da família – apesar de todos os adolescentes avaliarem essa atividade como satisfatória. Em dois casos (Antonico e P.L.S.) o trabalho foi avaliado como negativo devido aos espâncamentos que dele derivaram quando os adolescentes não conseguiam realizar a venda das mercadorias; Antonico, contudo, considera que essa experiência o ajudou a ser mais “responsável”. Os quatro casos entrevistados foram meninos que venderam caramelos, balas e água sanitária nas ruas da cidade, ou ainda fizeram pequenos serviços no bairro, como ajudantes de pessoas idosas ou carr156gadores de mercadorias para senhoras e donos de mercearias e vendas.

A situação familiar dos adolescentes, marcada pelo baixo nível econômico e desemprego dos adultos, pode se configurar como uma situação de risco às suas vidas, principalmente quando envolvem situações de abandono, separação ou negligência. Note-se a presença de novos arranjos familiares, diferentes da família patriarcal nuclear, sendo, agora, muitas vezes chefiadas por um dos adultos de referência, geralmente a mulher.

É nessa família nova, dentro do contexto de pobreza urbana, que os adolescentes são chamados a ser co-partícipes, contribuindo com a renda familiar através de pequenos trabalhos informais. Apesar dessas condições, a família continua a ser um espaço privilegiado para a promoção de crianças e adolescentes (Bastos et. al., 2002; Petrini, 2003). Em todos os casos aqui considerados, destaque-se, nesse sentido, o papel da mãe.

Outras situações de risco envolvendo a família têm sido a ausência de um dos pais; baixo nível econômico; violência e alcoolismo no ambiente doméstico; existência de outras drogas e/ou envolvimento de familiares na marginalidade; espaço físico reduzido para a família (Hutz, Koller e Bandeira, 1996), assim como as agressões físicas e os abusos sexuais, que geralmente vão se dar por meio de familiares e/ou pessoas muito próximas da vida familiar, principalmente nas situações em que o adolescente encontram-se a sós com o

agressor. Os adolescentes mostraram-se ressentidos (principalmente Marvin e Chico Brito) pela ausência, nas casas densamente habitadas, de espaços privados para eles.

O pai biológico parece ser uma presença fragilizada na vida dos adolescentes. Ou abandonou os filhos – Marvin, Antonico e P.L.S. -; ou é usuário de bebidas alcoólicas, Chico Brito. Marvin tem um padrasto, referido por ele como uma presença negativa. Essa realidade tem sido abordada pela literatura, a partir de indicações de que os espaços da figura paterna parecem estar se perdendo, na família urbana pobre.

Em estudos sobre as novas famílias urbanas, Bastos et. al.(2002) encontraram dados que apontam para essa nova configuração das famílias de áreas como Novos Alagados, indicando uma nova forma de organização destes espaços importantes de socialização e desenvolvimento dos adolescentes.

A vivência da sexualidade dos adolescentes, em Novos Alagados, está relacionada a três aspectos: o conhecimento de si e do outro; o uso da força para manter relações sexuais e a exploração através da troca de “favores”性uais por bens de consumo.

Alguns adolescentes (Chico Brito e P.L.S) afirmaram terem sidos explorados sexualmente com o objetivo de conseguir os mais variados bens: comida, dinheiro, roupas e presentes. Geralmente essa prática se deu com homossexuais do bairro. Essa experiência, embora bastante naturalizada no contexto, é definida como exploração sexual juvenil, dada a diferença de idade – havendo mais de cinco anos de diferença entre um adolescente e um adulto, o ato sexual é considerado como exploração e violência (Sadigursky,1999). Essa vitimização sexual pode se dar com os adolescentes de ambos os sexos; e , com os adolescentes do sexo masculino, há uma espécie de consentimento velado por parte de familiares e mesmo das pessoas adultas do bairro.

Com relação aos encontros relacionados à sexualidade, aparece nas entrevistas uma situação semelhante. Há uma prática promíscua de relações sexuais, cada vez mais precoces. Parece que essa é a forma de encontro mais fugaz e, ao mesmo tempo, uma das mais disponíveis existentes entre os adolescentes. A violência que emerge dessas relações é emblemática do contexto dos adolescentes e das relações com os outros, conforme foi descrita por Chico Brito.

A iniciação sexual precoce aparece em todos os casos, sendo que três deles de forma mais explícita (Chico Brito, Antonico e P.L.S). Com as adolescentes, muitas vezes ocorre de forma violenta, chegando, inclusive, a existir espancamento caso elas não cedam à pressões de adultos e de outros adolescentes (Chico Brito). Um dos casos (Antonico) mostrou ter assimilado o conhecimento transmitido por um curso sobre

AIDS, do Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS, o que o impedia de praticar relações sexuais sem uso de preservativo para não engravidar a menina ou não “pegar” doença. Um outro afirmou manter relações sexuais com o homossexual, usando preservativo. Nenhum dos outros adolescentes entrevistados citou qualquer procedimento de prevenção, no particular.

No meio das solicitações contextuais, e mesmo nas relações mais próximas entre os adolescentes, apareceu, ao longo da pesquisa, uma noção de violência que pode ser percebida de vários modos: pessoal, contextual. Destaque-se o acumular de experiências que paralisam ou vão dar novos rumos às ações dos adolescentes. Algumas dessas formas de, dentre tantas outras, levaram a óbito, dois dos adolescentes (Chico Brito e P.L.S.). Esses fatos ocorreram no período mesmo em que eu desenvolvia o trabalho de campo.

São fatos que, sem dúvida, situam-se na realidade que Macedo, Paim, Silva e Costa (2001) ou mesmo Espinheira (2003) encontraram ao analisar a relação entre violência e desigualdade social nos homicídios ocorridos em Salvador. Essas formas de violência podem ser identificadas pelo uso de armas de fogo a ações realizadas em quatro níveis:

- a) Adolescentes envolvidos em trajetórias de criminalidade e que são mortos por policiais;
- b) Adolescentes que são exterminados por pessoas portadoras de armas de fogo, podendo ser policiais, vigilantes e outras pessoas não especificadas e devido à não solução dos crimes;
- c) Adolescentes vitimados por pares, isto é, por outros adolescentes portadores de armas de fogo e que matam pelos mais variados motivos, desde disputas por “bocas” de tráfico até acertos de contas, por diversas outras razões, como no caso de Chico Brito;
- d) Adolescentes vitimados sem portarem armas de fogo, por causas as mais diversas, desde assaltos até motivos banais, como o caso de P.L.S., assassinado ao dar socorro ao cunhado baleado.

O “desterro” é uma outra forma de violência, identificada em Novos Alagados com suas múltiplas características. É um fenômeno que pode ser sintetizado nessa expressão por seu caráter desagregador e desestruturador da vida das pessoas, e está presente na trajetória dos adolescentes ao retirá-los da área. Muitos deles não conseguem retornar ao seu lugar de origem, tendo, então, que iniciar nova trajetória em

lugares diversos, os mais distantes e por vezes desfavoráveis, pois eles perdem também o componente protetor de sua rede social. Na vida dos quatro adolescentes aqui estudados nota-se tanto a presença da violência, quanto a do “desterro”: dois jovens vieram a óbito por meio de armas de fogo (P.L.S. e Chico Brito); um deles teve que mudar-se definitivamente do bairro para o interior do Estado, com medo de ser vitimado pela violência, por meio de jovens envolvidos em trajetórias de delinqüência (Marvin) e o outro caso, (Antonico), mesmo habitando a área, estando inserido em atividades profissionais e esportivas, teve que deixar um trabalho noturno, com medo de ser vitimado pelo assassino do seu irmão.

A noção de “desterro” pode ser relacionada ao fenômeno do “desenraizamento”, categoria utilizada por Ecléa Bosi (2003, p.175), particularmente quando esta autora, retomando o pensamento de Simone Weil (1996, p.347), considera que “[...]O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.”

De modo aproximativo a noção de “desterro”, aqui levantada, pode ser relacionar com a *nova pobreza*, marcada pela *estigmatização social* e mesmo pela *desqualificação social*, propostos por Paugam (2001), como um fenômeno que se caracteriza por “um status social desvalorizado e estigmatizado” (p.67).

Há, nos relatos dos adolescentes, a memória da infância, geralmente associada a um sentimento de injustiça ou explicitação da violência familiar, policial e estrutural (Minayo, 2002; Zaluar e Leal, 2001). A presença do “desterro” acontece em três casos, quando afirmam que tiveram que passar um período da vida, quando crianças, com outros familiares, devido ou à falta de condições das famílias em mantê-los; ou por outro motivo, como num dos casos, no qual, por causa da evidência de um furto, o adolescente, quando criança, foi mandado para o interior do Estado. Aparece essa característica na própria infância, e suas repercuções acompanham os adolescentes através da recordação e mesmo na vivência da adolescência. Não se trata de um fenômeno restrito a Novos Alagados: Paugam (2003, p.166), quando, ao analisar as trajetórias sociais de setores em situação de pobreza e caracterizados pela marginalização e assistência estatal, verifica que sete entre os quinze casos analisados

tiveram a experiência de separação da família devido ao fato de os pais não terem condições de educar e criar seus próprios filhos.

FATORES DE PROTEÇÃO

Os fatores de proteção podem referir-se a influências, mecanismos, pessoas ou situações que têm a característica de modificar, para melhor, ou simplesmente alterar a resposta dos indivíduos frente a ambientes e situações hostis (Hutz, Koller e Bandeira, 1996). Eles são, por assim dizer, a contrapartida positiva dos fatores de risco e indicam espaços, atividades, pessoas e recursos que promovem a saúde, o bem estar, a integridade e o desenvolvimento adaptado aos adolescentes.

Os fatores de proteção disponíveis para os adolescentes da favela urbana, sugeridos pela pesquisa, podem ser assim distribuídos: a) grupos e adolescência; b) grupos e a música; c) redes de apoio social, crenças e projetos de vida; d) adolescência como encontro e experiência; e) projetos sociais e o lugar da escola.

Os grupos de amigos são espaços socializadores onde ocorrem as trocas de experiências entre os adolescentes, assim como aprendizagens, interações, descobertas, solicitações, modos de enfrentamento e inserções em diversos contextos, dados através de amizades entre os pares, revelando senso de compartilhamento das experiências da vida que vão se apresentando.

Por exemplo, ao longo da análise dos casos, identifiquei que a presença dos grupos revela um pertencimento para enfrentar situações adversas, produzir expressões artísticas e culturais e “canalizar” a energia de que eles dispõem para interagir com o contexto. Num determinado momento, os grupos aparecem na vida dos adolescentes e são responsáveis pela sua socialização, como nos quatro casos analisados, que fizeram essa experiência num momento de transição.

A música ocupa um lugar importante na vida dos adolescentes de Novos Alagados. Os quatro casos de entrevistados (Marvin, Chico Brito, P.L.S. e Antonico, este último com menor intensidade) pertenceram a grupos musicais relacionados com o pagode baiano. Os adolescentes percebem, nos grupos de pagode, uma possibilidade de ascensão, conforme identificou Lima (2002), mesmo não tendo aprofundado essa questão.

A capoeira (no caso de Antonico, com maior intensidade) se apresenta como a possibilidade de inserção social, mostrando a constituição de vínculos do adolescente com o seu mestre, aparecendo como a possibilidade de realização de novas experiências, como

viagens a outros Estados e apresentações em diversas partes da cidade. Esse vínculo se iniciou no projeto social, no encontro do adolescente com um educador, um mestre de capoeira. Apesar dos conflitos com a figura masculina, ausente na sua trajetória familiar, o mestre provocou nele uma identificação intensa com o educador.

As redes de apoio social são aquelas instituições e pessoas que podem co-orientar e proteger, junto à família, a vida dos adolescentes em situação de risco psicossocial, ou seja, são “o conjunto interligado de recursos pessoais, profissionais e institucionais que venham a oferecer algum tipo de apoio aos adolescentes em situação de risco” (Neiva-Silva e Koller, 2002).

Neste sentido, os pais podem contar com projetos sociais, associações de bairro, igrejas, cursos, escolas, pessoas de referência, serviços de saúde e acompanhamento, enfim, amplas de possibilidades que são um suporte de reorientamento de experiências e canalização da energia própria da adolescência para fins determinados, pautados sobre projetos de vida, sempre contando, é claro, com o entendimento do contexto de desenvolvimento do adolescente. As redes de apoio social podem ser acionadas e se compõem, particularmente, pelas mães, outros parentes, assistentes sociais, educadores, projetos sociais, instrutores de música e capoeira, assim como outras pessoas da favela de Novos Alagados.

As redes de apoio social se apresentaram, no âmbito de projetos sociais, como figuras adultas de referência, escola – mesmo que precariamente –, estabelecimento de vínculos em grupos musicais, esportivos e no contexto do bairro.

A mãe aparece como a figura central da estrutura familiar de referência para os adolescentes, e são incluídas nos projetos de vida dos quatro casos, sob a forma do sonho de construir para ela uma casa, como reconhecimento da experiência de correção, vigilância e apoio por ela possibilitada.

Deste estudo da adolescência emerge também, com clareza, a necessidade de vínculos, de escuta, de parâmetros para possibilitar, pelo menos, o encontro com outras visões, necessidade de confronto com adultos e pares. Ao mesmo tempo, há a necessidade de negação e afirmação de valores, geralmente representados pelos mais velhos, pelos pais e outros adultos. Desse modo, há uma necessidade de encontros alternativos (o lugar dos educadores de projetos sociais, por exemplo) que possibilitem novos sentidos às suas trajetórias, como referências positivas.

Marvin tem, por exemplo, um encontro significativo com uma educadora, que o coloca com outra postura na vida, porque ela o acolhe, mas impõe limites.

O encontro com um educador (Marvin), um mestre de ofícios (Antonico), ou alguém com um saber próprio referendado pela comunidade e pelo adolescente (Chico Brito e P.L.S à sua maneira particular com o instrutor de música) pode despertar e direcionar um dom ou mesmo uma vocação capaz de fazer com que sua trajetória avance para outras dimensões.

O espaço do bairro organizado historicamente ou o do projeto social são privilegiados quando permitem que aconteçam esses encontros e confrontos, que podem provocar mudanças na perspectiva de vida, a médio e longo prazo.

Os quatro adolescentes freqüentaram projetos sociais em Novos Alagados, sendo que um jovem participou de mais um projeto social ligado à música, fora da comunidade (Chico Brito). Eles avaliaram a experiência de participação nesses espaços como sendo importante, apesar das questões relacionais referentes a um dos casos (Chico Brito) com seus pares, o que o impediu de seguir em frente nos seus propósitos. Os projetos sociais são vistos como espaços de promoção e orientação.

O projeto social mais citado foi aquele para o qual os adolescentes acorriam com certa disposição, pela existência de cursos – marcenaria, silk screen, música, capoeira e reforço escolar, este último não sendo citado em nenhuma das entrevistas, o que revela uma aptidão dos adolescentes para a inserção em espaços que valorizem elementos da cultura, da profissionalização e da arte, talvez necessidades mais urgentes de expressão deles.

Um dos casos, no entanto, sugeriu que houve contato com as drogas no interior de um desses projetos (Chico Brito), o que indica que os riscos estão interagindo em muitos dos espaços de trânsito dos adolescentes. Nos outros casos, menciona-se o encontro com pessoas significativas, cada qual a seu modo, tendo maior ou menor influência em suas vidas.

Por sua vez, a escola formal, pública, aparece nas entrevistas dos adolescentes, mas como um projeto de feições inalcançáveis. Ela existe, é considerada e reconhecida como um bom espaço pelos adolescentes, mas estes não encontram nela as respostas para as tantas perguntas que carregam; não lhes é possível fazer a ligação entre o conhecimento ali ditado e as experiências que vivem, indicando o não lugar dessa instituição na vida dos adolescentes, mesmo sendo um caminho que eles afirmam buscar, em três dos casos (Marvin, Antonico e P.L.S.).

A escola começa a parecer uma janela que talvez esteja se fechando para os adolescentes. Isso se evidencia nas entrevistas onde os adolescentes afirmam que vão à escola com a esperança de uma vida melhor, mas, ao chegar a ela, encontram um espaço com que não afinam, nem lhes oferece uma linguagem aberta a suas subjetividades. Dois dos casos (Chico Brito e Marvin) desistiram da escola, por cansaço e por dificuldade de relacionamento.

Um outro caso, mesmo com dificuldades de relacionamento com a professora seguiu em frente, chegando ao 2º grau (Antonico); o outro caso (P.L.S.) desistiu depois de muitas idas e vindas à escolas, não encontrando ali seu lugar. No entanto, paradoxalmente, estudar ou ir à escola aparece como um projeto de vida; como uma possibilidade de inserção, que, porém, não se concretiza na experiência cotidiana. Parece que a escola cansa, não oferecendo o fascínio de que a música, a rua, o trabalho, as aventuras, os riscos e os esportes dispõem, que poderia ser identificado com o protagonismo juvenil. Castro e Abramovay (2002) indicam que há uma relação, no discurso dos jovens, entre a impossibilidade de acesso ao mercado de trabalho e a possibilidade de escolarização, o que vai como que desestimulando a permanência na escola: “a exclusão dos jovens, em particular das classes trabalhadoras e de setores populares, leva também a um desencanto em relação ao valor da escolaridade. De fato vários jovens entrevistados manifestam desalento, sugerindo a perda do significado da escolaridade como credencial para o trabalho (...)" (p.154). Por esse motivo, a escola parece cada vez mais distante dos adolescentes por eles perceberem nela essa “ineficiência” em permitir-lhe o acesso ao mercado de trabalho.

As amizades com os pares aparecem como significativas. Os adolescentes estão no bairro com os amigos, namorando, presenciando violência e mortes, como num caso que Marvin viu o próprio colega morrer eletrocutado numa palafita; ou outro que era espancado pelos colegas quando pequeno (P.L.S.), que olha para esse fato como uma espécie de ritual de passagem. As amizades podem ser tanto com os meninos quanto com as meninas, com estas geralmente no âmbito dos projetos sociais. Talvez a visão de “heroísmo dos marginais” na favela urbana seja uma característica que permanece mais na infância que na adolescência, apesar da relação de fascínio e esquiva, relação contraditória evidenciada na trajetória de P.L.S.

Na adolescência parece existir a busca de referenciais com os quais eles não houve contato na infância – homens adultos, por exemplo, ou mulheres que não os tratem nem com indiferença, nem com violência ou autoritarismo. Mesmo com os conflitos aparentes, eles parecem considerar essas pessoas que sabem impor-se, oferecendo limites, mas, ao mesmo tempo, respeitando e conversando. Eles esperam muito dessas pessoas: que consigam instrumentos (Chico Brito), que os ajudem na vida (P.L.S.). Parece que há um choque positivo a partir dos novos relacionamentos, que revela uma outra forma de vida (Marvin e Antonico).

A ADOLESCÊNCIA COMO DESCOBERTA. DUAS IMAGENS: TEBAS E O CALEIDOSCÓPIO

As descobertas adolescentes seriam experiências humanas que requerem um posicionamento, como bem sugeriu Gey Espinheira numa aula: “*Tebas tem 100 portas e é preciso escolher 1!!*”.

Essa frase enigmática não saiu do meu pensamento desde que a ouvi, porque a busca do adolescente está nesse impasse, entre escolhas constantes que são potencializadas, como no exemplo do “caleidoscópio”, - outra imagem que aparece como aquela experiência que explode as possibilidades de visão diante dos fatos e das experiências que vão acontecendo.

Se Tebas tem 100 portas, não há a necessidade de escolher somente uma; é possível escolher mais de uma, a experiência o mostra, pois seria uma postura muito determinista acentuar que diante de tantas possibilidades o sujeito se conforme apenas com um aspecto. O caleidoscópio, ao contrário, é uma imagem emblemática de ampliação, talvez de confusão, mas que potencializa o olhar adolescente diante da vida, ensejando-lhe a realização de qualquer escolha.

Caminhos e escolhas diferentes levam a diversos desfechos possíveis, como a análise dos casos mostra. Incluem a realização profissional e de projetos de vida, até aos de violência, mortes e marginalização.

As escolhas começam a se dar, inicialmente, com a saída da infância e a assunção de uma vida em possibilidade, em devir, promissora, como característica da adolescência.

As escolhas são movimentos de encontro entre a experiência e a realidade, embutidas numa idéia de projeto de vida, ou seja, daquilo que se vai perseguir (Antonico, Marvin, P.L.S.), ou não (Chico Brito).

As escolhas vão direcionando as energias e os olhares para si e para outros.

Mas, será que alguém escolhe os próprios caminhos?

Neste trabalho, um único caso (Antonico) disse-me que *sim*, e trabalhou para isso dentro de suas possibilidades. Num outro caso, o caleidoscópio foi a ampliação de ambas as possibilidades sugeridas pela imagem de Tebas: tudo se quer e para tudo se converge (P.L.S), sem um ponto de delimitação para se atingir este escopo que seria uma vida adulta caracterizada pela inserção social. Nos casos de Marvin e Chico Brito parece existir certa conformação ditada pelo contexto social e pessoal.

CONCLUSÃO

Neste final, cabe-me assinalar como percebo os alcances e limites desse estudo.

Acredito que este trabalho pode vir a ser útil, de forma concreta, as pessoas e as políticas públicas que lidam cotidianamente com os adolescentes que aqui foram denominados pela expressão ‘em situação de risco psicossocial’, assim caracterizados, por serem habitantes de favela urbana, cada vez mais presentes na contemporaneidade. Nesse sentido, gostaria de finalizá-lo, assinalando algumas implicações emergentes do estudo.

Entendo que estamos diante de uma parcela da população que precisa ser mais conhecida, particularmente pela escuta e proposição de iniciativas que tenham uma incidência positiva, no sentido de promotora e protetora, possíveis para o desenvolvimento (de suas vidas) em situações adversas. Esclarecer alguns processos ligados à separação da crianças de sua família, à violência intra ou extra-familiar, ao trabalho precoce, ao “desterro”, representa uma contribuição relevante.

Aos pais e educadores, o conhecimento e mesmo o acionamento dos fatores de proteção e o reconhecimento dos fatores de risco presentes na favela urbana, podem ajudar na prevenção de situações passíveis de levar a uma ruptura, muitas vezes sem volta, nas trajetórias de desenvolvimento dos filhos e alunos.

Diante disso, uma contribuição que considero importante, ao analisar essas trajetórias é o fato de que o projeto social, enquanto proporcionador de experiências e encontros com diversidade cultural, com adultos e educadores significativos do ponto de vista cultural e humano, pode produzir uma espécie de reestabelecimento daquilo que as situações de exclusão e violência parecem destituir. Uma prática dos projetos sociais deveria, nesse sentido, consistir em recuperar, quer seja historicamente, quer seja na atualidade, os valores, a identidade e a cultura ancestral das localidades e das pessoas, integrando à bagagem cultural dos adolescentes, um interesse pela própria história, o que vai em sentido contrários às noções de “desterro” e exclusão, demarcadas ao longo deste trabalho.

Outra contribuição que considero importante é a proposição da diversidade cultural brasileira e da Bahia, assim como do esporte e da música, fatores que podem despertar o interesse e levar ao desenvolvimento de dons dos adolescentes, ao contrário da escola convencional, que geralmente tende a uma instrução utilitária, que não leva em conta a pluralidade de interesses e dimensões da pessoa. Nos casos aqui estudados, a presença da cultura, através da música e da capoeira, possibilitou, mesmo que por um período determinado, a inserção dos adolescentes em atividades que, de certo modo, os integraram à vida do bairro, proporcionando-lhe uma experiência que poderíamos denominar de

protagonismo diante da própria realidade social, marcada pela presença de uma proatividade, ou seja, pela capacidade de criar e realizar atividades que podem ser reconhecidas pelo adolescente individualmente e pelos outros, como construtivas da própria existência.

Percebo que há necessidade de apoio e suporte às famílias sem a presença de cônjuge que compartilhe as problemáticas, as questões que envolvem a criação de filhos. O mesmo se aplica àquelas famílias onde não há o emprego e a renda, de modo que as dificuldades sejam minimizadas, impedindo a separação precoce do âmbito familiar, que parece acompanhar a trajetória dos adolescentes em situação de risco, pelo menos daqueles contemplados neste estudo, evoluindo para uma separação do lugar, e, por fim, da vida, com o “desterro”..

A implementação de políticas públicas deve levar em conta a formação de educadores capazes de se relacionar com as demandas emergentes das adolescências caracterizadas pela situação de risco psicossocial. Desse modo, o espaço dos projetos sociais pode colaborar para promover o surgimento de experiências que acolham e tenham a possibilidade de favorecer o desenvolvimento desses adolescentes.

A transição dos adolescentes para a idade adulta ainda é um problema em aberto. Saídos de uma infância e adolescência sem condições de empregabilidade e com a escolaridade incompleta, a idade adulta, com todas as solicitações e responsabilidades que ela implica, é um problema que não foi devidamente enfrentado (a permanência nos projetos sociais tem um limite temporal específico, que finda com a maioridade civil desses adolescentes, aos 18 anos).

Os adolescentes estão construindo novas estratégias de sobrevivência indicadas pela participação em contextos educativos e que propõem iniciativas culturais e artísticas de inserção social. Foram identificadas algumas delas como a música, a capoeira e os projetos sociais, assim como o contexto de organização comunitária encontrado particularmente na favela de Novos Alagados, o que pode indicar que, quando existem formas de organização contextual, podem servir para promover a inserção dos adolescentes em estruturas e relacionamentos propositivos para uma efetiva inserção social, a exemplo do caso do adolescente Antonico, que ao tornar-se adulto conseguiu inserir-se na sua localidade como educador de projetos sociais, estabelecendo sua família e mesmo seguindo um projeto de vida pautado pelo trabalho e a possibilidade de ascensão social.

Uma outra questão apresenta-se aqui como uma espécie de luta pela sobrevivência e pela existência, diante de tantos fatores de risco presentes nas trajetórias dos adolescentes estudados. Essa luta poderia ser identificada de uma forma mais ampla, a indicar quais os

fatores capazes de possibilitar o desenvolvimento, ou seja, que podem possibilitar um curso de vida, não sem rupturas, mas adaptado a essas circunstâncias adversas?

O estudo apontou que a favela, particularmente quando possui espaços de socialização, organização comunitária e inserção em projetos sociais e encontros significativos, podem ensejar esse redirecionamento, indicando um curso de vida contínuo, sem a ruptura fatal da violência.

As denúncias quanto ao processo de vitimação dos adolescentes das favelas urbanas aparecem nesse estudo com relação às situações que denominei de “desterro”, que indicaram, de modo concreto, o afastamento dos adolescentes de suas práticas e mesmo do contexto do bairro, por motivos relacionados a ameaças de morte e violência, ou também com o assassinato de dois deles(P.L.S e Chico Brito), por motivos os mais diversos, pautados pela banalização do uso e porte de armas por parte de outros adolescentes que se encontram numa trajetória de marginalização e delinqüência. Esse dado é por mim considerado importante, porque coloca a questão de que os contingentes mais jovens da população brasileira estão sendo cerceados pela emergência de uma violência ainda não elucidada o suficiente, compreensão necessária para a realização de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento humano dessa parcela da população em contextos caracterizados pela pobreza urbana.

O fato de dois dos adolescentes selecionados para compor os casos desta pesquisa terem sido assassinados indica como que um alerta e uma provocação diante de práticas de violência que tendem a se caracterizar pela impunidade, e também pelo impedimento de que trajetórias de desenvolvimento sejam vivenciadas.

Aponto alguns possíveis limites contidos nesse estudo, que podem indicar a necessidade de aprofundamento futuro das hipóteses levantadas.

O primeiro deles se relaciona com a abrangência dos casos estudados. Reconheço que a adolescência aqui estudada mostra-se parcial em sua expressão, devido à delimitação dos casos ter sido feita em função da adolescência masculina, havendo a necessidade de, para uma maior abrangência de resultados, ultrapassar essa delimitação e expandir os casos estudados às adolescentes.

Outro limite deve-se aos poucos casos estudados. Mesmo com uma quantidade considerável de dados apresentados ao longo do trabalho, não considero-os como casos típicos para uma possível generalização das experiências vividas na adolescência, reconhecendo, também, que mesmo a adolescência do sexo masculino de uma favela como Novos Alagados, com todas as similaridades que possam existir, ainda assim cada trajetória

contempla uma variada caracterização de experiências e mesmo diferentes caminhos desenvolvimentais. Com isso quero indicar que os casos podem não representar, numa possível generalização, as adolescências de outras favelas brasileiras.

A seu modo, isso se configura com a necessidade de ampliação dos casos estudados e mesmo a diversificação de contextos sociais de desenvolvimento dos adolescentes em situação de risco psicossocial, procurando, num outro estudo, de caráter mais abrangente, seguir adiante ou refutar as hipóteses aqui levantadas. Nesse sentido, é necessário deixar claro que os resultados aqui apresentados podem não se constituir como característicos de outras favelas urbanas brasileiras, pois seria necessário aprofundar a dinâmica existente entre o contexto social específico e as pessoas que neles atuam.

“ENTRE O RISCO E O DESCONHECIMENTO”

Espero ter alcançado o escopo último deste trabalho, que consumiu dois anos de integração e aprendizado sistemático no Mestrado em Psicologia, mas que representa um esforço de dez anos completados neste período de conclusão.

Cada linha escrita e cada palavra escutada carregam muito de uma inserção que tive na área, a partir dos encontros que fiz; a seriedade e a sistematicidade nos estudos devem-se às tantas pessoas que me ajudaram a olhar para o fenômeno numa relação intensa entre o distanciamento e a aproximação, perigos que corri ao longo de todo o trabalho, mas que considerei como uma etapa significativa deste percurso – meu e dos adolescentes estudados.

A função deste trabalho foi a de possibilitar um conhecimento mais amplo sobre as condições de desenvolvimento de adolescentes historicamente situados, levando em conta as suas trajetórias, suas vozes e experiências.

O trabalho se caracterizou, por um lado, em apresentar trajetórias e fatores de risco e proteção (estruturas de oportunidade) aos quais estão expostos e disponíveis aos adolescentes de uma favela urbana e mesmo as suas possibilidades de inserção ou não nesses contextos. Por outro lado, sua delimitação em estudar domínios do cotidiano foi a necessidade em contribuir com a literatura ao abordar o tema, a partir do meu espanto em reconhecer tais lacunas.

Considero fundamental, ao longo desse caminho, a valiosa possibilidade de ter dialogado com outros campos e saberes, mas considero ainda mais importante que a Psicologia do Desenvolvimento emprenda estudos sensíveis aos contextos culturais nos quais transitam esses adolescentes.

Acredito ter conseguido ultrapassar uma parte do desconhecimento dos estudos sobre a adolescência em situação de risco, embora reconhecendo que muitos esforços devem ainda ser empregados na difícil tarefa de aprofundar os conhecimentos sobre a adolescência brasileira.

O trabalho contempla um de seus objetivos principais, que foi o de mapear o contexto onde vive o adolescente, aqui caracterizado pela favela urbana, através das trajetórias de quatro jovens, dois dos quais foram levados para sempre pelo quinhão da morte violenta e covarde, antes mesmo de eu descobrir tudo isso sobre eles e a realidade da favela; um dos adolescentes foi para outro município e poderemos ainda, eu e ele, conversar sobre tudo isso, um dia; o outro, o último deles, ainda me acompanha pelas ruas do bairro, continuando sua travessia. Espero ter podido contribuir para que os adolescentes habitantes de favelas urbanas tenham mais possibilidade de exercer sua cidadania com dignidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay (et. al.) (2002). Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília – Rio de Janeiro: Garamond.
- Alcântara, M. A. R. (2001). Modos do Adolescente enfrentar o risco: um estudo longitudinal sobre projetos de vida no contexto da família. Dissertação de Mestrado. Salvador. ISC-UFBA.
- Ariès, P.(1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC.
- Ataíde, Y.D.B (1993).Decifra-me ou devoro-te. História oral dos meninos de rua de Salvador. São Paulo: Loyola.
- Bastos, A.C.S (2001). Modos de Partilhar: a inserção da criança na vida cotidiana da família: um estudo comparativo de casos. Editora Cabral, São Paulo.
- _____ & Alcântara, M. R.; Santos, J.E.F.(2002). Novas Famílias Urbanas In. (Orgs.) Carvalho, A. M. A.; Lordelo, E.R.; Koller, S. H. Infância brasileira e contextos de desenvolvimento São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA, Edufba.
- Becker, H (1994). Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais (2^a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Bosi, E. (2003) O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brito, R.C.; Koller, S.H (1999). Rede de apoio social e afetivo e o Desenvolvimento. In (Org.). Carvalho, A. M. O mundo Social da Criança, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Briceño-León, R. (2002.) jul./dez. La Nueva violencia urbana de America Latina. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n.8, 34-51,
- Bronfenbrenner, U. (1996). (Originalmente publicado em 1979). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, A. M. A.; Lordelo, E.R.; Koller, S. H. (Orgs.).(2002).Infância brasileira e contextos de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador, BA, Edufba.
- Carvalho, A.M.A; Lordelo, E.R. (2002).Infância Brasileira e Contextos de Desenvolvimento: Concluindo. In Carvalho, A. M. A.; Lordelo, E.R.; Koller, S. H. (Orgs.). Infância brasileira e contextos de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA, Edufba.
- Castro, M.M. e Abramovay, M. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. Caderno de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, n.116.
- Castro, M.M. (Coordenadora) et. al. (2001). Cultivando vidas, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: Unesco.

- Cecchetto, F. (1997). As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento. In Vianna (Org.). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Cecconello, A M. E Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. Revista Estudos em Psicologia. V. 5, n.1.
- Chaves, E.(2001).Significações Atribuídas ao Cotidiano pelo Adolescente Pobre. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. São Paulo, 11(1), 71-85.
- Clifford, J., Marcus, G. E. (1986). Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press.
- Crockett, (1995).L.J. Developmental Paths in Adolescence: Commentary. In Crockett, L.J., Crouter, A C. Pathways Through Adolerscence: Individual development in relations to social contexts. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- De Antoni, C.; Koller, S.H. (2002).Violência doméstica e comunitária. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Koller, S. H(Org.), Rio de Janeiro, Conselho Federal de Psicologia.
- Dimenstein, G. (1995a) O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil, 9^a edição, São Paulo: Ática.
- _____. (1995b).Meninas da Noite. A prostituição de meninas-escravas no Brasil. 12^a edição, São Paulo: Ática.
- _____. (1996). Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil. São Paulo: Companhia da Letras.
- Diógenes, G. (1998). Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume.
- Espinheira, G. (2003). Violência na área de abrangência do Projeto Ribeira Azul. Análise sociológica da violência cotidiana. AVSI (Associação Voluntários para o Serviço Internacional), (mimeo), Salvador.
- Estatuto Da Criança E Do Adolescente. (1990), lei 8.069. Brasil.
- FCCV (Fórum Comunitário de Combate à Violência). (2002). O Rastro da Violência em Salvador – II. Morte de residentes em Salvador, de 1988 a 2001. Salvador.
- Freire, P. (1988). Pedagogia do oprimido. 18^a edição, São Paulo: Paz e Terra.
- Geertz, C. (1988). Works and lives: the anthropologist as author. Stanford: Stanfor University Press.
- Geertz, C. (1978).A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goodnow, J.J. (1995). Differentiating among social contexts: by spatial features, forms of participation, and social contracts. In Moen, P., Elder Jr., G.H. & Lüscher, K. (Orgs.).

Examining lives in context. Perspectives on the ecology of human development. Washington: APA.

Guimarães. M.E.(1998). Escolas, galeras e narcotráfico. Rio de Janeiro: EDUFRJ.

Holy, L., Stuchlik, M. (1983). Actions, Norms and Representations. Cambridge: Cambridge University Press.

Hutz, C; Koller, S.H.; Bandeira, D.R. (1996). Resiliência e Vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Coletâneas da ANPEPP, vol. 1, n 12.

Hutz, C.(org.) (2002). Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Jacobson, D. (1991). Reading Etnography. Albany: State University of New York Press.

Jovchelovitch & Bauer, M.V. (2002). Entrevista narrativa. In BAUER, M.V. E GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes.

Laplantine, F. (2000). Aprender antropologia. São Paulo : Brasiliense.

Lima, A . (2002).Funkeiros, Timbaleiros e Pagodeiros: notas sobre a juventude e música negra na cidade de Salvador. Caderno Cedes, Campinas, v.22, n.57.

Lisboa, C.S.; Koller, S.H. (2002). Considerações éticas na pesquisa e na intervenção sobre violência doméstica. In.: Hutz, C. (org.) Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Macedo, A. C., Paim, J.S., Silva, L.M.V., Costa, M.C.N. (2001). Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. Revista de Saúde Pública, 35(6): 515-22.

Machado, E. P., Taparelli, G. (1996).Violência juvenil, infração e morte nas favelas de Salvador. Caderno Ceas, 165.

Machado, E.P., Noronha, C. V., Cardoso, F. (1997). No olho do furacão: brutalidade policial, preconceito racial e controle da violência em Salvador. Revista Afro Ásia, 19 – 20.

Machado, E.P. E Noronha, C.V. (2002). A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p.188-221.

Makarenko, A .S. (1986) .Poema Pedagógico, 3v. São Paulo: Brasiliense.

Marcus, G. E., Cushman, D. (1982). Etnographies as texts. Annual Review of Anthropology. 11: 25-69.

Milito, C. & Silva, H.R.S. (1995). Vozes do meio-fio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,

Minayo, M. C. (2000). O Desafio do Conhecimento; Pesquisa qualitativa em saúde. SP/RJ: Huicitec – Abrasco.

_____(Org.), M.C, et. al. (1998). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 8^a edição. Petrópolis: Vozes.

_____(2002).O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: Westphal, M. F.(Org.) Violência e Criança. São Paulo: EDUSP.

Neiva-Silva, L.; Koller, S.H. (2002a).Adolescentes em situação de rua. In Koller, S. H.(Org), *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Psicologia.

_____(2002b). A rua como contexto de desenvolvimento. In.: Carvalho, A. M. A.; Lordelo, E.R.; Koller, S. H.(Org.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador, BA: Edufba.

Novaes, R.R. (1997). Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In Vianna (Org.). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Palácios, J. (1995). Introdução à psicologia Evolutiva: História, Conceitos Básicos e Metodologia. In Coll, C., Palácios, J. Marchesi, A (Orgs.), Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva. Vol. 1. Porto Alegre: Artes Médicas.

Paugam, S. (2001). O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In Sawaia, B. (Org.). As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3^a edição. Petrópolis: Vozes.

_____. (2003). Desqualificação social – ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Educ-Cortez.

Petrini, J. C. (2003). Pós-modernidade e família. Um itinerário de compreensão. Coleção Ciências da Família, São Paulo: EDUSC.

Reppold, C.T.; Pacheco, J.; Bardagi, M.; Hutz, C. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In Hutz, C.(Org.) Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Reppold, C; Hutz, C. (2002). Adoção: fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In Hutz, C.(org.) Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorin, K.S; Silva, A. P. S.; Carvalho, A.M.A.(Orgs.). (2004) .Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed.

Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorin, K.S e Silva, A. P. S. (2004). Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorin, K.S; Silva, A. P. S.; Carvalho, A.M.A. (Orgs.). *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

Sadigursky, C.A.(1999).*Vitimização sexual em crianças e adolescentes. Os profissionais de saúde e os aspectos legais*. Salvador: Edufba.

Santos, J. E. F. (1996) *Novos Alagados: histórias do povo e do lugar* (mimeo). Salvador, Bahia.

_____ (2002).Aspectos sócio-históricos do Subúrbio Ferroviário de Salvador: a ancestralidade africana e indígena, fundadoras do território. Sementes – Caderno de Pesquisas. V.3., n 5/6 (jan.dez), Salvador.

Santos, M. F. (2000). Com a palavra o adolescente: Ressignificando trajetórias de risco num espaço de fronteiras. Uma experiência em Educação para a Saúde. Dissertação de mestrado não publicada. Salvador, UFBA –ISC.

Sawaia, B.(Org.) (2001). As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3ª edição. Petrópolis: Vozes.

Silva, D, F.M.; Hutz, C. (2002). Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção. In Hutz, C.(org.) *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sudbrack, M.F. (2003). O Relatório da situação da adolescência brasileira. UNICEF.

Tedlock, B. (2002). Ethnography and ethnographic representation. In Denzin, N & Lincoln, Y.(eds.) *Handbook of qualitative research*. Second Edition. London: Sage Publications Inc.

Vianna, H. (org.) (1997a).Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____.(1997b).O mundo funk carioca. 2a edição. Jorge Zahar editor: Rio de Janeiro.

_____.(2000) .O funk como símbolo da violência carioca. In Velho, G.; Alvito, M.(Orgs.) *Cidadania e violência*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV.

Waiselfisz, J. (1998). Mapa da violência: os jovens do Brasil. Juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond.

Wanderley, M.B. (2001). Refletindo sobre a noção de exclusão. In.Sawaia, B (Org.). As artimanhas da exclusão – analise psicossocial e ética da desigualdade social. 3ª edição, Vozes: Petrópolis.

Zaluar, A. (1985). *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. Brasiliense: São Paulo.

_____. (1997a). *Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência*. In Vianna, H.(org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. (1997b). *Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas*. In *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v.12, n.35, São Paulo.

_____. ; Leal, M.C (2001). *Violência extra e intramuros*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.16, n.45, São Paulo.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROJETO DE PESQUISA: TRAVESSIAS - A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS ALAGADOS: TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADE EM UM CONTEXTO DE RISCO PSICOSSOCIAL

ORIENTADORA: Prof.a. Dra. ANA CECÍLIA DE SOUSA BASTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pelo presente documento, declaro ter conhecimento dos objetivos e dos métodos deste estudo, que me foram apresentados pelo pesquisador abaixo assinado, e conduzido pelo Mestrado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Estou informado (a) de que, se houver qualquer dúvida a respeito dos procedimentos adotados durante a condução da pesquisa, terei total liberdade para questionar ou mesmo me recusar a continuar participando da investigação.

Meu consentimento, fundamentado na garantia de que as informações apresentadas serão respeitadas, assenta-se nas seguintes restrições:

- a) Não serei obrigado a realizar nenhuma atividade para a qual não me sinta disposto (a) e capaz;
- b) Não participarei de qualquer atividade que possa vir a me trazer qualquer prejuízo;
- c) O meu nome, e os dos demais participantes da pesquisa, não serão divulgados;
- d) Todas as informações individuais terão o caráter estritamente confidencial;
- e) Os pesquisadores estão obrigados a me fornecer, quando solicitados, as informações coletadas;
- f) Posso, a qualquer momento, solicitar aos pesquisadores, que os meus dados sejam excluídos da pesquisa.

Ao assinar este termo, passo a concordar com a utilização das informações para os fins a que se destina, salvaguardando as diretrizes universalmente aceitas da ética na pesquisa científica, desde que sejam respeitadas as restrições acima elencadas.

O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é o mestrando José Eduardo Ferreira Santos, que poderá ser contatado pelo telefone 4011244, 99298934 ou pelo e-mail dinhojose@bol.com.br

Salvador _____ de _____ 2003.

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO II

ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA

Identificação:

- Entrevistado:
- Idade:
- Naturalidade:
- Sexo:
- Cor:

- Infância
- Caracterização da adolescência
- Escola
- Projeto de vida
- Projetos sociais
- Família
- Figuras de referência
- Sexualidade
- Relacionamentos
- Moradia
- Amizades
- Crenças
- Favela (Experiência de Vida)
- Marginalidade
- Crimes
- Drogas
- Violência
- Subsistência
- Cultura e arte
- Esportes
- Interesses
- Riscos

ANEXO III

LETRAS DAS CANÇÕES QUE NOMEIAM OS QUATRO CASOS

1. ANTONICO

(Ismael Silva)

Ô Antonico, vou lhe pedir um favor
Que só depende da sua boa vontade
É necessária uma viração pro Nestor
Que está vivendo em grande dificuldade

Ele está mesmo dançando na corda bamba
Ele é aquele que na escola de Samba
Toca cuíca, toca surdo e tamborim
Faça por ele como se fosse por mim

Até muamba já fizeram pro rapaz
Porque no samba ninguém faz o que ele faz
Mas hei devê-lo muito bem, se Deus quiser
E agradeço pelo que você fizer.

2. MARVIN (Patches)

*(R. Dunbar e G.N. Johnson –
versão: Sérgio Britto e Nando Reis)*

Meu pai não tinha educação
Ainda me lembro era um grande coração
Ganhava a vida com muito suor
Mas mesmo assim não podia ser pior
Pouco dinheiro pra poder pagar
Todas as contas e despesas do lar
Mas Deus quisvê-lo no chão
Com as mãos levantadas pro céu

Implorando perdão
Chorei, meu pai disse: “ Boa sorte”
Com a mão no meu ombro
Em seu leito de morte
E disse
Marvin, agora é só você
E não vai adiantar
Chorar vai me fazer sofrer

Três dias depois de morrer
Meu pai, eu queria saber
Mas não botava nem o pé na escola
Mamãe lembrava disso a toda hora
Todo dia antes do sol sair
Eu trabalhava sem me distrair
Às vezes acho que não vai dar pé
Eu queria fugir, mas onde eu estiver
Eu sei muito bem o que ele quis dizer
Meu pai eu me lembro, não me deixe esquecer
Ele disse
Marvin, a vida é pra valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino eu sei de cor

E então um dia uma forte chuva veio
E acabou com o trabalho de um ano inteiro
E aos treze anos de idade eu sentia
Todo o peso do mundo em minhas costas
Eu queria jogar mas perdi a aposta

Trabalhava feito um burro nos campos
Só via carne se roubasse um frango
Meu pai cuidava de toda a família
Sem perceber segui a mesma trilha
Toda noite minha mão orava

“Deus, era em nome da fome que eu roubava”

Dez anos passaram,
Cresceram meus irmãos
E os anjos levaram minha mãe pelas mãos
Chorei, meu pai disse: “Boa sorte”
Com a mão no meu ombro
Em seu leito de morte
“Marvin, agora é só você
E não vai adiantar
Chorar vai me fazer sofrer
Marvin, a vida é pra valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino eu sei de cor”

3. CHICO BRITO

(Wilson Batista e Afonso Teixeira)

Lá vem o Chico Brito
Descendo o morro
Nas mãos do Peçanha
É mais um processo
É mais uma façanha
Chico Brito fez do baralho
Seu melhor esporte
É valente no morro
Dizem que fuma uma
Erva do Norte

Quando menino, teve na escola
Era aplicado, tinha religião
Quando jogava bola
Era escolhido para capitão
Mas a vida tem os seus reveses

Diz sempre Chico, defendendo teses
Se o homem nasceu bom
E bom não se conservou
A culpa é da sociedade
Que o transformou

4 . O MEU GURI

(Chico Buarque)

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá, olha aí, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri e ele chega
Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma pena de documento
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri e ele chega
Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onde de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola

Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri e ele chega
Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo,
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço?
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri.

APÊNDICE A

NOVOS ALAGADOS, ESBOÇO HISTÓRICO

José Eduardo Ferreira Santos

Novos Alagados tem sua origem com os primeiros moradores no início da década de 1970, após a inauguração da Avenida Afrânio Peixoto, a Suburbana, em 1971. Sua origem remonta a Alagados, no Lobato, primeira área invadida sobre a maré. O nome, acrescido do adjetivo Novos deriva dessas primeiras invasões sobre a maré, conhecidas como Alagados, que se caracterizam pela construção das moradias sobre palafitas, isto é, paus fincados sobre a lama do mar. Há várias versões para este povoamento, que são possibilidades de entendimento dos motivos de povoação e expansão da área. Dentre elas, destaco as seguintes:

- a) a invasão do mar devido à irrigação indenização recebida pelos moradores para deixar suas casas por onde iria passar a Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana;
- b) a explosão demográfica da Cidade do Salvador e a abertura de novas vias de acesso;
- c) a chegada de pessoas do interior do Estado para procurar emprego em Salvador, no Pólo Petroquímico e Centro Industrial de Aratu; e, por fim,
- d) a imigração de moradores dos Alagados antigos, quando do aterro desta área.

A área de Novos Alagados pertence ao bairro de Plataforma e situa-se nas proximidades do manguezal, na Enseada do Cabrito, e que, por esse motivo, durante muitos anos foi chamada de Beira-Mangue, numa espécie de depreciação aos moradores pobres que ali habitavam. A sua localização geográfica vai se dar em meio a algumas características muito peculiares, particularmente com relação à enseada e ao manguezal, conforme esta descrição:

“Novos Alagados(...) funciona como bacia de acumulação das áreas adjacentes e é cortada pelo Rio do Cobre e riachos afluentes deste. A área compreende uma extensão de aproximadamente 3 km às margens da Enseada do Cabrito e do único manguezal restante na área urbanizada do município – o do Estuário do Rio do Cobre, e tem por vizinhos os bairros de Plataforma e Lobato e o Parque São Bartolomeu, reserva ambiental do município e sítio consagrada ao culto afro-brasileiro. Novos Alagados situa-se às margens da Enseada do Cabrito e do manguezal ainda preservado do Estuário do Rio do Cobre, na Região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, entre a Enseada dos Tainheiros e Plataforma. O bairro constitui uma expansão da mais antiga e tradicional invasão sobre águas em Salvador – Alagados, cuja origem data da década de 50, surgido na década de 70 como mais um impulso desse movimento de criação de espaços, inclusive através da “conquista do mar” pela população da cidade.” (Prefeitura Municipal do Salvador, 1994)

Lazzarotto (1988), apresenta a sua versão para o início das moradia em Novos Alagados:

"O início da invasão da maré se deu com a abertura da Avenida Suburbana. Até a década de 70, o único acesso ao subúrbio era pela Ferrovia Leste. Ladeando as linhas do trem, que margeavam os manguesais (sic) da enseada do Cabrito, estendiam-se as leiras de verduras de pequenos agricultores vindos do interior. Com a abertura da Suburbana essas pequenas propriedades foram desapropriadas. E por quantia tão irrigária – como conta D. Epifânia – que não dava pra comprar outra casa e o jeito foi morar no manguesal. Esse foi o início da invasão da maré por volta de 1970"(p. 8).

Interessante é notar que o bairro vai surgir e se desenvolver, isto é, crescer, devido a essa invasão dos terrenos à beira-mar. A avenida Suburbana será, então, uma das causas da invasão dos manguezais, que eram grandes e fartos em toda a extensão por onde passava a linha férrea da Leste Brasileira, a empresa de trens. As pessoas que habitavam a área até então viviam da colheita nas muitas roças (leiras) existentes principalmente em São Bartolomeu, como a de seu Izidoro e outras, que, com o passar do tempo, foram se restringindo a pequenos pedaços de terra, devido ao aumento da população e à desapropriação para a construção de equipamentos comunitários. O comércio e a venda de frutas e legumes eram constantes, assim como a própria subsistência dos moradores da área era retirada dessas pequenas lavouras. O provimento de água potável era feito pelas muitas bicas, fontes e cachoeiras existentes, principalmente no Parque São Bartolomeu. Como não havia muita poluição e o ambiente era pouco habitado, as águas eram limpas, inclusive as das cachoeiras de Oxum e Nanã, na entrada do Parque, que hoje se encontram totalmente poluídas e impróprias para o banho e outras utilidades. A área de Novos Alagados está envolta em florestas e manguezais, sendo, até esta época, década de 1970, pacífica a convivência entre os moradores e o meio ambiente, por existir uma cultura de subsistência sem agravos à área verde, ao mangue e às cachoeiras.

"Aquelas famílias trocavam a lavoura pela pesca de subsistência – a do siri, do marisco, pesca de linha. De trabalhadores e pequenos proprietários tornavam-se biscateiros e invasores da maré. O crescimento do Beira-Mangue foi rápido. Para tanto contribuíram a construção do Pólo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu, atraindo a mão de obra do interior; a construção da Barragem do Sobradinho, expulsando famílias para a periferia de Salvador e um fato cultural: a busca de um local semelhante ao de sua origem para construir palafitas, por jovens naturais dos antigos Alagados na Cidade Baixa. Mas o principal núcleo de moradores foi o de mãe Leninha, com seu terreiro de candomblé e suas filhas de santo. A fixação dessa invasão foi fruto de muita luta. Tanto a Cia. União Fabril, que se dizia arrendatária da Marinha, como a pequena burguesia do bairro de São João de Plataforma, foreiros dessa Cia. União Fabril, tentaram expulsar os moradores do Beira-Mangue, discriminando-os como marginais e prostitutas. (...) Em 1976 já somavam 150 famílias no Beira-Mangue de São João. A expansão se deu com a ocupação do manguesal da Suburbana em 19 de março de 1977, e do

manguesal do rio do Cobre, em São Bartolomeu, em 1º de Novembro de 1977” (Lazzarotto, 1988, p. 8).

Nascimento (2002), também descreve a origem do bairro, na década de 1970:

“O Bairro de Novos Alagados, ex-Beira Mangue, surgiu na década de 70, no ano de 1976, formado por pessoas carentes vindas do interior do Estado na busca de melhores condições de vida, com o advento do Pólo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu, em Simões Filho, Região Metropolitana de Salvador, expectativa essa que não correspondeu com a realidade encontrada. Ao chegar em Salvador tiveram que enfrentar a dura realidade das cidades grandes. Muitos foram viver nas ruas como mendigos, para outros não lhes restam outra solução senão ocupar áreas que fossem próximas da região metropolitana de Salvador, além de famílias que foram expulsas do aterro do Uruguai, que na época estava sendo feito o aterro dos bairros do Uruguai, Jardim Cruzeiro e Massaranduba, foram expulsas por não estarem dentro dos critérios impostos pela empresa responsável por aquela obra, na época a HAMESA, empresa do Governo do Estado, tendo como governador o Sr. Antônio Carlos Magalhães. Iniciou-se o bairro sem nenhuma infra-estrutura, por se tratar de uma área de ocupação popular. O bairro do Beira Mangue, que mais tarde se transformaria em Novos Alagados de São João, uma população sofrida pela vida e pelos poderes públicos. Diversas famílias tinham que conviver com a repressão dos poderes públicos, como em toda ocupação popular; havia também a repulsa de alguns moradores que já havia próximo do local, em terra firme” (p.2).

Entre as informações dos dois autores há muitas convergências: a moradia emerge como uma questão de necessidade básica, à qual as famílias pobres não tinham acesso quando chegavam à Cidade do Salvador; a vinda de contingentes humanos em busca de emprego no Pólo e no CIA – Centro Industrial de Aratu; a saída da área por onde passaria a Avenida Suburbana (Afrânio Peixoto); a pobreza dos moradores e a dificuldade de habitar outras áreas da cidade; a chegada de pessoas vindas do interior do Estado da Bahia para Salvador e a vinda de moradores dos Alagados antigos, quando do aterro desta localidade próxima a Novos Alagados. Estas são algumas das indicações possíveis que buscam dar conta dos motivos pelos quais os habitantes de Novos Alagados iniciaram o processo de ocupação da área. Outro ponto em comum é a década do início da ocupação: 1970, embora os autores discordem do início, sendo que Lazzarotto nos mostra o ano de 1970 e Nascimento, o de 1976. Os dois são concordes em oferecer as características sociais e econômicas (moradia, trabalho, pobreza) como aquelas que contribuíram para o surgimento de Novos Alagados. A necessidade de uma vida melhor, a luta por moradia e a busca por emprego podem ser, sinteticamente, a origem desta localidade.

Um outro relato das origens de Novos Alagados pode ser encontrado em um documento da Prefeitura Municipal de Salvador, de 1994, intitulado “Urbanização – Novos Alagados”. Neste documento, os técnicos apresentam algumas explicações sobre a origem do lugar e o seu processo de ocupação:

“Sua origem encontra-se na construção de casas de filhas de santo do terreiro de mãe Leninha nos fundos da casa desta na Nova Esperança, seguindo-se da vinda de pescadores, e em etapa posterior de migrantes atraídos pela perspectiva de empregos para as obras do Pólo Petroquímico de Camaçari. Alguns depoimentos informam que a posterior expansão da invasão Beira Mangue, depois denominada Novos Alagados, ocorre a partir de 1975/1976, depois das desapropriações feitas pelo poder público para a implantação da Av. Suburbana, cujas indenizações dos domicílios removidos foram insuficientes para a aquisição de novas moradias. A ocupação vem ocorrendo em torno da enseada, por penetração radiocêntrica em direção ao centro da enseada, e projetando as vias principais sobre a água” (Prefeitura Municipal do Salvador, 1994, p. 4).

Sendo o primeiro momento da ocupação, as moradias da maré eram construídas com muita simplicidade e com materiais de pouco custo, como tábuas, madeirites e lonas. Nas moradias aterradas, à beira mar, os habitantes utilizavam a técnica do massapê (barro), que consistia em fazer um trançado de varas em toda a casa, para as paredes e divisórias, em forma quadricular, que era preenchido de barro, em diversos mutirões. As mulheres e crianças ajudavam a pisar o barro no chão, enquanto os homens iam preenchendo os quadrados. Ao secar, as paredes já estavam prontas.

Os barracos das palafitas tinham os paus de sustentação fincados na lama, sendo que, a partir daí, se fazia o chão com tábuas e, sustentada por vigas, se faziam as divisórias. Após a construção das moradias, as pontes iam crescendo em direção ao centro da Enseada do Cabrito. De tempo em tempo as madeiras eram trocadas, devido ao apodrecimento. Na rua Nova Esperança, um dos primeiros núcleos do bairro, existia um campo de futebol dentro do mangue, o qual foi sendo dizimado com a chegada dos moradores, pois as bolas constantemente invadiam as casas.

EXPANSÃO DE NOVOS ALAGADOS

Em pouco anos, o Beira Mangue – nome depreciativo para a recente invasão de Novos Alagados - se expande e acontecem as invasões de outras áreas de manguezais na Enseada do Cabrito. Lazzarotto (1988) assim descreve este desenvolvimento:

"Em 1976 já somavam 150 famílias no Beira Mangue de São João. A expansão se deu com a ocupação do manguesal (sic) da Suburbana em 19 de março de 1977, e do manguesal (sic) do rio do Cobre, e São Bartolomeu, em 1º de Novembro de 1977" (p.4).

A autora aponta essas datas como aquelas nas quais foram se dando a ocupação e expansão do território, após o primeiro núcleo de invasão do manguezal. Essas localidades ostentam, como nomes, as datas da invasão, e são conhecidas como as ruas 19 de Março e 1º de Novembro. Pode-se perceber a chegada de mais famílias à área, o que mostra a dinâmica populacional em Novos Alagados. Com o passar dos anos o processo de ocupação foi se estendendo continuamente, chegando a outras áreas, como Senhor do Bonfim, Boiadeiro e Tóster, no extremo oeste da enseada; a leste da Avenida Suburbana, 1º de Novembro, Cabrito de Baixo, São Bartolomeu, e, por último, Nova Primavera, que no início da década de 1990, os moradores tentam ocupar. O processo de ocupação da área vai-se dar principalmente através da invasão de diversos terrenos ociosos e improdutivos existentes às margens da Avenida Suburbana.

Será assim nas áreas de Araçás, Boiadeiro, Nova Primavera, São Bartolomeu e outras. O processo de invasões não será, no entanto, uma ocupação sem conflitos. Pelo contrário, haverá diversas manifestações, protestos, derrubadas de moradias e prisões. As primeiras ocupações da área do mar geraram conflitos com moradores das áreas antigas e mesmo com grileiros e instâncias governamentais. Essas ocupações dos terrenos ociosos e improdutivos pode ser identificada como o segundo traço importante da luta por moradia em Novos Alagados, seguido, claro, pela organização popular, traço favorecedor das iniciativas pró moradia na área. As ocupações são de pessoas que habitam nas palafitas e querem morar em terra firme, em melhores condições. Através deste processo de ocupação, o bairro vai se expandindo por diversas áreas, extrapolando as áreas ao redor da enseada do Cabrito. Atualmente, a área conta com aproximadamente 15.000 habitantes, mostrando uma grande mobilidade com o surgimento de novas invasões de terrenos improdutivos.

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA EM NOVOS ALAGADOS

As décadas de 1970 e 1980 são repletas de exemplos da mobilização comunitária em Novos Alagados, geralmente identificadas através de passeatas e mobilizações em frente à Prefeitura, à sede do Governo do Estado no CAB – Centro Administrativo da Bahia e na Avenida Suburbana. Os jornais da época deram muita cobertura a essas mobilizações, com diversas reportagens. A organização das passeatas se dava na própria comunidade, através da Sociedade 1º de Maio, que conseguia os ônibus e levava os moradores para estes locais, com faixas e cartazes, pressionando as autoridades para que suas reivindicações fossem ouvidas e solucionadas. Como exemplo, elas aconteceram no dia 29 de outubro de 1984: houve uma manifestação em frente à governadoria, os favelados de 13 favelas de Salvador, dentre elas Novos Alagados, exigiram melhores condições de vida e moradia. (A Tarde, 30/10/1984). O mesmo se deu com uma manifestação diante do prefeito Manoel Castro, em 24 de junho de 1985. Em 28 de maio de 1985, devido a uma grande falta d'água, os moradores interditaram a Avenida Suburbana com pneus, pedras, cartazes e muitos moradores na pista, que foram duramente reprimidos pelas forças policiais. (Correio da Bahia, 29/05/1985, p. 6). Essas manifestações geralmente conseguiam estar unidas a outros movimentos como o MDF – Movimento de Defesa dos Favelados. Outra manifestação popular importante aconteceu em junho de 1986, quando muitos manifestantes foram espancados na frente da governadoria e não conseguiram ser atendidos pelo governador.

ORGANIZAÇÃO POPULAR

O diferencial de Novos Alagados em relação a outras comunidades carentes de Salvador vai-se dar com a importante concepção da organização popular como forma de pressionar os poderes públicos para a melhoria de vida do bairro. A organização é um traço que conta em prol dos menos favorecidos, seguindo o ditado popular que afirma que o “povo unido jamais será vencido”, como uma condição da existência em situações difíceis de sobrevivência. A organização de uma associação foi, pois, a necessidade que emergiu dos moradores da área. Junto ao casal Vera e Lázaro, muitos moradores se envolveram nesta organização, como dona Epifânia, seu Branco (falecido), dona Olga, dona Neuza (falecida), seu Cosme, seu Eduardo, seu Agostinho, Manoel, Delza, Expedito, Olga e Wilson, Madá, seu Vavá (falecido), seu Zé do Violão (falecido), seu Lourival, Memeu, e muitos outros que mobilizaram os mutirões e festividades para arrecadar fundos para a construção da primeira sede do bairro.

Lazzarotto (1988), mostra como se deu este início da mobilização e organização comunitária, a partir de um relato de quem presenciou o momento inicial:

“Era nos bate-papos, nas portas das vendinhas, no Portinho dos pescadores, que surgia a preocupação com a situação do bairro, sem água, sem luz, com pontes precárias. E sob a luz de lampião, em 20 de janeiro de 1977, num aterro em frente o barraco do seu falecido Seu Branco, 23 pais e

mães de família se reuniram para trocar idéias sobre a situação do bairro. Era o início de uma história de luta e reivindicações. A água e a luz em primeiro lugar. Mas D. Epifânia logo argumentou: “E a escola pros meninos? Eles não podem ficar aí pelas pontes! Na escola pública não tem lugar para eles! Vamos se unir, arranjar uma sala, fazer um barraco pra Vera ensinar esses meninos”. Em 1º de Maio de 1977 a comunidade fundava a Sociedade 1º de Maio fincando os paus para a Sede e escola comunitária na maré; no meio de muito tira gosto, batida e brincadeiras. Levou, a comunidade, um ano e meio para construir o seu barracão. Foi um tempo alegre de passeios, leilões e muito samba pra conseguir o dinheiro para a compra do madeirite. Finalmente inaugurou-se a Sede a 12 de outubro de 1978, com uma linda festa folclórica organizada por D. Marlene, D. Gildete e a falecida D. Neuza. Durante todos esses anos as principais bandeiras de luta dos Novos Alagados foram o aterro da maré, melhores condições de moradia, saúde e educação” (p.7).

Com essa descrição, temos o registro do nascimento da organização popular em Novos Alagados, através dos moradores que se reúnem para realizar mutirões, passeios e festas, no intuito de conseguir dinheiro para construir o barracão da sociedade que abrigaria a Escola Popular Novos Alagados, a biblioteca, e sendo um lugar onde os meninos e meninas do bairro, assim como os jovens e adultos que podiam freqüentar as tantas atividades culturais e educativa que ali aconteciam. Era nesse barracão que o Mestre Maravilha dava suas aulas de capoeira, deixando que os meninos e meninas do bairro participassem e aprendessem a capoeira, o samba de roda, o maculelê e a puxada de rede. Muitos mestre do bairro aprenderam ali os primeiros passos do esporte e das danças. Ali também existia a biblioteca, a qual todos podiam freqüentar, mesmo aqueles que não faziam parte da estrutura escolar. Os livros ficavam à disposição dos interessados, que podiam folheá-los, lê-los e pesquisar à vontade. Havia muito dinamismo nesta Sede, ou “sedinha” como a chamavam os meninos que habitavam a rua Nova Esperança e outras localidades próximas.

Outras atividades eram os cursos de pintura e teatro para os jovens da comunidade; o cinema na rua; os slides com fotos antigas dos moradores, onde todos podiam ver o passado, geralmente com fotos de tempos onde os adultos apareciam em sua juventude, e mostrando a continuidade histórica de Novos Alagados, as mobilizações com passeatas à prefeitura ou à governadoria, no Centro Administrativo da Bahia.

SÃO BARTOLOMEU: MEMÓRIA ANCESTRAL

Não se pode falar em Novos Alagados sem trazer à tona a memória da área de São Bartolomeu, com seus significados ancestrais.

Em São Bartolomeu (Azevedo, 1998) havia uma presença já histórica e resistente dos cultos afros, devido à existência, ali assinalada, do Quilombo do Urubu, onde, em 1823, no bojo das lutas pela independência da Bahia foi destruído e teve seus quilombolas mortos ou presos, ficando para a posteridade a imagem da mulher negra e guerreira, Zeferina, espécie de

referência no imaginário coletivo da área. Aliás, o fato de existir nas proximidades de Novos Alagados, o Parque São Bartolomeu, com sua história de resistência afro indígena, sempre foi uma importante referência histórica e atual para a organização comunitária, centrada em valores ancestrais. Por esse motivo descrevemos um pouco dessa área, como forma de mostrar como a história comunal de luta pode estar associada ao presente indicando modalidades novas de mobilização. A quem se interessar por essa história indico alguns trabalhos de nossa autoria recém publicados (Santos, 2002; 2003a; 2003b). São Bartolomeu sempre foi um pólo de luta dentro da área de Novos Alagados, chegando a constituir diversas tentativas de inserção do espaço sagrado e ecológico dentro da Cidade de Salvador. São Bartolomeu é uma área de grande importância histórica, ecológica e religiosa para o culto afro brasileiro. Por causa de sua localização suburbana e o descaso governamental, diversos projetos fracassaram na tentativa de sua restauração. Diversas tentativas de tombamento fracassaram. No último dia 24/11/02 o parque de São Bartolomeu foi tombado, mas nenhuma atitude de melhoramento foi tomada. Em suas matas existiram um quilombo, candomblés, batalhas decisivas para a afirmação da identidade brasileira, mas nada disso provocou um trabalho sério do governo para a sua revitalização. Enquanto isso, o processo de invasão e marginalização da área vai crescendo a tal ponto que se teme que sua beleza seja extinta, a exemplo de suas cachoeiras que estão poluídas e secando.

A ancestralidade de lutas e afirmação da própria identidade herdadas da presença africana em São Bartolomeu vai ser um traço importante da comunidade de Novos Alagados em sua organização; essas marcas vão acompanhar a população local ao longo da sua existência nos diversos grupos e projetos sociais ali existentes.

OS ANOS 1990: NOVAS FORMAS DE PROTAGONISMO

Durante mais de vinte anos, a organização comunitária esteve centralizada em poucas associações de bairro. Com a urbanização da área, na década de 1990, e a chegada de novos atores sociais, começou a acontecer uma efervescência de projetos sociais e moradores envolvidos nesses projetos realizando, nas mais diversas áreas de atuação, serviços e atividades, propondo iniciativas educacionais, profissionalizantes e culturais.

O protagonismo em Novos Alagados, na década de 1990, começou a se configurar por uma pluralidade de iniciativas dos moradores, de ONGs e de setores do poder público, que encontraram nesses novos protagonistas outros canais de diálogo. Essa pluralidade de iniciativas prima pela educação, formação profissional, cooperativas de trabalho, saúde, assistência a mulheres e idosos, cultura, esporte e lazer.

Uma das características mais importantes do surgimento de outros projetos sociais e associações foi a possibilidade de inserção de outras pessoas do bairro nos mais diversos âmbitos de ação, gerando uma grande mobilidade e inserção social (por meio de trabalho ou acesso aos serviços oferecidos por essas entidades).

Novos Alagados começou, a partir dessa década (1990), a se expandir através da mobilidade dos tantos jovens que ingressaram na universidade e mesmo conseguiram se inserir no mercado de trabalho. Essa diversidade de experiências se deu, em grande parte, devido às mudanças estruturais e aos encontros com a diversidade humana e cultural provocada pela dinâmica social que então acontecia.

Muitos outros são os aspectos que mostram a dinâmica do protagonismo e da mobilização comunitária em Novos Alagados. Dentre os mais importantes destaco, a seguir, a complexa rede de apoio social que foi se configurando no bairro com a chegada dessas associações e projetos sociais, assim como se apresentam outros aspectos que considero relevantes para descrever essa dinâmica, como a religião, a música, a cultura afro brasileira, e o trabalho (subsistência), particularmente enfocando os movimentos da adolescência/juventude dentro desse contexto.

SÍNTESE DAS CARACTERÍSTICAS HISTÓRICO-SOCIAIS DA FAELA DE NOVOS ALAGADOS:

Nome da favela/bairro	Beira-Mangue, inicialmente; depois Novos Alagados
Caracterização ecológica da área	Área de antigos e abundantes manguezais e florestas; área de pesca de peixes e mariscos; possui afluentes e nascentes (fontes, bicas), hoje em processo de desaparecimento devido aos aterros.
Caracterização geográfica da área	Localiza-se no entorno da Enseada do Cabrito, que recebe as águas do Rio do Cobre (de Pirajá) e da Baía de Todos os Santos, pela Enseada dos Tainheiros.
Bairros próximos	Alto da Terezinha, Rio Sena, Escada, Itacaranha, Alto do Cabrito, Alagados (Uruguai, Massaranduba, Lobato) e Plataforma, sendo a favela localizada na parte litorânea de Plataforma.
Antecedentes históricos das habitações e da organização na área	Presença de terreiros de candomblé, como o de Mãe Leninha; pequenas habitações de pescadores, proximidades a áreas mais antigas como São João e Plataforma; presença de visitantes à área de São Bartolomeu, em particular dos adeptos do candomblé
Início das habitações	Década de 1970, entre 1970 e 1976
Principais profissões	Apesar do grande desemprego as profissões que predominam estão incluídas no mercado informal, particularmente a vendagem de bebidas e mercadorias nas casas, a pesca, a venda ambulante de frutas e peixes, ferro velho.
Procedência dos moradores	Alagados antigos; Recôncavo baiano; outros interiores do Estado da Bahia; outros bairros da cidade do Salvador; da área da atual Avenida Suburbana (Afrânio Peixoto)
Principais ruas	Nova Esperança, Senhor do Bonfim, Avenida Carvalho, 19 de março, Zé do Violão, São Bartolomeu, 1º de Novembro, Boiadeiro, Rua da Paz
Número de famílias em 1974	Quarenta (40)
Número de famílias em 1977	Cento e cinqüenta (150)
Número aproximado de habitantes na atualidade (2003)	De Quatorze mil (14.000) a quinze mil (15.000) habitantes
Expansão da área através de invasões (aproximadamente)	1974, 1977, 1984, 1991, nas áreas da Nova Esperança, São Bartolomeu, 19 de Março, 1º de Novembro, Aracus e Boiadeiro
Caracterização das estruturas familiares	Predominância de famílias matrimônios (uniparentais) e multigeracionais; famílias extensivas;
Configuração dos laços entre os habitantes	Parentesco, conterrâneos, vizinhos,
Redes de apoio social constituídas na comunidade	Organização comunitária, educação, grupos culturais (capoeira, teatro, ternos e folias de reis, quadrilhas juninas), subsistência, religião, movimentos pela melhoria da qualidade de vida.
Organização comunitária inicial (1977)	Sociedade 1º de Maio, com biblioteca, sede para reuniões, 3 escolas, creche.
Organização comunitária atual	Cerca de 30 projetos sociais, dentre eles: Creche Heroínas do Lar, Cedep, AVSI/CDM (Creche e Centro Educativo João Paulo II, Centro de Orientação à Família), Comonal, Aspasb, Pangea, Cooperativas de Costureiras, Grupos teatrais, escolas públicas estaduais, postos de saúde.

Principais movimentos	Paralisações da Avenida Suburbana, passeatas à Prefeitura e Governadoria com reivindicações para a comunidade, como água, energia elétrica, moradia, saneamento e saúde; caminhadas em prol da Paz; ações para a preservação do Parque São Bartolomeu
Características de Novos Alagados através das décadas:	
1970	Formação da favela, organização das ruas, início da organização comunitária através de mutirões, educação e construção de espaços comuns; invasão das área da 19 de Março, 1º de Novembro e São Bartolomeu; existência de palafitas a partir dessa década e durante as duas décadas seguintes, 1980 e 1990
1980	Consolidação, expansão e mobilização social dos moradores da área por melhores condições de vida através da moradia, saúde, trabalho e educação; paralisações da Avenida Suburbana em virtude dos acidentes e mortes envolvendo moradores; passeatas; invasões de Araçás, Boiadeiro e São João; violência e morte de jovens e marginais da área; invasão de casas e palafitas por policiais; tiroteios constantes.
1990	Expansão dos equipamentos comunitários constituídos por membros locais; chegada de outras organizações – ONGs (Organizações Não Governamentais) e governamentais- na comunidade; início do processo de urbanização de Novos Alagados; a convite de Dom Lucas chega a AVSI (Associação de Voluntários para o Serviço Internacional) para realizar trabalho de urbanização na área. Tentativa de invasão da área de Nova Primavera, sem consolidação, devido ao fato de a área já estar comprometida com a construção de conjunto residencial para os moradores das antigas palafitas do Boiadeiro e São Bartolomeu; constante mortalidade de jovens envolvidos na delinqüência pelos seus pares, grupo de extermínio e policiais; início do crescimento do bairro com a abertura e urbanização das novas ruas; 60 casos de cólera na área; morte de crianças eletrocutadas nos fios elétricos das palafitas.
2000	Fim das palafitas com a urbanização da área; existência de mais de 30 associações, ONGs (Organizações Não Governamentais) e projetos sociais atuando na área, alguns surgidos na área, outros com sede em outros bairros e países. Aumento da mortalidade de jovens envolvidos na delinqüência por grupos de extermínio, seus pares e policiais; aumentos de assaltos e violência contra antigos e novos moradores; morte e agravamento de doenças nos velhos moradores da área, fundadores e figuras de referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A TARDE, Plataforma quer resolver questão da posse de terra. Salvador, 19 de outubro de 1995

_____ Moradores dos Alagados pedem ação preventiva contra cólera, Salvador, 26 de março de 1992.

_____ Favelados não puderam falar com o governador, Salvador, 30 de outubro de 1984.

AZEVEDO, P. O. Parque Cívico Nacional de Pirajá-Cobre. In: História, Natureza e Cultura – Parque Metropolitano de Pirajá. Coleção Cadernos do Parque. Editora do Parque, Salvador, Bahia, 1998.

BASTOS, A. C. S. (et al.). Novas Famílias Urbanas. Em E. R. Lordelo; A . M. A Carvalho e S. H. Koller (orgs) Infância Brasileira e Contextos de Desenvolvimento, pp. 99-135. S.P/Salvador: Casa do Psicólogo/EDUFBA, 2002.

CAMADA, I. M.O. Pesquisa das Representações sociais da comunidade de Novos Alagados. (Relatório final). PIBIC – UFBA, Salvador, 2001.

CONCEIÇÃO, F. Cala a boca, Calabar. A luta política dos favelados. Ed. Vozes, 3^a edição, Petrópolis: Rio de Janeiro, 1986.

CORREIO DA BAHIA. Novos Alagados sem água há muito tempo. 29/5/1985.

GIUSSANI, L’Io, il Potere , le Opere – contributi da un’ esperienza (O Eu, o Poder e as Obras – contribuição de uma experiência). Marietti 1820, Genova, 2000.

GONH, M. da G. Teorias dos Movimentos Sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos. 3^a edição, editora Loyola, São Paulo, Brasil, 1997.

LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LAZZAROTTO, V.M.M. A Educação Popular em Novos Alagados: Uma História de Luta e de Garra. Cadernos de Educação Popular n. 11. CECUP. Salvador, 1988.

NASCIMENTO, M. F. Breve histórico do bairro de Novos Alagados (ex Beira Mangue). 17 de maio de 2002 (mimeografado).

PEDROTTI, D. La favela di Novos Alagados, Progetto di una cellula abitativa. Tesi di laurea, ano accademico, 1999 – 2000, Università Degli Studi di Trento.

PETRINI, J.C. CEBs: um novo sujeito popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PLANO DE METAS. Amespa /Hamesa Governo João Durval, Salvador, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR, Urbanização - Novos Alagados. Salvador, 1994.

SANTOS, J. E. F. (1996-2002) Novos Alagados: histórias do povo e do lugar (mimeo). Salvador, Bahia, 2002 (mimeografado).

_____ Práticas pedagógicas, cultura, história e tradição: um relato da experiência educativa em Novos Alagados. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.12, n. 19, p.113-133, jan/jun, 2003a.

_____ Brincando na maré: infância e brincadeiras em Novos Alagados. Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca, vol. 1. Carvalho, A .M. [et al.] (organizadores), Casa do Psicólogo: São Paulo, 2003b.

_____ Aspectos sócio-históricos do Subúrbio Ferroviário de Salvador: a ancestralidade africana e indígena, fundadoras do território. Sementes – Caderno de Pesquisas. V.3., n 5/6 (jan.dez), Salvador, 2002.

TRIBUNA DA BAHIA. Favelados são espancados. Julho de 1986.